

INTRODUÇÃO AO NOVO TESTAMENTO

Prof. Fábio Roberto Tavares





Copyright © UNIASSELVI 2017

Elaboração:

Prof. Fábio Roberto Tavares

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

231.044

T231i Tavares, Fábio Roberto

Introdução ao novo testamento / Fábio Roberto

Tavares. Indaial : UNIASSELVI, 2017.

223 p. : il.

ISBN 978-85-515-0080-4

1. Teologia.

I. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

APRESENTAÇÃO



Olá! Vamos iniciar os estudos com essa Introdução ao Novo Testamento. Este livro didático é dividido em três unidades e estas unidades se compõem de tópicos com autoatividades, resumo, leitura complementar e também a bibliografia utilizada, para que você, acadêmico, possa aprofundar nesses estudos.

A maioria das denominações chamadas cristãs estabelecem em um mesmo cânone 27 livros para compor o Novo Testamento. Veremos nesse livro didático que estes 27 livros se dividem nas quatro narrativas do ministério de Jesus Cristo, chamadas "Evangelhos"; seguida de uma narrativa dos ministérios dos apóstolos denominada de Atos dos Apóstolos; e 21 cartas – epístolas escritas por vários autores e consistindo principalmente de conselhos cristãos e orientações doutrinárias. Por fim, o livro do Apocalipse que se caracteriza por sua profecia.

Veremos que cada um dos Evangelhos narra o ministério de Jesus de Nazaré. Nenhum dos Evangelhos originalmente tinha um nome de autor associado a ele, mas cada um deles foi atribuído a um autor de acordo com a tradição.

Os três primeiros Evangelhos são comumente classificados como os evangelhos sinóticos. Eles contêm relatos muito semelhantes de eventos na vida de Jesus, embora diferindo em alguns aspectos. O Evangelho de João se destaca por seus registros únicos de vários milagres e acontecimentos de Jesus, somente relatados no seu Evangelho. Sua cronologia do ministério de Jesus também difere significativamente dos outros Evangelhos, e sua perspectiva teológica também é única.

O estudo do Livro de Atos dos Apóstolos irá demonstrar que desenvolve uma narrativa do ministério dos apóstolos após a morte de Cristo. Veremos também sua proximidade com o Evangelho de Lucas.

Vamos também estudar as epístolas paulinas, cartas tradicionalmente atribuídas a Paulo, embora a autoria de algumas delas seja contestada. Também veremos as chamadas Epístolas Pastorais, vistas por muitos estudiosos modernos como tendo sido escritas por um autor posterior em nome de Paulo. Logo após, veremos o grupo de cartas denominadas epístolas católicas ou universais.

Por fim, o Apocalipse, livro que encerra o Novo Testamento. Veremos que esse livro consiste principalmente em uma mensagem de Jesus para sete igrejas cristãs, acrescido de uma visão de João dos últimos dias, a segunda

vinda de Cristo e o julgamento final.

Então, vamos lá! Não esqueça que este pequeno trabalho sobre a Introdução do Novo Testamento não pretende ser um trabalho que encerre todos os estudos feitos até hoje, porque sabemos que estudos são feitos e muitos ainda se debruçarão sobre o Novo Testamento. O objetivo aqui é introduzir você, caro acadêmico, para a leitura dos livros do Novo Testamento, como eles foram transmitidos à Igreja, a autoria, composição, principais doutrinas, teologia, ensinamentos que perpassam a história. Por mais que se busque a excelência na composição desse livro didático, queremos que você, na medida do possível, alcance uma compreensão cada vez melhor dos escritos do Novo Testamento.

Bons estudos!

ABREVIATURAS

Mt - Mateus
Mc - Marcos
Lc - Lucas
Jo - João
At - Atos dos Apóstolos
Rm - Epístola aos Romanos
I Cor - Primeira Epístola aos Coríntios
II Cor - Segunda Epístola aos Coríntios
Gl - Epístola aos Gálatas
Ef - Epístola aos Efésios
Fl - Epístola aos Filipenses
Cl - Epístola aos Colossenses
I Ts - Primeira Epístola aos Tessalonicenses
II Ts - Segunda Epístola aos Tessalonicenses
I Tm - Primeira Epístola a Timóteo
II Tm - Segunda Epístola a Timóteo
Tt - Epístola a Tito
Fm - Epístola a Filêmon
Hb - Epístola aos Hebreus
Tg - Epístola de São Tiago
I Pd - Primeira Epístola de São Pedro
II Pd - Segunda Epístola de São Pedro
I Jo - Primeira Epístola de São João
II Jo - Segunda Epístola de São João
III Jo - Terceira Epístola de São João
Jd - Epístola de São Judas
Ap - Apocalipse
NT - Novo Testamento
AT - Antigo Testamento
TEB - Tradução Ecumênica da Bíblia



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



Olá acadêmico! Para melhorar a qualidade dos materiais ofertados a você e dinamizar ainda mais os seus estudos, a Uniasselvi disponibiliza materiais que possuem o código *QR Code*, que é um código que permite que você acesse um conteúdo interativo relacionado ao tema que você está estudando. Para utilizar essa ferramenta, acesse as lojas de aplicativos e baixe um leitor de *QR Code*. Depois, é só aproveitar mais essa facilidade para aprimorar seus estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades. ✓✓



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE. ✓✓



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**. ✓✓

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas. ✓✓



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE! ✓✓



SUMÁRIO

UNIDADE 1 - MATEUS, MARCOS, JOÃO E LUCAS	1
TÓPICO 1 - PRESSUPOSTOS NA COMPREENSÃO DO NOVO TESTAMENTO	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 A COMPOSIÇÃO	6
3 QUESTÃO SINÓTICA	13
LEITURA COMPLEMENTAR	21
RESUMO DO TÓPICO 1	24
AUTOATIVIDADE	25
TÓPICO 2 - MATEUS	27
1 INTRODUÇÃO	27
2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO	29
3 SINGULARIDADE DO AUTOR	32
4 ESTRUTURA TEMÁTICA DO EVANGELHO DE MATEUS	35
LEITURA COMPLEMENTAR	38
RESUMO DO TÓPICO 2	40
AUTOATIVIDADE	41
TÓPICO 3 - MARCOS	43
1 INTRODUÇÃO	43
2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO	43
3 SINGULARIDADE DO AUTOR	46
4 ESTRUTURA TEMÁTICA DE MARCOS	48
LEITURA COMPLEMENTAR	50
RESUMO DO TÓPICO 3	53
AUTOATIVIDADE	54
TÓPICO 4 - LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS	55
1 INTRODUÇÃO	55
2 EVANGELHO DE LUCAS	56
2.1 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO	56
2.2 SINGULARIDADE	58
2.3 ESTRUTURA	59
3 ATOS DOS APÓSTOLOS	60
3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO E FONTE	60
3.2 TEMAS CENTRAIS DE ATOS	61
LEITURA COMPLEMENTAR	64
RESUMO DO TÓPICO 4	66
AUTOATIVIDADE	67
TÓPICO 5 - EVANGELHO E CARTAS DE JOÃO	69
1 INTRODUÇÃO	69
2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO	70

2.1 SINGULARIDADE DO AUTOR	71
2.2 ESTRUTURA TEMÁTICA DO EVANGELHO DE JOÃO	74
3 AS CARTAS DE JOÃO	76
3.1 PRIMEIRA CARTA DE JOÃO	77
4 SEGUNDA CARTA DE JOÃO	80
4.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	80
4.2 SINGULARIDADE	81
4.3 ESTRUTURA	81
5 TERCEIRA CARTA DE JOÃO	82
5.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL	82
5.2 ESTRUTURA E MENSAGEM	84
RESUMO DO TÓPICO 5	85
AUTOATIVIDADE	87
 UNIDADE 2 - CARTAS DO NOVO TESTAMENTO	 89
 TÓPICO 1 - INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO	 91
1 INTRODUÇÃO	91
2 CARACTERÍSTICAS DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS	93
3 A VIDA DE PAULO	96
LEITURA COMPLEMENTAR	100
RESUMO DO TÓPICO 1	102
AUTOATIVIDADE	103
 TÓPICO 2 - CARTAS PAULINAS	 105
1 INTRODUÇÃO	105
2 A PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES	107
2.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL	107
2.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	109
3 A PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS	111
3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	112
3.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICA	114
4 A SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS	116
4.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	116
4.2 ESTRUTURA E TEMAS	117
5 A CARTA AOS FILIPENSES	118
5.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	118
5.2 CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA	119
6 A CARTA A FILÊMON	120
6.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	120
6.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	121
7 A CARTA AOS GÁLATAS	122
7.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL	122
7.2 TEMAS E ESTRUTURA	123
8 A CARTA AOS ROMANOS	124
8.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA	125
8.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	126
LEITURA COMPLEMENTAR	128
RESUMO DO TÓPICO 2	131
AUTOATIVIDADE	132
 TÓPICO 3 - CARTAS DA ESCOLA PAULINA E DEUTEROPAULINAS	 133
1 INTRODUÇÃO	133

2 A SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES	134
2.1 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA	134
2.2 ESTRUTURA E TEMAS	135
3 A CARTA AOS COLOSSENSES	137
3.1 AUTORIA, DATA E LOCAL	137
3.2 ESTRUTURA E TEMAS	138
4 A CARTA AOS EFÉSIOS	140
4.1 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA	140
4.2 ESTRUTURA E TEMAS	141
5 CARTA AOS HEBREUS	144
5.1 AUTORIA, LOCAL E DATA	144
5.2 ESTRUTURA E TEMAS	146
LEITURA COMPLEMENTAR	149
RESUMO DO TÓPICO 3	152
AUTOATIVIDADE	154

UNIDADE 3 - CARTAS PASTORAIS, DEMAIS ESCRITOS DO NOVO TESTAMENTO 155

TÓPICO 1 - CARTAS PASTORAIS	157
1 INTRODUÇÃO	157
2 MODELOS DE PASTOR	157
3 TITO	165
3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL	169
3.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	170
4 I TIMÓTEO	172
4.1 AUTORIA, DESTINATÁRIO, COMPOSIÇÃO E DATA	175
4.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	177
5 II TIMÓTEO	178
5.1 AUTORIA, DATA E LOCAL	178
5.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	180
LEITURA COMPLEMENTAR	182
RESUMO DO TÓPICO 1	186
AUTOATIVIDADE	188

TÓPICO 2 - CARTAS CATÓLICAS (OU UNIVERSAIS) – PEDRO, TIAGO E JUDAS.....	189
1 INTRODUÇÃO	189
2 I e II PEDRO	190
3 TIAGO	196
4 JUDAS	199
RESUMO DO TÓPICO 2	202
AUTOATIVIDADE	203

TÓPICO 3 - O APOCALIPSE	205
1 INTRODUÇÃO	205
2 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA	207
3 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS	211
LEITURA COMPLEMENTAR	216
RESUMO DO TÓPICO 3	218
AUTOATIVIDADE	219

REFERÊNCIAS	221
--------------------------	------------

UNIDADE 1

MATEUS, MARCOS, JOÃO E LUCAS

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir dos estudos desta unidade, você será capaz de:

- identificar a composição dos Evangelhos Sinóticos, suas aproximações e doutrinas;
- compreender como a autoria do Evangelho de Lucas e do livro dos Atos dos Apóstolos dá ênfase à vida das comunidades primitivas;
- entender como João, o discípulo que Jesus mais amava, reforça esse amor no seu evangelho e nas cartas atribuídas a ele.

PLANO DE ESTUDOS

Caro acadêmico! Esta unidade de estudos está dividida em cinco tópicos. Ao longo de cada um deles, você encontrará sugestões e dicas que visam potencializar os temas abordados, e ao final de cada um estão disponíveis resumos e autoatividades que visam fixar os temas estudados.

TÓPICO 1 – PRESSUPOSTOS NA COMPREENSÃO DO NOVO TESTAMENTO

TÓPICO 2 – MATEUS

TÓPICO 3 – MARCOS

TÓPICO 4 – LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS

TÓPICO 5 – EVANGELHO E CARTAS DE JOÃO



PRESSUPOSTOS NA COMPREENSÃO DO NOVO TESTAMENTO

1 INTRODUÇÃO

Olá! Vamos estudar o Novo Testamento. Melhor, vamos estudar aspectos introdutórios do NT. É um campo de estudos infindável, profundo, sério. Por isso, vamos nos colocar alguns limites, pois não podemos abarcar tudo o que deve ser tornado conhecido por questões óbvias: limitação de tempo, de espaço e páginas neste livro, de competência, enfim, no reconhecimento de que somos limitados para conseguir aqui desenvolver um conteúdo introdutório pleno acerca do NT.

Aqueles que se debruçam sobre os estudos do NT, que levam em conta tudo o que já foi pesquisado, explorado, limitam-se a fornecer introduções aos livros separando sua autoria, conteúdo e problemas. Enquanto este método de tratamento tem vantagens consideráveis, tem também, especialmente para um leitor mais instruído, a desvantagem de apresentá-lo ao estudo detalhado do NT sem focar a sua atenção sobre os problemas religiosos envolvidos, sobre as circunstâncias que cercavam cada acontecimento ali relatado.

Queremos então estudar a autoria, quais as circunstâncias em que foi composto o texto, o que o autor quer ensinar, quais as questões religiosas ali presentes que podem ser destacadas.

Não podemos desconsiderar os tempos que vivemos, que evidenciam a secularização, a globalização, os avanços da tecnologia, do acesso à informação. São novas nuances desses tempos que trazem uma forte influência na vida das pessoas ditas participantes de alguma crença, e aqui, especificamente, dos cristãos, uma vez que tenha se perdido a crença inquestionável na verdade e autoridade de cada palavra no NT – e poucas pessoas podem estudar os resultados do trabalho do século passado sobre o NT e manter tal crença –, seja nas autoridades constituídas das muitas denominações religiosas, as doutrinas que dividem as Igrejas (neste caso, preferencialmente as cristãs e as que compartilham em comum este livro) têm de ser justificadas novamente à luz de uma nova atitude para com os documentos que lhes dão suporte.

Vamos a um exemplo para clarear um pouco essa realidade? Bom, entre tantos exemplos, vamos ficar com as diferentes doutrinas do Batismo e da Confirmação que se desenvolvem em diferentes Igrejas e estabeleceram-se em grande parte com base em uma verdadeira e autorizada fonte do NT. Muitos estudiosos do NT hesitariam em aceitar qualquer um dos três comandos nos

evangelhos sobre o batismo (Mt 28, 19 e Jo 3, 5) como tendo sido falado por Jesus, e suas interpretações das referências de batismo em Atos seriam influenciadas pelo grau de precisão histórica que eles estavam dispostos a atribuir ao autor de Atos. Isso não quer dizer, é claro, que qualquer grande número de críticos competentes negaria a instituição do batismo atribuída a Jesus, mas apenas que o estabelecimento de tais doutrinas deve descansar em cima de um novo tratamento das provas do NT.

É aqui que o leitor cristão comum tem duas grandes dificuldades, mas também tem uma recompensa, um bônus. Vamos começar pelas dificuldades que surgem da falta de segurança inerente à crítica histórica: julgamentos históricos raramente são unânimes, e devem ser frequentemente qualificados onde a evidência é escassa e confusa, como é frequentemente o caso no NT, onde o historiador pode atingir não mais do que uma probabilidade do que está pautado. Já o leitor comum pode esperar ajuda e orientação para desenhar suas próprias conclusões, mas não a ajuda e orientação de autoridade infalível. Por outro lado, ele pode esperar, ao estudar os resultados e probabilidades que foram alcançados, ganhar para si um conhecimento mais verdadeiro de como o cristianismo veio ao mundo, e uma compreensão mais verdadeira da vida e dos ensinamentos de Jesus – o histórico e o Filho de Deus.

Visto isso, nesta unidade vamos estudar os autores dos quatro Evangelhos, levando em consideração que Lucas também é apontado como autor do livro de Atos dos Apóstolos, e, por uma razão prática, vamos estudar esse livro também nessa unidade.



Você sabia?

Existe diferença entre a versão bíblica utilizada pelos católicos da usada pelos luteranos.

Então, qual a diferença entre a Bíblia católica e a Bíblia "protestante"?

Existe uma diferença quanto ao número de livros. O NT da Bíblia evangélica e o católico são iguais = 27 Livros. Mas o Antigo Testamento da Bíblia evangélica ou protestante não possui sete livros que fazem parte da Bíblia católica.

A Bíblia dos evangélicos não possui os livros de Judite, Tobias, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I Macabeus e II Macabeus. Além disso, o Livro de Daniel, na Bíblia protestante, não tem os capítulos 13 e 14, e os versículos 24 a 90 do capítulo 3. Não tem também os capítulos 11 a 16 de Ester.

Explicação:

Os judeus eram radicalmente nacionalistas. Por isso, achavam que Deus só poderia inspirar os livros escritos nas línguas utilizadas pelos judeus, que eram o hebraico e o aramaico. Achavam também que a Palavra de Deus só poderia ser escrita dentro do território de Israel, e até o tempo de Esdras.

Quando os judeus começaram a se espalhar pelo mundo, logo após a destruição de Jerusalém (ano 70 d.C.), eles mesmos viram a necessidade de traduzir o Livro Sagrado para o grego,

que era a língua mais universal daquela época. E, nessa tradução, foram incluídos esses sete livros (que estavam escritos em grego). Foi daí que surgiram as discussões. Os fariseus que zelavam pela pureza e conservação das Escrituras Sagradas não quiseram aceitar esses sete livros como inspirados por Deus. Isso não quer dizer que tanto uma como a outra não são verdadeiras. Todas as duas são Palavras de Deus.

FONTE: Disponível em: <http://www.ofielcatolico.com.br/2001/05/catolica-e-protestante-por-que-existem.html>. Acesso em: 4 nov. 2016.

A partir desse relato acima e de tantos outros questionamentos que continuam surgindo sobre a veracidade, sobre as fontes, sobre a inspiração e tantos outros temas que circundam a Bíblia e aqui especificamente o NT, você, acadêmico, também deve passar por esses questionamentos. Acompanhe alguns deles e verifique se há uma identificação com eles ou não.

- Por que estudar o NT quando vemos divergências como essa que acabamos de relatar anteriormente, que trata do número de livros que compõem a Bíblia?
- Por que estudar quando também já constatamos uma descrença na religião com o secularismo, o tecnicismo e outras características desses tempos?
- Para que haver um NT se já há um Antigo Testamento já sedimentado?
- Por que a comunidade primitiva não se contentou com o conjunto de livros que formavam o Antigo Testamento?
- Ok, já que decidiram então ter um “NT”, por que não excluir o Antigo?
- Por que manter quatro evangelhos e não somente um?
- Como chegaram ao número que temos hoje, já que eram várias comunidades, várias igrejas independentes entre si?

Vamos então elencar o que podemos considerar como bons motivos para estudar o NT. Bom, como estudantes de Teologia e para a maioria dos cristãos, a primeira motivação é o valor histórico dos Evangelhos. Mas aí vem um questionamento, que surgirá também nas situações que irão se seguir: se eles não estão isentos de erros e inconsistências, de que forma eles ainda nos permitem formar uma imagem geralmente segura e confiável da vida de Jesus e dos seus ensinamentos?

Uma segunda motivação trata da interpretação dos Atos dos Apóstolos. Vamos à questão: até onde podemos reconstruir a história mais antiga da Igreja Cristã e traçar a evolução do seu fim, adoração etc.

Uma terceira motivação nos leva ao encontro da expectativa apocalíptica no NT. Embora esta expectativa possa ser tratada aqui em conexão com o valor do Apocalipse de São João, a discussão inevitavelmente envolve tanto a mensagem da Igreja Apostólica e do próprio Jesus, e que o problema principal é o lugar de tal expectativa na mensagem de Jesus.

Cada uma dessas motivações pode ter mais ou menos importância para você, caro estudante da teologia. Cabe a você avaliar.

2 A COMPOSIÇÃO

Então vamos lá? Como se formou essa compilação, esta versão do NT atual?

O NT é composto de 27 livros que foram escritos, originalmente, em grego. É Paulo quem faz menção ao Antigo Testamento em 2 Cor 3,14: “mas a inteligência deles se obscureceu! Até o dia de hoje, quando se lê o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Ele não é retirado, pois é em Cristo que desaparece” (BÍBLIA, 1994, p. 2236). Qual a conclusão? Se há um Antigo Testamento, há um Novo Testamento. Como se chegou a esse número? Como se definiu a canonicidade dos livros para compor o NT? Já vimos acima, porém aconteceram alguns percalços no caminho dessa composição. Um fator foi o surgimento dos livros apócrifos.



A terminologia livros canônicos e livros apócrifos tomou, no século 16, as suas modalidades hoje vigentes.

Cânon (em grego, *kanón*) significava “medida, norma” e, por extensão, “catálogo, índice, registro”. A partir do século 4º aplicou-se o vocábulo ao catálogo dos livros inspirados por Deus no Antigo e no NT.

Dos livros canônicos (isto é, catalogados) ou inspirados por Deus, era preciso na antiga Igreja distinguir outros livros, que, embora tivessem grande semelhança de estilo com as Escrituras Sagradas, eram obra meramente humana, por vezes edificante, por vezes herética ou fantasista. A estes livros foi dado o título de “apócrifos” (*apókryphoi*, em grego), isto é, ocultos, não lidos no culto público oficial (embora fossem lidos em caráter particular); tais eram, por exemplo: “Ascensão de Isaías”, o “Evangelho de Pedro”, o “de Nicodemos”, os “Atos de Tomé”, os “de Paulo com Tecla” etc.

No século 16 introduziu-se entre os teólogos católicos a distinção meramente terminológica entre livros protocanônicos e deuterocanônicos. Ela se deve a Sixto de Sena (1520-1569), judeu que, uma vez batizado, se tornou franciscano e depois dominicano. Este autor, na sua “Bibliotheca Sancta”, chamou “protocanônicos”, em grego “primeiramente (introduzidos) no cânon”, os livros sobre cujo valor inspirado nunca se registraram dúvidas; “deuterocanônicos”, isto é, “em segundo lugar (inseridos) no cânon”, aqueles escritos que só depois de hesitações foram oficialmente recenseados no catálogo bíblico.

Como se vê, a distinção significa apenas diferença cronológica, de modo nenhum implicando menor autoridade ou menor grau de inspiração para os “deuterocanônicos”.

Entre os deuterocanônicos contam-se, além dos sete livros do Antigo Testamento não incluídos no cânon palestinese (Baruc com a epístola de Jeremias, Tobias, Judite, 1º e 2º dos Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico), os sete seguintes escritos do NT: a epístola aos Hebreus, a de São Tiago, a 2ª de S. Pedro, a 2ª e a 3ª de São João, a de São Judas e o Apocalipse.

As hesitações sobre o valor de tais livros dos Apóstolos eram devidas principalmente aos abusos que desses documentos faziam os hereges; prolongaram-se nesta ou naquela região até os séculos 4º / 5º.

Em 393, porém, o concílio regional de Hipona (África Setentrional) definia o catálogo dos livros sagrados, incluindo nele tanto os protocanônicos como os deuterocanônicos do Antigo e do NT. Esta declaração foi repetidamente inculcada pelo Magistério da Igreja nos séculos subsequentes até os nossos dias.

Mais precisamente, eis as razões por que no início da era cristã foi posta em dúvida a canonicidade de sete escritos do NT.

A epístola aos Hebreus era nos séculos 2º/3º falsamente utilizada por rigoristas (Montanistas e Novacianos), os quais, apelando para Hb 6.4 afirmavam haver pecados irremissíveis. Os defensores da fé, em vez de refutar o erro propondo a genuína exegese do texto, às vezes preferiam negar a índole inspirada da epístola aos Hebreus.

O Apocalipse também era explorado por hereges, os quais do cap. 20 deduziam que, entre a segunda vinda de Cristo e a consumação da história, haverá na Terra um reino glorioso do Senhor, protraído durante mil anos. Em consequência, alguns autores católicos, visando tirar a autoridade ao texto mal interpretado, negavam ser São João o autor do Apocalipse; outros simplesmente excluíaam este livro do catálogo bíblico.

A epístola de São Tiago, principalmente em 2, 14-26 (inculcando a inutilidade da fé, sem as boas obras) parecia contradizer a Rm 3, 27s; 4, 1-5 (o primado da fé sobre as obras expresso em linguagem paulina). Pelo que alguns autores duvidavam da origem divina da carta de São Tiago.

A 2ª epístola de São Pedro, a 2ª e a 3ª de São João são documentos breves, que não apresentam doutrina característica e raramente eram citados.

A carta de São Judas, citando no seu v. 14 o fantasista livro “de Henoc”, parecia a alguns leitores pouco fidedigna.

FONTE: Disponível em: <<http://www.aascj.org.br/home/2013/07/28/o-que-sao-livros-canonicos-e-livros-apocrifos/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

A partir dessa descrição que acabamos de ver sobre apócrifo e canônico, temos então uma ideia de que as características mais marcantes sobre os apócrifos se dão pelo fato de que a maioria desses escritos são tentativas de produzir formas literárias paralelas às dos livros do NT. É possível, portanto, classificá-las sob os diferentes títulos “evangelhos”, “atos”, “epístolas” e “apocalipses”, além de um pequeno grupo de trabalhos diversos.



Para você, acadêmico, se aprofundar nos textos apócrifos, segue um *link* onde poderá entrar em contato com alguns desses livros e ver quão interessantes são as suas descrições. Você poderá identificar o grupo de livros de que o apócrifo faz parte e ler os seus escritos. Aproveite!

Disponível em: <http://www.ocultura.org.br/index.php/Lista_de_livros_ap%C3%B3crifos>.

A proliferação dos livros apócrifos não diminuiu a vontade das comunidades primitivas de definir o cânon das Sagradas Escrituras. Não esqueça os conceitos de cânon e apócrifo, conceitos que vimos logo acima.

Desde o fim do século II, a ideia de uma nova norma escriturística implantou-se solidamente na Igreja, mas faltava definir o conteúdo do novo cânon. A lista definitiva das obras pertencentes ao cânon só se fixaria progressivamente, à medida que se estabelecesse um acordo em prol da crescente consciência da unidade da Igreja, graças ao desenvolvimento das relações entre as diversas comunidades de

cristãos. Entre 150 e 200, assiste-se à definição progressiva do livro dos Atos como obra canônica. No fim do século II, Irineu de Lião considera essa obra como Escritura Sagrada e a cita como o testemunho de Lucas a respeito dos Apóstolos [...].

Quando se tenta, no limiar do século III, fazer um balanço dessa evolução, chega-se às seguintes constatações: em toda a parte, os quatro evangelhos conquistaram uma posição inexpugnável, que nunca mais lhes seria contestada. [...] Quanto ao que diz respeito à segunda parte do cânon (os apóstolos), deparam-se por toda a parte, citados como Sagrada Escritura, 13 epístolas de Paulo, o livro dos Atos e a primeira epístola de Pedro. Certa unanimidade formou-se acerca da primeira epístola de João (BÍBLIA, 1994, p. 1835).

Os livros do Apocalipse e da carta aos Hebreus – enquanto o primeiro era negado no Oriente, o segundo não tinha reconhecimento no Ocidente –, no século IV, juntamente com a segunda e terceira epístolas de João, a segunda epístola de Pedro e a de Judas, foram compondo o *cânon* praticamente como o temos hoje, só havendo divergências em relação à ordem dos livros.

Para avaliar a autenticidade do texto do NT, podemos utilizar a crítica textual que é reforçada pela ideia que tem sido capaz de recuperar o texto do NT com uma precisão de 99%. Podemos calcular que esse 1% equivale a três páginas da sua Bíblia, caro acadêmico, sem contabilizar as notas de estudo (notas de rodapé). É pouco, mas pela importância incontestável do NT, é preciso ser considerado, levando em conta tantas mãos que passaram até chegar às versões que temos atualmente.

Cerca de três mil manuscritos do NT em grego (em partes ou por inteiro) foram preservados e copiados entre os séculos II e XVII, além de mais de 2200 lecionários manuscritos contendo seções (perícopes) do NT organizadas para a leitura na liturgia da igreja do século VII em diante. As muitas cópias do texto do NT não são unânimes, mas relativamente poucas diferenças entre elas são significativas. Nenhum autógrafo ou manuscrito original de um livro do NT foi conservado; as diferenças surgiram no processo de cópia do original. Nem todas as diferenças provêm de erros de copistas, algumas surgiram de mudanças deliberadas. Às vezes os copistas sentiam-se impelidos a melhorar o texto que recebiam, a modernizar a escrita, a completar com frases explicativas, a harmonizar os evangelhos e até mesmo a omitir algo que parecesse duvidoso. Poder-se-ia pensar que as mais antigas cópias conservadas do NT grego (em parte ou no todo) seriam o melhor guia para os originais; mas não é bem assim. Por exemplo, um manuscrito do século VI pode ser o único exemplar restante de uma cópia mais antiga, agora perdida, que estava mais próxima do texto original do que uma cópia do século II ou IV existente (BROWN, 2012).

Podem ser encontradas variações textuais, e isso com certeza acontece com as várias edições bíblicas que temos à disposição, mas sem alterar significativamente o enredo. Não queremos também que, com a análise a partir da confiabilidade textual, estaremos 100% confirmando nossa confiabilidade histórica. Não é nosso papel aqui. Isso não quer dizer que o material encontrado nas fontes não seja suficientemente adequado para o NT. Podemos citar Orígenes, São Jerônimo e a preocupação desses dois revisionistas em relação a não se deixar contaminar

pela negligência e displicência na transcrição de textos que chegaram até eles, pois tiveram todo cuidado e zelo que podemos conferir nos dias atuais nos textos bíblicos do NT que temos em mãos. E assim como a crítica textual, os diversos gêneros literários, como afirma Brown (2012), sempre estiveram presentes na discussão da compilação final do NT, trazendo luz sobre as atitudes, sobre as diferentes histórias para formar uma compilação preliminar até a forma final.



Jerônimo foi uma personalidade célebre de seu tempo. Sua capacidade intelectual é demonstrada pela vasta quantidade de textos escritos e traduzidos por ele. Com absoluta certeza, seu trabalho mais conhecido é a *Vulgata*, ou seja, uma versão da Bíblia em latim. Histórias antigas, quando recontadas com frequência, terminam por receber novos elementos que, por vezes, acrescentam, abreviam ou modificam a história original [...].

Jerônimo acompanhou o Bispo Paulino a um concílio regional em Roma. Nesse tempo foi apresentado ao Papa Dâmaso como um exegeta e profundo conhecedor das línguas bíblicas. Por causa da clareza de suas ideias e grande conhecimento, o Pontífice o escolheu para ser seu secretário e em 382 d.C. confiou-lhe a incumbência de revisar uma antiga tradução dos quatro Evangelhos em latim. Ele concluiu este trabalho antes da morte do Papa Dâmaso (11/12/384) e acrescentou também uma versão dos salmos, traduzida do texto grego, que ficou conhecida como Septuaginta.

Expulso de Roma em 385, São Jerônimo se deslocou para Belém, na Terra Santa, onde teve contato com a versão hebraica do Antigo Testamento, especialmente com um livro que apresentava lado a lado, de forma comparativa, os diferentes textos do Antigo Testamento nas línguas disponíveis naquele tempo.

Este santo e doutor da Igreja se interessou pelo texto em hebraico e iniciou uma nova revisão, de cunho pessoal, em sua tradução dos salmos, por meio da qual comparava o texto hebraico e grego para depois escrevê-lo em latim. Esta versão dos salmos ficou conhecida como Galicana, porque foi usada amplamente na Igreja da França (Gália, em latim). Com o sucesso dessa tradução, ele começou a traduzir todo o Antigo Testamento, mas a partir desse momento não utilizava mais a versão grega e sim a hebraica. Este enorme trabalho prolongou-se por 15 anos, do ano 390 a 405, incluindo uma nova tradução dos salmos feita somente do texto hebraico. Esta tradução do Antigo Testamento foi chamada por São Jerônimo de *iuxtahebraeos* (que significa "próximo aos hebreus", em português), a qual, somada aos textos do NT, traduzidos para o latim, chamou-se *Vulgata*, isto é, em língua vulgar ou comum.

Ela [*Vulgata*] era a única versão oficial da Bíblia usada na Igreja até o ano 1.530, quando, devido ao povo não mais falar latim, iniciou-se o processo de tradução para as línguas modernas. Durante a tradução, Jerônimo deparou com passagens difíceis de serem compreendidas, por isso, logo após a conclusão desse trabalho, dedicou-se a escrever prefácios e comentários para os livros da Sagrada Escritura, além de responder às polêmicas teológicas existentes em seu tempo devido ao uso de textos mal traduzidos ou interpretações equivocadas.

FONTE: Disponível em: <<http://formacao.cancaonova.com/igreja/santos/sao-jeronimo-e-as-traducoes-da-biblia/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

Para aprender com a Bíblia, a partir do que lemos, não se resume apenas a uma questão de imitação pura e simples, caindo assim num fundamentalismo que não pode encontrar lugar no mundo em que vivemos.

Vivemos em um mundo completamente diferente do mundo bíblico. Nossos problemas até podem tomar algumas semelhanças, mas também assumem formas muito diferentes. Somos chamados a discernir como o evangelho se dirige a nós nas circunstâncias em que vivemos. O NT pode ser visto como uma coleção de testemunhos poderosos para o trabalho de Deus, que nos autoriza a sermos criativos e que nos capacita a resolver nossos problemas na atualidade com coragem e com esperança.

Você já percebeu, caro acadêmico, que essa introdução está se delongando, mas é necessário para termos uma ideia geral do NT e suas principais composições ou agrupamentos, ou aproximação de livros.

Veja que os quatro evangelhos, que teriam sido compostos aproximadamente entre 65 a 100 da era cristã, tiveram por vezes a mesma fonte, por outra, fontes divergentes, porém que se aproximavam também da temática central: a vida de Jesus. Mas por que quatro, se eles nos apresentam a vida e obra de Jesus, claro que com características peculiares? Um evangelho não bastaria? Paulo, lá em Gl 1, 8 – “Mas, ainda que alguém - nós ou um anjo baixado do céu - vos anunciasse um evangelho diferente do que vos temos anunciado, que ele seja anátema”, dá sua opinião (BÍBLIA, Epístola aos Gálatas, 1, 8):

Sugere a ideia de que apenas um evangelho pode ter sido axiomático (cfr. 1Cor 15,11). O evangelho segundo Marcos, o primeiro a ser escrito, conforme opinião da maioria dos estudiosos, autodenomina-se majestosamente “o evangelho [boa notícia] de Jesus Cristo (o filho de Deus)”, sem acenar para a existência de outra versão da proclamação. Várias décadas após Marcos, o autor de Mateus incluiu outro material, proveniente de modo especial de uma coleção de ditos chamada Q, em um Marcos remodelado, aparentemente com a suposição de que os leitores não mais teriam necessidade de consultar nenhuma daquelas duas fontes anteriores. Não obstante ter conhecimento de “muitas” narrativas prévias, o autor de Lucas (1, 1-4) procurou elaborar sua própria “narração ordenada”, com o intuito de que Teófilo (e outros leitores) pudesse conhecer mais efetivamente a verdade. O fato de não existir nenhuma citação de Marcos, Mateus ou Lucas nas epístolas joaninas, mesmo nos episódios em que os temas sinóticos poderiam ter servido bem ao autor, leva a crer que, para a comunidade joanina, “a mensagem que ouvimos” (1 Jo 1, 5; cf. 3, 11) era somente o quarto evangelho. O bispo Papias (cerca de 125) conhecia diversos evangelhos, mas antes de 150 não existe nenhum exemplo claro de mais de um evangelho sendo lido em determinadas igrejas com autorização para uso público (BROWN, 2012, p. 66-67).

O NT, já que há o antigo, ou segundo testamento porque há um primeiro, é a forma que vamos utilizar, pois nos parece mais apropriado no sentido de que não haverá possibilidade de ter um terceiro testamento, visto que fecha-se o ciclo de salvação com a vinda de Jesus à Terra. Claro que você, acadêmico, não é obrigado a concordar conosco. Vamos lá?

Enquanto que o que há relatado no Antigo Testamento abrange centenas de anos de história, o NT contempla várias décadas, ou seja, por tempo cronológico, é mais limitado. Nele, trata-se principalmente sobre ensinamentos e crenças religiosas do cristianismo. Não podemos achar que há uma só maneira de interpretar o NT, e que seja exclusividade essa dos cristãos. Há muitas maneiras de interpretar o NT. Enquanto há pessoas que utilizam os ensinamentos do NT para fundamentar, para sustentar suas crenças, há também estudiosos que buscam interpretá-lo como uma obra de literatura, como fonte de pesquisa para descrever os 'mitos' religiosos que eles julgam encontrar ali. Temos também aqueles que, a partir das histórias ali contidas, querem inculcar determinados valores e delinear uma forma adequada de viver. Vamos ao concreto, situando essa história num lugar específico, geográfico. A Judeia, e nela, a Palestina.

A Palestina, incrustada na Judeia, região onde foram escritos os livros do NT, nos séculos I e II era dominada pelos romanos. Calcula-se o tamanho em torno de 25 mil quilômetros, sendo limitada no lado oeste pelo Mar Mediterrâneo e no lado leste pelo rio Jordão. Lembram como os hebreus chamavam a Palestina? Canaã, Terra Prometida.

FIGURA 1 – PALESTINA NO TEMPO DE JESUS



FONTE: Disponível em: <<http://mapasbiblicos.blogspot.com.br/2012/07/a-palestina-no-tempo-de-jesus.html>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

Parece óbvio que as histórias ali relatadas são baseadas nos rituais e crenças do judaísmo; que Jesus e seus discípulos eram todos judeus; que a cultura greco-romana e as tradições judaicas dominavam a cena política, social e econômica desse período. No tempo de Jesus aconteciam três grandes festas: a Páscoa, que comemorava a passagem do povo pelo deserto, saindo da escravidão no Egito para a libertação; a festa de Pentecostes, que comemorava a renovação da Aliança de Deus com seu povo escolhido no Monte Sinai; e a Festa das Tendas, que fazia lembrança dos antepassados quando da fuga do Egito.

O judaísmo, nos primeiros séculos, não se resumia a uma única tradição ou conjunto de crenças, mas continha muitas divisões diferentes. Vamos destacar duas delas. Como integrantes do grupo dos judeus temos os saduceus, os mais rigorosos

na exigência da lei e das escrituras e no cumprimento dos rituais e integravam a classe dos sacerdotes. Por serem ferrenhos defensores do AT, faziam forte oposição em relação à tradição oral e ao conceito de vida eterna. Outro grupo muito presente no NT eram os fariseus, que eram mais liberais em sua aceitação da escritura, sobre tradição oral e os ensinamentos dos profetas. Na leitura complementar desse tópico você pode encontrar mais informações dos grupos políticos religiosos presentes na Palestina, principalmente nos dois primeiros séculos. A influência desses grupos interferia na manutenção de uma hierarquia social que se sustentava assim:

- no templo temos os sumos sacerdotes, considerados puros, santos, e mais perto de Deus do que qualquer outra pessoa;
- em seguida a esse grupo temos os judeus de nascimento;
- os convertidos ao judaísmo;
- por último, os gentios, onde eram incluídos todos aqueles que não eram judeus.

Se os primeiros, por estarem mais perto de Deus, eram considerados os puros, estes, os últimos, são os impuros. Com o surgimento do cristianismo, veremos nos relatos do NT uma mudança nesta hierarquia, pois o grau de pureza não deve ser validado pelo nascimento no povo escolhido por Deus, os israelitas, mas o grau de pureza deve ser definido pelo arrependimento e pela aceitação dos ensinamentos de Jesus.

Uma coisa é certa entre todos os estudiosos, como bem resume Brown (2012): jamais saberemos todos os detalhes sobre como os 27 livros foram escritos, conservados, selecionados e reunidos; um fato, porém, é indiscutível: reunidos como o NT, eles têm sido o instrumento mais importante para colocar milhões de pessoas, de diferentes tempos e lugares, em contato com Jesus de Nazaré e com os primeiros fiéis que o anunciaram e deram testemunho de sua vida e obras. Isso nos tira um peso de querermos contemplar, nesse livro, todas as nuances em que foi escrito, porém não nos tira a responsabilidade de sermos verdadeiros no pouco que conseguirmos desenvolver nessas poucas páginas.

3 QUESTÃO SINÓTICA

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas formam o grupo dos Sinóticos. Por que essa denominação? Sinótico deriva do grego *sol* e *opsis*. Os sinóticos apresentam uma visão comum em relação à vida de Jesus. Mas, apesar da grande semelhança pela qual esses Evangelhos são caracterizados, eles também revelam diferenças muito marcantes. Este acordo notável, por um lado, manifesta essas diferenças, por outro, constitui um dos mais difíceis problemas literários do NT. A questão é se podemos explicar a origem desses Evangelhos, de tal modo que podemos explicar a proximidade das semelhanças e também das diferenças.

Vamos lá! No plano geral dos sinóticos, apenas Mateus e Lucas narram a infância de Jesus. Já a história do ministério público de Jesus segue a mesma ordem em todos os sinóticos. Vamos elencar alguns episódios comuns:

- Preparação de Jesus para o ministério.
- O encontro com João Batista e o batismo.
- A tentação.
- O retorno para a Galileia e a pregação nas suas aldeias e cidades.
- A viagem a Jerusalém e a entrada na Cidade Santa.
- A pregação, a paixão, morte e a ressurreição.

Quanto às diferenças mais marcantes no arranjo dos resultados materiais da narrativa de uma longa série de eventos relacionados com o ministério de Jesus, que é peculiar a Mateus e Marcos, Mt 14, 22; 16, 12; em Mc 6, 45; 8, 26; e também de uma série de eventos relacionados com a viagem a Jerusalém que é encontrada somente em Lucas 9, 51 e 18, 14.

Como o evangelho de Marcos, cronologicamente, foi o primeiro a ser redigido, vamos recorrer a ele para identificar suas peculiaridades e suas coincidências em relação a Mateus e Lucas, ficando assim disposto:

- Marcos tem sete peculiaridades e 93 coincidências.
- Mateus tem 42 peculiaridades e 58 coincidências.
- Lucas tem 59 peculiaridades e 41 coincidências.

Se a medida de todas as coincidências for representada por 100, teremos então sua distribuição na seguinte proporção:

- Mateus, Marcos e Lucas – 53.
- Mateus e Lucas – 21.
- Mateus e Marcos – 20.
- Marcos e Lucas – 6.

Observe o quadro a seguir para ter uma ideia mais clara do que há em comum entre os Sinóticos.

QUADRO 1 – DEPENDÊNCIA LITERÁRIA SINÓTICA

Passagens	Mt	Mc	Lc
Comuns aos três	330	330	330
Comuns a Mt-Mc	178	178	-
Comuns a Mc-Lc	-	100	100
Comuns a Mt-Lc	230	-	230
Próprios a cada um	330	53	500

Com base nas estatísticas do quadro, pode-se afirmar que:

- 1) Um grande número de passagens se encontra nos três evangelhos (tríplice tradição).
- 2) Algumas passagens são partilhadas por Mc e Mt e outras por Mc e Lc.

- 3) Numerosos textos são encontrados somente em Mt e Lc (dupla tradição).
- 4) Cada evangelho contém textos que lhe são próprios.

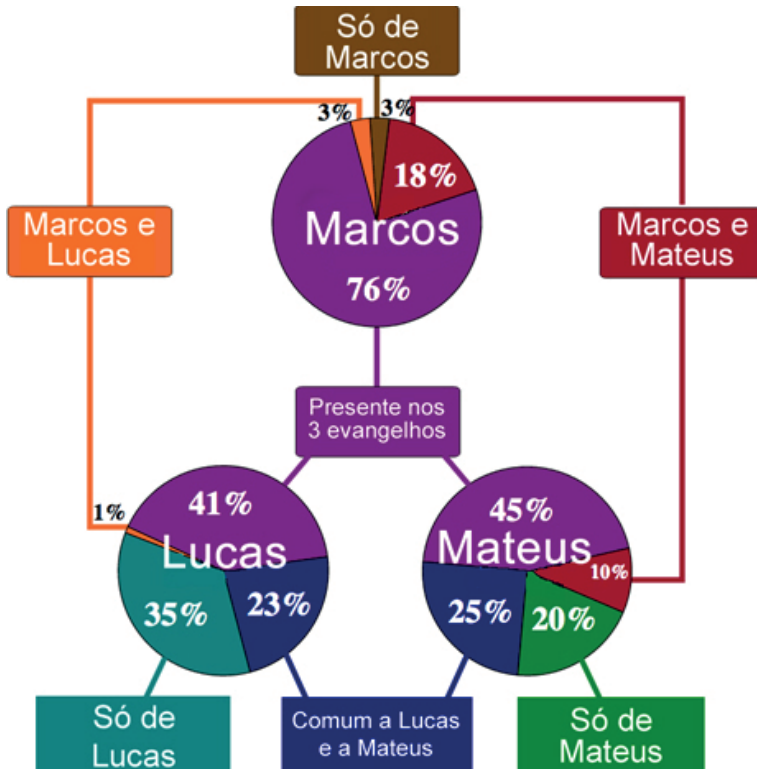
Fato interessante a observar é que somente 53 versículos não estão em Mt e Lc. Quase todo o Evangelho de Marcos está presente nos evangelhos de Mateus e Lucas.

FONTE: Disponível em: <<https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/08/21/evangelhos-sinoticos-origem-natureza-e-finalidade/>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Veja, acadêmico, que essas considerações trazem consigo uma gama de teorias com o objetivo de explicar a composição dos Evangelhos. Para cada teoria, temos a crítica. Para cada grupo de estudiosos defensores de uma teoria, temos outro grupo de estudiosos que podem recusar ou podem levantar críticas para determinada teoria. Ou seja, não há, até o momento, uma unanimidade. Vamos rapidamente elencar essas teorias e também apresentar as críticas mais evidentes.

Há a teoria da dependência mútua, que indica uma dependência de um evangelho para o outro. Já a tradição oral leva em conta o que se falava a respeito de Jesus, dos apóstolos como primeiro estágio que se supõe, para num segundo momento servir de base para os primeiros escritos. Outra teoria aponta que houve um Evangelho primitivo, que serviu de base para “consulta” dos autores.

FIGURA 2 – PECULIARIDADES E COINCIDÊNCIAS ENTRE MARCOS, MATEUS E LUCAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=8220>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

A teoria mais utilizada atualmente é a teoria das duas fontes. Esta teoria aponta a existência de pelo menos dois documentos primitivos, e reconhece a utilização de um Evangelho na composição dos outros. Para a dupla tradição, que é comum a Mateus e Lucas, esses autores utilizaram uma segunda fonte, que por falta de conhecimento definido sobre esta fonte, é simplesmente chamada Q (Quelle).

As diferenças entre Mateus e Lucas na matéria da tradição dupla encontram sua explicação no pressuposto de que, enquanto Mateus chamou diretamente de Q, Lucas deriva da matéria correspondente da fonte Q e de outras fontes, ou de um evangelho primitivo baseado na fonte Quelle. Assim, a teoria dupla fonte pressupõe a existência de uma vasta literatura pré-canônica.

Em relação às críticas, Brown (2012) destaca 11. São elas:

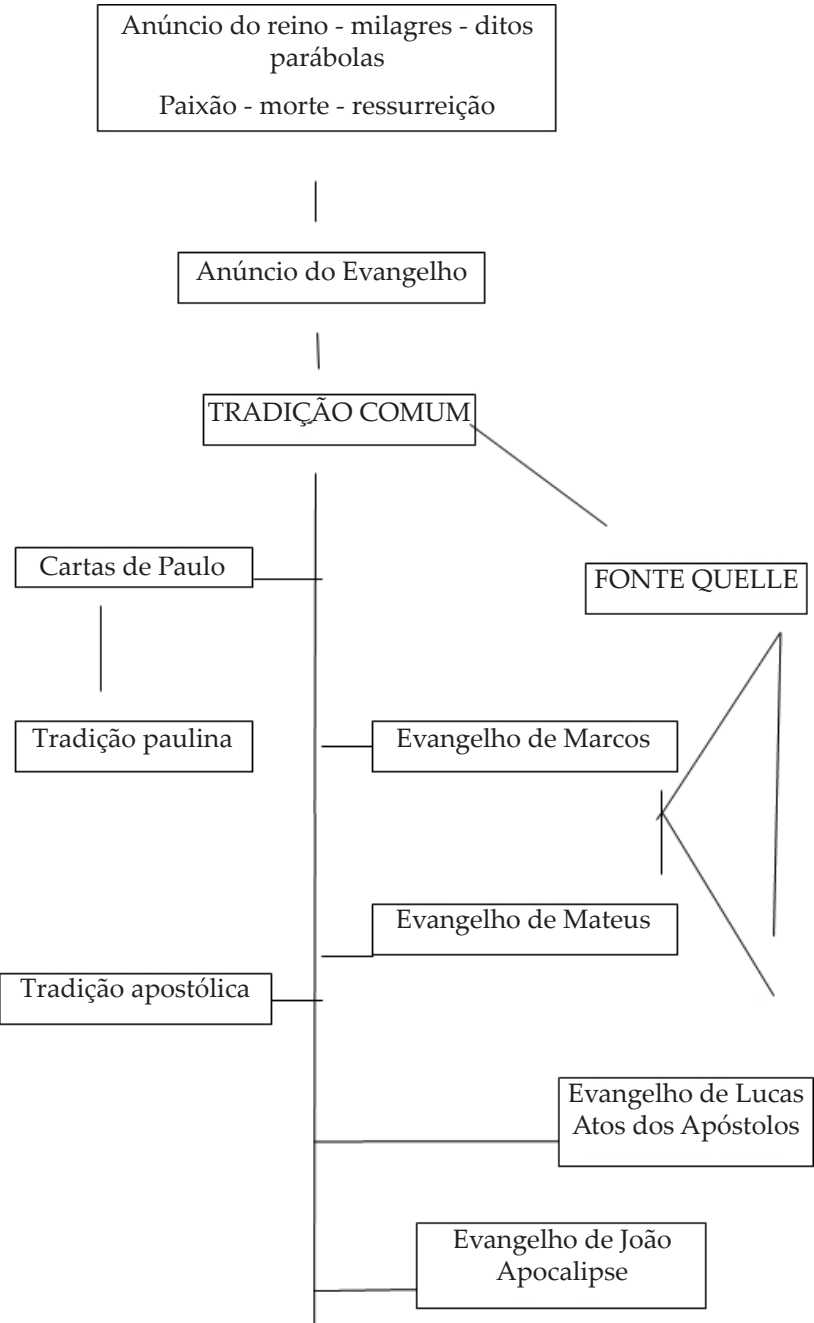
- **Crítica textual:** não há documentos originais dos textos dos Evangelhos que comprovem a sua autoria. O que temos disponíveis são cópias.
- **Crítica histórica:** esta crítica busca apontar, discernir o sentido literal do texto que passa pela compreensão das línguas antigas, dos costumes da época etc.
- **Crítica das fontes:** estuda as fontes das quais os autores foram buscar as referências para seus escritos. Como dar importância, por exemplo, à tradição oral que seria o primeiro estágio, antecedendo e dando origem às primeiras versões escritas?
- **Crítica das formas:** como podemos identificar o gênero literário que predomina nos Evangelhos onde encontramos parábolas, histórias, narrativas, metáforas?
- **Crítica da redação:** como entender o escrito a partir do autor que foi “modelando” o texto de forma, por vezes criativa, do material que foi chegando até ele? Qual critério será utilizado na evidência do que é mais importante para este autor? A teologia, a história, a hierarquia?
- **Crítica canônica:** aqui se usa o filtro da importância de determinado texto dentro do contexto do NT, ou por vezes de toda a Bíblia.
- **Estruturalismo:** aqui, a importância está centrada na forma final do livro, da carta. Requer aqui uma visão coerente do todo, coisa bem difícil levando-se em conta fatores como cronologia, autoria, por exemplo, na composição do livro.
- **Crítica narrativa:** que utiliza o filtro histórico na sua abordagem nos Evangelhos; segundo Brown (2012, p. 82), esta crítica “leva em conta os excessos da investigação histórica e ajuda a realçar a intenção principal do autor”.

A última crítica apresentada por Brown, mas não menos importante, até porque ela estabelece relação com a crítica narrativa, reforça a ideia dos evangelhos como literatura, trazendo presente como comparativo os textos gregos clássicos.

Tanto a crítica narrativa quanto a retórica levam seriamente em conta os evangelhos como literatura. Antigamente, em comparação com os grandes escritos clássicos greco-romanos, os evangelhos eram considerados produções literárias “menores” (Kleinliteratur) de tipo popular. Agora, porém, os estudos de literatura crítica estão fazendo mais justiça a um fato histórico inegável: o poder narrativo dos evangelhos, centrados na pessoa de Jesus, tem sido de uma eficiência singular em convencer milhões a tornar-se cristãos (BROWN, 2012, p. 83-84).

Não há nenhuma dessas teorias disponíveis, e também dessas críticas apresentadas por Brown, que sejam uma unanimidade na atualidade. As incertezas no estudo da questão sinóptica são maiores, porém um longo caminho já foi trilhado e mesmo assim não parecem estar próximas de serem solucionadas, pelo menos nos próximos 50 anos. O grande objetivo sempre foi o de explicar a origem dos Sinópticos.

FIGURA 3 – ATIVIDADE PÚBLICA DE JESUS



FONTE: Adaptado de Tavares (2009, p. 28)

Lapple (1971) avança além da composição dos sinóticos, desenvolvendo a formação dos Evangelhos Sinóticos a partir da centralidade de Jesus, dos apóstolos e daqueles escritores envolvidos na redação dos textos sagrados dos Evangelhos.

Na primeira etapa, vemos “Cristo, o Verbo encarnado e eterno, que adaptou sua doutrina oral, de um lado, à forma das narrativas e das expressões usadas em seu tempo e, de outro lado, obteve mediante esta adaptação que sua doutrina se imprimisse firmemente na memória dos discípulos e que estes a aliassem com os milagres por eles presenciados e os demais acontecimentos da vida de Jesus, compreendendo-os como verdadeiros fatos operados por Jesus” (LAPPLE, 1971, p. 21).

Na segunda etapa – os apóstolos – vemos o testemunho a partir de Jesus, proclamado pelos discípulos como ‘Senhor e Filho de Deus’, em quatro níveis:

1. A situação espiritual, religiosa e social dos seus ouvintes judaico-cristãos ou étnico-cristãos, numa livre adaptação às diferentes capacidades de entendimento.
2. No período pós-pascal, os apóstolos, sob a iluminação do Espírito Santo, chegaram a uma inteligência mais vasta e penetração mais profunda do mistério de Jesus Cristo e de sua obra redentora, transmitindo a seus ouvintes os ditos efeitos do Senhor com inteligência mais plena.
3. O lugar principal do anúncio evangélico foi o culto sagrado, no qual as primitivas comunidades cristãs, juntamente com os apóstolos, os discípulos e os ministros da palavra, glorificavam a Jesus como *Kyrios* e Filho de Deus.
4. O anúncio apostólico revestiu-se de diversos modos de exposição de vários gêneros literários: catequese, narrações, testemunhos escriturísticos, hinos, doxologias, preces e outras formas semelhantes, todas inspiradas pelo fim específico do anúncio da verdade, do testemunho corajoso, da adoração refletida de gratidão, do zelo missionário bem entendido e, em última análise, do mandato do próprio Senhor de testemunhá-lo no mundo (LAPPLE, 1971, p. 21).

Não podemos deixar de caracterizar as primeiras comunidades cristãs nos tempos da constituição dos Evangelhos. Temos aí pessoas nas camadas humildes, assim como pessoas mais abastadas, ricas; as habitações, em sua maioria, eram muito simples e, como veremos mais adiante, muitas comunidades vão surgir a partir da visita, da presença de um apóstolo.

Na terceira etapa, temos o anúncio apostólico e a redação dos evangelhos.

1. Antes da redação escrita dos quatro evangelhos não houve apenas uma catequese oral, mas igualmente uma primitiva catequese escrita e fixada em várias redações. Os evangelistas conheceram esse evangelho (oral) servindo-se dele para a composição de seus próprios evangelhos (escritos).
2. Os autores bíblicos redigiram seus evangelhos como um catecismo da comunidade de salvação do NT. A origem dos evangelhos escritos constitui um acontecimento que se dilui dentro da igreja e para a igreja.

3. Cada um dos quatro evangelistas imprimiu à sua obra o cunho teológico querigmático que lhe era peculiar. Escreveu o evangelho com intenção determinada e fim específico de acordo com seus dons e seu próprio modo de entender sob a inspiração do Espírito Santo.
4. O método de trabalho e a capacidade literária diferiam de um evangelista a outro. Ora selecionavam elementos da copiosa tradição apostólica, ora a sintetizaram. É de grande importância ter presente o contexto no qual foram intercalados os ditos ou feitos de Jesus, pois a intenção teológica se depreende precisamente da diversidade da transmissão e da inserção no texto.
5. Nada, porém, mais fora de propósito do que considerar os evangelistas como meros compiladores de narrativas que circulavam acerca de Cristo nas primeiras comunidades cristãs.
6. A audácia e o pluralismo aos quais o Espírito Santo incitou os quatro evangelistas deduzem-se do fato um tanto desconcertante de que certas sentenças e narrativas particulares dos quatro evangelhos foram referidas em contextos diferentes, assumindo assim uma fisionomia própria (LAPPLE, 1971, p. 21).

O que até aqui foi estudado nos ensinou muitas coisas sobre a origem destes Evangelhos, mas provou ser insuficiente para levar a uma solução final para o problema. O que pode nos ajudar é olhar para alguns documentos que atestam essa relação entre os evangelhos sinóticos. Temos a concordância literal, a cronologia, um padrão literário e outras nuances que aproximam os sinóticos, como segue abaixo:

1. Concordância literal. É raro que dois relatos independentes de um mesmo evento compartilhem mais do que umas poucas palavras em comum, mas os evangelhos sinóticos, com frequência, apresentam um número substancial de concordâncias com suas palavras exatas. Por exemplo, em uma passagem sobre João Batista, Mateus e Lucas concordam em 61 de 63 palavras gregas de um discurso, presumivelmente, aramaico. Geralmente, a concordância literal entre Mateus, Marcos e Lucas alcança cerca de 50% das palavras, contrastando com João, onde a concordância em episódios paralelos cai para cerca de 10%.
2. Extensiva concordância na ordem, especialmente quando a disposição do material não é estritamente cronológica, mas temática ou exibindo alguma apresentação criativa. Nesses casos, é difícil atribuir relatos independentes à narrativa não cronológica temática. Por exemplo, Mateus e Marcos relatam a morte de João Batista como um retrospecto não cronológico, no mesmo ponto de suas narrativas. Como outro exemplo, os sinóticos concordam na ordem em que certas parábolas e milagres são relatados, numa disposição que, provavelmente, intenciona ser temática.
3. Seleção substancialmente similar do material, quando essa seleção apresenta certa quantidade de escolhas editoriais criativas. Jesus fez e falou muitas coisas, desta maneira, qualquer relato de seu ministério tem que incluir algum julgamento editorial do que incluir e do que deixar de fora. Os evangelhos sinóticos, por exemplo, relatam muitos dos mesmos milagres, mas esses milagres, dificilmente, sobrepõem-se aos relatados por João.

4. Presença de comentários editoriais e outro material redacional nos sinóticos que não são requeridos por uma mera narração de um fato histórico. Por exemplo, tanto Mateus como Marcos apresentam um comentário idêntico para o leitor ("para entendimento do leitor") no apocalipse sinótico.
5. Um padrão literário consistente entre os três documentos, que estabelecem Marcos como o "meio-termo" ligando Mateus e Lucas. Concordâncias, especificamente, entre Mateus e Lucas em contraposição a Marcos são, consistentemente, muito menos predominantes do que concordâncias na disposição e na redação contra Mateus ou Lucas. Deveríamos esperar que documentos compostos de forma independente não exibissem tal padrão.

FONTE: Disponível em: <<http://www.mphp.org/jesus-historico/faq-do-problema-sinotico-the-synoptic-problem-faq---by-stephen-c.-carlson.html>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Por essas razões e até por vezes incertezas já apontadas até aqui, não podemos cair na tentação de apelar para a atuação do Espírito Santo. É verdade, quando se acredita na inspiração mecânica da Bíblia, não há nenhum problema sinótico. Isso é bem diferente, no entanto, para aqueles que acreditam que as Escrituras foram inspiradas de forma orgânica.

LEITURA COMPLEMENTAR

OS GRUPOS POLÍTICO-RELIGIOSOS

Após a queda de Jerusalém, em 70 d.C., é o grupo dos fariseus que vai estruturar a Lei Judaica até nossos dias. Após 70 d.C. as coisas se modificaram um pouco de como eram no tempo de Cristo. Conforme Flávio Josefo, além dos fariseus havia o grupo dos saduceus, essênios e zelotas. Mas além dessa divisão havia também outros grupos.

Esses grupos tiveram origem após o ano 152 a.C., quando Jônatas, chefe da resistência armada, encabeçada pelos macabeus, se fez nomear sumo sacerdote. Por ser da classe sacerdotal, se achava com direito de ocupar esse cargo. Mas como era da descendência de Sadoc foi considerado ilegítimo por alguns grupos, que preferiram se separar dos macabeus. Os grupos divergiam quanto ao que significava fidelidade à Lei, quanto a um fixismo absoluto ou a uma evolução.

Os Saduceus

Consideravam-se os detentores do sacerdócio legítimo na linha de Sadoc (Ex 40, 46); direito também reivindicado pelos “filhos de Sadoc” de Qurnrã.

Apareceram como grupo organizado no tempo de João Hircano (135-104 a.C.). Tinham poder sobre o Templo, portanto, sobre o culto e o Sinédrio, até 76 a.C. Com a entrada de alguns escribas fariseus no Sinédrio, rapidamente estes vão controlando também o poder religioso, ficando os fariseus sem o prestígio que detinham.

Eram apegados ao Pentateuco. Pregavam a doutrina da retribuição, achando que Deus os abençoava por terem riqueza. As regras de pureza só valiam no recinto do Templo. Daí a liberdade para terem contatos com pagãos. Ao povo não exigiam as regras de santidade, podendo-se fizessem qualquer coisa, mesmo que fosse considerada impura.

Desde Pompeu, no século I a.C., Roma já lhes havia tirado o poder político e parte do poder religioso (o sumo sacerdote era escolhido pelo imperador romano e os fariseus é que determinavam as regras do culto).

Tinham atenção para com o povo porque seus negócios dependiam do povo para prosperar. Com a destruição do Templo, em 70 d.C., o grupo também perdeu sua razão de ser, deixando de existir.

Os Zelotas

O termo é de origem grega e significa zeloso por. Fineias, zeloso por Deus, remonta ao Êxodo (Nm 25, 6-13). A partir dos macabeus, sempre há referência

aos zelotas como rigoristas violentos que julgavam sem piedade aqueles que consideravam infiéis à Lei de Moisés.

Os romanos e seus colaboradores eram considerados inimigos. No início o inimigo era considerado o judeu apóstata, por trair a Lei em favor do inimigo.

Para eles, “Deus não tolera transgressão nenhuma nesta terra que Ele deu ao povo”. Para as transgressões eles reclamavam a pena de morte. Costumavam andar com uma faca e atacar os inimigos. Alguns discípulos de Jesus provavelmente eram originários desse grupo (Judas e Simão).

Os zelotas eram originários da Galileia, onde podiam se esconder nas grutas. Geralmente eram muito pobres, ao contrário dos saduceus, que eram ricos.

Tinham confiança absoluta em Deus e nas suas instituições: Templo e Lei. Sentiam que podiam apressar a vinda do Reino de Deus, do seu Messias, através de suas ações.

Os Fariseus

Os fariseus se opuseram ao rei Alexandre Janeu (103-76 a.C.), provocando uma guerra civil de seis anos, que custou a crucificação de milhares de judeus. Mas saíram vitoriosos.

São relacionados com os hassidim e com Esdras e Neemias. Eram pessoas piedosas, que se colocavam a favor de um aprofundamento espiritual e de uma profunda vivência da Lei – os hassidim podem ser os criadores e transmissores de vários salmos. Para eles, a salvação virá pelo cumprimento da Lei. São Paulo era do grupo dos fariseus.

Conheciam bem a escritura e se esforçavam por vivê-la e transmiti-la ao povo. Preocupavam-se com a educação das massas. Vindos do povo, eram um partido do povo, mas procuravam ser separados do povo por achá-los demais impuros por causa da ignorância. Esse grupo conseguiu resistir à catástrofe de 70 d.C.

Os Essênios

A origem desse grupo parece estar ligada à perseguição no tempo dos macabeus. Alguns descendentes da tribo de Sadoc se refugiaram e formaram, com outro grupo de refugiados, uma organização fechada, procurando viver o mais rigorosamente possível a Lei de Deus. Tinham uma organização própria e toda uma exigência para aceitar novos membros.

João Batista, aquele que batizou Jesus, provavelmente tenha sido um essênio. E o próprio Jesus pode ter tido contato com esse grupo. Desapareceram na guerra de 66-70 d.C.

Os Herodianos

Eram partidários de Herodes e tinham o objetivo de protegê-lo, e depois ficaram encarregados de proteger Antipas. Estavam sempre muito atentos a qualquer movimento que pudesse ameaçar a segurança do rei.

Os Movimentos Batistas

Desenvolveram-se no século I d.C., entre o povo simples. Tinham a proposta da salvação para todos (Lc 3, 7-14). Faziam o batismo por imersão, tendo em vista a purificação dos pecados.

Formou-se um grupo em torno de João Batista (At 18, 25; 19, 1-5). O grupo de Jesus também batizava (Jo 3, 22; 4, 1-2). Esse movimento rejeitava o Templo e os sacrifícios sangrentos que nele eram oferecidos.

Os Samaritanos

Formavam uma comunidade próxima e oposta ao judaísmo. Discordavam dos judeus quanto à centralização religiosa em Jerusalém. Acreditavam ser os continuadores das tribos do Norte, fiéis a Moisés. Esperavam a volta “daquele que vêm de novo” – espécie de novo Moisés que iria colocar tudo em ordem, no fim dos tempos.

Celebravam a Páscoa no Garizim, conforme Ex 12. O Garizim também era o lugar da bênção: Dt 11, 29; 27, 12.

Quando Jesus conversa com a samaritana, ela coloca para Jesus estas questões, demonstrando que realmente era uma preocupação para eles (Jo 4, 1-42). Jesus tinha uma simpatia por eles, mostrando que apesar de serem considerados impuros, em certas situações eles davam um melhor testemunho de compreensão da vontade de Deus que os próprios chefes religiosos dos judeus (Lc 10, 33).

Podem ter tido origem após a tomada da Samaria, em 721 a.C. (2Rs 17), pelos assírios. Os judeus os consideravam impuros e infiéis, por terem se misturado com o conquistador. Samaria era a capital do reino do Norte, que antes de ser tomada pelos assírios havia se separado do reino do Sul, por rixas políticas.

Apesar das relações tensas entre judeus e samaritanos, eles tinham influências mútuas.

A oposição ao Templo de Jerusalém pode tê-los aproximado dos essênios e também de certas correntes do cristianismo.

FONTE: Disponível em: <<https://joaoloch.wordpress.com/2013/03/16/a-palestina-no-tempo-de-jesus/>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- O NT é composto de 27 livros que foram escritos originalmente em grego.
- É Paulo quem faz menção ao Antigo Testamento em 2Cor 3, 14: “mas a inteligência deles se obscureceu! Até o dia de hoje, quando se lê o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece”.
- O evangelho de Mateus, Marcos e Lucas forma o grupo dos Sinóticos.
- Os sinóticos apresentam uma visão comum em relação à vida de Jesus. Mas apesar da grande semelhança pela qual esses Evangelhos são caracterizados, eles também revelam diferenças muito marcantes.
- As diferenças entre Mateus e Lucas na matéria da tradição dupla encontram sua explicação no pressuposto de que, enquanto Mateus chamou diretamente de Q, Lucas deriva da matéria correspondente da fonte Q e de outras fontes, ou de um evangelho primitivo baseado na fonte Quelle. Assim, a teoria dupla fonte pressupõe a existência de uma vasta literatura pré-canônica.
- Temos a concordância literal, a cronologia, um padrão literário e outras nuances que aproximam os sinóticos.
- Não podemos cair na tentação de apelar para a atuação do Espírito Santo. É verdade, quando se acredita na inspiração mecânica da Bíblia, não há nenhum problema sinótico. Isso é bem diferente, no entanto, para aqueles que acreditam que as Escrituras foram inspiradas de forma orgânica.

AUTOATIVIDADE



- 1 Escreva sobre a principal temática dos quatro evangelhos, indicando a pregação dos apóstolos a respeito de Jesus Cristo.
- 2 Apresente as principais características das comunidades identificadas no período da confecção dos Evangelhos.



1 INTRODUÇÃO

No tópico anterior estudamos a questão sinótica, que alguns pensadores descrevem como "o Problema Sinótico". Toda essa reflexão, seja questão sinótica, seja problema sinótico, é recente, datada do século XVIII, quando especialistas vão dando vazão ao estudo analítico das Sagradas Escrituras. Sabemos que antes do século XVIII já havia observações sobre a relação entre os Evangelhos Sinóticos. Essas observações se encontram na literatura, nas artes, na tradição.

FIGURA 4 – MATEUS



Hendrick ter Brugghen, S. Matteo, XVII sec., Historisch Museum Deventer

FONTE: Disponível em: <http://catequesenordeste3.blogspot.com.br/2014/09/estudo-sobre-o-evangelho-de-sao-mateus_23.html>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Podemos referenciar aqui uma das tradições mais antigas apresentadas por Papias, escrita por volta de 125, tradição essa preservada nos escritos de Eusébio. De Papias temos as seguintes observações:

- Concluiu que o Evangelho de Marcos era uma interpretação (ou talvez tradução) da pregação de Pedro.
- Observou que Marcos não era um seguidor de Jesus, mas sim de Pedro, e que ele escreveu com precisão, mas não em ordem, e foi Justiniano, em meados do século II, que se referiu a Marcos como "as memórias de Pedro".

- Observou que Mateus foi escrito em um estilo hebraico. Alguns tomaram esse comentário para significar que Mateus foi originalmente escrito em hebraico ou aramaico, e só secundariamente traduzido para o grego, uma teoria que persiste hoje.

Quando observamos a ordem utilizada por Papias no trato com os Evangelhos, poderíamos inferir que ele pensava que Marcos foi escrito antes de Mateus. No entanto, Clemente de Alexandria, escrevendo por volta de 200, também preservado na escrita de Eusébio, comentou que os Evangelhos com genealogias, presumivelmente Mateus e Lucas, foram escritos em primeiro lugar. No século V, a ordem tradicional de Mateus, Marcos e Lucas tinha sido estabelecida. A escrita de Agostinho, em torno de 400, afirmou que cada Evangelho era dependente daqueles anteriores, com Marcos simplesmente uma abreviação de Mateus, Lucas desenhando em Mateus e Marcos, e João usando todos os três.



Você sabia?

FIGURA 5 – AGOSTINHO DE HIPONA



FONTE: Disponível em: <<http://homoliteratus.com/qual-funcao-da-linguagem-em-santo-agostinho/>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

"Quem toma bens dos pobres é um assassino da caridade. Quem a eles ajuda é um virtuoso da justiça".

A famosa frase acima é obra de Santo Agostinho de Hipona, nascido como Aurelius Augustinus, no dia 13 de novembro do ano de 354, numa pequena província romana localizada ao norte da África.

Agostinho de Hipona, africano de nascença, romano graças à cultura e à língua vigente e um cristão por educação, era um jovem de temperamento um tanto impulsivo, que se entregou de forma incisiva aos estudos, aprendendo toda a ciência possível de seu tempo, tornando-se professor de retórica em Cartago, Roma, e mais tarde em Milão.

Após a morte da mãe no porto de Roma, Agostinho vende suas posses e ingressa na chamada vida comum, de pobreza, oração e trabalho, fundando o Monacato Agostiniano, sendo proclamado em 391 como sacerdote pelo próprio povo, e apenas cinco anos mais tarde é apresentado para o Episcopado.

FONTE: Disponível em: <<http://cultura.culturamix.com/curiosidades/santo-agostinho-de-hipona>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

Esta foi uma tentativa de explicar algumas das características únicas de Lucas, algumas delas veremos neste tópico. Não podemos concordar que Marcos não era apenas um resumo de Mateus, mas na verdade uma fusão de Mateus e Lucas.

Os primeiros três evangelhos foram primeiro rotulados de Evangelhos Sinóticos por J. J. Griesbach, um erudito bíblico alemão, no final do século XVIII. O adjetivo inglês "Sinótico" vem do grego "*synopsis*", que significa "ver juntos", e Griesbach escolheu a palavra por causa do alto grau de similaridade encontrado entre Mateus, Marcos e Lucas em suas apresentações do ministério de Jesus. Estas semelhanças, que envolvem estrutura, conteúdo e tom, são evidentes mesmo para o leitor. Elas servem não apenas para unir os três primeiros evangelhos, mas para separá-los do evangelho de João (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 19).

Esta visão básica da prioridade de Mateus como o primeiro Evangelho escrito permaneceu na visão tradicional popular até próximo do século XX.

2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO

Não temos a pretensão de apresentar a última novidade ou algo inspirador no que tange às questões de autoria, fontes e tempo de composição deste evangelho e dos outros livros que veremos neste livro. Vamos seguir o que a maioria dos estudiosos aponta, já que nenhuma teoria tem a força de reivindicar mais do que um maior ou menor grau de probabilidade. Precisamos nos lembrar que aqui deve prevalecer o nosso lado estudante de Teologia e não a versão do fiel, do crente.

Quem é Mateus, considerando aqui o apóstolo de Jesus, cobrador de impostos, como comumente o conhecemos? O que fazia um coletor de impostos nessa época? Mateus exercia essa profissão como coletor a serviço de Herodes Antipas, em uma rota importante de comércio perto de Cafarnaum. Nesta cidade havia uma coletoria, de responsabilidade de Mateus. Por ser uma função com muitos contatos, Mateus tinha o privilégio de estar em contato com diferentes pessoas, de diferentes partes e de diferentes profissões, e de cada uma delas Mateus ouvia e guardava informações da vida e das ações do Cristo.

FIGURA 6 – CAFARNAUM



FONTE: Disponível em: <<http://conhecendoisrael.blogspot.com.br/2014/05/cafarnaum.html>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

A afirmação de que a autoria do evangelho de Mateus é conferida ao apóstolo Mateus já surge com os primeiros padres da Igreja. Não podemos esquecer que no cânon é o primeiro Evangelho, porém já vimos que isso não procede no tópico anterior. Vamos a algumas informações básicas. Mateus também é chamado de Levi, e essa afirmação encontramos em Mc 2, 14 e Lc 5, 27. Na passagem de Lc 5, 27 ficamos sabendo que Mateus, ou Levi, era filho de Alfeu. Após a ressurreição de Jesus, não encontramos outras informações ou menção a Mateus no NT.

O bispo de Hierápolis, chamado Papias, menciona a autoria do primeiro evangelho a Mateus, isso por volta do ano 130. Outro nome importante a tratar desse assunto foi Eusébio, o historiador da igreja primitiva descreve o relato de Papias afirmando que Mateus coletou os oráculos na língua hebraica, e os que se seguiram interpretaram à sua maneira da melhor forma possível. Desse relato temos alguns questionamentos, por exemplo: por que Papias declara que Mateus escreveu no dialeto hebraico se comumente era utilizado o aramaico? Outro questionamento vem no sentido de que o evangelho de Mateus foi originalmente escrito em grego, porque muitas partes do Evangelho são extremamente (se não identicamente) semelhantes às passagens do Evangelho de Marcos, escrito, com certeza, em grego. Outra versão aponta que Mateus teria escrito dois Evangelhos – um em língua palestina e outro em grego. A conclusão a que podemos chegar, e isso não tem nada de excepcional, é que podemos ter nos relatos de Papias a descrição de uma coleção de material que foi utilizado períodos posteriores para a composição de todo o Evangelho de Mateus.

O que estudiosos mais contemporâneos apontam é que, pelo fato do Evangelho de Mateus depender muito do Evangelho de Marcos, pode ser descartada a ideia de que o autor era um dos 12 apóstolos.

Segundo a opinião mais comum hoje, a autoria do evangelho de Mateus pertence a um “judeu-cristão” da segunda geração que escreve por volta do ano 80, em meio a uma comunidade da Síria, envolvida em um confronto com o judaísmo. É evidente que o trabalho de redação levou tempo e que outros discípulos da primeira hora nele interferiram, até a sua redação definitiva. Esse trabalho redacional foi por vezes atribuído à ‘escola de São Mateus’ (CUNHA, 2012, s.p.).

Enfim, quem é o autor do Evangelho de Mateus? Parece óbvio, mas não é. A antiga tradição de que o autor era o discípulo e apóstolo de Jesus, chamado Mateus, é insustentável porque o evangelho se baseia, em grande parte, no Evangelho de Marcos. É pouco provável que um companheiro de Jesus tivesse seguido tão extensivamente um relato que veio de alguém que, sem dúvida, nunca teve tal associação, em vez de confiar em suas próprias memórias. A atribuição do evangelho ao discípulo Mateus pode ter acontecido devido a ele ter sido responsável por algumas das tradições encontradas nele, e também por apontar Mateus como judeu que se torna cristão, utilizando do grego nos seus escritos, aponta a autoria para uma testemunha não ocular do grande evento, Jesus.

A guisa de avaliação geral sobre o problema de “Mateus”, o melhor é aceitar a opinião comum de que o Mateus canônico foi escrito originalmente em grego por uma testemunha não ocular, cujo nome nos é desconhecido e que dependeu de fontes como Marcos e Q. Se, em algum lugar da história das fontes de Mateus, alguma coisa escrita em semítico por Mateus, um dos Doze, teve alguma influência, não podemos saber. Não é prudente para a pesquisa de mil e novecentos anos depois descartar tão facilmente como completa ficção ou ignorância a afirmação de Papias, um antigo porta-voz que viveu nas quatro décadas da composição do Mateus canônico (BROWN, 2012, p. 309.)

O autor do evangelho de Mateus extraiu não só material do Evangelho de Marcos, mas também um grande corpo de material (principalmente quando trata de Jesus) não encontrado em Marcos, que corresponde, às vezes, ao material encontrado também no Evangelho de Lucas. Este material é chamado “Q” (palavra alemã Quelle, que significa “fonte”), de que já tivemos conhecimento no tópico anterior. Este material representa as tradições escritas e orais, usadas por Mateus e Lucas. Marcos e Fonte “Q” são fontes comuns aos outros evangelhos sinóticos; daí o nome de “Teoria das Duas Fontes”, dada a esta explicação da relação entre os sinóticos, situação que já vimos anteriormente.

Além do que Mateus extraiu de Marcos e Q, seu evangelho contém material que só é encontrado ali. Isto é designado frequentemente “M”, tradição escrita ou oral que estava disponível ao autor. Levando em consideração que Marcos foi escrito pouco antes ou pouco depois do ano 70, Mateus foi composto certamente depois dessa data, que marca a queda de Jerusalém para os romanos na época da Primeira Revolta Judaica (66-70). E provavelmente pelo menos uma década depois, já que o uso de Marcos por Mateus pressupõe uma ampla difusão desse evangelho. Vejamos o que diz em Mt 22, 7: O rei enfureceu-se; enviou suas tropas, fez perecer os assassinos e incendiou-lhes a cidade. Alusão clara à destruição de Jerusalém no ano 70 (BÍBLIA, Mateus, 22, 7).

Quanto ao lugar onde o evangelho foi composto, uma versão aponta para Antioquia, a capital da província romana da Síria. Antioquia tinha grande importância, por ter uma população mista de gentios e judeus de língua grega. A partir da presença de cristãos entre judeus e gentios, começam a gerar tensões, como podemos constatar em Gl 2, 1-14, por exemplo, a obrigação cristã de observar a lei

mosaica. A igreja de Mateus, original e fortemente judaico-cristã, vai assumindo características definidas por cristãos gentios que, a essa altura do campeonato, vão se tornando os grupos predominantes.

Já que acompanhamos a teoria da dependência do Evangelho de Mateus em relação ao Evangelho de Marcos, precisamos levar isso em conta para delimitarmos a data da composição deste Evangelho. Então, vamos lá. Se Marcos foi escrito primeiro, então Mateus deve ter uma data posterior. Já vimos anteriormente que a hipótese mais amplamente aceita é que Mateus e Lucas usaram Marcos como fonte por várias razões. Sem entrar em muitos detalhes sobre a datação do Evangelho de Marcos, que veremos mais à frente, foi provavelmente escrito entre os anos 50 e 55.

A partir dessa constatação, o Evangelho de Mateus poderia ter sido escrito entre os anos 55 e 60. Com isso, podemos concluir que Mateus teve tempo para ter acesso ao Evangelho de Marcos, tendo concluído o Evangelho antes da destruição do templo no ano 70, porque pareceria estranho para o autor não mencionar esse evento à luz do capítulo 24.

Com respeito ao tempo de composição do evangelho de Mateus, não é possível fixar com exatidão. Muitos pensam que o evangelho foi escrito em terras da Síria, talvez em Antioquia, depois que os exércitos romanos destruíram Jerusalém no ano 70.

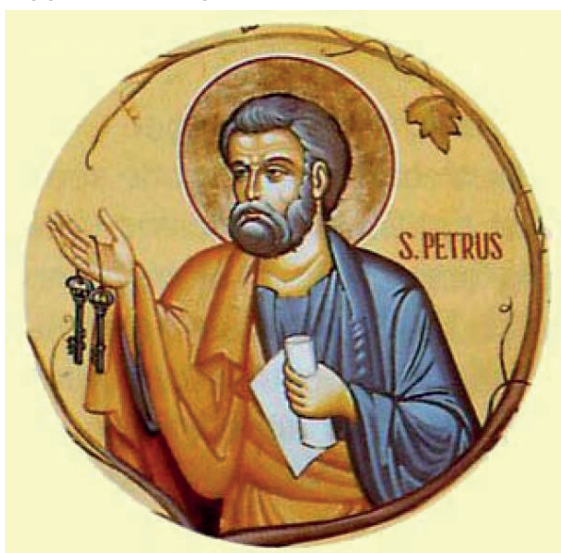
Já alguns estudiosos pensam que Mateus mostra em sua revisão de Marcos uma clara evolução da concepção da igreja e da reflexão teológica (cf. 18, 15ss e 28, 19), assim uma data de composição logo depois de Marcos seria menos provável do que o período de tempo situado entre 80 e 100. Uma data situada depois do ano 100 está excluída, devido ao uso que Inácio fez de Mateus. Então, ficamos com uma data entre os anos 70 e 80 d.C. (CUNHA, 2012, s.p.).

Você, acadêmico, deve imaginar que se já é difícil definir quando foi escrito o Evangelho, não é nada fácil também identificar o local da escrita do Evangelho de Mateus. Como não precisamos inventar a roda, vamos com a maioria dos estudiosos, que apontam a Palestina ou a Síria como local da escrita e da presença judaica maciça. Antioquia da Síria leva vantagem por congregar muitos dispersos da igreja primitiva. Isso pode ser verificado em At 11, 19, 27. Santo Inácio, bispo de Antioquia, na sua Epístola aos Iniciados, faz referência ao Evangelho de Mateus por volta do ano 110.

3 SINGULARIDADE DO AUTOR

Vimos no tópico anterior algumas peculiaridades e coincidências entre os Evangelhos sinóticos. Mateus faz parte desse grupo. Dos quatro evangelhos canônicos, Mateus, por exemplo, é o único a usar o termo igreja. Vejamos os textos bíblicos: Mt 16, 18: “e eu, eu te digo: tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e a potência da morte não terá força contra ela” (BÍBLIA, Mateus, 16, 18). Veja que na tradução do aramaico, Pedro significa rocha – *kefú*.

FIGURA 7 – PEDRO



FONTE: Disponível em: <http://deusemaior.com.br/wp-content/uploads/2011/02/sao_pedro_g1.jpg>. Acesso em: 2 fev. 2017.

No capítulo 18, versículo 17, temos o seguinte texto: “se ele recusar ouvi-las, dize-o à Igreja, e se ele recusar ouvir a própria Igreja, seja para ti como o pagão e o coletor de impostos” (BÍBLIA, 1994, p. 557).

Para definir igreja, recorremos ao grego *ekkêsia*, que:

Traduz o termo *qahal* (ou ainda *sôd* e *edá*, com os quais a congregação de Qumram se designa a si mesma como comunidade escatológica dos eleitos de Deus). Aqui, o termo designa a nova comunidade que Jesus vai fundar e cujo alicerce será Pedro. A declaração de Jesus corresponde à função eminente que, segundo o NT, Pedro desempenhou nos primeiros dias da igreja (BÍBLIA, 1994, p. 1890).

Esse exemplo, e outros presentes em Mateus, mostram sua versatilidade em utilizar-se do Evangelho de Marcos, da fonte Q, de material que os estudiosos identificam como M, material esse que não está presente em Marcos nem na fonte Q, seria a reprodução de Mateus de informações que teria recebido de Jesus antes que ele tivesse tido contato com o Evangelho de Marcos. Além de tudo isso, Mateus padroniza algumas citações como fórmula ou como cumprimento, esta usada principalmente para justificar a realização em Jesus das promessas do Antigo Testamento.

No relato de Mt 18, 17, reforça o poder de ligar céu e terra, antes confiado a Pedro e agora confiado à assembleia e também ao colégio apostólico. Ou seja, Mateus se mostra fiel a Marcos, porém com peculiaridades que só podem ser atribuídas a ele. Brown (2012, p. 301-302) aponta algumas dessas peculiaridades e as citações que as confirmam:

Mateus escreve em grego com mais elegância do que Marcos, eliminando a fraseologia difícil, as expressões duplicadas e homogeneizando os padrões. Mt 15, 39 / Mc 8, 10. Mt 26, 34 / Mc 14, 30. Mt 26, 45 / Mc 14, 41. Mt 26, 42 / Mc 14, 29.

Mateus omite ou muda passagens que em Marcos são desfavoráveis àqueles cuja carreira subsequente os faz dignos de respeito. Mateus omite Mc 3,21, em que a família de Jesus pensa que ele está fora de si [...].

Demonstrando sensibilidade cristológica, Mateus mostra-se mais reverente acerca de Jesus e evita aquilo que possa limitá-lo ou fazê-lo parecer ingênuo ou supersticioso. Mt 8, 25-26 substitui a repreensiva pergunta dos discípulos a Jesus em Mc 4,38 e elimina as palavras que Jesus dirige ao vento e ao mar no versículo seguinte; Mt 9,22 suprime a implicação, em Mc 5,30-31, de que Jesus não sabia quem o tocara e os discípulos julgaram que ele fizera uma pergunta tola [...].

Mateus destaca o elemento miraculoso encontrado em Marcos. Mt 14, 21 aumenta os cinco mil de Marcos na multiplicação dos pães, acrescentando mulheres e crianças; Mt 14, 24 alonga a distância do barco dos discípulos em relação à costa na cena da caminhada sobre as águas; Mt 14, 35 insiste que Jesus curou todos os doentes; Mt 15, 28 mostra que a cura da filha da mulher cananea foi instantânea.

Por estas e outras razões, o relato de Mateus é sempre elogioso, seja quando fala da "igreja" aqui neste evangelho, fundada por Jesus, seja falando do próprio Jesus. Mateus se mostra como um mestre artesão ou, em seus próprios termos, um mordomo que estrutura seu evangelho de tal forma que liga o Antigo e o NT em conjunto, como a história de Israel e com a continuação da história de Israel nesta igreja recém-emergente e fundada nos apóstolos. Mateus vai fornecendo padrões ricamente sugestivos para o ensino na distinção das cinco temáticas que ele desenvolve. São elas:

- Sermão da Montanha: Mt 5-7;
- Missão de Israel: Mt 10;
- Parábolas do Reino: Mt 13;
- A vida na Igreja: Mt 18;
- Preparação para o julgamento: Mt 23-25.

Prestemos atenção nos detalhes dessa divisão em que Mateus apresenta seu Evangelho:

Nesta divisão, podemos observar uma intenção claramente teológica, buscando uma aproximação do Evangelho de Mateus com as tradições judaicas: São cinco partes (lembrando os cinco livros do Pentateuco ou da Torá).

Agora, se juntarmos os dois gêneros literários: narrativa e discurso, temos então 10 blocos literários lembrando o decálogo ou mesmo as dez etapas da história da Salvação: criação, patriarcas, libertação, tribos, monarquia, divisão do reino, exílio, pós-exílio, macabeus e Jesus Cristo. Por fim, se acrescentarmos a introdução e a conclusão, teremos então 12 partes, lembrando as 12 tribos de Israel ou, olhando para o NT, os 12 apóstolos que formam o novo povo de Deus (SCHLAEPFER, 2014, s.p.).

Outra razão a que o Evangelho de Mateus tem se mostrado tão útil para a igreja, principalmente no campo do ensino e da pregação, é seu sentido equilibrado de missão refletido na prática de Jesus que didaticamente veio entre nós, primeiro para perdoar e curar e, em seguida, para refazer e remodelar. Jesus, segundo a vontade do Pai, veio para lavar nossos pecados na cruz e, em seguida, para trabalhar em nós para purificar o núcleo do nosso ser, que segundo à sua imagem e semelhança, refletem o caráter de Deus em tudo que fazemos.

Há consenso de que o Evangelho de Mateus foi escrito para os judeus. Por que se chega a esse veredicto? Bom, o Evangelho aponta sempre para o cumprimento e realização do Antigo Testamento. Outro forte indicativo peculiar de Mateus que reforça os judeus como seus destinatários preferenciais é que não há explicação da cultura judaica como fazem João, Marcos. Confirma essa perspectiva a utilização da expressão "reino dos céus", exclusiva de Mateus. O que quer Mateus com essas características tão peculiares? Deixar claro para os judeus que Jesus é o messias anunciado no Antigo Testamento, esperado como salvador do seu povo.

4 ESTRUTURA TEMÁTICA DO EVANGELHO DE MATEUS

Vimos anteriormente a divisão dos principais temas abordados em Mateus. Vamos então esmiuçar um pouco melhor, sempre recorrendo às citações ali contidas.

O evangelho começa com um prólogo narrativo: a genealogia de Jesus começando com Abraão, o pai de Israel, povo escolhido por Deus, ou povo preferido de Deus. Nesta genealogia, descrita somente por Mateus e Lucas, Jesus é designado como "filho de Davi, filho de Abraão" (Mt 1, 1) (BÍBLIA, Mateus, 1, 1). O antepassado real, que viveu cerca de mil anos depois de Abraão, é nomeado primeiro, pois esta é a genealogia de Jesus Cristo, o Messias, o ungido real (Mt 1, 16). No primeiro dos episódios da narrativa da infância que seguem a genealogia, o mistério da pessoa de Jesus é declarado. Ele é concebido de uma virgem pelo poder do Espírito de Deus (Mt 1, 18-25). A primeira das citações do cumprimento do evangelho, cujo propósito é mostrar que ele era aquele a quem as profecias de Israel estavam apontando, ocorre aqui (Mt 1, 23): ele será chamado Emmanuel, porque nele Deus está conosco.

O anúncio do nascimento de Jesus como rei nascido entre os judeus causa temor entre as autoridades, representadas por Herodes e a cidade de Jerusalém. Não podemos esquecer o domínio do Império Romano nesse período.

FIGURA 8 – IMPÉRIO ROMANO



FONTE: Disponível em: <<http://www.bibliapage.com/mapa22.html>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

Neste contexto de rejeição, os magos gentios vão ao encontro desse rei e oferecem em sua homenagem o que julgam de mais precioso. Assim, sua rejeição final pela massa de seu próprio povo e sua aceitação pelas nações gentias estão registradas.

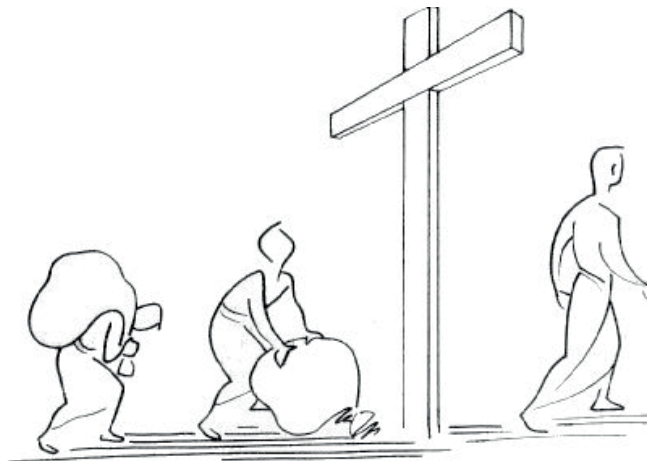
Seus pais, Maria e José, precisam levá-lo para o Egito para escapar da morte prometida por Herodes. Por sua permanência lá e seu retorno subsequente após a morte do rei, ele revive a experiência de Êxodo de Israel. Em Mt 2, 15, são as palavras do Senhor faladas por intermédio do profeta Oseias: "Do Egito chamei meu filho" (BÍBLIA, Mateus, 2, 15). Considerando Israel como filho de Deus, Jesus ultrapassa a dignidade daquela nação com seu nascimento, anunciado pela estrela no céu, pela sua missão e o desdobramento de sua paixão, morte e ressurreição triunfal.

O surgimento de Jesus assinalando uma mudança decisiva na história já é antecipado no relato da infância, em que seu nascimento é sinalizado por uma estrela nos céus. À moda de inclusão, esse motivo é retomado pelos acontecimentos tipicamente mateanos que acompanham tanto a morte de Jesus (terremoto, ressurgimento dos santos, aparição em Jerusalém) quanto a ressurreição (terremoto, anjo que desce para abrir o túmulo) nos ensinamentos morais de Mateus, algumas das mais difíceis exigências refletem uma moralidade escatológica. O sermão escatológico nos capítulos 24-25 é mais longo do que o paralelo em Marcos e conclui-se com a grande parábola do último julgamento das

ovelhas e dos bodes. O surgimento de Jesus, com o qual termina o evangelho, reproduz a visão de Daniel do triunfo final, e a prometida presença de Jesus até o fim dos tempos introduz-nos na vitória do Filho do Homem (BROWN, 2012, p. 319).

Do Egito para Israel, Mateus aponta que Jesus segue da Galileia para Nazaré, já que, mesmo com a morte de Herodes, sua vida ainda corre perigo, porque Arquelau, filho de Herodes, está agora governando a Judeia. Os sofrimentos de Jesus na narrativa da infância antecipam os da sua paixão e, se a sua vida é poupada apesar dos perigos, é porque o seu destino é a cruz, como cumprimento para salvar a todos do pecado. Concluindo, Mateus enfatiza o ponto em que o NT revela o cumprimento das promessas do AT. A revelação de Jesus confirma o que predisseram os profetas. É o olhar de Mateus para uma teologia divina acontecendo na história.

FIGURA 9 – JUGO SUAVE E FARDÃO LEVE



FONTE: Disponível em: <<http://www.irmaos.net/luzparavida/salvacao.html>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

LEITURA COMPLEMENTAR**OS GÊNEROS LITERÁRIOS DO NOVO TESTAMENTO****Gênero Literário do Evangelho**

O evangelho é considerado um gênero literário e não pode ser visto simplesmente como uma biografia histórica da vida de Jesus. Isso ficou evidente na conclusão do Evangelho de João: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam” (Jo 21,25).

Ele contém material biográfico sobre Cristo, que as comunidades transmitiam oralmente e depois os evangelistas escreveram. Na verdade, no evangelho encontramos a pregação de Jesus e a atividade da comunidade primitiva. No evangelho encontramos ainda: parábolas, narrativas de milagres, cânticos, provérbios, sentenças do Antigo Testamento encaixadas no texto, genealogias, histórias da infância de Jesus, narrativas etc.

Gênero Literário Epistolar

Este gênero literário encontramos em grande parte no NT. São ao todo 21 cartas, a maioria de Paulo, mas também de Pedro, Judas, João.

O uso de cartas para a comunicação entre as pessoas do Império Romano era muito comum e tornou-se depois útil dentro dos objetivos da evangelização. Era um meio muito prático e popular. A obra da evangelização não se omitiu deste meio. Em uma Epístola existe uma variante de temas, abordados em forma sistemática, na forma de uma circular dirigida a várias comunidades. Geralmente no final das cartas aparece a parte Parenética, ou exortações à comunidade, como um gênero próprio das cartas.

Gênero Literário Narrativo

O livro dos Atos dos Apóstolos, como o nome diz, narra a atividade dos apóstolos Pedro e Paulo nas primeiras comunidades.

Gênero Literário das Genealogias

Este gênero literário tem como característica um estilo típico e usa formas esquemáticas rígidas. Por exemplo, a genealogia de Jesus encontrada na abertura do evangelho de Mateus (Mt 1).

Gênero Literário Apocalíptico

Este gênero literário aparece no Antigo Testamento e encontramos no último livro da Bíblia – o Apocalipse e outros textos. No texto aparecem símbolos, imagens, visões e revelações. Este gênero apareceu nos momentos de grande perseguição contra os primeiros cristãos nos governos dos imperadores romanos, Nero e Domiciano. Eles ocultavam verdades para aqueles que não pertenciam às comunidades cristãs.

Gênero Literário dos Hinos e Cânticos

No Novo Testamento, o uso pelos autores, em especial Paulo, nas cartas, de textos de hinos e cânticos usados nas celebrações litúrgicas das comunidades, passa a fazer parte das cartas. Por exemplo, o hino a Cristo, encontrado em Fl 2, 6-11.

Sentenças encaixadas de textos do Antigo Testamento

Muito utilizadas no NT são as sentenças do Antigo Testamento, para explicar o texto descrito. São centenas destas sentenças utilizadas.

Concluindo

A riqueza dos gêneros literários encontrados na Bíblia não se esgota nestes apresentados acima, existem muitos outros, que, com estilos literários próprias, vão dando forma ao texto bíblico. Descobrir e conhecer esta riqueza que existe no texto sagrado é um fator muito importante que acrescentamos ao estudo das Sagradas Escrituras.

FONTE: Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=2759>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- O Evangelho de Marcos era uma interpretação (ou talvez tradução) da pregação de Pedro.
- Marcos não era um seguidor de Jesus, mas de Pedro, e que ele escreveu com precisão, mas não em ordem, e foi Justiniano, em meados do século II, que se referiu a Marcos como "as memórias de Pedro".
- Mateus foi escrito em um estilo hebraico. Alguns tomaram esse comentário para significar que Mateus foi originalmente escrito em hebraico ou aramaico e só secundariamente traduzido para o grego, uma teoria que persiste até hoje.
- O Evangelho de Mateus poderia ter sido escrito entre os anos 55 e 60. Com isso, podemos concluir que Mateus teve tempo para ter acesso ao Evangelho de Marcos, tendo concluído o Evangelho antes da destruição do templo no ano 70, porque pareceria estranho para o autor não mencionar esse evento à luz do capítulo 24.
- O anúncio do nascimento de Jesus, como rei nascido entre os judeus, causa temor entre as autoridades, representadas por Herodes e a cidade de Jerusalém.
- Os sofrimentos de Jesus na narrativa da infância antecipam os da sua paixão e, se a sua vida é poupada apesar dos perigos, é porque o seu destino é a cruz, como cumprimento para salvar a todos do pecado.
- Mateus enfatiza o ponto em que o NT revela o cumprimento das promessas do AT. A revelação de Jesus confirma o que predisseram os profetas. É o olhar de Mateus para uma teologia divina acontecendo na história.

AUTOATIVIDADE



- 1 Cite alguns dos gêneros literários presentes no Novo Testamento.
- 2 Mateus vai fornecendo padrões ricamente sugestivos para o ensino na distinção das temáticas que ele desenvolve. Identifique cinco dessas temáticas.
- 3 Quais fatores evidenciam que o Evangelho de Mateus teve, como destinatários, os judeus?



1 INTRODUÇÃO

O Evangelho de Marcos, como já vimos em tópicos anteriores, antecede o Evangelho de Mateus e se apresenta na forma de uma narrativa que por vezes desconsidera muitos detalhes de eventos, a fim de destacar seu objetivo principal: centra em torno de Jesus como o Filho de Deus que veio ao mundo sofrer na cruz para expiar os pecados de toda a humanidade. Marcos apresenta o plano de salvação através do ensinamento de Jesus, em vez de suas próprias declarações. Este plano de Jesus, em Marcos, é um plano suficiente, completo e seguro. Ele também apresenta um Jesus que tende a manter sua verdadeira identidade em segredo, que deve ser revelada através do contexto de seu profetismo e da sua paixão, morte e ressurreição. É um Jesus triunfante e ao mesmo tempo hostilizado pelos seus, como demonstra o quadro abaixo:

QUADRO 2 – PARADOXO DE JESUS

PARADOXO DE JESUS EM MARCOS	
JESUS TRIUNFANTE	JESUS HOSTILIZADO
Enviado por Deus.	Rejeitado pelos homens.
Filho de Deus reconhecido pelo Pai (1, 11), pelo demônio (1, 24).	Escândalo do povo (5, 40).
De condição divina.	Caminho de humildade e sofrimento.
Poder de perdoar pecados.	Incompreensão dos próprios discípulos.
Faz milagres e exorcismos.	Hostilidade dos chefes judeus (2, 1-3).
Filho do Homem.	Humilhação da cruz.

FONTE: Adaptado de Tavares (2009, p. 62)

2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO

Este Evangelho teria sido escrito em grego, porém o chamado grego *koiné*, diríamos um grego mais popular, comum, que inclui muitas formas e expressões de palavras comumente usadas e originárias de outras línguas, incluindo o latim e o aramaico. Essa característica levou alguns estudiosos ao ponto de desconsiderarem a autoridade do Evangelho de Marcos, por causa de sua menor qualidade da língua grega.

Marcos, como fonte, é pioneiro no gênero literário conhecido como “evangelho”. Ele está subjacente aos outros dois evangelhos sinóticos como a forma mais antiga de evangelho. Se procurarmos a forma mais original da tradição de Jesus, deveremos olhar para o Evangelho de Marcos. A teoria das duas fontes traz à tona a tradição transmitida isoladamente ou pequenos grupos de unidades de tradição oral utilizadas pelo evangelista. Assim, ele teria combinado entre si pequenas coleções de diversas tradições e unidades dispersas da tradição, resultando disso tudo uma apresentação mais ou menos coerente.

Marcos não é um historiador, nem um mero compilador (transmissor de uma tradição) ou divulgador, e sim um autor que conscientemente reelaborou a tradição com algumas peculiaridades literárias de sua composição. Marcos é um narrador que conta o que chegou ao seu conhecimento (CUNHA, 2012, s.p.).

Para esclarecer melhor o que vem a ser o grego *koiné*, seguem abaixo detalhes de estudiosos linguistas.



AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS DA KOINÉ PARA O CLÁSSICO

Sobre este assunto, conferimos a Antônio Freire, S.J. em sua Gramática Grega:

“Todos os livros do NT (Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas e Apocalipse), à exceção do Evangelho de S. Mateus, foram redigidos primeiramente em grego. O grego bíblico, porém, difere em muitas particularidades do grego clássico. Com a expansão da civilização helênica pelo mundo oriental, a língua grega difundiu-se tão universalmente através dos povos conquistados, que veio a chamar-se *língua comum* ou *koiné* (dialeto). A *koiné* era um idioma eclético (vinda de várias fontes), proveniente da fusão dos vários dialetos. Predominava, contudo, o dialeto Ático. Os livros do NT foram escritos não na *koiné* erudita usada pelos escritores aticistas, como Plutarco e Luciano, mas na *koiné* popular, bastante diferente da primeira. Distingue-se no uso e seleção das palavras, S. Lucas e S. Paulo. As obras de maior perfeição estilística são a Epístola aos Hebreus e a Epístola de S. Tiago; as que mais se afastam da pureza de linguagem são o Evangelho de S. Marcos e as obras de S. João, sobretudo o Apocalipse”.

Poderíamos colocar aqui uma série de diferenças no uso correto e gramatical do grego popular e grego clássico. A construção das frases e o uso mais frequente de construções gramaticais. Penso que este aspecto poderia ser visto em outra oportunidade. A resposta colocada acima poderá fornecer elementos suficientes para a compreensão.

Outro linguista, B. P. Bittencourt, deixa importantes esclarecimentos resumindo a questão:

“Talvez o termo que abrange a área mais extensa na *Koiné* é a ‘simplificação’. Sentenças simples e curtas (note o estudante como é rebuscado e relativamente longo o prólogo de Lucas de tendência clássica) que suplantavam a complexidade da sintaxe clássica. A glória do Ático era a riqueza de conexões destinadas a expressar as mais delicadas nuances do pensamento nas relações das cláusulas. O mercador da praça de Alexandria ou o soldado romano estacionado na Síria não possuíam essa habilidade. É a diferença entre a especulação de Platão e a linguagem simples de um homem falando de um barco no mar da Galileia; e deste, falando do barco e do campo, passa-se a outro que se endereçava ao povo na praça do mercado das cidades grandes”.

FONTE: Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=4323>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Em decorrência da utilização desse “dialeto” é que a linguagem e o vocabulário do Evangelho de Marcos se tornam peculiares, mesmo sendo considerados menor do que os outros autores do NT. Além disso, Marcos se utiliza de várias formas de latim e aramaico na escrita, criando uma mistura de prosa que está mais intimamente associada à comunicação entre pessoas comuns, do que aquela entre estudiosos gregos. É justamente por essa característica de Marcos que muitos estudiosos concordam que os últimos 11 versículos Mc16, 9-20 foram adicionados a partir de outra fonte em uma data posterior. Este argumento é tão amplamente aceito, que a maioria das traduções da Bíblia anota essa posição de uma forma ou de outra. Sobre eles se questiona: a autoria do restante do evangelho e esta parte foram escritos pelo mesmo autor? É um apêndice inserido por outro redator? Quem sabe daqui a alguns anos teremos algumas respostas mais próximas da verdade.

É consenso entre os estudiosos apontar que o conteúdo e o contexto do evangelho de Marcos sofreram influência do ensino dos apóstolos, de modo especial com Pedro, onde se evidencia um laço teológico próximo entre o autor do livro de Marcos e o apóstolo Pedro. Podemos constatar essa afirmação em At 10, 36-43. A essa constatação podemos acrescentar o que já vimos em relação à linguagem e também ao período de escrita realizada antes de Mateus e Lucas, por volta do ano 65-70. Com esse cenário montado, podemos identificar os destinatários de Marcos.

Os elementos oriundos da linguagem e da datação ajudam a montar o perfil do destinatário do evangelho de Marcos. Há fortes indícios de ser uma comunidade de origem como sendo Roma. Os Pais da Igreja testificam sobre isso (Clemente de Alexandria, Jerônimo, Eusébio etc.) e ratificam-no numerosos latinistas.

É uma comunidade que está passando ou passou pela perseguição de Nero (ano 65) e pelos efeitos da revolta judaica (anos 66-70). Portanto, uma comunidade sacudida em sua própria fé e sobre a messianidade e o poder de Jesus. A comunidade é convidada a reinterpretar a própria vida à luz do evento Cristo. É uma comunidade que se organiza, não apenas para ajudar os que creem a reconhecer a Jesus, como também a anunciá-lo a quem não o conhece. Por isso é uma comunidade aberta à missão, como as numerosas referências ao querigma e à catequese deixam entrever (1, 21-28; 7, 24-30; 14, 9). Uma evangelização difundida por toda parte, de casa em casa (6, 6b-7.10) (CUNHA, 2012, s.p.).

Passagens do NT dão conta da relação próxima entre Marcos e Pedro. Essa situação também é confirmada pelos primeiros historiadores que se debruçaram a estudar os evangelhos. Tendo isso presente, fica aparentemente óbvio que a fonte utilizada na elaboração do Evangelho de Marcos é Pedro. Para reforçar essa condição, vamos descrever algumas passagens do Evangelho de Marcos para identificar a força de Pedro. Vamos lá, tenha sua Bíblia em mãos.

- Começamos com Mc 3, 16; 5, 37; 8, 29; 9, 5.
- Pedro quando entra em conflito com Jesus: Mc 8, 32-33.
- Pedro vem por primeiro quando são citados os apóstolos: Mc 3, 16; 5, 37; 9, 2; 13, 3.
- Pedro, em algumas circunstâncias, se manifesta como líder daqueles mais próximos de Jesus Mc 14, 33 e Mc 16, 7.

- Nem tudo são rosas quando a referência é Pedro no Evangelho de Marcos. Algumas passagens demonstram fraquezas dessa personagem, por exemplo, em Mc 14, 37; Mc 14, 66-72.

Outra relação que se estabelece com o Evangelho de Marcos por causa da estreita associação de Marcos com os possíveis autores das epístolas do NT é a teologia, por vezes seguindo em linhas paralelas umas com as outras. Podemos notar uma aproximação entre a cristologia teológica do Evangelho de Marcos com a Epístola aos Hebreus, particularmente à luz da dúvida quanto ao autor da epístola hebraica, situação essa que veremos mais adiante.

Quando buscamos informações fora do Evangelho de Marcos, no livro de Atos 12, 25, por exemplo, nos indica que Marcos teria tido influência da doutrina dos apóstolos justamente por ter viajado com eles.

Papias, historiador já citado anteriormente, juntamente com Eusébio, historiador do início do cristianismo, nos apresenta algumas informações a respeito de Marcos:

- Ele não era um seguidor de Jesus.
- Ele acompanhou o apóstolo Pedro e ouviu sua pregação.
- Marcos escreveu tudo o que lembrava das palavras e obras de Jesus proferidas por Pedro. Essas palavras e obras não seguem uma ordem cronológica, justificando a falta de ordem em alguns textos do Evangelho de Marcos.
- Ele era o "intérprete" de Pedro, provavelmente significando que ele explicou o ensinamento de Pedro a um público mais amplo ao escrevê-lo, em vez de traduzir os discursos aramaicos de Pedro em grego ou latim.

3 SINGULARIDADE DO AUTOR

Como já fizemos anteriormente, vamos destacar, caro acadêmico, as peculiaridades que tornam únicos os evangelistas e seu principal escrito, justamente para mostrar que, mesmo tratando de temas convergentes, essas pequenas características os tornam especiais.

FIGURA 10 – MARCOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.porciunculaniteroi.com.br/wp-content/uploads/2016/04/25.jpg>>. Acesso em: 9 fev. 2017.

Marcos nasceu onde hoje se localiza a Líbia, norte do continente africano, na cidade de Cirene, em Pentápolis, a parte ocidental da Líbia, a oeste da fronteira do Egito. Seus pais eram judeus e lhe deram o nome de João. Marcos é seu sobrenome.

- At 12, 12: "Ele se orientou e dirigiu-se para a casa de Maria, mãe de João, chamado Marcos, estava lá uma assaz numerosa assembleia a orar". A particularidade neste texto é que é a primeira vez que é mencionado e já como missionário, juntamente com Paulo e Barnabé. Marcos vai se encontrar outras vezes com Paulo e Pedro (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 12, 12).
- At 15, 37: E "Barnabé queria levar também com eles João, chamado Marcos".
- At 12, 25: "Quanto a Barnabé e Saulo, retiraram-se depois de se terem desincumbido do seu serviço em favor de Jerusalém, levavam consigo João, chamado Marcos".

João Marcos vai migrar para a Palestina ainda pequeno, levado por seus pais por causa de ataques bárbaros desferidos onde moravam. Com a perda do pai, Pedro torna-se como que um tutor para Marcos, como descreve 1 Pd: 5, 13: "a comunidade dos eleitos que está em Babilônia vos saúda, bem como Marcos, meu filho" (BÍBLIA, Primeira Epístola de São Pedro, 5, 13). Pedro cuidou de Marcos para que tivesse uma boa educação, dedicando-se aos estudos de direito e aos clássicos gregos.

As Tradições da Igreja atestam que Maria, a mãe de São Marcos, era uma das Marias, seguidoras de Jesus. Há indicativos de que Marcos estava presente na festa de Canã da Galileia, festa essa em que Marcos estava, como diríamos hoje, garçom. É nessa festa que Jesus Cristo transformou a água em vinho, seu primeiro milagre, como podemos conferir em Jo 2, 1-10. A Paixão de Jesus também foi testemunhada por Marcos.

A tradição indica o ano de 68 como o martírio de Marcos, quando pagãos de Serapis (o deus egípcio grego Serapion-Abbis) o amarraram à cauda de um cavalo e o arrastaram pelas ruas do distrito de Alexandria, local em que Marcos levou o Evangelho de Jesus. Por dois dias ele foi arrastado até que seu corpo foi rasgado em pedaços. No dia 8 de maio é celebrado seu martírio. Há relíquias de Marcos em Alexandria, no Cairo e em Veneza.

4 ESTRUTURA TEMÁTICA DE MARCOS

Enquanto o Evangelho de Mateus, que, como já vimos, se caracteriza por enfatizar Jesus como o Filho de Davi e Rei de Israel, o Evangelho de Lucas, que ainda veremos, vai enfatizar Jesus como completamente humano e preocupado com os excluídos da sociedade, e o de João aponta para o Jesus Filho de Deus, em tudo igual ao Pai. Marcos, por sua vez, vai apresentar as boas novas de Jesus em sua forma rápida, dinâmica e por vezes abreviada, bem ao contrário de Lucas, que contém longos e detalhados discursos históricos, ou o Evangelho de Mateus que contém longos sermões e relatos detalhados de muitos eventos. Marcos, nessa sua dinâmica peculiar, interliga três linhas de história que interagem com ciclos frequentes de conflito e resolução desses mesmos conflitos. Vejamos as três perspectivas históricas do Evangelho de Marcos:

- O ministério, paixão e ressurreição de Jesus, o Filho de Deus.
- Os líderes religiosos que, apesar de terem autoridade da comunidade judaica, exercem uma forma de autoridade falsa, baseada no orgulho que os leva a um conflito com o ministério e a mensagem de Jesus e, por isso, são apontados por Jesus como exemplo do fracasso da justiça.
- O chamado treinamento e discipulado dos 12 apóstolos.

A partir do século IV até o século XIX, o Evangelho de Marcos foi "largamente negligenciado pelos estudiosos, porque era comumente considerado como um resumo de Mateus. Mas no final do século XIX, a teoria de que Marcos era o primeiro Evangelho escrito ganhou aceitação generalizada.

Para "leigos" na discussão sinótica, um primeiro olhar superficial do Evangelho pode deixar uma impressão de que este evangelho é simplesmente uma cópia ou subconjunto dos outros evangelhos sinóticos. Sabemos que não é assim, pois Marcos tem uma estrutura sólida nas suas narrativas tão peculiares.

A forma do Evangelho de Marcos tem um ritmo acelerado, mostrando Jesus na prática, em ação: há um mínimo de discurso e um máximo de ação, o contrário do Evangelho de João, que veremos adiante, que destaca os discursos de Jesus em detrimento de sua prática. A história de Marcos coloca Jesus no centro de conflitos e o conflito é a força que impulsiona a história para frente. O principal conflito é entre Jesus e Israel, constituído pelas autoridades religiosas e pela multidão judaica.

LEITURA COMPLEMENTAR

A TEOLOGIA DO EVANGELHO DE MARCOS

Carlos Cunha

Desde o início do século XX, a teoria do “Segredo messiânico” colocava a leitura dos evangelhos, e particularmente a de Marcos, no terreno da teologia. A valorização da perspectiva teológica dos Sinóticos favorece o Evangelho de Marcos como uma fonte singular que transmite uma mensagem, retomando e trabalhando as tradições.

Marcos, como fonte, oferece instrumentos para o estudo sobre a vida e a mensagem de Jesus Cristo. Nele podemos estudar a maneira como apresenta Jesus, como concebe o Reino, a vida de discípulo, a missão cristã etc. Na elaboração de uma teologia do NT, vem a ser tão indispensável quanto Mateus e Lucas.

Mesmo apresentando desordens cronológicas e topográficas, Marcos supera um mero historicismo sobre a vida do Mestre. O seu enfoque consiste em refletir sobre a pertinência teológica da vida histórica de Jesus e seu ministério. O seu evangelho é uma prédica em que os atos e os ditos de Jesus compõem o tema fundamental para os seguidores do Filho do Homem.

O “evangelho”, como forma literária, criado por Marcos, permite o entrelaçamento de temas “biográficos” e querigmáticos com a pretensão de transmitir ao leitor a relevância do evento Cristo, e lembrar aos cristãos de que sua salvação depende desse ato realizado uma vez por todas por Jesus. Marcos vinculou inextricavelmente a fé cristã à realidade de acontecimentos históricos. A estruturação querigmática proposta por Marcos dá ao leitor a compreensão dos acontecimentos salvíficos e prepara-o para recitar esses eventos em sua própria evangelização.

Por isso, para uma devida apropriação do conteúdo marcano, a leitura do evangelho precisa ser global. O conjunto do texto mostra a convergência dos elementos que apontam para o reconhecimento de Jesus, proclamação do Reino e o convite a uma vida cristã. É preciso estar atento à correlação destes elementos. É a partir desses três eixos: reconhecimento de Jesus como Filho de Deus; proclamação do Reino de Deus; e o convite a uma vida de seguimento a Jesus, que a teologia de Marcos emerge com relevância para a contemporaneidade. Vejamos:

JESUS CRISTO, O FILHO DE DEUS

O evangelho de Marcos proclama que Jesus é a revelação definitiva de Deus. É a epifania de Deus no homem Jesus. Em seu Filho eterno, Deus se integra na história da humanidade. Os vários títulos dados a Jesus mostram, sem a pretensão de esgotar, indícios da sua natureza e missão: Jesus Cristo, Filho de Deus (1, 1), Filho amado (1, 11), Santo de Deus (1, 24), Filho de Deus (3, 11), Jesus, filho do Deus altíssimo (5, 7), Cristo (8, 29), Filho amado (9, 7), o Messias, o Filho do Deus Bendito (14, 61), Filho

do Homem (14, 62), Filho de Deus (15, 39). O singelo mestre chegado da Galileia (1, 9) é o Cristo, o Messias a quem desde séculos antigos esperava o povo de Israel (8, 29; 9, 41; 14, 61-62). O evangelista anuncia a presença de Jesus no mundo como o sinal imediato da vinda do Reino de Deus (1, 14-15; 4, 1-34).

Marcos faz questão de deixar transparecer também a identificação de Jesus com as vicissitudes humanas. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, é também o Filho do Homem. Ele participa dos sentimentos humanos e é sujeito ao sofrimento e à morte (8, 31). O Jesus de Marcos atinge o leitor pelo realismo de sua vida humana. Ele provoca no ouvinte-leitor uma reflexão ativa.

Não é sem motivos que Marcos dá destaque aos discípulos como “privilegiados e perplexos” (*Guelich*). Privilegiados por pertencerem ao Reino de Deus e perplexos por apresentarem reversos diante do sofrimento. Os seus discípulos, principalmente os Doze, aparecem com destaque em Marcos e servem como exemplo para os destinatários de Marcos. No entanto, os Doze não são modelos a serem imitados: o seu fracasso evidente é especialmente proeminente em Marcos. O evangelista não oculta esta informação. Marcos descreve os discípulos como duros de coração (6, 52), espiritualmente fracos (14, 32-42) e incrivelmente obtusos (8, 14-21).

O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

Marcos dá atenção especial ao “Reino de Deus” (*Basileia tou theou*). No Evangelho de Marcos, a expressão grega designa a realeza, a dignidade real, e pode tanto qualificar a grandeza que é um reino, quanto o poder exercido ativamente. Conviria escolher em cada contexto o sentido mais possível.

Marcos cria correlações entre o Reino de Deus, o seu evangelho e o ministério de Jesus Cristo. O tema surge como elemento-chave para clarear as relações com:

O Evangelho: Reino de Deus e Evangelho estão ligados na estrutura do texto proposto por Marcos. O Reino traz nova dimensão à existência humana: desvenda uma nova vida, premente para hoje e para o futuro. Atua na história, enquanto a lei de iminência não permite especular sobre a data de seu estabelecimento definitivo (9, 1; 13, 30-32).

Jesus Cristo: a pregação de Jesus segundo Marcos centraliza-se na iminência do Reino. Aos discípulos revela o segredo deste Reino (4, 11); nele só se entra ouvindo a revelação do Filho do Homem (9; 10); por fim, é a visão do Filho do Homem que é esperada (13). Jesus conduz ao Reino, o Reino conduz a Jesus.

SEGUIR A JESUS

“Evangelho” em Marcos é a Boa-Nova da salvação trazida por Cristo e pregada pelos apóstolos. Portanto, o termo pertence ao vocabulário da missão cristã. Utilizado três vezes no prólogo e introdução, ele orienta a leitura do livro (1, 1-14-15). Está intrinsecamente ligado a Jesus, que dele é o objeto, mas também o sujeito ativamente presente em sua pregação. O seguimento a Jesus se faz na proclamação do Evangelho de Deus, isto é, a plenitude dos tempos e a iminência do Reino de

Deus, e provocar, assim, a conversão e a fé. Marcos remonta ao princípio da pregação do evangelho ou ao princípio que a fundamenta.

O termo “evangelho”, que Marcos introduz sem explicação, como algo conhecido de seus leitores, traduz bem sua preocupação missionária. Permite unir e integrar diferentes elementos constitutivos no seu texto: ministério histórico de Jesus, presença do Ressuscitado entre os seus, missão da Igreja.

Marcos explora muito o itinerário de Jesus. A vida de andarilho revela a vocação missionária, desprotegida, desapegada, livre para consagrar-se ao anúncio do Reino. A transformação de vida que Jesus exige ao proclamar a Boa-Nova do Reino concretiza-se numa vida de fé. O plural “crede” interpela uma comunidade de crentes. O texto indica que o caminho da fé lhe é difícil.

Ao dizer “convertei-vos e crede no evangelho” (1, 15), Marcos elabora uma mensagem de conforto e incentivo dirigida a uma comunidade que vive um período de crise. Tal mensagem de ânimo esbarra nas limitações dos discípulos que respondem com a prece do pai do menino endemoninhado: “Eu creio! Mas ajuda a minha incredulidade!” (9, 24). Viver na fé é seguir Jesus por áridos caminhos. Itinerário obscuro que, paradoxalmente, ilumina as dimensões profundas do relacionamento que o evangelho instaura entre o crente e Jesus, Filho de Deus.

FONTE: Disponível em: <<https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/10/teologia-do-evangelho-de-marcos/>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você viu que:

- O Evangelho de Marcos antecede o Evangelho de Mateus e se apresenta na forma de uma narrativa que por vezes desconsidera muitos detalhes de eventos, a fim de destacar seu objetivo principal: centra em torno de Jesus como o Filho de Deus que veio ao mundo sofrer na cruz para expiar os pecados de toda a humanidade.
- Marcos apresenta o plano de salvação através do ensinamento de Jesus, em vez de suas próprias declarações. Este plano de Jesus, em Marcos, é um plano suficiente, completo e seguro.
- Marcos apresenta um Jesus que tende a manter sua verdadeira identidade em segredo, que deve ser revelada através do contexto de seu profetismo e da sua paixão, morte e ressurreição.
- A forma do Evangelho de Marcos tem um ritmo acelerado, mostrando Jesus na prática, em ação: há um mínimo de discurso e um máximo de ação, o contrário do Evangelho de João, que destaca os discursos de Jesus em detrimento de sua prática.
- A história de Marcos coloca Jesus no centro de conflitos e o conflito é a força que impulsiona a história para a frente. O principal conflito é entre Jesus e Israel, constituído pelas autoridades religiosas e pela multidão judaica.
- João Marcos vai migrar para a Palestina ainda pequeno, levado por seus pais por causa de ataques bárbaros desferidos onde moravam.
- Com a perda do pai, Pedro torna-se como que um tutor para Marcos e vai cuidar dele como se fosse um filho para que tivesse uma boa educação, dedicando-se aos estudos de direito e os clássicos gregos.
- As Tradições da Igreja atestam que Maria, a mãe de São Marcos, era uma das Marias, seguidoras de Jesus. Há indicativos de que Marcos estava presente na festa de Canã da Galileia.

AUTOATIVIDADE



- 1 Os pais de Marcos eram judeus e lhe deram o nome João. Marcos é seu sobrenome. Apresente algumas passagens de Atos dos Apóstolos que confirmam o nome deste evangelista.
- 2 Identifique as três perspectivas históricas do Evangelho de Marcos.



LUCAS E ATOS DOS APÓSTOLOS

1 INTRODUÇÃO

Você, acadêmico, deve se perguntar se o Evangelho de Lucas e o Livro dos Atos têm a mesma autoria, já que no prólogo assim está escrito: (At 1, 1-2): “Eu consagrei meu primeiro livro, ó Teófilo, a tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o começo, até o dia em que, após ter dado o Espírito Santo as suas instruções aos apóstolos que escolhera, foi arrebatado” (BÍBLIA, 1994, p. 2102). O destinatário é o mesmo citado no Evangelho de Lucas – Teófilo.

Como podemos identificar que a autoria é a mesma? Que critérios podemos utilizar para afirmar isso indo além do que o próprio livro nos afirma? Não é uma novidade para esta situação, mas podemos detectar os extensos acordos linguísticos e teológicos e também as referências cruzadas entre o Evangelho de Lucas e os Atos. O Papiro Bodmer XIV registra cerca do ano 200 o Evangelho segundo Lucas. Que papiro é esse?

Os Papiros Bodmer XIV-XV passaram a ser patrimônio da Santa Sé em janeiro de 2007. Os papiros (datados entre 175 e 225) foram doados ao Papa pelo norte-americano Frank J. Hanna e a sua família. O documento contém cerca da metade dos Evangelhos de Lucas e de João. Foi escrito no Egito e, provavelmente, utilizado como livro litúrgico. Os Papiros Bodmer (P75) contém um total de 144 páginas e constituem o manuscrito mais antigo que mantém os textos de dois Evangelhos unidos. O fato de os Evangelhos de Lucas e João estarem unidos num mesmo papiro, como acontece neste caso, é visto pelos especialistas como uma demonstração de que, para as primeiras comunidades cristãs, os Evangelhos formavam uma unidade. O documento coincide com o “Codex Vaticanus”, uma das edições mais antigas da Bíblia, do século IV. Os Papiros Bodmer XIV-XV demonstram, portanto, que as versões mais antigas do NT correspondem aos Evangelhos que, séculos antes, circulavam entre as comunidades cristãs (CARMO, 2008, s.p.).

Essas primeiras cópias, assim como as primeiras cópias de Atos, datam depois que o Evangelho foi separado de Atos. Já os Codex Sinaiticus e Codex Vaticanus são códices do século IV da Bíblia grega, que são os manuscritos mais antigos que contêm textos do Evangelho de Lucas.

FIGURA 11 – PAPIROS BODMER NO VATICANO



FONTE: Disponível em: <<http://www.conocereisdeverdad.org/website/index.php?id=4427>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

2 EVANGELHO DE LUCAS

O Evangelho de Lucas faz parte do grupo dos sinóticos e é o terceiro e mais longo dos quatro Evangelhos canônicos do NT. Este evangelho narra preferencialmente a vida de Jesus, com particular interesse em relação ao seu nascimento, ministério, morte e ressurreição, e termina com um relato da ascensão. O autor deste evangelho demonstra uma preocupação marcante com a ética social, com os pobres, com as mulheres e também com outros grupos oprimidos.

2.1 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO

Em uma margem de erro de cinco a 10 anos, a composição para este livro é apontado o ano de 85, obra essa realizada por Lucas primeiramente, aquele que foi companheiro de Paulo em algumas viagens, mas também se aponta para um sírio de Antioquia como provável autor.

O que identifica a unidade, ou continuidade entre o Evangelho de Lucas e Atos, pode ser apontado para a utilização de “nós”. Temos algumas passagens com esse exemplo:

- Lc 16, 10-17.
- Lc 20, 5-15.
- Lc 21, 1-18.
- At 16, 10-17.



Bíblia.

Não esqueça, acadêmico, que ao estudar esse livro didático, tenha ao lado a sua

Outros argumentos vão aparecendo sobre a autoria do Evangelho e de Atos, mas não há consenso. O vocabulário de Lucas, por ser médico, provoca algumas dissonâncias entre os dois livros.

Outra problematização é levantada quanto à datação para o Evangelho de Lucas e de Atos. O que sabemos é que Atos não narra o martírio de Paulo.

Quando atentamos para o texto do livro, temos algumas características para identificar um autor: instruído, que fala grego, que conhece as escrituras nessa mesma língua, que testemunhou o grande evento – Jesus, que se utilizou de Marcos e da fonte Q para compor este livro.

Lucas é o mais grego dos autores do NT. Maneja com certa elegância a língua comum falada então; preocupa-se em ser compreendido pelos ouvintes pouco afeitos às tradições judaicas; o leitor ocidental moderno sente-se logo à vontade em sua companhia. A delicadeza de Lucas foi sempre realçada. Poetas como Dante apresentaram-no como o evangelista da “mansuetude de Cristo”; pintores, como Rembrandt, nele encontraram fecunda fonte de inspiração. Relatos como o do filho pródigo ou dos discípulos de Emaús ficaram bem retidos na memória dos cristãos, e todos os movimentos do despertar religioso ao longo dos tempos, a começar pelas ordens religiosas, procuraram um modelo na descrição da primeira comunidade em Jerusalém (AUNEAU et al., 1985, p. 203.)

O Evangelho de Lucas provavelmente foi o último Evangelho dos Sinóticos a ser escrito. Já que o Evangelho precede Atos, se soubermos a data da escrita de Atos podemos determinar uma data para o Evangelho. O final que encontramos em Atos pode nos indicar o caminho para determinar uma data. Lucas encerra Atos com Paulo estando em Roma e esperando para apresentar seu caso diante do imperador romano. A melhor explicação para isso é que Atos estava terminado antes que o resultado do processo de Paulo fosse conhecido. Isso colocaria os Atos no início dos anos 60, com o Evangelho de Lucas sendo escrito no final dos anos 50 ou início dos anos 70.

Outros fatores que suportam uma data precoce são a incerteza de onde o cristianismo se encaixa entre as religiões do Império Romano. Como assim? O Evangelho e Atos não mencionam a destruição de Jerusalém e a incerteza das relações entre judeus e gentios no mesmo nível que nas epístolas de Paulo.

2.2 SINGULARIDADE

Entre os sinóticos, o Evangelho de Lucas é o único que apresenta uma sequência – Atos dos Apóstolos. Lucas também se destaca já no prólogo quando se utiliza de um exórdio, que é um dispositivo literário utilizado por outros escritores gregos, como Flavio Josefo, e com esse autor há uma aproximação na estrutura do texto.

Há seções em Atos que indicariam que o autor de Atos acompanhou Paulo em momentos distintos. Por isso Lucas é o único que se encaixaria neste molde de acordo com as epístolas de Paulo. O nome Lucas é mencionado apenas três vezes no NT:

- Col 4, 14: saúda-vos Lucas, o médico nosso amigo e Demas.
- 2 Tm 4,11: Só Lucas está comigo.
- Fl 1,24: como também Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus colaboradores.

A partir destas três ocorrências, é evidente que Lucas era um médico e companheiro de Paulo. É mais do que provável que Lucas fosse um gentio, mas ele não era necessariamente um grego. Parece também que Lucas tinha algum grau de associação com o judaísmo por causa do seu conhecimento da Septuaginta (LXX) – a tradução grega do Antigo Testamento. Lucas não só compôs o Evangelho mais longo, mas também escreveu mais do que qualquer outro escritor do NT. Lucas segue uma linha histórica, relatando o período apostólico, e essa situação suplanta para muitos historiadores sua dimensão teológica. Podemos verificar, então, que o autor desenvolve muitos temas em seu Evangelho que reforçam e destacam a teologia lucana.

Um dos grandes temas é a História da Redenção, pela qual ele vê o mundo em três grandes períodos de tempo:

- 1) O tempo da "Lei e os Profetas" estava em vigor até João Batista (16, 16a).
- 2) O tempo de Jesus, quando "o evangelho do reino de Deus foi pregado" (16, 16b).
- 3) O tempo da ascensão de Cristo e do seu retorno. Este é o período da igreja.

Outro tema que aparece com força no Evangelho de Lucas é o da salvação. Salvação essa vinculada à libertação, exclusividade lucana.

Já vimos que Lucas tem um estilo próprio – lucano – retratado em um sofisticado grego, melhor do que qualquer outro autor do NT. Por outro lado, há partes do Evangelho de Lucas onde ele decide seguir alguns dos hebraísmos de Marcos e da Septuaginta.

2.3 ESTRUTURA

A estrutura do Evangelho de Lucas, de forma resumida, começa com o exórdio, seguido pelos nascimentos de João Batista e Jesus. Lucas então cobre o ministério de João e a preparação do ministério de Jesus. Ele dá conta do ministério galileu de Jesus e sua jornada para Jerusalém. O tempo de Jesus em Jerusalém pode ser dividido em seu ministério, a paixão e sua ressurreição e ascensão. Bom, vamos detalhar um pouquinho mais.

Lucas também relata, assim como Mateus, a genealogia e o nascimento virginal de Jesus. Podemos encontrar algumas diferenças de Mateus quando Lucas introduz a história de nascimento de João Batista, o censo e a viagem a Belém, o nascimento em uma manjedoura, e anunciação pelos anjos para pastores e uma breve história da infância de Jesus.

Lucas também dá ênfase aos milagres de Jesus. Podemos contar 20, quatro dos quais são únicos no Evangelho de Lucas. Também as parábolas no Evangelho de Lucas somam mais de 12, e apontam para situações éticas e morais.

Outra figura de destaque em Lucas são as mulheres, situação essa com mais destaque em relação aos outros evangelhos. Em Lucas, as mulheres aparecem em destaque como fiéis seguidoras de Jesus, que, convenhamos, para aquele tempo, era uma atitude de muita coragem.

Quando Lucas narra a Paixão de Jesus, vemos Jesus rezando para que Deus perdoe aqueles que o crucificam. Já nos relatos das aparições após a morte de Jesus, é Lucas quem conta a história de dois discípulos no caminho de Emaús.

FIGURA 12 – DISCÍPULOS DE EMAÚS



FONTE: Disponível em: <<https://pequenomonge.files.wordpress.com/2014/05/zz-dicipulos-de-emaus.jpg>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

A missão de Jesus dada aos 11 discípulos, de levar sua mensagem a todas as nações, afirma o cristianismo como uma religião universal. O relato da ascensão de Jesus no final de Lucas, aparentemente, é uma adição posterior à redação original.

3 ATOS DOS APÓSTOLOS

Para melhor entendermos a teologia desse livro, não podemos enxergá-lo apenas como documento histórico, a partir das histórias, fatos, atos aqui descritos. Encontramos nesse livro o passado, a narração do presente e também o crescimento evidente das comunidades, do cristianismo, das igrejas, através principalmente do trabalho missionário. Junta-se neste livro a perspectiva histórica com a perspectiva da fé. É a manifestação explícita do autor, que não tem apenas conhecimento histórico, mas também muita fé.

3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO E FONTE

Adotamos essa metodologia de colocar Atos com o Evangelho de Lucas, justamente porque se percebe nitidamente uma sequência principalmente no estilo, no pensamento, data da composição. Podemos então iniciar esse ponto identificando o nome atribuído a esse livro – Atos, nome que não foi dado pelo autor,

mas por escritores eclesiásticos posteriores, cognominaram-no “Atos” (no sentido de feitos), comparando-o, assim, implicitamente, aos escritos helenistas de mesmo nome, que descreviam a carreira e as conquistas de homens famosos. O qualificativo “dos Apóstolos” não é exato, pois há apenas duas figuras proeminentes: Pedro (que é um dos 12 apóstolos, e aparecem primeiramente com João) sobressai-se em nove ou dez capítulos e Paulo (que é chamado de apóstolo apenas duas vezes e aparece primeiramente com Barnabé) predomina em 17 capítulos. De quando em vez, portanto, os estudiosos preferem a denominação: Atos de Pedro e de Paulo (BROWN, 2012, p. 393).

Quem é o autor desse livro? Há um consenso que aponta para um autor gentio grego educado escrevendo para uma comunidade de cristãos gentios. Há também evidências substanciais para indicar que o autor do Livro de Atos também escreveu o Evangelho de Lucas, como vimos anteriormente. O que torna mais evidente essa autoria está nos prefácios de cada livro, ambos dirigidos a Teófilo. Sem contar que o prefácio de Atos refere-se explicitamente a “meu livro anterior” sobre a vida de Jesus – Evangelho de Lucas.

FIGURA 13 – PAPIRO P45



FONTE: Disponível em: <<http://www.katapi.org.uk/BibleMSS/P45.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Este papiro faz parte da coleção de Hester Beatty. Ele contém porções de duas folhas de Mateus, Marcos, Lucas, João e Atos.

O autor de Atos provavelmente se baseou em fontes escritas, bem como tradição oral, na construção de seu relato da igreja primitiva e do ministério de Paulo, por óbvio, figura de destaque em Atos. Evidência disto é encontrada no prólogo ao Evangelho de Lucas, onde o autor aludiu às suas fontes escrevendo: Lc 1, 1-4 – “visto que muitos empreenderam compor uma narração dos acontecimentos realizados entre nós, segundo o que nos transmitiram aqueles que foram desde o começo testemunhas oculares e se tornaram servidores da palavra, pareceu-me bom, também a mim, depois de me ter cuidadosamente informado de tudo a partir das origens, escrever para ti uma narração ordenada, excelentíssimo Teófilo, a fim de que possas verificar a solidez dos ensinamentos que recebeste” (BÍBLIA, Lucas, 1, 1-4).

3.2 TEMAS CENTRAIS DE ATOS

Atos dos Apóstolos deixa claro que os ensinamentos de Jesus eram para toda a humanidade e não exclusividade de algum grupo, tirando a ideia de que possa haver um povo especial, seja judeu ou gentio. Um dos temas principais desse livro é apresentar o cristianismo como uma religião que anda com seus próprios pés, que vai além de ser representada como uma seita do judaísmo.

Esse “andar com seus próprios pés” é levado à excelência por Paulo em suas viagens. Veja abaixo, nos mapas, a primeira e a quarta viagem de Paulo. A segunda e a terceira veremos mais adiante.

FIGURA 14 – PRIMEIRA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<https://afeexplicada.wordpress.com/2015/09/03/as-viagens-missionarias-de-sao-paulo-e-sua-equipe/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

FIGURA 15 – QUARTA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <http://www.snpcultura.org/id_sao_paulo_mapa_viagens.html>. Acesso em: 4 fev. 2017.

A primeira viagem de Paulo aconteceu por volta dos anos 46 a 48, e a quarta e última viagem, entre os anos de 59 a 62. É a viagem que conduz Paulo a Roma e à sua morte.

Outra temática forte em Atos é dar destaque ao movimento do Espírito Santo, primeiramente entre os judeus de Jerusalém nos primeiros capítulos, depois aos gentios e judeus nos capítulos intermediários e, finalmente, aos gentios, principalmente no final. Vamos destacar algumas passagens que evidenciam essa importância ao Espírito Santo em praticamente todo o livro de Atos. De modo especial, podemos lembrar do batismo no Espírito Santo; e do Espírito Santo como guia nas decisões e ações dos líderes cristãos.

Com esse destaque ao Espírito Santo, em Atos a oração também tem forte presença, mais até que em alguns dos Evangelhos que vimos anteriormente. E, é claro, não podemos deixar de lembrar dos discursos marcantes de Pedro e de Paulo. Alguns desses discursos vão evidenciar a preocupação com os oprimidos, assim como fez no Evangelho do mesmo autor. Não custa lembrar que só Lucas relata a parábola do Bom Samaritano. Aqui em Atos é dada atenção ao sofrimento dos primeiros cristãos, como no caso do martírio de Estevão, das prisões de Pedro e dos muitos sofrimentos de Paulo por sua pregação do cristianismo.

LEITURA COMPLEMENTAR

LIVROS APÓCRIFOS

A palavra Apócrifo vem do grego *Apokryphos* e significa oculto ou não autêntico. Mas este termo é usado, principalmente, para designar os documentos do início da era cristã, que abordam também a vida e os ensinamentos de Jesus, mas não foram incluídos na Bíblia Sagrada por serem considerados ilegítimos.

A origem dos Livros Apócrifos (também chamados de Livros Gnósticos; do grego *Gnosis*, que significa Conhecimento) nos remete ao ano 367 d.C. Por ordem do Bispo Atanásio de Alexandria, que seguia a resolução do Concílio de Niceia ocorrido em 325 d.C., foram destruídos inúmeros manuscritos dos primórdios do Cristianismo. Esses documentos eram supostamente fantasiosos e deturpavam as bases da doutrina católica que se estabelecia naquele momento. Porém, cientes da importância histórica destes papíros originais, os monges estabelecidos à margem do rio Nilo optaram por não os destruir. Ao contrário, guardaram os códices de papíros dentro de urnas de argila e as enterraram na base de um penhasco chamado Djebel El-Tarif. Ali ficaram esquecidos e protegidos por mais de 1.500 anos.

Em 1945, Mohammed Ali Es-Samman e seus irmãos, residentes na aldeia de El-Kasr, estavam brincando próximo ao penhasco, quando encontraram as urnas escondidas durante séculos. Pensando que se tratava de ouro, acabaram quebrando uma das urnas, mas só encontraram 13 códices com mais de mil páginas de papiro. Decepcionados, levaram para casa, e sua mãe chegou a usar alguns papíros para acender o fogo.

Em 1952, o museu Copta do Cairo recebeu os manuscritos para sua guarda. Faltavam algumas páginas e um códice fora vendido pela família de Mohammed para o Instituto Jung, de Zurique. Esses códices passaram a ser chamados Bíblia de Nag Hammadi, localidade onde foram encontrados os manuscritos. Antes desta descoberta, só se conheciam os textos gnósticos pelas citações de outros autores. Dos 53 textos encontrados, 40 eram totalmente desconhecidos da comunidade científica. Estes manuscritos foram redigidos em copta, antiga língua egípcia, que utilizava caracteres gregos.

Em 1947, dois pastores descobriram, em uma gruta próxima ao Mar Morto, fragmentos e rolos escritos em hebraico. Logo se percebeu a grandiosidade desta descoberta. Havia textos condizentes com a Bíblia e outros textos apócrifos. A partir de então, outras grutas foram sendo encontradas, contendo muito material em grande parte identificado como sendo do Antigo Testamento. Até este momento, todas as grutas encontradas continham material escrito em hebraico e aramaico. Porém, em 1955 foi descoberta uma gruta que continha papíros e jarros com escrita em grego. Comprovou-se que se tratavam dos mais antigos manuscritos já descobertos pelo homem, datados de tempos anteriores aos dias de Cristo.

Um dos rolos, o mais conservado, apresenta uma cópia do Livro de Isaías que, ao ser comparado com as cópias modernas, trouxe a certeza de que não houve, nesses dois milênios, nenhuma alteração de sua mensagem profética. Encontra-se também O Manuscrito de Lameque, conhecido como O Apócrifo de Gênesis, que apresenta um relato ampliado do Gênesis. Há ainda A Regra da Guerra, que narra a grande batalha final entre os filhos da luz e os filhos das trevas; sendo os descendentes das tribos de Levi, Judá e Benjamim retratados como os filhos da luz, e os Edomitas, Moabitas, Amonitas, Filisteus e Gregos, representados como os filhos das trevas.

Dois anos após a primeira descoberta, foram encontradas as ruínas do Mosteiro de Khirbet Qumran, uma propriedade dos essênios, onde provavelmente teriam sido confeccionadas as cópias das Sagradas Escrituras. Com certeza, pelo mesmo motivo que os monges de Nag Hammadi enterraram os códices dos Evangelhos Apócrifos, os essênios esconderam nas grutas de Qumran, no Mar Morto.

Como vimos, foi através dessas descobertas que atualmente temos acesso a esses livros apócrifos que deveriam, de acordo com a Igreja Católica, ter sido destruídos há muitos séculos. Não sabemos exatamente qual o critério usado pela Igreja para designar os livros que eram apócrifos ou canônicos (do grego *Kanón* – catálogo de Livros Sagrados admitidos pela Igreja Católica). Mas, provavelmente, era apenas uma conveniência daquela época. O mais interessante é que a própria Igreja Católica reconhece que muitos desses textos foram escritos por autores sagrados. E por que então não reconhecê-los como canônicos? E por que tais textos foram perseguidos e condenados durante séculos?

Atualmente, a Igreja Católica reconhece como parte da tradição os Evangelhos Apócrifos de Tiago, Matheus, O Livro sobre a Natividade de Maria, o Evangelho de Pedro e o Armênio e Árabe da Infância de Jesus. Mas a maioria dos livros não é reconhecida. Ao todo são 112 livros, 52 referentes ao Antigo Testamento e 60 em relação ao NT. Dentre eles estão Evangelhos (como o de Maria Madalena, Tomé e Filipe), Atos (como o de Pedro e Pilatos), Epístolas (como a de Pedro a Filipe e a Terceira Epístola aos Coríntios) e Apocalipses (como de Tiago, João e Pedro), Testamentos (como de Abraão, Isaac e Jacó). Além de A Filha de Pedro, Descida de Cristo aos Infernos etc.

Diante de tudo isso, é difícil compreender como é possível um livro considerado sagrado ser, além de escrito, formulado pelos homens conforme suas ideias retrógradas e conveniências políticas e sociais. É apenas mais um motivo para se contestar a antiga Igreja Católica, já tão bem conhecida pela sua "Autoridade Divina".

FONTE: Disponível em: <<http://www.spectrumgothic.com.br/ocultismo/livros/apocrifos.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você viu que:

- O Evangelho de Lucas provavelmente foi o último Evangelho dos Sinóticos a ser escrito. Já que o Evangelho precede Atos, se soubermos a data da escrita de Atos podemos determinar uma data para o Evangelho.
- O final que encontramos em Atos pode nos indicar o caminho para determinar uma data.
- Lucas encerra Atos com Paulo estando em Roma e esperando para apresentar seu caso diante do imperador romano. A melhor explicação para isso é que Atos estava terminado antes que o resultado do processo de Paulo fosse conhecido.
- O autor de Atos provavelmente se baseou em fontes escritas, bem como tradição oral, na construção de seu relato da igreja primitiva e do ministério de Paulo.
- O livro de Atos deixa claro que os ensinamentos de Jesus eram para toda a humanidade e não exclusividade de algum grupo, tirando a ideia de que possa haver um povo especial, seja judeu ou gentio.
- Um dos temas principais desse livro é apresentar o cristianismo como uma religião que anda com seus próprios pés, que vai além de ser representada como uma seita do judaísmo.
- O movimento do Espírito Santo ocorreu primeiramente entre os judeus de Jerusalém nos primeiros capítulos, depois aos gentios e judeus nos capítulos intermediários e, finalmente, aos gentios, principalmente no final.
- A importância do Espírito Santo e da oração, mais importante até que alguns dos Evangelhos.

AUTOATIVIDADE



- 1 Um dos grandes temas apresentados pelo Evangelho de Lucas é a História da Redenção, pela qual ele vê o mundo em três grandes períodos de tempo. Quais são esses três períodos?
- 2 Identifique três grandes temas apresentados no livro dos Atos.
- 3 Destaque a importância dos ensinamentos de Jesus presentes em Atos.



EVANGELHO E CARTAS DE JOÃO

1 INTRODUÇÃO

O Evangelho segundo João assume uma linha literária e rica em símbolos. E, é claro, não fazendo parte do grupo dos sinóticos, não apresenta as mesmas histórias dos anteriores, e por isso produz uma reflexão teológica mais desenvolvida. Já no prólogo o autor deixa em evidência os principais temas e linhas centrais do evangelho.

O autor tem um grande interesse em demonstrar a importância dos sinais, dos atos e seus significados, dando a sua interpretação por meio de várias reflexões, narrativas e discursos.

Quando temos uma visão geral do Evangelho de João, percebemos que há aí uma revelação do Filho de Deus progressiva, gloriosa, que revela o Pai e que volta ao Pai. Se precisássemos escolher um versículo como resumo de todo o evangelho, podemos recorrer: Jo 20, 30-31: "Jesus operou ante os olhos de seus discípulos muitos outros sinais que não estão consignados neste livro. Estes foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome" (BÍBLIA, João, 20, 30-31).

Chegamos no último Evangelho de quatro presentes no NT. Cabe aqui apresentar algumas características das comunidades no tempo em que os Evangelhos foram sendo compostos:

- "são comunidades notadamente rurais;
- é patriarcal, onde o pai é a autoridade máxima sobre todas as pessoas;
- o centro físico é o templo onde se oferecem sacrifícios, onde se recolhem o dízimo e as oferendas durante o ano;
- a mulher não tem participação na vida pública a não ser quando fica sujeita aos rigores das leis, incluindo aí a pena de morte, e na sinagoga ocupa um lugar separado dos homens;
- quando Jesus envia seu Espírito, as comunidades se tornam ainda mais receptivas à mensagem dos apóstolos, com muitas adesões e conversões;
- são lugares fortes para testemunhas importantes, como Flavio Josefo, nascido em 37, na cidade de Jerusalém, e pela sua observação e seu senso crítico fez relatos sobre Jesus e sobre a religião por ele iniciada. Morre no ano de 97;
- muitas comunidades vão surgir com a presença de um apóstolo;
- sofreram várias dominações de outros povos que no tempo de Jesus eram os

romanos, que exerciam domínio sobre as comunidades;

- as casas eram na maioria das vezes pequenas, de um só cômodo, não tinham janelas nem chaminé;
- muitas comunidades sofriam dominação com os grandes latifúndios, pertencentes aos reis e suas famílias, aos ricos comerciantes, e dificilmente se mudava esse quadro de posse das terras;
- existem também pequenos camponeses que cultivam olivais, vinhas, trigais e pastores de ovelhas, cabras;
- as pessoas que compõem essas comunidades podem advir das camadas mais humildes e também pessoas ricas e influentes, e por vezes são essas características sociais que vão determinar a sensibilidade para identificar a mensagem de Jesus” (TAVARES, 2009, p. 24).

2 TEORIAS PARA AUTORIA, FONTE E TEMPO DE COMPOSIÇÃO

O Evangelho de João segue a lógica dos outros evangelhos. Não podemos confirmar que a autoria esteja direcionada a somente uma pessoa. Quem é, ou quem são os autores desse Evangelho?

A hipótese de que um discípulo de João é responsável pela atual forma escrita do Evangelho não se baseia puramente na análise do texto. (...) O grego das cartas e do Evangelho são bastante parecidos, mas o grego do Apocalipse é muito diferente. Dionísio de Alexandria (pelo ano 250) achava que um e mesmo indivíduo não podia ser o autor do grego do Apocalipse e do quarto Evangelho. Enquanto as dificuldades não se resolvem (no fim das contas, o Apocalipse é uma forma literária inteiramente diferente), a exegese moderna está de acordo com Dionísio: o Evangelho de João está redigido em grego popular (koiné), mas correto; o Apocalipse se apresenta em língua grega rude, e às vezes incorreta, com forte sabor semítico. Pois bem; se João, o pescador da Galileia, é o autor do grego de uma dessas obras, então a escolha lógica seria o Apocalipse. E se um de seus discípulos foi uma espécie de redator e tradutor, então as partes onde a linguagem é mais bem cuidada são dele, certamente. Um dos prólogos latinos a João menciona um relato que ajudou a escrever o Evangelho; e um fragmento romano (chamado fragmento Muratori) dá a impressão de que houve certa revisão por parte do próprio João (BROWN, 1975, p. 7).

Podemos recorrer a Jo 21, adicionado após a conclusão do evangelho. Como se identifica isso? O grego, utilizado na redação desse trecho, difere do resto do livro.

O prólogo (Jo 1, 1-18) aparentemente contém um hino independente, posteriormente adaptado para servir como um prefácio ao evangelho. Dentro do próprio evangelho existem também algumas inconsistências, por exemplo, há duas terminações do discurso de Jesus no quarto superior (Jo 14, 31; 18, 1). Para resolver esses problemas, os estudiosos propuseram vários rearranjos que produziram uma ordem mais suave. No entanto, a maioria chegou à conclusão de que as inconsistências provavelmente foram produzidas pela edição subsequente

em que materiais homogêneos foram adicionados a um original mais curto.

Um fragmento de papiro (Rylands – p. 52) de João 18 data certamente de 150. Por isso João foi escrito antes dessa data. Sem dúvida passou-se um tempo até que o quarto Evangelho se espalhasse até o Egito (terra dos papiros). Daí concluímos que ele foi escrito antes de 125 d.C. Para ser mais exato, segundo nossa teoria de que a redação final do Evangelho se fez pouco depois da morte de João (no tempo de Trajano), chegamos por volta do ano 100 d.C., mas insistimos em que a tradição que constitui o fundo do Evangelho e que é do apóstolo João, foi pregada em todos os seus elementos essenciais muito antes dessa data (BROWN, 1975, p. 9).

O evangelho contém muitos detalhes sobre Jesus não encontrados nos evangelhos sinóticos, por exemplo:

- que Jesus se engajou em um ministério de batismo antes de mudar para um de pregação e sinais;
- que o ministério público de Jesus durou vários anos;
- que viajou para Jerusalém para várias festas e encontrou sérias oposições muito antes de sua morte;
- que ele foi morto no dia antes da Páscoa.

Esses eventos nem sempre estão em ordem cronológica, por causa do desenvolvimento e edição em que ocorreram. No entanto, a precisão de grande parte do detalhe do quarto evangelho constitui um forte argumento de que a tradição joanina repousa sobre o testemunho de uma testemunha ocular. Embora a tradição identificou essa pessoa como João, o filho de Zebedeu, a maioria dos estudiosos modernos acha que a evidência não suporta isso.

O autor deste evangelho parece se esforçar para mostrar que as mulheres não são inferiores aos homens na comunidade cristã: a mulher no poço em Samaria (Jo 4) é apresentada como um protótipo de um missionário (Jo 4, 4-42), e a primeira testemunha da ressurreição é uma mulher (Jo 20, 11-18) (BÍBLIA, João, 20, 11-18).

A edição final do evangelho e arranjo na sua forma atual provavelmente data de 90 a 100. Tradicionalmente, Éfeso foi favorecido como o local de composição, embora muitos apoiem um local na Síria, talvez a cidade de Antioquia, enquanto alguns têm sugerido outros lugares, incluindo Alexandria.

2.1 SINGULARIDADE DO AUTOR

O que podemos destacar que revele peculiaridades que imprimem um caráter distintivo ao Evangelho de João? Este Evangelho foi escrito em grego e essa condição apresenta um vocabulário menos rico em expressões ou chavões, como encontramos nos escritos de Paulo e de Lucas. João faz um uso gramatical de pronomes, preposições, verbos e se utiliza também de repetições para reforçar uma ideia. João tem um estilo literário que se destaca pela sua simplicidade, sem ser simplista, e tem naturalidade, combinando com harmonia aquele discurso pouco

refinado dos três primeiros evangelhos com a contemporaneidade de Paulo. Assim como o autor do Evangelho de Mateus se dirige preferencialmente aos judeus, aqui essa preferência revela uma estreita intimidade com o discurso helenístico do primeiro século de nossa era. Isso se mostra na divisão do Evangelho de João:

- Prólogo (1, 1-18): uma solene abertura, que anuncia as ideias mestras.
- I. Manifestação de Jesus ao mundo (1, 19-12, 50), como Messias, Filho de Deus, através de sinais, discursos e encontros. Distinguem-se aqui cinco grandes secções:
1. Primeiro ciclo da manifestação de Jesus: 1, 19-4, 54. Semana inaugural.
 2. Jesus revela a sua divindade: Ele é «o Filho», igual ao Pai: 5, 1-47.
 3. Jesus é «o Pão da Vida»: 6, 1-71.
 4. Jesus é «a luz do mundo»: grandes declarações messiânicas por ocasião das festas das Tendas e da Dedicção: 7, 1-10, 42.
 5. Jesus é «a vida» do mundo: 11, 1-12, 50.
- II. Revelação de Jesus aos seus (13, 1-21, 25): manifestação a todos como Messias e Filho de Deus através do “Grande Sinal”, por ocasião da sua Páscoa definitiva.
6. A Última Ceia: 13, 1-17, 26.
 7. Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus: 18, 1-20, 29.
- Epílogo (20, 30-21, 25): dupla conclusão. Aparição na Galileia (FRANCISCANOS CAPUCHINHOS, 2013, s. p.).

Brown (1975) vai nos ajudar a visualizar as peculiaridades do Evangelho de João para podermos diferenciá-lo dos Sinóticos. O autor utiliza oito recursos estilísticos para dar destaque à peculiaridade de João:

- Incompreensão: o interlocutor de Jesus não entende a metáfora e só compreende na sua significação verbal ou material. Consequência disso leva Jesus a explicar melhor seu pensamento e sua doutrina. Essa seria uma técnica literária artificial do autor ou da primitiva catequese cristã. Podemos entender essas metáforas como o equivalente joanino das parábolas nos sinóticos. Se nos sinóticos as parábolas não são compreendidas, em João, as metáforas é que não são.
Alguns exemplos: Jo 11, 11-12; 14, 5-8.
- Ironia: mesmo sem querer, através da ironia, inimigos de Jesus o atacam usando de afirmações depreciativas, de sarcasmo, incredulidade.
Exemplos: Jo 11, 48-50; 12, 1.
- Duplo sentido: Jesus, no uso de uma determinada palavra pode indicar vários significados baseado às vezes na língua hebraica, outra na grega. João convida o leitor a perceber o significado do contexto histórico na vida de Jesus. A análise e compreensão daqueles que escutavam Jesus e viam suas obras passa pelo crivo de sua própria mentalidade religiosa e de sua maneira de pensar. Somente a comunidade cristã entendia nas palavras e ações de Jesus um sentido mais profundo e verdadeiro. O templo que seria destruído e edificado em três dias – seu próprio corpo, é exemplo claro disso.
Exemplos: Jo 6, 35-50; 9, 7; 13, 1-17.
- Inclusão: João faz uso de inclusão, uma espécie de pormenor no fim de uma passagem, o mesmo pormenor usado no início da passagem com o objetivo de amarrar o início e o fim.
Exemplos: Jo 18, 14-16; 20, 28; 21, 13.
- Escatologia realizada: enquanto que nos sinóticos o fim dos tempos é marcado pelo juízo, pela volta de Cristo e pela nossa filiação divina, para João, a escatologia – doutrina sobre os fins últimos – já está realizada, já teve início.

Exemplos: Jo 5, 24-25; 12, 31-33; 17, 3.

- Diálogo passa a monólogo: Jesus fala a uma pessoa ou grupo. A conversa continua e os ouvintes vão saindo de cena. As palavras de Cristo se expandem para um tempo e espaço indeterminados, universais. Exemplos: Jo 3, 16; 10, 1-18; 14 a 17.

- Discursos em duplicata: discursos de Jesus que parecem dizer essencialmente o mesmo do que um discurso relatado anteriormente. Palavras de Jesus que podem ter duplo sentido em versões diferentes.

Exemplos: Jo 3, 31-36; 5, 26-30; 6, 51-59; 8, 13-18; 12, 44-50; 13, 1-30; 16, 4-33.

- Rearranjo quanto à ordem dos sinóticos: Acontecimentos que são apresentados como unidades nos sinóticos muitas vezes se encontram desmembrados e dispersos em João. Os sinóticos podem ter reunido aspectos isolados para constituir um quadro unificado. João teria distribuído partes de um todo em vários pontos do seu evangelho.

Existem também acontecimentos que formam uma unidade em João, mas estão separados nos sinóticos.

Exemplos: Jo 1, 38-49; 6, 51-59; 10, 24-25 (BROWN, 1975, p. 16-18).

As peculiaridades próprias de João podemos identificar a partir dos diferentes relatos que ele apresenta, principalmente, é óbvio, em relação à pessoa de Jesus. Começamos pela região onde Jesus desenvolve seu ministério. Enquanto que nos sinóticos na Galileia Jesus concentra suas atividades, no Evangelho de João muito pouco se fala do ministério na Galileia, sendo a maior parte das atividades de Jesus realizadas em Jerusalém, da Judeia.

Para os sinóticos, o ministério público de Jesus teria duração de aproximadamente um ano, enquanto que em João esse período vai de dois a três anos. Como podemos chegar a essa conclusão do Evangelho de João? Ele apresenta passagens que relatam a festa da Páscoa em três momentos distintos. Os relatos que seguem retratam o primeiro período.

- Jo 2, 13: a Páscoa dos judeus estava próxima e Jesus subiu a Jerusalém.
- Jo 2, 23: Enquanto Jesus permanecia em Jerusalém durante a Festa da Páscoa, muitos creram em seu nome à vista dos sinais que ele operava.

Os dois próximos relatos referem-se a um segundo período (ano) de Jesus:

- Temos em Jo 5, 1: depois disso e por ocasião de uma festa judaica, Jesus subiu a Jerusalém.
- Jo 6, 4: era pouco antes da Páscoa, que é a festa dos judeus.

A terceira fase encontramos em:

- Jo 11, 55: entretanto, a Páscoa dos Judeus estava próxima. Na véspera desta Páscoa, muita gente subiu de fora, para Jerusalém, a fim de se purificar.
- Jo 12, 1: seis dias antes da Páscoa, Jesus chegou a Betânia, onde se achava Lázaro, que ele ressuscitara dentre os mortos.
- Jo 13,1: antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que a sua hora tinha chegado, a hora de passar deste mundo para o Pai, ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.

- Jo 18, 28: entretanto, tinham levado Jesus da casa de Caifás à residência do governador. Era o despontar do dia. Os que o tinham trazido não entraram na residência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa.
- Jo 19, 4: como João começa a falar da morte de Jesus na metade do seu Evangelho, pode dar a impressão de as Páscoas referidas serem mais do que são.

Outra peculiaridade muito marcante de João é a atitude que ele relata das pessoas diante do ministério de Jesus. Se enquanto nos sinóticos diríamos que o ibope de Jesus é favorável já desde o início de sua vida pública, onde as pessoas recorrem a ele, se maravilham com seus ensinamentos e com suas ações até o momento em que ele clarifica seu objetivo e tudo pelo que ia passar – todo sofrimento e morte de cruz que o entusiasmo inicial traz vai se arrefecendo. Já em João, desde o início do ministério de Jesus há manifestação de repulsa às suas palavras e ações.

2.2 ESTRUTURA TEMÁTICA DO EVANGELHO DE JOÃO

João, por não fazer parte do grupo dos sinóticos, mesmo assim trata alguns temas que são presentes em Mateus, Marcos e Lucas, porém com seu olhar peculiar. Abaixo, podemos então constatar essa realidade.

FIGURA 16 – COMPARAÇÃO DE RELATOS ENTRE OS EVANGELHOS

LIVRO	ESCRITO PRINCIPALMENTE PARA	APRESENTA JESUS COMO	ÊNFASE ESPECIAL DO LIVRO	APELO ESPECIAL DE HOJE	PROPÓSITO FINAL	Levar as pessoas a conhecer o SALVADOR
MATEUS	JUDEUS	Rei	Jesus como o Messias; Seu ensino, Seu reino, Sua autoridade	Ao estudante da Bíblia	Salvador PROMETIDO	
MARCOS	ROMANOS	Servo	As atividades de Jesus, milagres para ajudar às pessoas	A pessoa comum, o homem de negócios	Salvador PODEROSO	
LUCAS	GREGOS	Filho do Homem	A humanidade perfeita de Jesus	Ao erudito, pensador, idealista, que procura a verdade	Salvador PERFEITO	
JOÃO	CRENTES	Filho de Deus	A divindade de Jesus	A todas as pessoas	Salvador PESSOAL	

FONTE: Disponível em: <<https://igrejaemcontagem.files.wordpress.com/2009/10/comparacao-dos-relatos-de-jesus.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Quanto à sua narrativa, João se concentra nos acontecimentos da Judeia e de Jerusalém. Diferente dos outros Evangelhos, João não se atém a detalhes dos acontecimentos e obras de Jesus, e coloca esses acontecimentos e obras como aperitivo ao material mais importante – os discursos de Jesus. Os milagres em João, por exemplo, são narrados minimamente. Veja os detalhes das Bodas de Canã.

FIGURA 17 – PRIMEIRO MILAGRE – BODAS DE CANÃ



FONTE: Disponível em: <<http://pspedrogpuava.blogspot.com.br/2013/01/bodas-de-cana.html>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

Os acontecimentos formam, por assim dizer, um quadro para as palavras, conversas e ensinamentos de Jesus e suas discussões e controvérsias com seus adversários. Claro que é nesse contexto que se revela a teologia de João. Como vimos nos outros autores, João também tem algumas expressões muito peculiares – “a Luz do Mundo”, a “Verdade”, “a Vida”, “a Ressurreição”.

A espinha dorsal do Evangelho de João é a Pessoa do Redentor, para o Verbo Divino que se volta para o seio do Pai, para a dignidade e a glória da Palavra Eterna; para o Deus que faz a sua morada entre os homens e que quer dar a esses homens a possibilidade de participar da plenitude de Sua graça e verdade. Como evidência da Divindade do Salvador, o autor narra algumas das grandes maravilhas pelas quais Cristo revelou Sua glória, mas ele está muito mais empenhado em nos levar a uma compreensão mais profunda da Divindade e majestade de Cristo pela consideração de suas palavras, discursos e ensinamentos.

Para alcançar seu objetivo, João selecionou principalmente aqueles discursos e colóquios de Jesus nos quais a sua autorrevelação enfatizava mais claramente seu ser na sua divina majestade. João quer como que reforçar os fiéis contra as tentações do falso aprendizado exercido pelos hereges da época. Para a narrativa dos evangelistas anteriores, a atitude de João foi a de alguém que procurou preencher a história das palavras e obras de Jesus, ao mesmo tempo em que procurava assegurar certos incidentes de má interpretação.

Não podemos esquecer o contexto em que foram se compondo os Evangelhos, a cultura, a religiosidade e vivência da fé, os diferentes grupos religiosos.

Quando os Evangelhos foram escritos, já haviam passado pelo menos 35 a 60 anos desde a morte e ressurreição de Jesus. O ambiente cultural em que os evangelhos foram escritos tem um universo conceitual e simbólico diferente do nosso, além de modos de expressão igualmente diferentes. Além disso, neles narra-se não apenas a realidade dos fatos e dos ditos do Jesus histórico; narra-se também e principalmente a vivência que as primeiras comunidades cristãs têm da vida de Jesus de Nazaré vista através da fé na sua ressurreição e com a luz do seu Espírito. Alguns desses primeiros cristãos vivem na tentação de misturar – contra a vontade de Jesus – sua fé nele e suas vivências de judeus fiéis e piedosos: relação com a lei, com o templo e com o culto. Correm o perigo de continuar vivendo em parte como os fariseus, os escribas, os saduceus, os sacerdotes etc., que Jesus enfrentou, desmascarou e desautorizou diante do povo. É uma das tentações que sempre assolam a comunidade dos seguidores de Jesus, a Igreja; com efeito, esses grupos, os mais religiosos do povo mais religioso, perseguiram, caluniaram e mataram Jesus (MORACHO, 1994, p. 8).

Seu Evangelho, assim, forma uma conclusão gloriosa da mensagem alegre da Palavra eternizada e concretizada na pessoa de Jesus.

3 AS CARTAS DE JOÃO

João foi apóstolo muito próximo de Jesus, como relatam os Evangelhos. Ele integra aquele grupo seleta, junto com Pedro e Tiago.

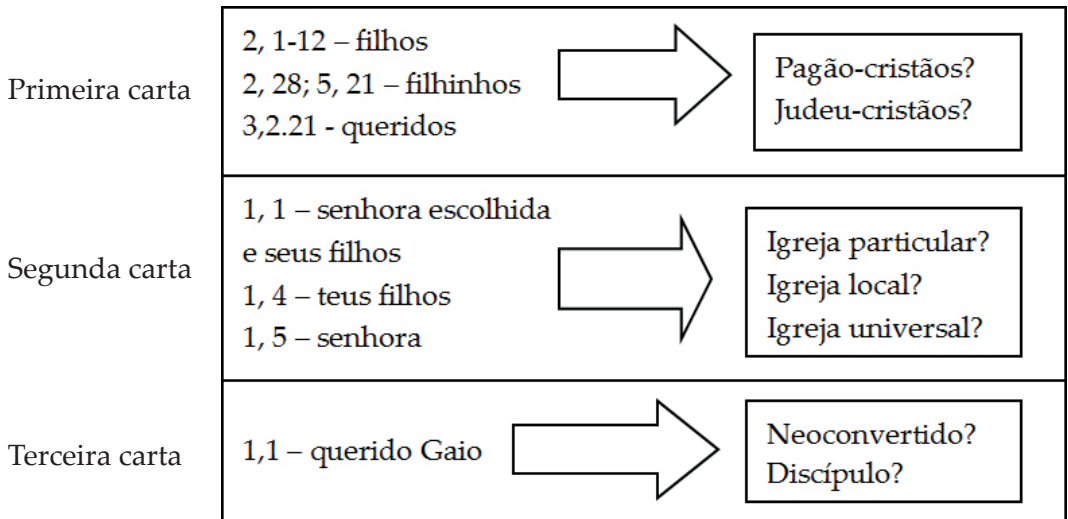
João é uma figura familiar na maioria das cenas com Jesus e os discípulos. João era o ‘discípulo que Jesus amava’. Acho que por isso sua imagem mostra certa fragilidade, muita mansidão, vulnerabilidade. Quando nos aprofundamos nos seus escritos, vamos mudando essa imagem de fragilidade para uma imagem de fortaleza, de exigência doutrinal, que mesmo utilizando-se de palavras simples nos seus escritos, há muitas certezas. Nada na escrita de João é vago, nada é ambíguo. Ele está firmemente empenhado em estabelecer a verdade absoluta na mente de seus leitores.

Podemos perceber que João nunca se identifica como autor em nenhuma de suas três cartas. À medida que você lê 1 Jo, 2 Jo e 3 Jo, você não encontra seu nome, e isso faz surgir a pergunta: como sabemos que ele as escreveu? E a resposta à pergunta pode ser dada de uma maneira compreensível. Qual seria essa maneira? Identificando os destinatários da carta. Quando vemos os destinatários, como veremos abaixo, percebemos entre esses destinatários o testemunho universal de uma igreja primitiva, que vai se fortalecendo como uma família que cresce e que se apoia, que vai comunicando essa boa nova aos outros, porque não cabe em si, porque quer partilhar e distribuir aos outros essa boa notícia. Vão passando de um amigo para o outro, de uma família adiante, de uma geração à outra. É muito

característico de João essa familiaridade explícita, esse autor que foi discípulo, a este apóstolo, irmão, amigo. E quando observamos que dos apóstolos, João foi o que mais tempo viveu, morrendo no ano ou por volta do ano 98 A.D., conseguimos identificar essa influência de João justamente por se sobrepôr às gerações que sucederam aos apóstolos. Por isso podemos atribuir essa universalidade para as três cartas de João, que chega até os pais da igreja, que é uma base sólida para acreditar em sua autoria. Há um escritor da igreja primitiva pelo nome de Papias na geração após João, que conheceu João pessoalmente e o chamou de "uma voz viva e permanente para Deus", como já vimos anteriormente.

João não está só nesta consideração fraternal, mas é unido por todos os outros cristãos que chegaram ao pleno conhecimento da verdade do Evangelho, da salvação em Cristo Jesus. Esta verdade encontrou uma morada duradoura em todos os cristãos verdadeiros e serve como o vínculo de comunhão e união entre eles, no tempo e na eternidade.

FIGURA 18 – CARTAS JOANINAS



FONTE: Tavares (2009, p. 47-48)

3.1 PRIMEIRA CARTA DE JOÃO

A tradição cristã identificou esta primeira carta como sendo de João, o apóstolo, por causa de sua semelhança com o quarto Evangelho em estilo, vocabulário e ideias. Ambos os trabalhos são o produto da mesma escola do cristianismo joanino. A terminologia e a presença ou ausência de certas ideias teológicas nesta primeira carta sugerem que ela foi escrita após o evangelho, por ter sido composta como um breve tratado sobre ideias que foram desenvolvidas mais plenamente no quarto Evangelho. Outro grupo de estudiosos defende que há evidências que sugerem que foi escrita após o quarto Evangelho como parte de um debate sobre a interpretação correta desse evangelho. Qualquer que seja sua relação com o evangelho, 1 Jo pode ser datada para o final do primeiro século. Ao contrário de 2 e 3 João, falta na forma a saudação e a conclusão epistolar de

uma carta. Essas características, seu prólogo e sua ênfase no ensino doutrinário a tornam mais semelhante a um tratado teológico do que a maioria das outras cartas do NT.

E a autoria? Podemos também incluir o evento da última ceia preparado por João e Pedro. Vamos então para os escritos joaninos. Temos no NT cinco livros com o mesmo autor: Evangelho de João, 1^a, 2^a e 3^a cartas de João e Apocalipse.

O peso de evidências externas pode favorecer a autoria joanina, pois existem possíveis alusões a 1 João nos escritos de Clemente de Roma, Inácio, e o pseudo-Clemente (na sua II Coríntios). Outras prováveis alusões podem ser encontradas no Didaquê, Barnabé, Hermas, Justino Mártir, A Epístola de Diogneto, Policarpo e Papias. Referências mais obscuras a 1 João em Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria, Orígenes, Dionísio, e o Canon Muratoriano.

Evidências internas também apoiam a tese tradicional. Geralmente são listados três tipos delas, que são: 1) a familiaridade do autor com a pessoa de Cristo. Ele afirma que é testemunha ocular do ministério de Cristo; 2) sua reconhecida autoridade entre os primeiros leitores; 3) as grandes semelhanças entre o Evangelho de João e a 1^a epístola de João (MORACHO, 1994, p. 8).

Qual o propósito desta carta? À primeira vista, o autor quer combater falsas ideias, principalmente sobre Jesus. Outro propósito é aprofundar a consciência espiritual e social da comunidade cristã. Por que isso? Porque alguns ex-integrantes da comunidade recusaram-se a reconhecer Jesus como o Cristo, negando que ele fosse homem verdadeiro (1 Jo 4,2) (BÍBLIA, Primeira Epístola de São João, 4, 2). A heresia relatada nesta carta aponta para uma forma de docetismo, doutrina essa que negava a humanidade de Cristo para assegurar que sua divindade não era manchada. Outra doutrina, o gnosticismo, declara a aparência de Cristo como um mero passo para o conhecimento superior de Deus. Esses erros teológicos são rejeitados por um apelo à realidade e à continuidade do testemunho apostólico a Jesus. O autor afirma que o autêntico amor cristão, que a ética e a fé devem ocorrer somente dentro da revelação histórica e do sacrifício de Jesus Cristo.

As cartas de João podem ser inseridas no grupo das cartas católicas ou universais, assim como Tiago, as duas de Pedro e a carta de Judas. Esse grupo de cartas não possui um destinatário ou um grupo específico. Foram escritas para toda a igreja e não somente para uma comunidade. Quisemos colocá-las aqui, com o Evangelho de João, por uma questão didática de autoria.

Dito isso, fica fácil entender a semelhança de estilo e conteúdo desta carta com o Evangelho de João. A temática central encontramos em 1 Jo 4, 14, que acentua a divindade e humanidade de Jesus Cristo. Cristo Jesus é o Filho de Deus e Salvador do mundo.

A escrita dessa carta pode ter acontecido quando João, já no fim da vida, esteve em Éfeso ou talvez na ilha de Patmos, em seu exílio. João, assim como no evangelho, estabelece uma conexão entre a crença cristã e conduta moral: Deus é amor e o cristão que é filho de Deus tem fé em Jesus Cristo e ama seu próximo.

Entendemos que o autor estava bastante preocupado com a igreja, em seu estado presente e futuro. Os demais apóstolos já haviam morrido e falsos mestres apareciam por toda parte. Alertando os irmãos, o apóstolo ficaria mais tranquilo e sua alegria seria completa (1.4). Seu alerta é contra o pecado (2.1) e contra as heresias (2.26). São duas portas para o diabo entrar nas vidas e nas igrejas. Embora as duas coisas estejam intrinsecamente ligadas, as heresias apresentam um elemento muito perigoso. Todo tipo de pecado deve ser evitado, mas se, eventualmente, cometermos algum, confessaremos e seremos perdoados (1.7,9; 2.1). A heresia, entretanto, constitui-se num caminho de afastamento de Deus. A heresia, do tipo mencionado por João, leva à apostasia. Então, tem-se uma situação muito perniciosa, em que a pessoa está errada mas pensa que está certa. Trata-se de um estado de pecado sem reconhecimento, sem confissão, sem arrependimento e, conseqüentemente, sem perdão. Aquele que passa a crer numa doutrina contrária à cruz, como pode ser perdoado? Não é que Deus se recuse a perdoá-lo, mas a própria pessoa não acredita na única solução divina, que é o sacrifício de Cristo. A reversão desse quadro é possível, mas muito difícil. O melhor é a prevenção contra as heresias e isso se faz através do conhecimento e apego à Palavra de Deus (NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO, 2002, s.p.).

A plenitude da vida cristã como comunhão com Deus através de Jesus deve basear-se na crença verdadeira e resultar numa vida de caridade. O conhecimento de Deus e o amor um pelo outro são inseparáveis, e o erro em uma área inevitavelmente afeta o outro. Embora o autor reconheça que a doutrina cristã apresenta mistérios intangíveis de fé sobre Cristo, ele insiste que a vida cristã concreta traz à luz as realidades mais profundas do evangelho. São realidades já mostradas lá no Evangelho de João e que vão transparecendo nas cartas: seja na linguagem ou na teologia.

É um torso que só recebe um rosto pelo conhecimento profundo do Evangelho de João. Isso transparece não só no vocabulário (num total de 238 vocábulos, 193, ou seja, 81%, são comuns a 1 Jo e João), mas também no fato de que o autor de 1 Jo sempre conforma seu estilo ao exemplo do Evangelho (estilo, referências a passagens de Jo, imitação do prólogo e da conclusão etc.). A linguagem aparentemente abstrata da carta recebe conteúdo concreto e profundidade da referência ao Evangelho. Supõe-se conhecida, a partir do Evangelho, a figura central, Jesus Cristo (THEVISSEN; KAHMANN; DEHANDSCHUTTER, 1999, p. 179).

Quando olhamos para a estrutura da 1 Jo e a sua linguagem, percebemos na simplicidade a capacidade do autor de evidenciar contrastes: luz e escuridão, os cristãos e o mundo, a verdade e o erro. Claro que essa polaridade tem um objetivo: reforçar as ameaças sofridas por aqueles que assumem viver uma vida cristã. É aí que encontramos o valor dessa carta: argumento teológico consistente, convicção religiosa verdadeira, tudo isso espelhado na humanidade e divindade de Cristo como um ensinamento apostólico e para o seu desenvolvimento da ligação intrínseca entre a conduta moral cristã e doutrina cristã.

4 SEGUNDA CARTA DE JOÃO

A Segunda Carta de João – 2 Jo – é dirigida a "a Senhora eleita" e "a seus filhos". Esta imagem literária de uma comunidade cristã particular reflete o destino específico e o propósito da carta. O chamado “presbítero” tem a missão de encorajar os membros da comunidade a testemunhar seu cristianismo, aderindo ao grande mandamento do amor mútuo e à verdade histórica sobre Jesus. Esta segunda preserva as preocupações de João de pureza doutrinal e amor que se mostra na forma de conselhos pastorais a uma comunidade ameaçada.

4.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

A autoria dessa carta é atribuída a João, mesmo não aparecendo seu nome e sim aqui denominado “o ancião”, também chamado de presbítero. Considera-se esse João o mesmo autor do Evangelho, o discípulo amado. Já atribuir o Apocalipse a esse mesmo autor gera controvérsias. Os estudiosos críticos tendem a duvidar de que o autor é a mesma pessoa quem escreveu Apocalipse, mas admite uma estreita relação entre 1 João, 2 João e 3 João, bem como o Evangelho de João.

Um bom grupo de estudiosos credita essa carta a uma "comunidade joanina" e não ao Apóstolo João. Aqueles que sugerem um autor diferente afirmam que o estilo literário da comunidade na qual o Evangelho de João foi criado naturalmente refletia seu estilo e sua linguagem.

Quando nos reportamos às testemunhas mais antigas, essas atribuem as duas Epístolas ao autor da Primeira Epístola, isto é, ao Apóstolo João. Irineu é uma dessas testemunhas, que quando menino tinha ouvido Policarpo, que conhecia João pessoalmente, testemunha a autenticidade da Segunda Epístola. Temos também Clemente de Alexandria, Dionísio de Alexandria e o que consta no fragmento Muratoriano, cânon do ano 170 que lista boa parte dos livros do NT.

Há evidências contidas na própria carta, que apontam para a autoria de João: estilo e vocabulário como no Evangelho de João e a Primeira Epístola de João. Também temos palavras muito características e com muito peso dos outros escritos de João – amor, verdade, mundo.

A carta é escrita por uma pessoa que se identifica como "O Ancião" e dirigida a "A Senhora eleita", o que se pode identificar como uma igreja cristã. O autor fala com autoridade, como alguém que espera ser ouvido com respeito e obediência. Quando atentamos para o estilo e a teologia do texto, vemos aí a proximidade com o Evangelho de João.

O uso do título “ancião” implica mais do que a idade, e refere-se à sua posição de liderança na igreja primitiva. A ausência de um nome próprio indica que ele era bem conhecido e reconhecido em autoridade pelas comunidades a que

ele escreve. Embora tradicionalmente atribuídas a João apóstolo, estas cartas foram provavelmente escritas por um discípulo ou escriba de um apóstolo.

No que diz respeito à sua data, os tradicionalistas e estudiosos críticos concordam que é um trabalho relativamente tardio, por volta do ano 117, ou seja, entre o final do primeiro século e começo do segundo século, quando foi citado por Policarpo de Esmirna. Assim, o final do primeiro ou início do século II C.E. deve ser o tempo de sua composição. Éfeso é apontada como local de composição de 2 Jo.

4.2 SINGULARIDADE

A Segunda Epístola de João é o livro mais curto da Bíblia no total de versículos, contabilizando 13 versículos, e o segundo mais curto em termos de palavras.

Nesta carta e somente em 1 Jo é que o termo anticristo aparece em primeiro. Nestes escritos, o termo não se refere a um único indivíduo, mas a qualquer um que negou que Jesus tem um corpo físico. Mais tarde, este termo anticristo é utilizado com profecias em 2 Tess e também no Apocalipse, neste identificado como um agente da "besta". A preocupação com a "verdade", a cristologia, o amor recíproco, o novo mandamento, o anticristo e a integridade do testemunho do Jesus terreno também são temas que marcam essa obra como produto da escola joanina.

4.3 ESTRUTURA

Esta segunda carta de João tem como destinatário "A senhora eleita e seus filhos", provável comunidade – kuria – cristã da Ásia Menor. O autor intitula-se ancião da mesma forma que encontramos em 1 Pd 5, 1.

Este “ancião” expressa sua alegria a esta comunidade porque ali boa parte de seus filhos são conhecidos por sua conduta cristã consistente. Ele pede que ela ande de acordo com os mandamentos de Deus, amando a Deus e seus irmãos cristãos, adverte contra os falsos mestres que negam o mistério da piedade e anuncia uma visita precoce. Toda a carta respira o espírito de intimidade e carinho fraternal que caracterizou a relação entre os primeiros cristãos.

Podemos identificar que a alegria não é plena, porque "alguns de seus filhos" se desviaram do caminho. Ele lembra aos seus leitores que "amar" é andar nos mandamentos de Deus. A partir disso, o escritor desenvolve os temas centrais em sua carta, que são: a verdade, o amor.

A verdade vai se concretizar no seguimento da Palavra de Deus, realidade fundante da vida cristã. O escritor reforça que devemos procurar conhecer a Bíblia,

mas nunca devemos distorcer sua mensagem para nossas próprias necessidades ou propósitos ou encorajar outros que a usam de forma errada.

Aqui o escritor é rigoroso nas suas advertências, principalmente em relação aos falsos profetas. O escritor prega a verdade e o amor, mas nesse caso, sua advertência contra mostrar hospitalidade aos falsos mestres é rigorosa, porque estes homens estavam ensinando uma heresia que poderia prejudicar gravemente as comunidades e as outras que estão por vir. O que o escritor quer de fundo é alertar contra a heresia que conhecemos como docetismo. Essa doutrina nega a humanidade, a corporeidade de Jesus. Para João, essas pessoas são enganadoras, são o anticristo. Esse docetismo, em muitos casos, se juntou ao gnosticismo, que apelava aos cristãos a apologia de espiritualidade superior, incluindo, às vezes, os ensinamentos secretos revelados por Cristo, ou enquanto ele estava na Terra, através de novas revelações. João, então, percebendo o perigo dessas duas doutrinas, afirma que seus defensores não deviam ser acolhidos nas casas dos cristãos, nem participar dos cultos.

Essa advertência presente nesta carta sobre receber alguém que não traz a doutrina de Cristo, isto é, um anticristo, pode ser associada com o que admoesta 1 Jo 4 – “e isso vos escrevemos para que vossa alegria seja completa” (BÍBLIA, Primeira Epístola de São João, 4). É o que prega o evangelho de João 15, 11 – “eu vos disse isso para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja perfeita” (BÍBLIA, João, 15, 11). É uma alegria no Jesus ressuscitado que deve ser compartilhada.

O escritor também fala de amor como ordenamento de Jesus para que os cristãos se amem uns aos outros. Este é o ingrediente básico do verdadeiro cristianismo. Para obedecer plenamente a Jesus, devemos crer no seu mandamento de amar os outros: reflete a prática da caridade, da ajuda, do atendimento e socorro às necessidades dos outros, colocar o amor em prática.

5 TERCEIRA CARTA DE JOÃO

Esta terceira carta de João – 3 Jo – descreve os problemas da atividade missionária e da autonomia local na igreja primitiva. Veremos que quando comparamos com as outras duas cartas, esta é dirigida a um indivíduo específico, denominado Gaio. Esta carta é menos teológica em conteúdo e propósito. O objetivo do autor era assegurar hospitalidade e apoio material para seus missionários e também para ajudas futuras.

5.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL

Esta terceira carta de João é uma das sete cartas católicas ou universais do NT, com as Cartas de Tiago, a Primeira e Segunda Cartas de São Pedro, a Primeira e Segunda Cartas de João e Judas. Essas cartas são assim chamadas porque se dirigem

à Igreja universal em geral, e não a uma comunidade específica, por exemplo, os Filipenses. 3 Jo é uma das duas cartas da Bíblia escritas especificamente para um indivíduo, sendo a outra a Carta a Filêmon, de Paulo.

Diferindo da 1 Jo, esta terceira epístola, assim como a segunda, pode ser assim chamada porque possui características para tanto. Nesta epístola, o autor se identifica apenas como "ancião". O destinatário é Gaio. Na sua casa se hospedavam quando estavam de passagem os cristãos, e também aconteciam as assembleias cristãs. Este era um nome comum no mundo romano, e temos alguns textos bíblicos que citam Gaio:

- At 19, 29 – “a agitação alastrou-se por toda a cidade e precipitaram-se em massa para o teatro, apoderando-se de passagem, dos macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 19, 29).
- Rm 16, 23 – “Gaio, que me hospeda, a mim e a toda a Igreja vos saúda” (BÍBLIA, Epístola aos Romanos, 16, 23).
- At 20, 4 – “ele tinha como companheiros: Sópatros, filho de Pirro, de Tessalônica; Gaio, de Derbe, e Timóteo, como também Tíquico e Trófimo, da província da Ásia” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 20, 4).
- 1 Cor 1, 14 – “graças a Deus, não batizei nenhum de vós, com exceção de Crispo e de Gaio” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1, 14).

O problema de unanimidade em relação à autoria de 1 Jo e 2 Jo continua também para esta 3 Jo. O que constatamos até aqui é que 1 Jo, 2 Jo e esta última são claramente escritas por uma pessoa ou mais que usaram algumas das palavras idênticas e conceitos teológicos que o Evangelho de João faz, mas muitos críticos estão convencidos de que o autor da epístola é diferente do Evangelho. A unanimidade aparece quando se trata de apontar que essa epístola é provavelmente um trabalho relativamente tardio, em torno do ano 90 e 120. O termo “ancião”, já utilizado anteriormente, tem o mesmo critério aqui: as igrejas da Ásia utilizavam essa titulação para as primeiras testemunhas da tradição apostólica.

O autor dessa carta, intitulado “O Ancião”, pede a seu destinatário Gaio que seja hospitaleiro a um grupo de missionários com quem o autor está familiarizado, e acusa o chefe da igreja local por recusar a comunhão com esses estrangeiros liderados por Demétrio. Veja, acadêmico, que a situação aqui é diferente de Jo 2. Aqui o autor solicita hospitalidade para seus amigos missionários, enquanto que em 2 Jo ele está advertindo para não acolher certas pessoas que pregaram a heresia conhecida como docetismo.

Esta terceira carta de João, 3 Jo, é o livro mais curto, não só do NT, mas de toda a Sagrada Escritura no quesito número de palavras, e os primeiros atestados possíveis para esta 3 João vieram de Tertuliano e Orígenes. O Cânon Muratoriano – lembra, acadêmico? – enumerou 1 Jo e 2 Jo.

5.2 ESTRUTURA E MENSAGEM

Esta carta tem uma estrutura simples. Começa com a saudação, a admoestação e despedida. Porém, nessa pequena estrutura há uma teologia muito rica que envolve temas muito importantes para as comunidades cristãs.

A carta mostra o funcionamento interno do cristianismo durante seu difícil começo. A carta fornece alguns antecedentes às circunstâncias históricas presentes na Primeira e Segunda Cartas de João.

O “Ancião” encoraja Gaio a proporcionar hospitalidade a pessoas a quem a igreja local recusa a comunhão, e pede ao próprio Gaio que vá contra a autoridade do líder local, Diótfrefes, que não reconhece a autoridade vinda do “Ancião” que, segundo esta epístola, já havia estado na comunidade. Lembra, acadêmico, o que este possível mesmo autor pedia na 2 Jo? Que a igreja local recusasse a comunhão com pregadores de quem ele próprio havia desaprovado por práticas heréticas. Os relatos de 3 Jo deixam à mostra a possibilidade de um cisma, há uma ameaça do Ancião em relação às atitudes de Diótfrefes.

O ancião conclui dizendo a Gaio que ele terá muito mais a dizer sobre as atitudes de Diótfrefes quando retornar, além das coisas que já havia dito por escrito. Ele pede a Gaio para cumprimentar “os amigos pelo nome”, possivelmente uma referência a outros cristãos em geral, mas mais provavelmente significa aqueles que foram colocados de lado por Diótfrefes, como os citados Demétrio e seus amigos.

Diótfrefes significa “nutrido de Deus”. Transcrevemos aqui o que João escreve em Jo 9-10: “escrevi uma palavra à igreja. Mas Diótfrefes, que pretende mandar em tudo, não nos reconhece. Por isso, quando eu for aí, denunciarei sua conduta e as muitas más palavras que profere contra nós: não contente com isso, recusa-se pessoalmente a receber os irmãos e impede que o façam aqueles que desejariam recebê-los, expulsando-os da Igreja” (BÍBLIA, João, 9-10).

Veja, acadêmico, que mesmo com essa figura tão negativa como Diótfrefes, João é otimista e positivo: Jo 11: “Caro amigo, não pautes a tua conduta pelo mal, e sim pelo bem. Quem faz o bem é de Deus, quem faz o mal não vê a Deus” (BÍBLIA, João, 11).

A terceira carta de João preserva um breve olhar sobre os problemas da atividade missionária e da autonomia local na igreja primitiva. Em contraste com as outras duas cartas de João, este trabalho foi dirigido a um indivíduo específico, Gaio. O objetivo do autor era assegurar hospitalidade e apoio material para seus missionários. Ele indica que pode vir a desafiar a política de Diótfrefes, que se baseia em fofocas malignas.

Diótfrefes é o exemplo bíblico de um clericalismo totalmente distinto do ministério de Jesus. Ele deixa claro o desserviço. Diótfrefes queria ser o líder da assembleia, da comunidade. Ele deixa evidente que ama muito mais a sua posição de poder, que o leva a agir de maneira tão escandalosa que chega a excomungar os irmãos que não seguem sua orientação, e até contraria o próprio apóstolo.

RESUMO DO TÓPICO 5

Neste tópico, você viu que:

- O Evangelho de João foi escrito em grego e essa condição apresenta um vocabulário menos rico em expressões ou chavões, como encontramos nos escritos de Paulo e de Lucas.
- João faz um uso gramatical de pronomes, preposições, verbos e se utiliza também de repetições para reforçar uma ideia.
- João tem um estilo literário que se destaca pela sua simplicidade, sem ser simplista, e tem naturalidade, combinando com harmonia aquele discurso pouco refinado dos três primeiros evangelhos com a contemporaneidade de Paulo.
- João é uma figura familiar na maioria das cenas com Jesus e os discípulos. João era o 'discípulo que Jesus amava' e estava firmemente empenhado em estabelecer a verdade absoluta na mente de seus leitores.
- João nunca se identifica como autor em nenhuma de suas três cartas.
- A tradição cristã identificou a primeira carta como sendo de João, o apóstolo, por causa de sua semelhança com o quarto evangelho em estilo, vocabulário e ideias.
- A terminologia e a presença ou ausência de certas ideias teológicas nesta primeira carta sugerem que ela foi escrita após o evangelho, por ter sido composta como um breve tratado sobre ideias que foram desenvolvidas mais plenamente no quarto evangelho.
- Um grupo de estudiosos defende que há evidências que sugerem que a primeira carta foi escrita após o quarto evangelho, como parte de um debate sobre a interpretação correta desse evangelho. Qualquer que seja sua relação com o evangelho, 1 Jo pode ser datada para o final do primeiro século.
- Ao contrário de 2 e 3 João, falta na forma da primeira carta a saudação e a conclusão epistolar de uma carta. Essas características, seu prólogo e sua ênfase no ensino doutrinário a tornam mais semelhante a um tratado teológico do que a maioria das outras cartas do NT.
- A segunda carta de João tem como destinatário "A senhora eleita e seus filhos", provável comunidade – kuria – cristã da Ásia Menor.

- O autor da segunda carta intitula-se ancião, da mesma forma que encontramos em 1 Pd 5, 1. Este “ancião” expressa sua alegria a esta comunidade porque ali boa parte de seus filhos são conhecidos por sua conduta cristã consistente. Ele pede que ela ande de acordo com os mandamentos de Deus, amando a Deus e seus irmãos cristãos, adverte contra os falsos mestres que negam o mistério da piedade e anuncia uma visita precoce.
- A segunda carta respira o espírito de intimidade e carinho fraternal que caracterizou a relação entre os primeiros cristãos.
- Na segunda carta podemos identificar que a alegria não é plena, porque “alguns de seus filhos” se desviaram do caminho.
- A segunda carta lembra aos seus leitores que “amar” é andar nos mandamentos de Deus. A partir disso, o escritor desenvolve os temas centrais em sua carta, que são: a verdade, o amor.
- A terceira carta começa com a saudação, a admoestação e despedida. Porém, nessa pequena estrutura há uma teologia muito rica que envolve temas muito importantes para as comunidades cristãs.
- A terceira carta de João mostra o funcionamento interno do cristianismo durante seu difícil começo. A carta fornece alguns antecedentes às circunstâncias históricas presentes na 1 Jo e 2 Jo.

AUTOATIVIDADE



- 1 Apresente três características das comunidades no tempo em que os Evangelhos foram sendo compostos.
- 2 Quais propósitos podemos identificar na 1 Jo?
- 3 Caracterize o termo “ancião”, utilizado na segunda carta de João.
- 4 Cite textos bíblicos do NT que falam sobre Gaio, identificado na terceira carta de João.

UNIDADE 2

CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir dos estudos desta unidade, você será capaz de:

- identificar as principais características das primeiras comunidades cristãs e também da vida de Paulo;
- compreender a autoria, composição, local, data, estrutura e temas das cartas paulinas e também das cartas deuteropaulinas;
- entender a distinção entre cartas pastorais, cartas católicas e sua importância no Novo Testamento.

PLANO DE ESTUDOS

Caro acadêmico! Esta unidade de estudos está dividida em três tópicos de conteúdos. Ao longo de cada um deles você encontrará sugestões e dicas que visam potencializar os temas abordados e, ao final de cada um, estão disponíveis resumos e autoatividades que visam fixar os temas estudados.

TÓPICO 1 – INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

TÓPICO 2 – CARTAS PAULINAS

TÓPICO 3 – CARTAS DA ESCOLA PAULINA E DEUTEROPAULINAS



INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DO NOVO TESTAMENTO

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, lembre-se de que não temos pretensão de fazer teologia, mas de estudar teologia, ou seja, não podemos nos considerar teólogos, mas estudantes da teologia, de buscar nesse estudo o rigor da ciência. Assim:

Se a teologia possui alguma semelhança com outras ciências, poder-se-á dizer que “fazemos teologia” ou que “sabemos teologia” quando somos capazes de formular de modo preciso aquilo que pensamos ou entendemos que um autor pensa. Podemos, sim, afirmar que um autor pode utilizar, em diversos momentos, dois ou três sentidos que se podem dar a uma mesma palavra, mas não é tão fácil dizer que um autor “se preste” da mesma forma a duas ou três interpretações possíveis de um mesmo texto. Portanto, o estudioso deve averiguar, até onde lhe for possível, qual é o sentido procurado pelo autor (BOSCH, 2002, p. 328).

Enquanto nos debruçamos sobre os estudos de Paulo e seus escritos – aqui no caso, sobre as cartas paulinas, ou ditas paulinas –, muitos estudiosos sempre voltam seus estudos sobre Paulo e suas cartas. Por quê? Porque há sempre algo novo a desvendar, algo que não foi aprofundado, algo que se deixou passar e precisa de um olhar mais profundo. Estudar teologia é isso.

Vamos lá! Quantitativamente podemos observar que aproximadamente um terço do Novo Testamento consiste em cartas ou epístolas, escritas ou atribuídas a Paulo quando esse se dirige às igrejas cristãs de sua época ou a algum indivíduo. Estes escritos constituem uma fonte confiável para obter informações sobre o início da história do movimento cristão, das primeiras comunidades. Não podemos esquecer como se compunham essas comunidades e suas características no testemunho já evidenciado nos evangelhos, e também nas cartas e epístolas.

Nas comunidades judaico-cristãs, dentre as que são conhecidas através do testemunho de Mateus, a formação doutrinal e a piedade judaicas fazem-se sentir. A referência às Escrituras é evidentemente fundamental e ter-se-á o cuidado de situar a obra de Cristo no desígnio de Deus, graças a algumas citações precisas, feitas segundo os métodos rabínicos. Jesus, de bom grado, aparece como o novo Moisés, vindo cumprir as Escrituras e dando a seu povo a nova Lei; por isso, o tipo de igreja que aparece no final de Mateus é o de uma sociedade bem estruturada e organizada, com sua liturgia, seus ensinamentos (AUNEAU, 1985, p. 29-30).

Na Unidade 1, vimos algumas características de como viviam as pessoas na região da Palestina, as classes sociais, a perspectiva histórica como povo escolhido de Deus. Nesta unidade, estamos evidenciando os grupos que compunham este povo que forma a grande comunidade do povo de Deus. Vamos caracterizar mais dois grupos.

As comunidades samaritanas deixaram traços mais difíceis de serem delineados. Estariam mais preparadas do que outras para ‘adorar a Deus em espírito’ e não em locais determinados, como o templo de Jerusalém (cf. Jo 4, 24)? Deviam estar atentas a tudo que é abertura e atenção aos marginalizados, aos enjeitados do judaísmo: os leprosos (cf. Lc 17, 11-19), os publicanos (cf. 18, 9-14); o amor totalmente desinteressado pode valer uma observância estrita da Lei (cf. o bom samaritano, Lc 10, 29-37). Nas comunidades gentio-cristãs ministrava-se também o ensino com base na Escritura, conforme demonstram as cartas de Paulo. Talvez estivessem menos preocupados em encontrar citações precisas do que em situar Cristo na grande corrente espiritual da Bíblia, como Lucas tão espontaneamente o faz. Se procurarmos um ‘retrato’ de Jesus nas Escrituras, mais dificilmente o encontramos em Moisés do que Elias, este profeta de fogo, conduzido pelo Espírito, aceitando conviver com pagãos e realizar milagres para eles. A ruptura entre o cristianismo e o judaísmo não reveste o caráter doloroso existente nas comunidades judaico-cristãs, e o universalismo é vivido como um fato incontestável: seremos especialmente sensíveis às hábeis concessões que Jesus pôde ter feito nesse sentido durante sua vida terrena (AUNEAU, 1985, p. 29-30).

Com poucas exceções, as cartas foram escritas em resposta às condições que existiam nas igrejas particulares com a qual Paulo teve contato direta ou indiretamente.

Essas cartas ou epístolas circulavam entre as igrejas até, por vezes, conjuntamente às Escrituras do AT como parte de cultos regulares.

Por que carta, por que epístola? Qual a diferença? Pela própria palavra – epístola – já temos uma primeira impressão de imponência, de superioridade em relação à carta, mais modesta, mais simples. É por aí mesmo, conforme nos aponta Brown (2012): “Epístola” é um exercício literário artístico, que geralmente apresentava um ensinamento moral a um público geral e era destinada a publicação. Já uma carta tinha por objetivo estabelecer a troca de informações entre alguém que escreve para outro que está longe. Além da forma como foram escritas para determinar se são cartas ou epístolas, valem também como critério de definição o conteúdo e também o destinatário, complicando ainda mais uma caracterização que seja completa para diferir o que seja carta ou epístola. E como elas eram escritas? “De diversas maneiras. Às vezes o próprio remetente escrevia, outras vezes ditava. Nesse caso, cada sílaba podia ser copiada por um secretário, e um revisor corrigiria possíveis erros, ou depois que o remetente indicasse apenas as linhas gerais da mensagem, maior autoridade para a formulação podia ser concedida a um escriba, que era quase um coautor, criando a forma final da carta” (BROWN, 2012, p. 551).



Você sabia?

O ato de taquigrafar, como vemos em tribunais, júris, até em sessões da Câmara e do Senado, já existia nos tempos dos apóstolos. É a chamada estenografia, que era usada na escrita latina e também na grega. Como funcionava? Um secretário, profissional nessa área, utilizando-se da taquigrafia, escrevia o que era ditado a ele com algo parecido ao que conhecemos como estilete, numa tábua revestida de cera. Após isso, em folhas de papiro, esse mesmo secretário transcrevia por extenso o que havia taquigrafado. Essas folhas de papiro mediam aproximadamente 23 cm de largura, e para escrever nelas era utilizada uma pena feita de junco com tinta preta. Quando o destinatário da carta era importante, era feita uma cópia dessa carta.

Olhando superficialmente para as cartas do NT, em 13 delas aparece o nome de Paulo escrevendo, ou para uma comunidade ou para um indivíduo. Brown (2012) aponta que essas cartas teriam sido escritas num período de aproximadamente 50 anos (ou mais, se as cartas pastorais tiverem sido escritas depois do ano 100). Mesmo que se postule que o próprio Paulo e os quatro ou cinco escritores das cartas deuteropaulinas tenham conservado cópias, não se sabe como essas cópias teriam sido colecionadas. Se os remetentes não conservaram cópias, as comunidades receptoras, não muito distanciadas umas das outras, podem ter permutado as cartas, como podemos ler em Cl 4, 16: “Uma vez lida esta carta entre vós, fazei com que ela o seja também na igreja dos laodicensens. E vós, lede a de Laodiceia” (BÍBLIA, Epístola aos Colossenses, 1994). O que acontece com isso? Coleções de cartas podem ir se acumulando. Algumas cartas, porém, afirma Brown (2012), parecem ter sido editadas depois de enviadas, e tal processo literário exigiria mais do que um intercâmbio comunitário. Uma hipótese razoável é que, depois que os Atos foram escritos e a carreira de Paulo tornou-se mais amplamente conhecida, suas cartas foram sistematicamente reunidas. Os estudiosos atribuem tal coleção a Onésimo, citado por Paulo na prisão, em Fm 10: “venho suplicar-te em favor deste filho meu, que gerei na prisão, Onésimo” (BÍBLIA, Epístola a Filêmon, 1994). Pode ter sido também Timóteo o responsável pela compilação ou também escritores que faziam parte da escola paulina. Marcião, já quase século II, vai juntar 10 cartas, excluindo aí as cartas Pastorais. Só no fim do século II é que teremos reunidas 13 cartas, e no século IV junta-se a essas 13 a carta aos Hebreus.

2 CARACTERÍSTICAS DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS

Caro acadêmico, que povo por primeiro acolheu a boa-nova de Jesus? Os primeiros cristãos eram judeus, e suas primeiras atividades missionárias foram direcionadas para ganhar membros deste grupo. No entanto, não muito tempo depois, suas atividades foram estendidas para incluir gentios, e muitos dos que tinham sido não judeus foram bem acolhidos nas comunidades cristãs recém-

formadas. O elemento comum compartilhado por ambos os que haviam sido judeus e aqueles que eram gentios era a lealdade à pessoa conhecida como Jesus de Nazaré.

Estes dois grupos, judeus e gentios, mesmo sendo fiéis ao que o cristianismo nascente pregava, apresentavam uma interpretação da vida de Jesus de forma diferente, principalmente em termos dos conceitos religiosos com os quais lhes tinham sido por muito tempo vivenciados até o momento. Vejamos então qual a visão de cada um acerca de Jesus.

1. Judeus: para esse grupo, criado na fé judaica, Jesus era o Messias, o ungido, o escolhido de Deus, relatado pelos profetas do Antigo Testamento. Sob a liderança dele será estabelecido o reino de Deus, realizando plenamente o propósito divino na história.
2. Gentios: este grupo compara Jesus a um herói redentor dos cultos e dos mistérios, que eram numerosos no mundo greco-romano dos tempos do NT.

Os membros desses grupos estavam preocupados principalmente com a ideia de salvação da morte física, pela participação na vida do outro mundo livre de todas as provações e dificuldades tão características da vida terrena. Assim, essa salvação chegaria até os simples mortais pela atuação desse herói redentor, desse ser celestial que iria descer à Terra depois de uma vida de serviço e autossacrifício e ressuscitaria dos mortos. Ao atingir a união mística com ele, seus seguidores ganhariam o poder de triunfar sobre a morte. Para muitos dos cristãos que tinham sido gentios, parecia perfeitamente natural pensar em Jesus como aquele que cumpriu esse heroico papel.

Entendendo essas duas visões dos gentios e judeus em relação a Jesus, podemos perceber como as diferentes concepções de Jesus que são encontradas nos vários escritos do Novo Testamento devem ser compreendidas em relação aos diferentes contextos de onde foram desenvolvidos – o mundo do judaísmo e o mundo gentílico.

Um olhar atento para o AT e vamos encontrar expressões que deixam evidente a convicção de que algum dia um líder surgiria no meio deles, e sob a sua orientação, um reino de justiça e retidão seria estabelecido na Terra.

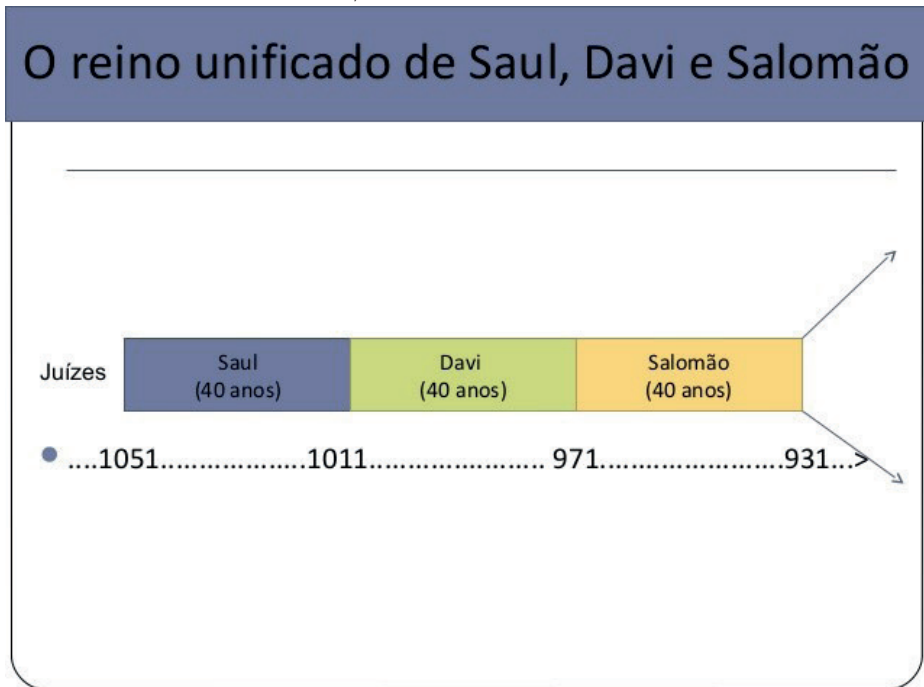
Durante os séculos que se seguiram, esta crença foi se modificando de várias maneiras, mas nunca foi completamente abandonada. Três estágios diferentes podem ser observados no desenvolvimento da ideia messiânica:

- o messianismo profético;
- o messianismo apocalíptico;
- o messianismo revolucionário.

Todos os três dizem respeito à criação terrestre do reino de Deus, o objetivo final da história, ou a realização definitiva do propósito divino levando sempre em conta o destino da raça humana. Os três tipos de messianismo diferem uns dos outros no que diz respeito ao tempo e forma das suas realizações. Vamos, de forma breve, caracterizar cada um desses messianismos.

O messianismo profético apresenta a vinda do Messias, do Ungido, para instaurar um reino na Terra, uma nação israelita e dirigir seus assuntos de tal forma que os males da sociedade seriam todos superados, reinando a paz e a felicidade para todos. Como representantes para esse messianismo, temos Saul, Davi e Salomão.

FIGURA 18 – REINADO DE SAUL, DAVI E SALOMÃO



FONTE: Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/prmoisessampaio/livros-histicos-aula-2/7>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

A esperança para a vinda do Messias foi enfatizada cada vez mais nos ensinamentos dos profetas. Sabemos que a experiência em creditar a messianidade aos reis anteriormente citados foi decepcionante. Por isso, os profetas falaram sobre a vinda de um rei ideal que apareceria no futuro para realizar por seu povo o que outros reis não tinham sido capazes de realizar.

O segundo, messianismo apocalíptico, muito útil em tempos de crise, principalmente em tempos de perseguição (perseguição dos sírios no AT, perseguição dos romanos no NT). Dois livros se destacam na caracterização desse messianismo: no AT, o livro de Daniel, e no NT, o livro do Apocalipse, que veremos na terceira unidade.

Qual era a ideologia que sustentava esse messianismo? Bom, funcionava assim: nem todos os judeus estavam satisfeitos com a noção de que eles deviam suportar o sofrimento e perseguição enquanto esperavam por Deus para intervir em seu nome. Então, o argumento é que Deus virá em seu auxílio somente depois que tiver feito tudo o que podiam para se libertarem do jugo dos opressores.

Aí temos preparado o campo para o surgimento do terceiro messianismo, o revolucionário. Dá para adiantar essa vinda de Deus, instaurando o dia do Senhor? Dá! De que forma? Lutando contra os inimigos, vencendo e conquistando a liberdade e a independência em nome de Deus. Desta forma as nações derrotadas seriam punidas, pois o povo interpreta que Deus o protege no campo de batalha e dá-lhe a vitória sobre seus inimigos.

3 A VIDA DE PAULO

Antes de estudarmos as Cartas ditas Paulinas, que veremos no tópico a seguir, julgamos necessário saber algo sobre o homem que as escreveu, bem como sobre as circunstâncias específicas em que foram escritas. Felizmente, para nós, a informação considerável ao longo destas linhas está disponível dentro das próprias cartas e pode ser completada por relatos biográficos escritos por Lucas, que era um dos tantos companheiros de Paulo, que foi companheiro de Pedro, considerados esses dois, Pedro e Paulo, os maiores evangelizadores, fatos esses relatados no livro de Atos que vimos na Unidade 1.

FIGURA 19 – PEDRO E PAULO



FONTE: Disponível em: <<https://construtoresdoreino.files.wordpress.com/2013/06/missacuraelibertacao.jpg>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

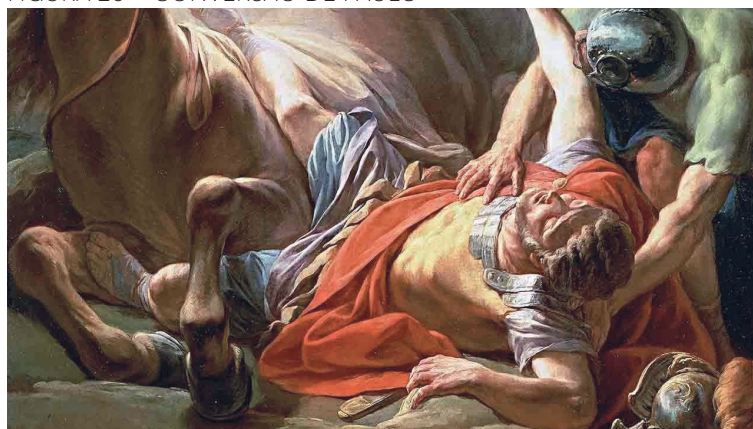
Paulo nasceu Saulo, na cidade de Tarso, no período em que o mundo era dominado pelas forças greco-romanas. Paulo foi criado em lar judeu, com contato desde pequeno com as Escrituras do AT e cresceu em conformidade com as crenças e práticas dos fariseus. Em Jerusalém, Saulo é instruído por Gamaliel, um dos

principais rabinos judeus da época. Quando volta para sua cidade natal, é fácil supor que, pelo seu histórico, deve ter ingressado na universidade grega situada naquela cidade.

Pelo seu interesse cada vez maior da lei mosaica, Paulo vai se familiarizando não só com a própria Lei, mas com as explicações e comentários feitos pelos líderes rabinos da fé judaica. Em harmonia com uma das doutrinas básicas do judaísmo, ele acreditava que a salvação só pode ser alcançada pela obediência a todas as leis que Deus tinha dado ao seu povo. Paulo sabe que um mero conhecimento a respeito do que se deve fazer não produz o desejo de fazê-lo. Além disso, ele percebeu que os desejos dão origem a ações, mas a lei é incapaz de dar um dos desejos que são necessários para satisfazer as suas necessidades. Este conflito entre o dever e o desejo tornou-se uma situação intolerável para Paulo, e isso o torna ansioso para encontrar algo de mérito real de que ele poderia fazer. Aí vem a parte da história de Paulo que melhor conhecemos: ele encontra, digamos, equilíbrio na necessidade de suprimir um novo movimento religioso que ele considerava como perigoso e herético, que estava crescendo com muita consistência no seu tempo: o Cristianismo.

Paulo não mede forças para dirimir os membros desse grupo ameaçando-os de morte. Mesmo assim, Paulo ficava impressionado com a maneira como este grupo, denominado cristão, se reunia nas casas em nome de Jesus, um homem que tinha sido crucificado, mas que agora, eles acreditavam, tinha ressuscitado dos mortos, subiu ao céu, e que prometeu voltar à Terra para concretizar seu plano de salvação.

FIGURA 20 – CONVERSÃO DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<http://www.ofmscj.com.br/?p=962>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Como estudantes de teologia, não podemos resumir a conversão de Paulo somente a um fato, o da sua queda do cavalo. Foram vários acontecimentos contribuindo para sua conversão. O apedrejamento de Estêvão foi um deles. At 7, 54-60:

Ao ouvir tais palavras, esbravejaram de raiva e rangiam os dentes contra ele. Mas, cheio do Espírito Santo, Estêvão fitou o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus: Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus. Levantaram então um grande clamor, taparam os ouvidos e todos juntos se atiraram furiosos contra ele. Lançaram-no fora da cidade e começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram os seus mantos aos pés de um moço chamado Saulo. E apedrejavam Estêvão, que orava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. Posto de joelhos, exclamou em alta voz: Senhor, não lhes leves em conta este pecado... A estas palavras, expirou (BÍBLIA, 1994, p. 2116).

Podemos imaginar a calma, serenidade, paz de espírito de Estêvão presenciada por Paulo. É essa profunda convicção apresentada por Estêvão, vivendo em harmonia com a vontade de Deus, que Paulo tanto deseja. Paulo veio a perceber que deve haver alguma conexão entre a fé dessas pessoas em Jesus e sua maneira de viver.

Na figura a seguir, relato do apedrejamento de Estêvão, presenciada ao fundo por Paulo que guardava os mantos das testemunhas.

FIGURA 21 – APEDREJAMENTO E MORTE DE ESTÊVÃO



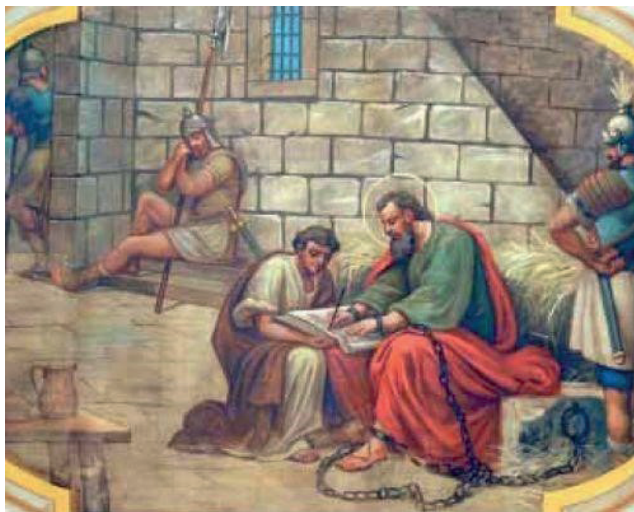
FONTE: Disponível em: <[http://www.elevados.com.br/artigo/375/igreja-primitiva--\(seculos-1-2-3\).html](http://www.elevados.com.br/artigo/375/igreja-primitiva--(seculos-1-2-3).html)>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Aí chegamos no acontecimento que define a nova vida de Paulo. Em viagem para Damasco, Paulo já está convencido de que Jesus era um homem justo e que sua morte na cruz não foi a justa punição de um criminoso, mas sim o de um mártir que morreu por uma causa nobre. Paulo estava pronto para entregar-se a essa mesma causa, que era mais viva do que tinha sido antes da crucificação de Jesus, e que apontou o caminho para a salvação que não poderia ser alcançado por meio da obediência a um conjunto de leis que eram contrárias aos desejos humanos.

Não podemos imaginar que, a partir da conversão, Paulo já saia evangelizando e pregando a boa-nova através de sua palavra, ações e escrevendo suas cartas. Por 14 anos Paulo vai trabalhar para ter reconhecimento da sua missionariedade, da sua apostolicidade, afinal, ele tinha fortes concorrentes que o antecederam. Por 14 anos Paulo teve tempo para repensar e reavaliar suas concepções religiosas, sistematizar a sua compreensão do significado da vida de Jesus e formular planos para espalhar o cristianismo em todo o mundo.

Barnabé vai reconhecer a importância de Paulo e convidá-lo para ir à igreja de Antioquia, e auxiliar no trabalho nesta comunidade. Depois de servir a esta igreja por um breve período, Paulo iniciou uma série de viagens missionárias para espalhar a notícia da salvação dada por Jesus. Enquanto desenvolvia essas atividades missionárias – e também, não podemos esquecer, enquanto era preso –, Paulo escreveu as cartas que veremos mais adiante.

FIGURA 22 – PAULO ESCRIVE NA PRISÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.comunidadesiao.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1639:sao-paulo-apostolo&catid=14:ensinamentos-dos-santos&Itemid=86>. Acesso em: 21 fev. 2017.

E como se pode dizer que eram cartas de Paulo? Podemos identificar algumas características para direcionar sua autoria:

- O início: Paulo compartilha a autoria da carta com outras pessoas.
- Destinatários: Paulo destina a carta a pequenos grupos de fiéis em suas respectivas cidades.
- Saudação formal: Paulo combina uma variação da saudação grega – "Graça" e/ou judaica – *shalom*, que significa paz.
- Agradecimento: Paulo não esquece de dar graças a Deus por algo em relação a quem está escrevendo: pela fé, esperança e amor, ou o bom exemplo externado na comunidade cristã.

- As preocupações teológicas, éticas e práticas são, muitas vezes, interligadas entre si.
- Paulo quase sempre conclui com uma doxologia – louvor de Deus, oração ou bênção para aqueles a quem está escrevendo.

LEITURA COMPLEMENTAR

O MARTÍRIO DE SÃO PAULO

Chegou por fim o dia em que Paulo deveria "ser imolado" (II Tm 4, 6). Para ele a morte pouco significava, pois já se achava morto para o pecado e vivo para Deus (cf. Rm 6, 11). Uma entranhada e exclusiva união o ligavam a seu Senhor. Não era ele mesmo que vivia, mas sim Cristo quem nele habitava (cf. Gl 2, 20) e operava.

Condenado à morte, Paulo, por ser cidadão romano, não podia, como Pedro, sofrer a pena ignominiosa da crucifixão, mas sim a da decapitação, e esta devia dar-se fora dos muros da cidade. Conduzido por um grupo de soldados, o Apóstolo arrastou seus pesados grilhões ao longo da Via Ostiense e, depois, pela Via Laurentina, até alcançar um distante vale, conhecido pelo nome de *Aquae Salviae*.

Ali, entre a vegetação daquela região pantanosa, o sublime imitador de Jesus Cristo selava seu testemunho com o próprio sangue. Sua cabeça, ao cair no solo sob o golpe fatal da espada, saltou três vezes, fazendo brotar em cada um dos pontos uma fonte de água borbulhante. Este fato, se não comprovado pela História, baseia-se numa piedosa tradição confirmada pelo nome de *Tre Fontane*, que ostenta o mosteiro trapista construído naquele local.

Paulo morreria, mas sua monumental obra apostólica, fundamentada na caridade que consumira sua vida, continuava viva e produziria ao longo dos tempos abundantes frutos para a Igreja. Até o último alento, sua vida não fora senão uma grande luta. Luta de entusiasmo e de entrega, de desprendimento e de heroísmo; luta para levar o Evangelho a todas as gentes, confiando sempre na benevolência de Cristo.

Os piores vagalhões da vida não puderam atingir o seu tabernáculo interior. Sua firmeza, semelhante à imobilidade de um rochedo batido pelas ondas do mar, mantinha-se inalterável em meio às maiores angústias e agonias, certo de que nem a vida nem a morte o poderiam separar do amor de Cristo (cf. Rm 8, 38-39).

E uma vez concluído o combate, percorrida toda a sua carreira e chegado ao termo de sua peregrinação terrena (cf. II Tm 4, 7), o Apóstolo apareceu ante o olhar admirado da humanidade, em toda a sua estatura de gigante da Fé, transmitindo para os séculos futuros esta mensagem: "Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade. A caridade jamais acabará!" (I Cor 13, 13.8).

Estando preso em Roma, o incansável Apóstolo não deixou de pregar, e obteve a conversão de incontáveis almas. Posto em liberdade no início do ano 64, dirigiu-se à Espanha e à Ásia. Retornando a Roma, foi preso novamente, desta vez com São Pedro.

Ficaram eles na prisão mais antiga de Roma, o Cárcere Mamertino, local impregnado de bênçãos, que comove a quantos por lá passam. Com efeito, como não se impressionar ao contemplar, logo nos primeiros degraus da estreita escada que leva ao calabouço, a marca do rosto do Príncipe dos Apóstolos, milagrosamente impressa na parede de pedra? E que emoção ao ver no canto da cela a fonte que brotou do solo, possibilitando aos Apóstolos batizarem os próprios carcereiros, convertidos pelo seu exemplo e pregação!

No final de sua heroica vida, pôde o Apóstolo das Gentes cantar este hino de triunfo do varão que sente a consciência limpa na hora do encontro com o Supremo Juiz: "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Resta-me agora receber a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos aqueles que aguardam com amor a sua aparição" (11).

Grandiosa foi sua vida, tal será também sua morte. Sendo cidadão romano, São Paulo não podia ser crucificado. Foi, assim, decapitado pela espada, no ano 67. Conta-nos a tradição que sua cabeça, rolando ao solo, saltou três vezes e fez brotar três fontes que podem ser vistas ainda hoje na Igreja de *San Paolo alle Tre Fontane*, na *via d'Ostia*, em Roma.

FONTE: Revista Arautos do Evangelho, Jul/2008, n. 79, p. 26-33.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- Um terço do Novo Testamento consiste em cartas ou epístolas, escritas ou atribuídas a Paulo quando esse se dirige às igrejas cristãs de sua época ou a algum indivíduo.
- Os escritos paulinos constituem uma fonte confiável para obter informações sobre o início da história do movimento cristão, das primeiras comunidades.
- Não podemos esquecer como se compunham essas comunidades e suas características no testemunho já evidenciado nos Evangelhos e também nas cartas e epístolas.
- Com poucas exceções, as cartas foram escritas em resposta às condições que existiam nas igrejas particulares com as quais Paulo teve contato.
- As cartas ou epístolas circulavam entre as igrejas até, por vezes, conjuntamente às Escrituras do Antigo Testamento, como parte de cultos regulares.
- Epístola é um exercício literário artístico, que geralmente apresentava um ensinamento moral a um público geral e era destinada a publicação.
- Carta tinha por objetivo estabelecer a troca de informações entre alguém que escreve para outro que está longe.
- Paulo nasceu Saulo, na cidade de Tarso, no período em que o mundo era dominado pelas forças greco-romanas. Paulo foi criado em lar judeu, em contato desde pequeno com as Escrituras do AT e cresceu em conformidade com as crenças e práticas dos fariseus.
- Em Jerusalém, Saulo é instruído por Gamaliel, um dos principais rabinos judeus da época.
- Pelo seu interesse cada vez maior da lei mosaica, Paulo vai se familiarizando não só com a própria Lei, mas com as explicações e comentários feitos pelos líderes rabinos da fé judaica.
- Em harmonia com uma das doutrinas básicas do judaísmo, Paulo acreditava que a salvação só pode ser alcançada pela obediência a todas as leis que Deus tinha dado ao seu povo.

AUTOATIVIDADE



- 1 Identifique os três estágios que podem ser observados no desenvolvimento da ideia messiânica.
- 2 Quais características podemos destacar para identificar as cartas de autoria de Paulo?



1 INTRODUÇÃO

Vimos anteriormente que quase um terço do Novo Testamento se compõe de cartas ou epístolas, escritas pelo apóstolo Paulo e dirigidas às igrejas cristãs de seu tempo. Essas cartas, no início do cristianismo, vão circular entre as igrejas nascentes, sendo lidas com os textos do AT nos cultos das assembleias.

Temos 13 cartas/epístolas no NT atribuídas a Paulo, que a maioria dos estudiosos divide em dois grupos distintos: o primeiro grupo se compõe dos escritos pelo próprio Paulo e o segundo se forma dos escritos realizados por seguidores de Paulo.

Na atualidade, além das quatro grandes cartas (Carta aos Romanos, Primeira e Segunda carta aos Coríntios, Carta aos Gálatas), ainda existem outras três cartas que são indiscutivelmente da autoria de Paulo (Primeira carta aos Tessalonicenses, Carta aos Filipenses, Carta a Filêmon). As quatro grandes cartas de Paulo foram escritas num mesmo período da vida do apóstolo, a chamada “terceira viagem”, e continuam sendo o paradigma de todo o paulinismo: as teologias de São Paulo costumam dar a teologia destas quatro cartas, quando não nos dão só a da maior delas (BOSCH, 2002, p. 171).

No entanto, uma vez que nem todos os estudiosos estão de acordo quanto à autoria de certas cartas, ao invés de chamar os dois grupos de cartas “verdadeiras” contra as “falsas”, é melhor distinguir entre as cartas “não contestadas”, ou seja, escritas por Paulo, e as “disputadas”, escritas por um seguidor de Paulo.

Neste tópico vamos estudar as sete “cartas não contestadas”. Em uma ordem cronológica, temos então a seguinte disposição, já identificando a época em que teriam sido escritas:

- 1 Tessalonicenses: 50-51;
- 1 Coríntios, 2 Coríntios, Filipenses, Filêmon, Gálatas: metade dos anos 50;
- Romanos: 57-58.

O que a maioria dos estudiosos indica é que não há unanimidade, pois enquanto um grupo indica que foram escritas por Paulo, o outro grupo destaca a pseudoepígrafe, ou seja, cartas que foram escritas mais tarde por um seguidor, por um discípulo de Paulo.

Por isso temos muitos “ses” para tratar dessas cartas. Destacamos dois:

- Se 2 Ts é autêntica, Paulo provavelmente escreveu logo após 1 Ts, pois precisava corrigir alguns mal-entendidos causados na primeira carta, já que são tão semelhantes na forma e no conteúdo.
- Se Cl é autêntica, Paulo provavelmente escreveu perto do fim de sua vida, já transcorridas as várias prisões que sofreu, uma vez que a teologia expressa nesta carta é bastante diferente das cartas anteriores de Paulo.

Para as outras quatro cartas, a maioria dos estudiosos pensa que não foram escritas pelo próprio Paulo, mas por um de seus “seguidores discípulos” após sua morte.

A carta aos Efésios é quase definitivamente uma extensão posterior de Colossenses, uma vez que estas cartas são tão semelhantes em sua estrutura e teologia, mas muito diferentes das cartas anteriores de Paulo. Claro que vamos ver mais alguns detalhes sobre isso quando tratarmos essas cartas separadamente. Esta carta aos Efésios foi escrita para servir como um “*grand finale*” das cartas paulinas.

As epístolas pastorais (1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito) provavelmente foram escritas no final do primeiro século, por alguns membros da “Escola Paulina” que queriam adaptar seus ensinamentos às circunstâncias em mudança.

Algumas considerações precisam ser feitas aqui, acadêmico, para que não tenhamos dúvidas em relação à canonicidade, autoria, compreensão real dos termos. Assim, quando destacamos que uma determinada carta é identificada por ser pseudoepigráfica, não significa que tenha menos valor que as outras, mas apenas que foi escrita mais tarde por alguém que não Paulo.

Todas as 13 cartas atribuídas a Paulo ainda são consideradas “canônicas”. Todas elas ainda são parte das Sagradas Escrituras e fundamentam a vida da Igreja.

Distinguir as letras baseadas na autoria real, no entanto, permite que os estudiosos vejam mais claramente o desenvolvimento da teologia e prática cristã primitiva.

Visto isso, podemos então falar sobre a carta aos Hebreus. Para esta carta, não há meio termo: não foi escrita por Paulo. Por muito tempo, por séculos, esta carta foi considerada a décima quarta obra no *corpus* paulino, principalmente porque o final epistolar menciona Timóteo, o mais próximo de Paulo, como podemos ver em Hb 13, 23: “fikai sabendo que nosso irmão Timóteo foi libertado. Se vier com suficiente rapidez, eu irei ver-vos com ele” (BÍBLIA, Epístola aos Hebreus, 1994).

Já podemos ver no início da carta que não há menção ao autor, no caso, a Paulo. O gênero literário também descaracteriza uma carta, identificando aí uma *homilia*, uma “pregação”, um “sermão”, claro, com base nas Sagradas Escrituras.

Entre os teólogos e estudiosos das Sagradas Escrituras é consenso que Paulo redigiu sete cartas. Sob a ordem canônica pode-se dizer que: Romanos, as duas aos Coríntios, Gálatas, Filipenses, a primeira aos Tessalonicenses e a Filêmon. Essas sete cartas são incluídas no gênero e no estilo de redação adotado pelo apóstolo dos gentios. Outras são aceitas como oriundas de uma “escola Paulina”: Segunda aos Tessalonicenses e Colossenses. Por fim, aquelas que seguramente, para grande maioria dos autores, não foram escritas por Paulo: 1 e 2 Timóteo, Tito, Efésios e Hebreus.

[...] Outro fato que devemos afirmar e que mais tarde comprovaremos, sobre as cartas paulinas – particularmente as pastorais –, é que os escritos do “Apóstolo dos Gentios”, em sua grande maioria, não são exclusivamente tratados teológicos. Ele não está preocupado em apresentar elucubrações mentais, divagações filosóficas ou tratados científicos. Antes, sua preocupação vital é responder a questões práticas, cotidianas. Ele visa responder problemas que surgem na vivência comunitária à luz da fé no Cristo. Assim, ao olharmos para as cartas paulinas, encontraremos sempre ele respondendo a questões que se impõem à vida das comunidades por onde ele passava (Gl 1, 6; 1 Cor 1, 10). Assim, as cartas pastorais, não obstante a querela em torno da autoria, são destinadas a lideranças de comunidades com o intuito de atenuar problemas pontuais e resolver dificuldades residuais de um determinado ambiente (FERREIRA, 2009, s.p.).

Vamos então, às cartas, mas agora com mais detalhes.

2 A PRIMEIRA CARTA AOS TESSALONICENSES

Esta carta foi escrita para uma comunidade onde os fiéis tinham sido cristãos por apenas um curto período de tempo, provavelmente não mais do que alguns meses. Vimos em Atos, que durante a estada de Paulo na cidade de Tessalônica, ele pregou em uma sinagoga judaica em três dias de sábado sucessivos. Ele evidentemente ficou na cidade por algum tempo depois disso e continuou seu trabalho entre os gentios

2.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL

A autoria dessa carta é evidenciada em 1 Ts 1, 1, quando identifica Paulo, Silvano e Timóteo já no seu início. Nesse mesmo versículo, os destinatários são: "A igreja dos tessalonicenses em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo" (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 1994). Não podemos esquecer daqueles poucos cristãos judeus, mas principalmente gentios convertidos em Tessalônica, uma cidade culturalmente grega que no primeiro século foi a capital da província romana da Macedônia.

Encontramos Paulo na segunda rodada de suas viagens missionárias, ou seja, por volta dos anos 50 ou 51. Mais abaixo, temos o roteiro dessa segunda viagem de Paulo. Por isso Paulo, o autor, ou os autores dessa carta, vão se utilizar

do idioma grego de *Koiné*, um dialeto grego utilizado na vida cotidiana comum, sem a sofisticação do grego clássico.

Todas as cartas de Paulo foram escritas em grego popular: a *koiné*. A primeira carta aos Tessalonicenses, em particular, situa-se estilisticamente sob outras cartas e tende a salientar uma proximidade quase familiar; observa-se por exemplo o uso desproporcionado (19 vezes) da designação “irmãos”. Não obstante, nem por isso Paulo deixa de ser uma pessoa que conhece o valor de cada palavra e sabe encontrar uma palavra precisa quando dela necessita para expressar um conceito. Pode-se afirmar que o apóstolo se coloca, no fundo e na forma à altura dos Setenta, isto é, dos tradutores gregos do AT: nada tem de pomposo nem de rebuscado, mas também mostraram-se capazes de encontrar uma palavra precisa quando o tema o requeria (BOSCH, 2002, p. 103).

O propósito desta carta é o encorajamento para perseverar na fé apesar das perseguições. No NT encontramos duas cartas que Paulo escreveu à igreja de Tessalônica. Esta primeira carta que agora estudamos foi escrita para uma comunidade de crentes que haviam sido cristãos por apenas um curto período de tempo, provavelmente não mais do que alguns meses.

Brown (2012, p. 409) nos lembra que “Tessalônica tinha uma comunidade judaica, marcada, porém, pela multiplicidade de cultos, reflexo da mistura da população. Dados arqueológicos e históricos indicam lugares para o culto ao panteão romano e ao imperador, bem como uma multidão de divindades orientais, como Cabiras (*Kábeiroi*), Isis, Serápis e Osiris”.

FIGURA 23 – TEATRO DA ÁGORA ANTIGA – RUÍNAS DE TESSALÔNICA



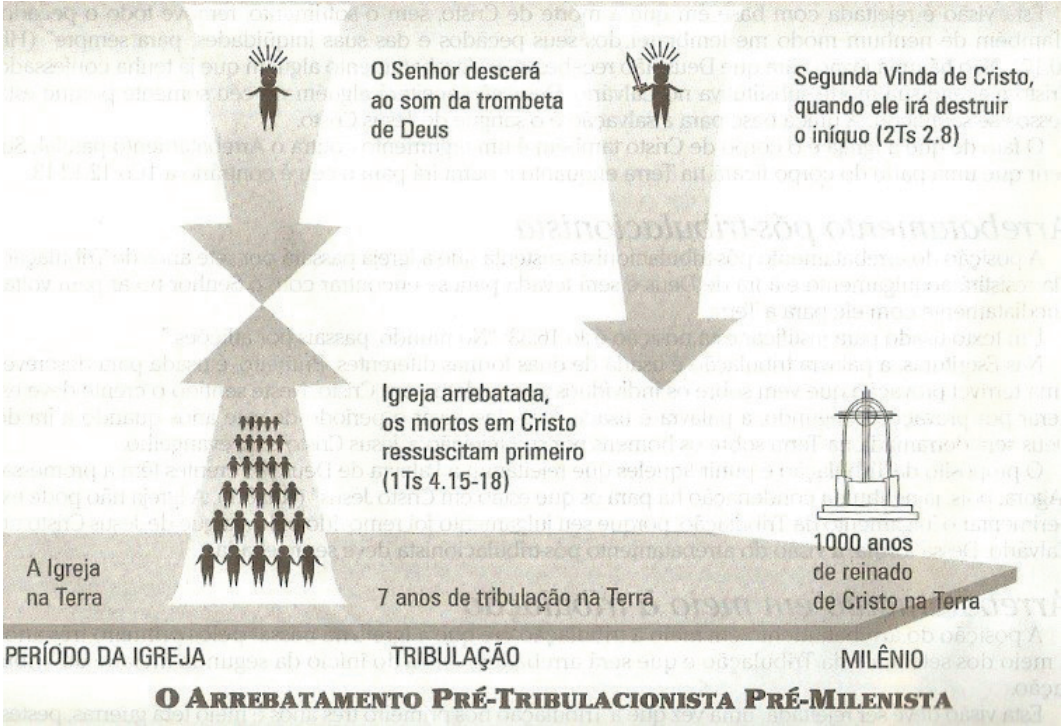
FONTE: Disponível em: <<http://iadrn.blogspot.com.br/2011/08/cidade-da-tessalonica.html>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

Aprendemos lá, no Livro de Atos, que durante a estada de Paulo na cidade de Tessalônica, ele pregou em uma sinagoga judaica em três dias de sábado sucessivos. Ele evidentemente ficou na cidade por algum tempo depois disso e continuou seu trabalho entre os gentios. Embora seu ministério tenha sido bem-sucedido, à medida que ele conquistou convertidos ao cristianismo de judeus e gentios, ele encontrou oposição, especialmente de judeus que se ressentiam muito de que ele era capaz de conquistar seguidores judeus. Quando a doença o impediu de voltar, ele enviou seu colega Timóteo para fortalecer o grupo, para então relatar a Paulo sobre o progresso que tinha sido feito. Quando Timóteo retornou a Paulo com a boa notícia de que os membros da igreja estavam firmes em sua nova fé, Paulo então escreve esta Primeira Carta aos Tessalonicenses.

2.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

Paulo felicita os tessalonicenses pela sua fidelidade ao evangelho que proclamou enquanto estava entre eles e os exorta a permanecerem firmes na fé. Ele os adverte contra a sensualidade e as várias formas de autobusca, que são contrárias ao espírito do modo de vida cristão. Mas o propósito principal da carta de Paulo é lidar com um problema especial que se desenvolveu depois que deixou a cidade. Paulo compartilhou com os cristãos, em Tessalônica, sua crença de que o fim da era viria em um futuro muito próximo. Em parte, uma herança do apocalipticismo judaico, essa crença sustentava que o reino messiânico seria introduzido por um súbito evento catastrófico, momento em que o Messias celestial desceria sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. Quando os primeiros cristãos aceitaram a ideia de que o homem que havia morrido na cruz era o verdadeiro Messias, estavam convencidos de que ele devia retornar à Terra para completar a obra que tinha começado.

FIGURA 24 – SEGUNDA VINDA DE JESUS



FONTE: Disponível em: <<http://geracaomaranata.com.br/wp-content/uploads/2011/04/Pr%C3%A9-Trib1.jpg>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

A maneira de sua segunda vinda foi concebida de acordo com as concepções apocalípticas. Esta crença era comum entre os primeiros cristãos, e Paulo aceitou-a junto com o resto. Embora os cristãos insistissem bastante que ninguém sabia o momento exato em que essa segunda vinda aconteceria, eles tiveram a certeza de que isso ocorreria durante a vida dos que eram membros da comunidade cristã.

Depois que Paulo deixou Tessalônica, morreram algumas pessoas que pertenciam a esta igreja. Como esperavam a volta de Jesus e este, como sabemos, não tinha retornado, sérias dúvidas surgiram entre os tessalonicenses, pois eles tinham sido levados a acreditar que Jesus, o Messias, retornaria antes que qualquer um deles morresse.

FIGURA 25 – SEGUNDA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<https://advbrasil.files.wordpress.com/2012/07/mapa2viagem.jpg>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

Em sua declaração sobre a segunda vinda de Jesus, Paulo diz que ele nunca abandonou sua fé de que o retorno de Jesus a esta terra ocorrerá em um futuro próximo. Paulo acrescenta em 1 Ts 5, 18: "Depois disso, nós que ainda estamos vivos, e seremos deixados, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para encontrar-nos com o Senhor nos ares, e assim estaremos com o Senhor para sempre" (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 1994). A carta termina com um lembrete de que o Dia do Senhor virá como um ladrão na noite. Ninguém sabe exatamente quando virá, mas todos são exortados a viver de tal modo que estarão prontos para isso a qualquer momento.

3 A PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS

Esta é a primeira carta que Paulo enviou à Igreja de Corinto. Contendo dezesseis capítulos que vão apresentando as divisões dentro da igreja, os principais personagens que com Paulo terão a missão de disseminar o Evangelho: Apolo e Cefas.

3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

O autor, ao qual se atribui a confecção dessa carta, é Paulo, como encontramos em 1Cor 1,1: "Paulo, chamado a ser apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e Sóstenes, o irmão". Para quem ele escreve? No versículo seguinte, 1 Cor 1, 2, já temos a resposta: "igreja de Deus que está em Corinto, aos que foram santificados no Cristo Jesus, chamados a ser santos com todos os que invocam em todo lugar o nome do nosso Senhor Jesus Cristo" (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994).

FIGURA 26 – CORINTO



FONTE: Disponível em: <<https://israeleal.files.wordpress.com/2015/05/corinto.jpg>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

Esta comunidade de Corinto é uma comunidade mista com alguns cristãos judeus, mas sua maioria é composta por gentios convertidos. Corinto é uma cidade muito próspera e importante na região para o Império Romano. Em Corinto havia dois portos: Cencreia e Lequeia. Tinha aproximadamente 500 mil habitantes e mais da metade desse número eram escravos. Com esses predicados, é óbvio que problemas de ordem moral, sexual, disputas, dúvidas em relação à fé, classes distintas que sobrepunham umas às outras, vão gerar problemas para uma comunidade cristã animada, porém exposta a esses problemas.

Esta é uma carta de exortação, de instrução, que Paulo, possivelmente em Éfeso, escreve em grego, aos cristãos de Corinto, por volta do ano 54. Não podemos esquecer que Paulo fundou Corinto, que já esteve nessa comunidade e, agora, a eles escreve.

A autoria de Paulo de 1 Coríntios, além de alguns versículos que alguns estudiosos consideram como interpolações posteriores, nunca foi seriamente questionada. Eles propuseram, contudo, que a carta, tal como a temos, contém porções de mais de uma carta paulina original. Sabemos que Paulo escreveu pelo menos duas outras cartas a Corinto, como lemos em 1 Cor 5, 9; e 2 Cor 2, 3.

- 1 Cor 5,9: “eu vos escrevi na minha carta que não tivésseis relações com devassos”; e
- 2 Cor 2, 3: “o objetivo da minha carta era evitar que, ao chegar, eu sofresse tristeza da parte daqueles que deveriam me causar alegria” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994).

Seriam, então, quatro cartas? Estas duas cartas pré-canônicas existem? Estariam elas inseridas em 1 e 2 Cor? Bom, essa pergunta já contém a resposta mais provável.

Paulo escreveu esta carta de Éfeso por volta do ano 56. A maioria dos cristãos coríntios pode muito bem ter sido bastante fiel, mas Paulo escreve em seu nome para se proteger contra as ameaças colocadas à comunidade pelas opiniões e conduta de algumas minorias (isso não é de hoje) que fazem muito barulho. Ele escreve com confiança na autoridade de sua missão apostólica, e presume que os coríntios, apesar de suas deficiências, reconhecerão e aceitarão suas admoestações. Por outro lado, ele não hesita em exercer sua autoridade como o seu juízo determina em cada situação, chegando mesmo a prometer um confronto direto com aqueles que insistem no erro, nos abusos ainda não corrigidos: 1 Cor 4, 18-21: “mas eu irei em breve ter convosco, se o Senhor quiser, e tomarei conhecimento, não das palavras desses orgulhosos, mas da sua ação. Pois o Reino de Deus não consiste em palavras, mas em ação. Que preferis? Que eu vá a vós com varas ou com amor e num espírito de doçura?” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994).

É, caro acadêmico, Paulo não brinca em serviço. A carta ilustra bem a mente e o caráter de Paulo. Embora seja impelido a insistir em seu cargo como fundador da comunidade, reconhece que ele é apenas um servo de Deus entre muitos e reconhece generosamente os trabalhos de outros tão dedicados quanto ele, como Apolo e Timóteo.

Paulo nos fornece nesta carta muitos exemplos valiosos de seu método de reflexão e exposição teológica. Ele sempre trata as situações em questão sobre o nível da pureza do ensino e da conduta cristã. Certas passagens da carta são de muita importância para a compreensão do ensino cristão primitivo sobre a Eucaristia (1 Cor 10, 14-22; 11, 17-34) e sobre a ressurreição do corpo (1 Cor 15, 1-58). Não esqueça de conferir essas passagens com a sua Bíblia sempre em mãos.

3.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICA

A primeira carta de Paulo à igreja de Corinto nos fornece uma visão mais completa da vida de uma comunidade cristã primitiva da primeira geração do que qualquer outro livro do Novo Testamento. Através dele podemos vislumbrar tanto as forças quanto as fraquezas desse pequeno grupo em uma grande cidade do mundo antigo, homens e mulheres que aceitaram as boas-novas de Cristo e agora estavam tentando perceber em suas vidas as implicações de seu batismo. Paulo, que havia fundado a comunidade e continuou a cuidar dela como pai, responde tanto às perguntas que lhe foram dirigidas como às situações que lhe foram comunicadas. Ao fazê-lo, ele revela muito sobre si mesmo, seus ensinamentos e a maneira como conduziu seu trabalho de apostolado. Algumas coisas são intrigantes porque temos a correspondência somente em uma direção. Para a pessoa que estuda esta carta, parece suscitar tantas perguntas quanto respostas, mas sem ela nosso conhecimento da vida da igreja em meados do primeiro século seria muito mais pobre.

A primeira carta aos Coríntios, apesar de ser a mais longa, não é menos carta e nem menos familiar que a primeira e segunda carta aos Tessalonicenses. De todos os modos, podemos afirmar que, sem fugir de uma expressão familiar, enfrenta temáticas profundas e de forma mais pessoal, chegando a colocações quase filosóficas, apresentadas evidentemente de modo mais retórico (BOSCH, 2002, p. 180).

Paulo estabeleceu uma comunidade cristã em Corinto cerca do ano 51, em sua segunda viagem missionária, tão penosa e difícil que não conseguimos mensurar as dificuldades que ele enfrenta nessas viagens, desde os deslocamentos até os enfrentamentos que encontra nas diferentes localidades em que vai exercer sua missão.

FIGURA 27 – DIFICULDADES NAS VIAGENS DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<http://www.portalfiel.com.br/charges/119-charge-viagem-do-apostolo-paulo-biblia.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

A cidade de Corinto, localizada numa encruzilhada comercial, era uma panela em ebulição, cheia de devotos de vários cultos pagãos e marcada por uma grande depravação moral não incomum em um grande porto marítimo. Os Atos dos Apóstolos sugerem que o sucesso moderado atendeu aos esforços de Paulo entre os judeus em Corinto no início, mas que logo se voltaram contra ele. Mais fecundo foi seu ano e meio gasto entre os gentios, pois ganhou para a fé muitos pobres e desprivilegiados da cidade. Após sua partida, o eloquente Apolo, um judeu-cristão alexandrino, prestou um grande serviço à comunidade, expondo que Jesus é o Messias, conforme as Escrituras: At 18, 28: “pois a força de seus argumentos prevalecia sobre os judeus, de público, quando ele provava pelas Escrituras que Jesus era o Messias” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1994).

FIGURA 28 – TERCEIRA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<http://mcproduja.blogspot.com.br/2013/01/mapas-biblicos.html>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

Enquanto Paulo estava em Éfeso em sua terceira jornada, ele recebeu notícias de Corinto que o deixaram muito preocupado. A comunidade estava mostrando grupos de facções, porque determinados membros estavam identificando-se exclusivamente com os líderes cristãos individuais e interpretando o ensino cristão como uma sabedoria superior para os poucos iniciados. A comunidade não tinha a determinação necessária para tomar medidas apropriadas contra um de seus membros que vivia publicamente em uma união incestuosa. Outros membros estavam envolvidos em conflitos legais em tribunais pagãos; e para piorar, outros ainda profanando a religião com prostituição ou nos sacrifícios do templo, situação muito bem repudiada por Jesus.

Os males da comunidade se refletiam em sua liturgia. Na celebração da Eucaristia, alguns membros discriminaram outros, bebiam livremente no ágape ou na confraternização e negaram a caridade cristã aos mais pobres. Carismas como a oração, atribuída livremente ao impulso do Espírito Santo, eram mais valorizados do que as obras de caridade e foram usados, às vezes, de maneira desordenada. As mulheres apareceram na assembleia sem estarem com as cabeças cobertas como de costume.

Ainda não terminou. Outros problemas com que Paulo teve que lidar diziam respeito a assuntos de consciência discutidos entre os membros fiéis da comunidade, por exemplo:

- comer carne sacrificada aos ídolos – 1 Cor 8,4: “portanto, é lícito comer carnes sacrificadas aos ídolos? Nós sabemos que não há nenhum ídolo no mundo e que não há outro deus fora o Deus único”;
- o uso do sexo no casamento – 1 Cor 7, 2-3: “todavia, para evitar todo desregramento, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido. Cumpra o marido os seus deveres para com sua mulher e faça a mulher o mesmo para com seu marido” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994);
- comportamento dos solteiros em relação ao casamento em vista da possível proximidade da segunda vinda de Cristo.

Houve também uma questão doutrinária que chamou a atenção de Paulo, pois alguns membros da comunidade, apesar da crença na ressurreição de Cristo, negavam a possibilidade de uma ressurreição corporal geral.

4 A SEGUNDA CARTA AOS CORÍNTIOS

Esta segunda carta aos Coríntios é apontada como a carta que mais retrata Paulo como o grande apóstolo, como um líder que passa por grandes dificuldades e é duramente testado em sua missão.

4.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

Nesta segunda carta, repete-se a autoria e destinatários da primeira 2 Cor 1, 1: “Paulo, apóstolo de Cristo”. E os destinatários também já são identificados no início da carta 2 Cor 1, 2: “à igreja de Deus que está em Corinto, incluindo todos os santos em toda Acaia” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994).

Na atualidade é praticamente unânime entre os estudiosos de que a Segunda carta aos Coríntios responde a uma série de problemas surgidos depois do envio da Primeira carta. As notícias e as consultas que deram ocasião àquela carta devem ter causado em Paulo momentos de preocupação, mas não representavam uma tragédia: o apóstolo sabia qual era o ponto de partida em muitas daquelas pessoas (1 Cor 6, 9-11) e não lhe passava despercebido como o testemunho de Cristo ia se

consolidando entre eles (1, 5-8). As divisões entre os grupos ofuscavam o sentido de comunidade como única igreja de Cristo (11, 22), mas não rompiam a unidade: todos continuavam se reunindo (11, 17s-20, 33; 14, 23-26). O caso do incestuoso teria sido inadmissível para os mesmos pagãos (5, 1), mas o apóstolo está seguro de que será expulso o “velho fermento”, para poder continuar a celebração pascal (VV. 7s) (BOSCH, 2002, p. 201-202).

A cidade de Éfeso é apontada como local da composição dessa carta em meados dos anos 50. O objetivo dessa carta não difere muito das anteriores: escrita em grego, Paulo apresenta suas admoestações e sérias advertências, mas não esquece de dar suas instruções.

4.2 ESTRUTURA E TEMAS

Podemos conduzir nossa reflexão para compreender a ocasião que induziu Paulo a escrever esta Epístola aos Coríntios fazendo uma aproximação com a primeira carta, que foi, provavelmente, levada a Corinto por Tito. Logo após a saída de Tito, rumo a Corinto, Paulo refletiu que havia pesado na mão e escrito sobre as divisões, sobre a prática incestuosa. Paulo ficou preocupado que suas palavras pudessem ser mal interpretadas, que sua carta poderia criar uma impressão falsa e que poderia provocar ressentimento na comunidade cristã e atentar contra tudo que pregou por amor às pessoas de Corinto. Mas estamos falando de Paulo e não poderia ser diferente. Bosch (2002, p. 205) afirma: “a segunda carta aos Coríntios é, no dizer de todos os estudiosos da Sagrada Escritura, uma construção complicada. Do ponto de vista de sua construção estilística, sem implicar (nem excluir) que se trate de cartas enviadas realmente em momentos diversos”.

FIGURA 29 – RUÍNAS DE CORINTO



FONTE: Disponível em: <<https://discernimentocristao.wordpress.com/2012/01/31/sabedoria-de-deus-x-sabedoria-da-mundo/#jp-carousel-2091>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Na Segunda carta, assim como a primeira, por uma profunda ligação, também se apresenta como um valor permanente para a Igreja de Deus a revelação de que não é a sabedoria do mundo, mas a loucura da cruz que salva. Encontramos também nessa carta a aplicação dos princípios cristãos às relações sociais. Mais do que em qualquer outra carta paulina, é aqui que se revela a personalidade dos apóstolos.

Bosh (2002) divide a Segunda carta aos Coríntios em quatro cartas:

- **Carta A:** carta da reconciliação dos capítulos 1 a 7.
- **Carta B:** a primeira referência à coleta encontrada no capítulo 8.
- **Carta C:** a segunda referência à coleta no capítulo 9.
- **Carta D:** apologia de Paulo nos capítulos 10 a 13.

Esta carta, entre suas peculiaridades muito próprias, revela mais do que qualquer outra a personalidade do Apóstolo Paulo. A afeição profunda de Paulo pela igreja de Corinto é visivelmente demonstrada. Por outro lado, também sua dor e suas fraquezas são claramente demonstradas. Mas no final de tudo ficam sua força espiritual, humildade e vontade de perdoar aqueles que se arrependem; fica seu apreço e zelo pelo bem-estar espiritual da igreja de Cristo e seus membros.

Esta carta é uma fonte rica de informações sobre a igreja primitiva, ficando isso demonstrado de forma muito simbólica em alguns dos melhores versículos que podemos encontrar no NT.

Eis algumas delas:

- 2 Cor 9, 7 – "Deus ama aquele que dá com alegria";
- 2 Cor 3, 6 – "a letra mata, mas o Espírito vivifica";
- 2 Cor 3, 17 – "Pois o Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Coríntios, 1994).

5 A CARTA AOS FILIPENSES

Esta carta aos Filipenses faz frequentes referências à alegria, pois foi escrita por Paulo como expressão de sua gratidão aos Filipenses por seu apoio consistente ao seu ministério, na forma material e também por orações.

5.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

O início da carta anuncia alguns prováveis autores desse texto Fl 1, 1: "Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo" (BÍBLIA, Epístola aos Filipenses, 1994). Porém, como o conteúdo da carta mostra uma afeição toda especial por essa comunidade de Filipo e também indícios de que Paulo a teria escrito na prisão, a autoria fica definida em um único autor – Paulo.

Os destinatários são: Fl 1, 2 “A todos os santos em Jesus Cristo que estão em Filipos, com os seus episcopos e diáconos” (BÍBLIA, Epístola aos Filipenses, 1994).

A encontramos em Filipos, cidade que era colônia romana muito expressiva pela sua posição geográfica.

Pela situação de prisioneiro em que se encontrava Paulo quando da escrita dessa carta, reconhecida também como carta do cativo, podemos indicar que Paulo estaria já aguardando sua morte. Mas a maioria dos exegetas aponta que Paulo estaria em Éfeso quando escreveu as duas cartas aos Coríntios. E é por essas circunstâncias que, para definir a data, é preciso optar por um lugar ou aproximar o mais possível da realidade paulina: um Paulo combativo, valente, enfrentando as dificuldades do cristianismo dos anos 56 ou 57.

Paulo, nesta carta, tem por objetivo confirmar sua amizade com a comunidade de Filipos, agradecer o apoio que recebe prontamente, mas também incentivar a fé, encorajá-los e chamar a atenção contra erros que podem atentar contra a fé.

5.2 CARACTERÍSTICAS E ESTRUTURA

Já vimos, mas não custa reforçar o amor, a preocupação de Paulo para com essa comunidade para que viva o mesmo amor pelo Evangelho de Cristo. Paulo atenta principalmente para os convertidos, expressando uma teologia sensível à ternura humana, demonstrando seu entusiasmo por Cristo. Em Fl 3, 8-10, Paulo compartilha suas esperanças e convicções, suas ansiedades e medos, revelando a total confiança e fé em Cristo: “como não, eu considero que tudo é perda em comparação deste bem supremo que é o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por causa dele, perdi tudo e considero tudo isso como lixo, a fim de ganhar a Cristo e ser achado nele, não já com uma justiça que seja minha, que venha da lei, mas com a que vem pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus e se apoia na fé. Trata-se de conhecê-lo a ele, ao poder da sua ressurreição e à comunhão com seus sofrimentos, de tornar-se semelhante a ele em sua morte” (BÍBLIA, Epístola aos Filipenses, 1994).

Na sua estrutura, esta carta incorpora um hino sobre a salvação que Deus trouxe por meio de Cristo, aplicada por Paulo às relações dos cristãos uns com os outros. Podemos dividir a carta da seguinte maneira:

- 1. Endereço que localiza os destinatários da carta.
- 2. O avanço do Evangelho de Cristo expresso na comunhão fraterna.
- 3. Instruções para a comunidade, pois Paulo, como se mostra preso, demonstra que seu desejo é que levem adiante a missão apostólica do evangelho, de testemunho e fidelidade.
- 4. Planos de viagem de Paulo e também de Timóteo e Epafrodito.
- 5. Nesta parte aparece a questão sobre os agitadores judaizantes que não queriam viver no comprometimento cristão.

- 6. Instruções para a comunidade reforçando a renúncia à superioridade para seguir Jesus Cristo na fé, na concórdia, na paz e na alegria, demonstrando sua gratidão pela generosidade dos filipenses.
- 7. Paulo finaliza a carta com um adeus terno como a um amigo valoroso.

6 A CARTA A FILÊMON

Esta carta a Filêmon é a mais curta das cartas atribuídas a Paulo, que a endereça a um importante cristão, chamado Filêmon, para que este interceda a favor de um escravo fugitivo, chamado Onésimo, já convertido ao cristianismo.

6.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

Temos nesta carta a identificação de dois autores: Fm 1,1 "Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus, e o irmão Timóteo" (BÍBLIA, Epístola a Filêmon, 1994).

O destinatário, ou destinatários, vêm logo em seguida: a Filêmon, nosso bem-amado colaborador, e a Ápia, nossa irmã, e a Arquipo, nosso companheiro de armas e à Igreja que se reúne em tua casa.

A data mais indicada se situa na terceira fase do trabalho missionário de Paulo, pelo ano 55 a 56, quando estava em Éfeso. Nesta carta, Paulo tem por objetivo influenciar Filêmon para libertar seu escravo Onésimo, para que este último possa trabalhar como missionário com Paulo.

Há várias indicações sobre a autoria dessa carta ser atribuída a Paulo: o Fragmento Muratoriano, que já vimos anteriormente, Tertuliano, Orígenes e Eusébio, também conhecidos historiadores que confirmam essa orientação.

Algumas características que apontam para Paulo nesta carta:

- autoatestado;
- contém a habitual bênção paulina, ação de graças e saudação;
- revela o caráter do grande apóstolo e exhibe claramente seu estilo.

Claro que esta carta também não é uma unanimidade. Alguns apontam sua proximidade com Colossenses e Efésios, também não muito óbvias.

A carta está dirigida a Filêmon, fiel companheiro na fé e na missão, a Ápia e a Arquipo. Sabemos de antemão que reuniões de assembleia aconteciam em casas de líderes de expressão na comunidade. Daí podemos acreditar que Ápia fosse mulher de Filêmon, e Arquipo, seu filho. Estão em Colossos, provavelmente morador, onde Filêmon exerce algum ministério. Filêmon se converteu ao cristianismo através de Paulo quando esteve em Éfeso.

6.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

Das cartas paulinas, esta carta a Filêmon é a mais breve, a mais pessoal, pois nela Paulo se expressa com uma delicadeza, com sentimentos verdadeiros, comuns, sem se impor.

Paulo escreve a Filêmon para que acolha Onésimo, escravo conforme a lei, mas que a pedido de Paulo seja considerado como irmão na fé e que não seja castigado, já que era permitido a quem infringisse a lei, como é o caso de Onésimo, acusado de fuga, indo para Roma e, não se sabe como, teria encontrado Paulo. No entanto, ele não o enviou de mãos vazias, mas deu-lhe uma carta de recomendação, na qual ele informa a Filêmon da mudança feita em Onésimo, motivo pelo qual o ex-escravo se tornou um irmão, lhe dá uma recepção favorável em sua família e no círculo que se reunira em sua casa para adoração, e até insinua a conveniência de emancipar-se dele.

FIGURA 30 – FRAGMENTO DA CARTA ORIGINAL A FILÊMON



FONTE: Disponível em: <http://gigliologia.blogspot.com.br/2010_06_01_archive.html>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Esta carta está intimamente relacionada com aquela enviada à Igreja colossense. Estas cartas foram compostas ao mesmo tempo, foram enviadas para a mesma cidade, e contêm saudações idênticas. Distingue-se de Colossenses porque é uma carta particular. No entanto, não é dirigida a um único indivíduo, mas a um grupo de pessoas, como vimos anteriormente. Podemos distinguir três partes nesta breve carta:

- **I. A Introdução (1-7)** – Esta contém o endereço, a bênção costumeira, e uma ação de graças do apóstolo pela caridade de Filêmon, para o aumento de que Paulo espera, porque ele refresca muito os santos.
- **II. A Solicitação (8-21)** – Em vez de ordenar a Filêmon, o apóstolo chega a ele com um pedido, isto é, que ele receba de volta o convertido escravo Onésimo e perdoe-lhe o seu erro. Paulo reforça seu pedido apontando para a conversão de Onésimo, e para sua própria vontade de pagar a Filêmon o que ele perdeu, embora ele poderia pedir vingança dele; e confia que Filêmon fará mais do que ele pede.
- **III. Conclusão (22-25)** – Confiando que ele será libertado, o apóstolo pede a Filêmon que se prepare para ele. Com saudações de seus colegas de trabalho e uma saudação final, ele termina sua carta.

Uma característica marcante da carta quando trata do tema da escravidão, que foi utilizada em debate durante a história de libertação nas ilhas britânicas e mais tarde também na história americana, é sobre a abolição da escravidão.

A carta também mostra que, naquela época, os cristãos não se encontraram em "igrejas", como entendemos na sua configuração atual, mas nas casas das pessoas, no caso ali relatado, na casa de Filêmon, que possuía uma casa e que poderia acolher as pessoas nesses encontros.

7 A CARTA AOS GÁLATAS

Paulo vai escrever esta carta porque está principalmente preocupado com a controvérsia em torno dos cristãos gentios na observância da lei mosaica no início do cristianismo. A carta indica que alguns dos Gálatas foram influenciados a acreditar que precisavam ser circuncidados para serem verdadeiros cristãos.

7.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL

Sabemos que para Paulo escrever uma carta a alguém ou a alguma comunidade, ele conhece, de alguma forma, a situação dessa comunidade. Nesta carta não será diferente, pois Paulo sabe que 'a verdade do Evangelho' aí está com sérios problemas, que não são muito diferentes dos de hoje.

Adivinha, acadêmico, quem escreveu esta carta? Acertou, se pensou em Paulo. Gl 1, 1: "Paulo, apóstolo, não da parte dos homens, nem por um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou de entre os mortos" (BÍBLIA, Epístola aos Gálatas, 1994).

Paulo está escrevendo esta carta provavelmente para várias igrejas, especialmente do norte da Galácia. Ele escreve essa carta quando já havia passado pela região pela segunda vez. O que nos mostra que Paulo escreve esta carta pelo

menos meio ano antes de escrever aos romanos, entre os anos 56-57, já que estava em Éfeso e as semelhanças dessas duas cartas o acusam como autor autêntico.

Paulo tem por objetivo a exortação e admoestação, para repreender a comunidade por abandonarem a fé que ele mesmo havia pregado e por aceitar práticas judaizantes.

7.2 TEMAS E ESTRUTURA

Parece comum nas cartas de Paulo a oposição de um grupo muito específico que lhe dá um trabalho descomunal: os judaizantes. E por que dão tanto trabalho? Porque querem impor aos cristãos de origem pagã o crivo da lei judaica.

Outro tema em comum com a escrita aos romanos trata sobre justificação pelas obras: é que pelas obras da lei ninguém será justificado diante de Deus. Em ambas, Paulo pretende reconciliar sua admissão de que a lei mosaica veio de Deus com sua afirmação de que ela não era obrigatória para os cristãos. Além dessas semelhanças, há também vários acordos verbais e passagens paralelas nessas cartas. Vamos a alguns exemplos?

QUADRO 3 – COMPARATIVO: CARTA AOS ROMANOS E AOS GÁLATAS

CITAÇÃO	ROMANOS	GÁLATAS
Rm 8, 14-17 Gl 4, 5-7	Rm 8, 14-17	Gl 4, 5-7
	Com efeito, os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses é que são filhos de Deus: vós não recebestes um espírito que vos torne escravos e vos reconduza ao medo, mas um Espírito que faz de vós filhos adotivos e pelo qual nós clamamos: <i>Abbá</i> – Pai. Esse Espírito é quem atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus. Filhos, e portanto herdeiros: herdeiros de Deus, co-herdeiros de Cristo, visto que, participando dos seus sofrimentos, também teremos parte na sua glória.	Para pagar a alforria daqueles que estão sujeitos à lei, para que nos seja dado ser filhos adotivos. Filhos, vós bem que os sois: Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que chama: <i>Abbá</i> – Pai! Portanto, já não és mais escravo, mas filho; e, como filho também és herdeiro: isto é obra de Deus.

Rm 6, 6-8 Gl 2,20	Rm 6, 6-8	Gl 2,20
	Compreendamos bem isso: o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que seja destruído esse corpo de pecado e, assim, não sejamos mais escravos do pecado. Pois aquele que está morto está libertado do pecado. Mas se estamos mortos com Cristo, cremos que também viveremos com ele.	Vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim. Pois a minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou por mim.
Rm 13, 13-14 Gl 5, 16-17	Rm 13, 13-14	Gl 5, 16- 17
	Comportemo-nos honestamente, como em pleno dia, sem comezainas nem bebedeiras, sem licenciosidades, nem devassidões, sem brigas nem inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não vos abandoneis às preocupações da carne para lhe satisfazerdes as concupiscências.	Escutai-me: andai sob o impulso do Espírito e não façais mais o que a carne deseje. Pois a carne, em seus desejos, opõe-se ao Espírito e o Espírito à carne; entre eles há antagonismo; por isso não fazeis o que quereis.

FONTE: Adaptado de Bíblia (1994, p. 1250-1397)

Paulo deixa evidente em Gálatas alguns contrastes, porque este é o estilo dessa carta, aproximando as duas afeições extremas do caráter admirável de Paulo: a severidade e a ternura. Às vezes, ele fala em tom frio e severo, como se ele mal reconhecesse os gálatas como irmãos. Vamos elencar alguns exemplos desses contrastes:

- a graça que é contrastada com a lei em sua aplicação judaica, e especialmente em seu lado ritual;
- a fé é colocada em relação antitética às obras do homem;
- os frutos do Espírito são postos contra as obras da carne;
- a circuncisão se opõe à nova criação.

8 A CARTA AOS ROMANOS

A carta aos Romanos vai destacar como sua principal mensagem que a salvação está disponível para a humanidade através da graça de Jesus Cristo, e somente pela fé e não pelas obras que a humanidade alcançará a justiça divina.

8.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, LOCAL E DATA

Em Rm 1, 1 é descrita uma pequena biografia de Paulo como “escravo de Jesus Cristo, chamado para ser um apóstolo”. Já em Rm 16, 22 temos indícios de que um escriba, chamado Tercius, pode ter escrito essa carta.

Bom, eis um indicativo da autoria dessa carta que tem como destinatários em Rm 1, 7: "A todos os amados de Deus em Roma, que são chamados para serem santos" (BÍBLIA, Epístola aos Romanos, 1994). Podemos aí identificar grupos mistos de cristãos judeus e cristãos gentios em Roma, a capital do Império Romano, a quem Paulo até esse momento não havia estado. Por essa razão, para a composição dessa carta, podemos indicar os anos 57-58, já que Paulo está encerrando sua terceira viagem missionária.

FIGURA 31 – TERCEIRA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<https://afeexplicada.wordpress.com/2015/09/03/as-viagens-missionarias-de-sao-paulo-e-sua-equipe/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

Paulo prometeu aos membros da igreja em Corinto que voltaria a visitá-los assim que tivesse a oportunidade, e não demorou muito em enviar a última carta para eles informando que a oportunidade havia chegado, e ele foi capaz de passar vários meses com os membros da igreja. Durante este tempo, provavelmente na última parte do ano 57 d.C., ele escreveu uma carta à igreja em Roma, a mais ambiciosa de todas as suas cartas e a única em que ele apresenta um relato

sistemático de sua compreensão do evangelho. Como Paulo não tinha visitado a igreja em Roma e não estava familiarizado com seus problemas locais, a carta não está escrita na forma que ele usou em sua correspondência anterior com as outras igrejas. Em vez disso, é uma declaração cuidadosamente preparada do que ele considerava como os elementos essenciais da religião cristã.

Paulo queria que o evangelho fosse proclamado em todo o mundo então conhecido, e parecia mais apropriado que ele não deveria apenas visitar a igreja em Roma, mas obter seu total apoio para o programa missionário que ele imaginava. Nós não sabemos como a igreja em Roma foi iniciada, mas ela existia durante a vida de Paulo, e havia boas razões para acreditar que ela logo se tornaria uma das principais igrejas cristãs do mundo. Paulo queria que a igreja romana tivesse um conhecimento direto do evangelho que ele pregava, mas incapaz de visitar pessoalmente seus membros no futuro imediato, expôs suas convicções em uma carta endereçada aos romanos.

8.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

De todas as cartas de Paulo, esta carta é o mais longo e mais sistemático desdobramento do pensamento do apóstolo, expondo, do jeito paulino de ser, o evangelho da justiça de Deus que salva todos os que creem.

Paulo reflete nesta carta uma visão universal, com implicações especiais para a relação de Israel com a igreja (Rm 9-11). Paulo quer apresentar-se como modelo de cristão e a sua teologia, seu pensamento, no esforço de enfatizar a unidade dos judeus e gentios no cristianismo.

A existência de uma comunidade cristã em Roma antecipa a carta de Paulo ali. Esta presença cristã surge dentro da população judaica, que neste tempo tinha um número considerável em Roma, mesmo com a expulsão determinada por um edito do imperador Cláudio, aproximadamente no ano 49. Quando lemos At 18, 2 ficamos sabendo que Áquila e Priscila estavam entre os expulsos. At 18, 2: “Lá, encontrou um judeu chamado Áquila, originário do Ponto que acabava de chegar da Itália com a mulher Priscila. Pois Cláudio decretara que todos os judeus deviam sair de Roma” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1994). É com este casal que Paulo pode ter aprendido sobre as condições na igreja em Roma.

A par da realidade, Paulo então fala em romanos, sejam judeus, gentios, cristãos convertidos. Quando verificamos os temas abordados por Paulo, não temos grandes novidades do que já havia falado, por exemplo, à comunidade de Corinto. Vejamos:

- Rm 14, 1: “acolhei aquele que é fraco na fé”;
- Rm 15, 1: “mas é um dever para nós, os fortes, carregar a fraqueza dos fracos e não procurar o que nos agrada”. Estão aí dois grupos que praticamente comportam todos aqueles a quem Paulo se dirige, e apresenta sua mensagem como uma

poderosa exposição da doutrina da supremacia de Cristo e da fé em Cristo como fonte de salvação. Paulo quer deixar evidente esse apelo aos cristãos em Roma, e a todos os cristãos, para que se apeguem à fé em Jesus Cristo, a suprema lei. Eles devem resistir a qualquer pressão exercida sobre eles para aceitarem uma doutrina de salvação através das obras da lei: Rm 10, 4 – “pois o fim da lei é Cristo, para que seja dada a justiça a todo homem que crê” (BÍBLIA, Epístola aos Romanos, 1994). Ao mesmo tempo, eles não devem exagerar a liberdade cristã como um afrouxamento da responsabilidade pelos outros ou como um repúdio da lei e vontade de Deus.

É nesta carta, por excelência, que se insere o caráter dinâmico e universal do cristianismo. A carta de Paulo à igreja em Roma é, sem dúvida, um dos grandes documentos da literatura cristã. Ele forneceu a inspiração e orientação para muitos dos importantes movimentos e mudanças que ocorreram na vida da igreja durante o passado, e com toda a probabilidade continuará a fazê-lo no futuro.

FIGURA 32 – QUARTA VIAGEM DE PAULO



FONTE: Disponível em: <<https://afeexplicada.wordpress.com/2015/09/03/as-viagens-missionarias-de-sao-paulo-e-sua-equipe/>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

LEITURA COMPLEMENTAR

TEOLOGIA CRISTÃ E SUA TAREFA PÚBLICA

Carlos Cunha

No decorrer da modernidade, a teologia se tornou cada vez mais restrita aos muros eclesiais e destinada ao consumo interno dos sujeitos religiosos. Seu caráter acadêmico e público perdeu visibilidade, enquanto as ciências positivistas ganharam força e se institucionalizam no âmbito das universidades, nas suas mais variadas especializações e aplicações técnicas. Mesmo admitindo certa legitimidade ao religioso, enquanto opção individual inscrita no âmbito dos valores que não devem interferir no exercício da razão, a comunidade científica dispensou a teologia de suas buscas e atividades interdisciplinares. Assim, a teologia se refugiou no exílio sem ter o que dizer ao sujeito dotado de uma razão técnico-científica. Ela se encontrava em uma situação paradoxal, em termos de sua legitimidade epistemológica.

A teologia sai do exílio quando a crítica bate às portas da pretensão objetivista e empirista da concepção positivista da ciência. A suspeita hermenêutica e ideológica questiona a experiência científica moderna mostrando a incapacidade da apropriação de um dado puro. Todo dado é interpretado e mediado pela linguagem. Além disso, a suspeita ideológica revelou que todo conhecimento reflete interesse. Assim, a concepção positivista de ciência começa a ruir. Por revelar visão interessada, absoluta e apodítica, torna-se equivocada.

Nesse cenário, a teologia sai da periferia e retorna à praça pública onde acontecem as grandes discussões existenciais. Ela retoma a sua condição como ciência da inteligência da fé capaz de dialogar com o mundo.

Na contemporaneidade, a inteligência da fé recebe o *status* de teologia pública, cujo labor não se limita à confissão religiosa, mas envolve outras esferas da sociedade civil. Hoje temos um novo reconhecimento da importância do saber teológico. Em alguns países europeus, como Bélgica, Alemanha e Itália, a teologia tem sido acolhida como um conhecimento legítimo e pleno, gozando, inclusive, do reconhecimento acadêmico e a emissão de diplomas emitidos por suas faculdades de Teologia.

No Brasil, a discussão sobre a legitimidade da teologia na esfera pública está em alta. São muitas as contribuições vindas dos programas de pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião. As contribuições oferecidas por esses programas registram, cada qual com o seu olhar específico, o momento que estamos vivendo no Brasil, na busca da institucionalização plena da teologia, seja como área de conhecimento, seja como curso superior. O futuro da teologia na vida acadêmica nacional dependerá em muito de sua capacidade de fazer-se legítima dentro da sociedade contemporânea. A teologia é desafiada a demonstrar sua capacidade de dialogar com as ciências na busca da “verdade” e afirmar sua especificidade metodológica e sua função pública como conhecimento apto a discernir a realidade.

A tensão entre o privado e o público na teologia é motivo de acaloradas discussões. No âmbito do cristianismo, a Igreja é vista como o lugar natural da teologia a serviço da fé, de onde ela nutre o seu saber. Para teólogos dessa linha, fora do tecido eclesial não há autêntica teologia cristã. Se a teologia não serve à Igreja e aos cristãos, não serve também à sociedade em que a comunidade de fé está inserida. Por outro lado, na missão da Igreja, a própria teologia questiona sua confessionalidade ao desenvolver uma reflexão retroalimentada das práticas eclesiais em perspectiva libertadora tanto na Igreja quanto na sociedade. A sociedade interpela o caráter confessional de toda teologia. Confessionalidade melhor explicitada se faz à medida que estiver aberta ao mundo e ao humano. Caso contrário, torna-se fundamentalismo.

A função da teologia não se restringe ao âmbito intraeclesial, pois a Igreja não existe para si mesma. Igreja, *ekklesia*, palavra grega composta pelo prefixo “ek”, dá ideia de movimento para fora: “reunião”, “assembleia” ou “congregação”, voltada para fora. A Igreja é essencialmente missionária, de portas abertas, voltada para o mundo, em sintonia com as necessidades concretas da vida das pessoas e em obediência à missão de Deus, *missio Dei*.

Os conteúdos revelados da fé são transculturais, recebidos segundo o modo de seus receptores e transmitidos por sujeitos contextualizados. Não existe teologia não inculturada, ela é produto humano, com resultados provisórios em formulações aproximativas à fé cristã, consequência dos limites dos instrumentos de investigação. A teologia é produto humano, limitado pelas contingências culturais, o que não reduz em nada a Revelação. Pelo contrário, além de livrá-la do reducionismo ideológico, dá-lhe condições de abertura à nova compreensão do mundo e dos seres humanos, o que “faz da teologia um discurso ‘sobre’ o Absoluto e não um discurso absoluto”, afirma Agenor Brighenti.

No mundo atual, a teologia estritamente fechada, privada, monoconfessional, está condenada a não ser ouvida e a não ser sequer entendida pela sociedade. Diante da complexidade das culturas contemporâneas, tal teologia se mostra incapaz de dirigir-se à sociedade atual. Não é possível encetar diálogos de qualquer tipo com a opinião pública da sociedade como conjunto e pretender fazê-lo a partir das referências exclusivas de uma religião ou confissão.

Não estamos sugerindo aqui que o teólogo e a sua teologia não tenham senso de pertença. Não se trata disso. A teologia sem enraizamento confessional sofre de raquitismo nos seus fundamentos, além de ser sujeita à manipulação ideológica. Ela perde a identidade por não estar enraizada em suas fontes e sua tradição. O teólogo precisa estar enraizado na fé de uma religião, mas se permanece somente ali ele não estará à altura daquilo que seu trabalho exige dele.

A contemporaneidade com toda a sua complexidade reclama a construção de uma teologia consciente da pluralidade cultural e religiosa, capaz de abraçar dentro de seu horizonte as experiências sociorreligiosas do conjunto da humanidade. Esta

tarefa de reescrever a teologia, e/ou de recriar seu conteúdo, não implica apenas uma novidade no objeto, mas exige também uma novidade no sujeito, ou seja, faz-se necessário um novo tipo de teólogo, com um novo tipo de consciência e postura diante da atualidade.

Acreditamos que a teologia pública é resposta a esse anseio. Ela tem se mostrado como um discurso teológico re-situado no ambiente acadêmico, em diálogo com as ciências, e com uma implicação ativa nos debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade. Separada do âmbito da política, sem ser alienada, a teologia reconhece plenamente a liberdade religiosa e procura contribuir como parceira crítico-constitutiva para o bem comum. Para isso, assume o seu caráter acadêmico, plural, inter e transdisciplinar.

FONTE: CUNHA, Carlos. Teologia cristã e sua tarefa pública. 2016. Disponível em: <<https://teologiadefronteira.wordpress.com/2016/11/30/teologia-crista-e-sua-tarefa-publica/>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- Há 13 cartas/epístolas no NT atribuídas a Paulo, que a maioria dos estudiosos divide em dois grupos distintos: o primeiro grupo se compõe dos escritos pelo próprio Paulo e o segundo se forma dos escritos realizados por seguidores de Paulo.
- Parece comum nas cartas de Paulo a oposição de um grupo muito específico que lhe dá um trabalho descomunal: os judaizantes, porque querem impor aos cristãos de origem pagã o crivo da lei judaica.
- Paulo queria que o evangelho fosse proclamado em todo o mundo então conhecido.
- A Carta aos Filipenses é conhecida como a “carta da Alegria”, porque o autor faz frequentes referências à alegria como expressão de gratidão aos Filipenses por seu apoio consistente ao seu ministério, na forma material e também por orações.
- A carta aos Gálatas deixou evidente a preocupação de Paulo com a controvérsia em torno dos cristãos gentios na observância da lei mosaica no início do cristianismo.
- Paulo destaca uma visão universal na carta aos Romanos, com implicações especiais para a relação de Israel com a igreja.
- Paulo assume sua importância como modelo de cristão e a sua teologia, seu pensamento e dá ênfase para a unidade dos judeus e gentios no cristianismo.

AUTOATIVIDADE



- 1 Cite problemas com que Paulo teve que lidar em relação à consciência entre os membros fiéis da comunidade, comuns a algumas cartas.
- 2 Caracterize as três partes da carta a Filêmon.



CARTAS DA ESCOLA PAULINA E DEUTEROPAULINAS

1 INTRODUÇÃO

Lembra, acadêmico, quantas cartas já vimos até aqui, desde a primeira unidade, nos tópicos anteriores, e agora então, nesse grupo de cartas que deixam dúvidas de que são da autoria de Paulo? Não se esqueça de que as cartas do NT geralmente começam com uma saudação, incluindo uma identificação do remetente ou remetentes e dos destinatários. Em seguida vem uma oração, geralmente na forma de uma ação de graças. O corpo da carta fornece uma exposição do ensino cristão, geralmente provocada por circunstâncias concretas, e geralmente também chega a conclusões sobre o comportamento ético. Muitas vezes, segue-se uma discussão de assuntos práticos, como os planos de viagem do escritor, e a carta conclui com mais conselhos e uma fórmula de despedida. Isso não é só característica das cartas paulinas.

Observe abaixo o esquema de como se estrutura uma carta, que, se observarmos, há muita semelhança de cartas que em algum tempo atrás era muito corriqueiro de escrevermos, mas que hoje, com as facilidades das interações virtuais, já não são tão frequentes. Mas a comparação é válida. Já vimos em tópico anterior as características que identificavam as cartas paulinas. Veja então como se estrutura a carta:

- **Início da carta.**
 - Remetente.
 - Destinatário.
 - Saudação.
 - Ação de Graças ou uma bênção.
- **Corpo da carta.**
 - Exortação inicial.
 - Discussões teológicas.
 - Admoestações éticas.
- **Conclusão da carta.**
 - Questões práticas.
 - Saudações individuais.
 - Doxologia ou uma oração.

Nesse grupo de cartas que veremos agora, algumas delas receberam ao longo do tempo a denominação de “Cartas do cativeiro”, por razões óbvias que apontavam que Paulo estaria preso quando as escreveu.

Essas cartas também não apresentam tantos elementos comuns como as que já vimos até aqui. Todos esses fatores contribuem para que colocássemos essas cartas nesta parte do nosso estudo.

2 A SEGUNDA CARTA AOS TESSALONICENSES

Escrita para a igreja cristã de Tessalônica, esta carta pretende corrigir mal-entendidos relatados na primeira carta aos Tessalonicenses.

2.1 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA

Vamos começar com as assertivas a favor da autoria de Paulo para esta carta. O Cânon de Marcião continha essa carta, assim como o fragmento muratoriano faz menção. Antigas versões latinas também a apresentam, assim como Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano citam esta carta, para eles, paulina.

A própria carta aponta sua autoria para Paulo como o escritor, com Silvano e Timóteo: 2 Ts 1, 1 – “Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja dos tessalonicenses, que está em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo” (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 1994). Silvano e Timóteo já nos são conhecidos, pois foram companheiros de Paulo na sua segunda viagem. Outro indicativo é a tão característica saudação/bênção paulina.

Vamos às objeções quanto à autoria de Paulo. Já por volta de 1800, temos alguns pontos que precisam ser considerados no que tange à autoria dessa carta. Quando é feita uma comparação com os escritos de Paulo, o conteúdo desta Epístola não dá destaque com consistência a uma doutrina. Outro item utilizado para reforçar a crítica à autoria de Paulo é a semelhança literária com a 1 Ts. Vejamos:

As semelhanças literárias entre os dois escritos são características. Expressões em versículos inteiros de 2 Ts parecem tomados da primeira carta e isso nos três capítulos da segunda carta, excetuando, todavia, a instrução particular de 2 Ts 2, 1-12. Para bem se aperceber disso, podemos dispor em paralelo os textos seguintes:

1Ts 1,2-3	2Ts 1,3
1Ts 2,12	2Ts 1,5
1Ts 3,13	2Ts 1,7
1Ts 3,11-13	2Ts 2,16-17
1Ts 2,9	2Ts 3,8
1Ts 5,23	2Ts 3,16
1Ts 5,28	2Ts 3,18

Tenta-se muitas vezes justificar esse paralelismo, afirmando que as duas cartas teriam sido ditadas num espaço de tempo bastante breve, o que explicaria esse estreito parentesco. Mas se o tempo que separa o envio das duas cartas é tão curto, é preciso supor uma brusca evolução da situação em Tessalônica, que nada, no primeiro escrito, deixava prever. Fica, portanto, difícil explicar que o apóstolo, dirigindo-se aos mesmos homens no espaço de algumas semanas, passe do tom apaixonado e vibrante de 1 Ts ao tom mais solene e ao estilo laborioso que impressionam o leitor da 2ª carta (BÍBLIA, 1994, p. 2302).

O autor vai escrever essa carta porque certamente recebeu alguma informação de como estavam as coisas em Tessalônica. Essas informações podem ter chegado através dos portadores da primeira carta, ou por meio de uma comunicação dos anciãos da igreja. A perseguição aos tessalonicenses continuou e provavelmente deve ter aumentado.

Outro fator foi a impressão criada de que o dia do Senhor estava próximo, provocando em alguns a ansiedade e em outros a letargia. Por isso o autor vê a necessidade de escrever uma segunda carta aos tessalonicenses, dando ênfase sobre essa questão de fundo apocalíptico. E é, segundo Bosch (2002, p. 201), “devido a seu conteúdo apocalíptico, que contribuiu para que muitos estudiosos considerassem que essa carta não deve sua redação a Paulo. De todos os modos, até o dia de hoje, não se pode afirmar que a questão esteja solucionada”.

O propósito do escritor, muito provável que seja Paulo, era encorajar a igreja duramente pressionada com a ideia de que o segundo advento do Senhor não aconteceria conforme o esperado. Vejamos o que diz 2 Ts 2: “não vos perturbeis tão depressa, nem vos alarmeis por causa de uma revelação profética, de uma afirmação ou carta apresentadas como se procedessem de nós, e que vos fariam crer que o dia do Senhor chegou” (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 1994).

2.2 ESTRUTURA E TEMAS

Não podemos deixar de frisar que esta Segunda carta aos Tessalonicenses é, de certa forma, uma continuação da primeira carta, já que a primeira carta foi bem recebida, no sentido de que a comunidade estava satisfeita com a exortação de Paulo sobre aqueles que morreram e estavam prontos e dispostos a sofrer perseguição em nome do Evangelho, dada a crença na pregação de Paulo. O que está tirando o sono de Paulo é que alguns membros da comunidade, seguindo a pregação ao pé da letra, pararam de fazer suas obrigações, de trabalhar, e acreditavam estar demonstrando, com isso, sua fé na proximidade do grande evento. Bom, o fim dessa história já dá para prever: aqueles que não trabalharam se tornaram um peso para aqueles que trabalharam. Por isso, e por outros motivos, Paulo vai tratar dessa questão nesta segunda carta.

FIGURA 33 – ÁGORA EM TESSALÔNICA



FONTE: Disponível em: <<http://iadrn.blogspot.com.br/2011/08/cidade-da-tessalonica.html>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

No primeiro capítulo dessa carta encontramos a tradicional saudação de Paulo com seus companheiros de viagem missionária, Silas e Timóteo. Após isso, vêm elogios para a igreja de Tessalonicenses por suportarem as perseguições e provações. Em seguida vem a promessa para aqueles que se mantiverem fortes na esperança da Segunda carta, quando "Jesus é revelado do céu em fogo ardente com seus poderosos anjos".

Avançando para o Capítulo 2, evidencia-se a cristologia paulina que precisa se mostrar forte contra a influência da visão apocalíptica judaica em suas crenças sobre a segunda vinda de Cristo e sobre a criação do reino messiânico. Essa visão, distorcida, diríamos, ensinara que haveria uma ressurreição dos mortos em conexão com outros eventos que iriam inaugurar uma nova era. Paulo utiliza-se dessas concepções apocalípticas para contrapor e responder às perguntas que tanto perturbavam os cristãos em Tessalônica.

Finaliza a carta com o Capítulo 3, com uma admoestação para 2 Ts 3, 6 "afastar-se de todo irmão que está ocioso e não viver de acordo com o ensino recebido". Os leitores são lembrados de que o próprio Paulo dá o exemplo de quem trabalhou para seu próprio sustento e eles são testemunhas disso – Ts 3, 10: "de fato, quando estávamos convosco, nós vos dávamos esta ordem: se alguém não quiser trabalhar, também deixe de comer" (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 1994).

Aqueles que não atendem à presente carta devem ser observados e advertidos como a irmãos. A carta é concluída com uma bênção – 2 Ts 3, 18: "que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós" (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 1994).

3 A CARTA AOS COLOSSENSES

Veremos nesta carta aos Colossenses o autor preocupado com o combate a um falso ensinamento que estava afetando esta igreja, aparentemente uma forma primitiva de gnosticismo ascético, possivelmente de caráter judeu. O autor então, chama os destinatários para permanecerem ligados somente a Cristo.

3.1 AUTORIA, DATA E LOCAL

Temos algumas citações que podem dar pistas de onde Paulo estava quando escreveu esta carta. O consenso é sobre sua situação: Paulo estaria preso. Para identificar o local, podemos então recorrer a algumas citações do NT. Vamos a elas:

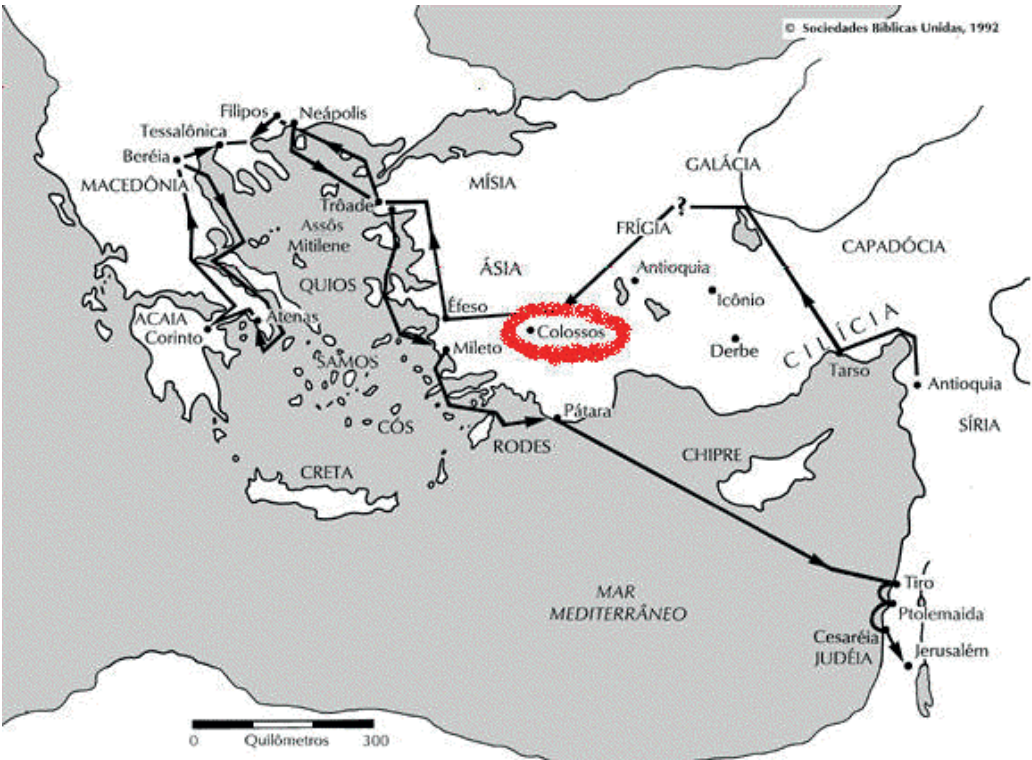
- At 28, 16 – prisão em Roma: “Por ocasião da nossa chegada a Roma, Paulo obtivera a autorização de ter um domicílio pessoal com um soldado para o guardar”.
- At 23, 23-24 – prisão em Cesareia: “Ele chamou então dois centuriões e lhes disse: ponde de prontidão, a fim de partirem para Cesareia, desde as nove horas da noite, duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos auxiliares. Preparem-se também montarias para levar Paulo são e salvo ao governador Felix” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1994).

Outros ainda consideram a carta como a obra de algum discípulo ou seguidor de Paulo, escrevendo em seu nome. Em qualquer caso, o conteúdo é muitas vezes em paralelo com o que se vê em Efésios.

O que não se pode desprezar é a importância geográfica e comercial da cidade de Colossas, como vemos no mapa a seguir.

Evidentemente as igrejas das três cidades tinham íntimos relacionamentos. Paulo menciona Epafra, que trabalhara duro em todas as três; ele pede que a carta aos Colossenses seja lida na igreja de Laodiceia e que os de Colossas leiam a enviada “aos de Laodiceia”. As referências pessoais em Cl 4, 7-17 são compreensíveis no caso de a comunidade cristã de Colossas ser um pequeno e bem coeso grupo, em que todos praticamente se conheciam pelo nome (BROWN, 2012, p. 788).

FIGURA 34 – COLOSSOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.apazdosenhor.org.br/profhenrique/imagem.gif>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

Com relação à data de composição dessa carta, como vimos acima, se a carta é genuinamente paulina, então sua data é estimada em torno de 54-56, escrita de Éfeso, ou entre 59 a 62, em Roma. Se não considerarmos Paulo como autor, então sua data depende de quando o falso ensino contra o qual o autor escreve se tornou um problema. Uma vez que a heresia parece ser uma forma primitiva de gnosticismo, a data, neste caso, é geralmente estimada em algum momento após a morte de Paulo e no final do primeiro século.

3.2 ESTRUTURA E TEMAS

Esta carta tem uma peculiaridade. Paulo não esteve presente nesta igreja e quem traz notícias a Paulo e o convence a escrever uma carta é Epafras. Quem é esse Epafras? Em Cl 1, 7, temos a seguinte descrição: “segundo o ensinamento que vos foi dado por Epafras, nosso amigo e companheiro de serviço, que nos supre fielmente como ministro de Cristo, nos descreveu com que amor o Espírito nos anima” (BÍBLIA, Epístola aos Colossenses). Bosch (2002, p. 352) diz o seguinte:

A carta nos diz com grande naturalidade que os colossenses “aprenderam” o cristianismo de Epafras (1, 7; em 4, 12s, volta a nomeá-lo, relacionando-o com as comunidades de Laodiceia e Hierápolis). Também aparece como acompanhante daquele que leva a carta, um tal

Onésimo, “um dos vossos” (v. 9). Além do mais, é nomeado Arquipo como uma pessoa que exerce um “ministério” (v. 17) e não o está cumprindo com perfeição. Os três nomes aparecem na carta a Filêmon e é difícil acreditar que seja pura casualidade. Na hipótese da autenticidade (da Carta aos Colossenses, pois a Carta a Filêmon não está em dúvida), teremos que Arquipo (Fm 2) exerce seu ministério na “igreja” que se reúne na casa de Filêmon... em Colossas; que Onésimo, saído dali, é o escravo que retorna a seu dono (v. 10) e Epafras é nomeado com especial realce (v. 23) por ser o fundador da comunidade.

Um dos propósitos principais da carta é advertir os membros da igreja sobre uma prática perigosa que se baseava no gnosticismo, uma mistura de ideias filosóficas e religiosas. O que essa doutrina pregava? Nada de muito diferente de hoje em dia. Acreditando que a matéria é má e só o espírito é bom, os gnósticos sustentaram que o mundo físico não foi criado por um ser supremo, porque uma deidade perfeita não se contaminaria com um contato direto com um mundo mau. O que essa doutrina afirma é que o mundo veio à existência através da ação de uma série de seres intermediários, cuja adoração era um meio necessário para a salvação humana. Paulo escreve que em Jesus habita toda a plenitude da divindade e isso basta.

Outra peculiaridade desta carta se manifesta quando trata do problema ideológico predominante entre a comunidade.

A carta fala dele em termos que não aparecem em outras cartas paulinas nem em outros quaisquer lugares do NT: “que ninguém vos engane (*sylagôgôn*) por meio da *filosofia* (*filosofias*) e vãos sofismas...” (2, 8), “por questões de festa, de novilúnio (*neomênias*) ou de sábado...” (v. 16), que “ninguém vos roube (*katabrabeueutô*) a seu bel-prazer a palma da corrida, sob pretexto de humildade e culto aos anjos. Desencaminham-se (*embateuôn*) estas pessoas em suas próprias visões e, cheias do vão orgulho do seu espírito materialista...” (v. 18) (BOSCH, 2002, p. 353).

Esta carta tem apenas quatro capítulos, então fica mais fácil entendê-la, dividindo em duas partes e verificar nelas as características determinantes que, além do ensino, dão os indícios que identificam o autor.

1ª parte: a doutrina – nesta parte, há ênfase no significado em torno de Jesus Cristo.

- Bênção apostólica, a ação de graças costumeira de Paulo e uma oração para seus leitores.
- Evidência da preeminência de Cristo como pedra angular da criação natural e espiritual, que reconciliou e aproximou todas as coisas com Deus.
- Advertência contra a influência de uma falsa filosofia gnosticismo, que desvirtua a figura de Jesus. Uma vez que os fiéis de colossos têm toda a plenitude da Divindade em seu Senhor e Salvador, devem andar no caminho de Jesus evitando práticas judaizantes.

2ª parte: a prática – nesta parte, o autor reforça algumas orientações e exortações.

O Capítulo 3 já começa afirmando que aqueles fiéis ressuscitaram com Cristo para a novidade da vida, devem se separar dos vícios de antes e se moldar

nas virtudes cristãs. Alguns temas são muito específicos e também muito polêmicos nos nossos dias. Vejamos:

- as esposas devem ser submissas a seus maridos e os maridos devem amar suas esposas;
- os filhos devem obedecer em tudo a seus pais e os pais devem ter cuidado de não desanimar seus filhos;
- os servos devem obedecer aos seus senhores, e estes devem tratá-los com justiça e equidade. E já estamos no Capítulo 4, que vem manifestar profunda preocupação com a perseverança na oração, como dever do cristão, assim como a ação de graças deve sempre ser estimulada;
- o respeito aos não cristãos deve ser uma constante.

O autor encerra a carta com as saudações tradicionais, a lembrança de irmãos exemplares na fé.

4 A CARTA AOS EFÉSIOS

Esta carta é elaborada como um resumo dos principais ensinamentos do Apóstolo Paulo. O tema principal desta carta é a igreja, sua natureza básica e caráter como corpo de Cristo, já anunciado desde os primórdios.

4.1 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA

A Epístola aos Efésios dificilmente pode ser chamada de uma carta pastoral. Você sabe por que, caro acadêmico? Porque ela não é endereçada a um líder de igreja particular. São poucas as evidências para atestar a autoria de Paulo para esta carta, embora por um longo tempo foi indicada como de autoria de Paulo.

A primeira frase de Efésios começa assim: Ef 1, 1: "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, aos santos e fiéis em Jesus Cristo" (BÍBLIA, Epístola aos Efésios, 1994). O que isso quer dizer? Que esta carta é destinada à igreja de Éfeso e que seu autor é Paulo. Simples? Parece.

Vamos a algumas questões que podem nos ajudar a entender essas dúvidas a respeito da autoria e dos destinatários.

Os manuscritos mais antigos que contêm citações à carta aos Efésios omitem as palavras "em Éfeso", traduzindo a frase simplesmente como "para os santos e os fiéis em Jesus Cristo" da mesma forma que encontramos nas versões atuais.

Um bom exercício que podemos fazer é acessar um texto da bíblia *on-line* e verificar quantas vezes Éfeso é citada, assim como qualquer pessoa que Paulo conheceu ou eventos acontecidos enquanto Paulo esteve por lá.

Outro critério bastante utilizado nesse campo é recorrer ao estilo e ao vocabulário literários, em que se constata muitas diferenças do estilo paulino, assim como certos temas que são desenvolvidos de maneiras que não estão de acordo com as cartas autenticamente de autoria paulina.

Vamos a um exemplo bem simples para entender melhor essa questão de autoria. Em Ef 1, 15 temos o seguinte comentário do autor: “eis porque eu também, desde que soube da vossa fé no Senhor Jesus e vosso amor para com todos os santos, não cesso de render graças a vosso respeito, quando faço menção de vós em minhas orações” (BÍBLIA, Epístola aos Efésios, 1994). O que podemos verificar nessa frase? Que o autor deixa transparecer que não tem nenhum conhecimento do que se passa em Éfeso, que recebeu informações de terceiros. No entanto, o Livro de Atos registra que Paulo passou uma quantidade significativa de tempo com a igreja em Éfeso, e de fato foi um dos seus fundadores.

A evidência contida na carta sugere fortemente que ela foi escrita depois da morte de Paulo, provavelmente por um de seus discípulos. Embora Paulo estivesse com a igreja em Éfeso por um período de cerca de três anos e certamente formaram algumas amizades pessoais próximas, a carta não contém saudações pessoais a indivíduos particulares.

Nenhuma menção é feita da controvérsia judaica sobre o legalismo, que é encontrada em quase todas as cartas de Paulo. O argumento mais convincente de que Paulo não escreveu a carta é o fato de que é feita referência aos apóstolos e profetas como a fundação da igreja; Paulo sempre insistiu que a igreja não tinha nenhum outro senão Jesus Cristo, a pedra angular.

Os destinatários na fórmula introdutória (Ef 1,1-2): os santos e fiéis em Jesus Cristo podem ser quaisquer cristãos, embora a menção a Tíquico (DF. Cl 4,7-8) provavelmente signifique que as comunidades cristãs no Oeste da Ásia Menor são aquelas que o escritor conhece. Apesar de dizer em Ef 3,13 que oferece seu sofrimento por eles, Paulo não descreve nenhum detalhe angustiante de sua própria situação ou perigo iminente que ameace os receptores. Ao contrário, existe um sereno tom de plenitude e de encorajamento” (BOSCH, 2002, p. 132).

A carta foi evidentemente escrita para as igrejas de um modo geral, numa época em que a organização da igreja tinha procedido muito além do ponto em que chegou enquanto Paulo ainda estava vivo.

4.2 ESTRUTURA E TEMAS

Efésios repete Colossenses em sua opção de dividir a carta em duas partes – a doutrina e a prática. Mas antes de vermos essa divisão, vamos estruturá-la reproduzindo as informações básicas, conforme nos apresenta Brown (2012, p. 815) nesta carta aos Efésios:

Data: se de autoria de Paulo, nos anos 60; se pseudônima (cerca de 80% da exegese crítica), nos anos 90.

Destinatários: provavelmente escrita por um discípulo de Paulo (talvez membro de uma “escola” em Éfeso) que se serviu de Colossenses e de algumas das cartas genuinamente paulinas.

Unidade: não questionada seriamente.

Integridade: “em Éfeso” foi provavelmente acrescentado em Ef 1, 1: de outra forma, não seriamente discutida.

Divisão formal

A. Fórmula introdutória: 1, 1-2.

B. Ação de graças: 1, 3-23.

C. Corpo: 2, 1-3, 21: indicativo paulino (instruções).

4, 1-6-20: imperativo paulino (parêntese e exortações).

D. Fórmula conclusiva: 6, 21-24.

Divisão conforme conteúdo

1, 1-2: saudação aos santos.

1, 3-3, 21: seção doutrinal ou “indicativa”.

1, 3-23: doxologia louvando a Deus por aquilo que ele fez por “nós” em Jesus Cristo (1, 3-14) e oração de intercessão a fim de que “vos” (destinatários) possam conhecer isto (1, 15-23).

2, 1-3, 13: exposição da atividade salvadora, unificadora e reveladora de Deus.

3, 14-21: mais uma oração de intercessão (por “vós”) e doxologia (“nós”).

4, 1-6, 20: seção parenética ou “imperativa”.

4, 1-5, 20: exortações a respeito da unidade, ministério pastoral, dois modos de vida (dualismo), caminhar como filhos da luz, nada de obras das trevas.

5, 21-6, 9: código doméstico.

6, 10-20: armadura na luta contra os poderes do mal, a oração, de modo especial.

6, 21-22: missão de Tíquico.

6, 23-24: bênção.

Vamos então, conforme fizemos em Colossenses, entender o conteúdo de Efésios, dividindo em parte doutrinária e parte prática, utilizando alguns textos bíblicos para melhor ilustrar essa divisão.

I. A Parte Doutrinária:

- saúda os fiéis e santos de Deus;
- louva a Deus pelas grandes bênçãos espirituais recebidas em Cristo, em quem os Efésios foram escolhidos, adotados e selados com o Espírito Santo da promessa;
- agradece essas bênçãos e reza para que Deus manifeste à Igreja, o corpo glorioso de Cristo, que cumpre tudo em todos, a glória de seu chamado celestial;
- faz uma comparação entre a condição do passado e do presente e descreve a obra de reconciliação de Cristo, resultando na unidade e glória da Igreja;
- rememora que ele foi chamado por Deus para torná-lo conhecido à humanidade;
- reza para que possam ser fortalecidos e capacitados para compreender a grandeza do amor de Cristo para a glória de Deus.

II. A Parte Prática:

- exortações para uma conversação e unidade dos destinatários da carta;
- buscar a unidade que Deus deu para receber dons espirituais;

- exortação para não andar como os gentios, mas segundo o princípio de sua nova vida, evitando os vícios do velho e praticando as virtudes do novo;
- manter um esforço constante para se separar dos males do mundo e andar no caminho certo;
- exortação para que maridos e esposas mantenham sua relação conforme a imagem de Cristo e da Igreja;
- exortação aos filhos que devem obedecer aos pais e servos de seus senhores;
- exortação para serem fortes no Senhor, vestindo toda a armadura de Deus e buscando força na oração e na súplica.

Dois temas principais são expostos na carta: a unidade de todas as coisas em Cristo, e da igreja cristã como o símbolo visível aqui na Terra. O autor da carta afirma que a vida de Jesus revela o propósito divino que existe desde a criação do mundo. O Espírito de Deus, manifestado na vida de Jesus aqui na Terra, mostrou como essa desunião pode ser superada e a harmonia original é restaurada. Vencer o mal na vida dos seres humanos consegue uma unidade não só entre os humanos e Deus, mas uma unidade cósmica que une todas as coisas na Terra e no céu. Portanto, não há necessidade de qualquer culto dos poderes que são intermediários entre o céu e a Terra, como foi ensinado por gnósticos.

Na introdução da Unidade 1, vimos que Jesus provocou a unidade entre judeus e gentios, pois estes últimos foram separados do povo “preferencial” de Deus, mas agora foram integrados ao povo de Deus como filhos de Deus por meio de Jesus Cristo, formando uma nova família de Deus. E como se chegou a esse momento? Podemos reconhecer a pregação dos profetas e, é claro, dos apóstolos.

FIGURA 35 – RUÍNA DA IGREJA DE SÃO JOÃO, EM ÉFESO



FONTE: Disponível em: <<http://historiacomgosto.blogspot.com.br/2011/08/sao-joao-evangelista-e-virgem-maria-em.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Não podemos deixar de mencionar algumas abordagens presentes nesta carta, que repetem em muito o que já vimos na carta aos Colossenses quando trata sobre mulheres e escravos, temas esses usados por defensores da escravidão e da repressão das mulheres. No contexto de seu tempo, sua intenção não era promover a escravidão, mas exortar uma concórdia amorosa entre o senhor e o escravo. No entanto, sua insistência de que os escravos obedecessem a seus senhores com "respeito e medo" criou um legado infeliz, dando à instituição da escravidão – bem como aos próprios proprietários de escravos – um atestado de validade com aval bíblico. Também para com as mulheres, aqui em Efésios e também em Colossenses, o que se pretendia era chamar a atenção para que houvesse harmonia entre uma esposa e seu marido, que devia amar seu esposo como Jesus amou a igreja, dando a vida por ela.

A carta termina com instruções éticas para os membros da igreja, a partir da qual pode ser alcançada a unidade que todos devem almejar.

5 CARTA AOS HEBREUS

Esta carta tem por objetivo encorajar seus destinatários a se manterem firmes no testemunho de Jesus, a não recuar ao judaísmo, porque Jesus se sacrificou para expiar os pecados de toda a humanidade.

5.1 AUTORIA, LOCAL E DATA

Caro acadêmico, a autoria desta carta vai nos conferir um trabalho muito intenso devido, principalmente, a testemunhos conflitantes nos inícios da igreja primitiva, com Clemente e Orígenes.

Vamos enumerar esses registros além do espaço, para termos clareza nos personagens e no momento histórico circunscrito.

Clemente de Alexandria: a tradição mais antiga e mais evidente aponta para Clemente dando seu testemunho de que a carta aos hebreus foi escrita por Paulo na língua hebraica, e foi traduzida por Lucas para o grego.

Orígenes: já falamos de Orígenes em outros tópicos. Para ele, há de se levar em conta que os pensamentos de Paulo se manifestam nesta carta, mas o vocabulário, a linguagem, revelam um discípulo, um seguidor de Paulo.

Saindo do Oriente e indo para o Ocidente, especificamente para Roma, não encontramos concordância que aponta para Paulo como autor. Nesta região temos outro Clemente, de Roma, que vai tratar desse assunto indo na mesma linha de negação para Paulo como autor. Depois seguem Hipólito e Irineu, que mostram certo conhecimento com os escritos paulinos e também não aceitam a Carta aos Hebreus como sendo de autoria paulina.

Outro estudioso, que já vimos também por aqui, é Eusébio, e também vai no mesmo caminho de negação da autoria paulina.

Saindo de Roma e seguindo para o norte da África, onde a tradição romana é geralmente seguida, ou seja, não foi considerada como a obra de Paulo. Aqui temos Tertuliano, que atribui a Barnabé a autoria.

Vamos avançar no tempo e chegar no século IV. Neste período, a tradição oriental vai se sobrepondo sobre o Ocidente, especialmente através da influência de Agostinho e Jerônimo, expoentes do pensamento teológico, que também não apontam para Paulo como autor da carta.

Já na antiguidade se duvidou sobre a autenticidade paulina, incluindo-a ou não na série (listas e comentários). Diante do estilo tão diferente e para salvar a autoria de Paulo, recorreram a vários expedientes: Clemente Alexandrino disse que o original hebraico tinha sido traduzido para o grego por Lucas; Orígenes disse que as ideias eram de Paulo, a redação de um secretário versado na língua e retórica gregas; Tertuliano diz que o autor era Barnabé (por ser levita). Em resumo, a carta demorou a impor-se como paulina, e as dúvidas ressurgiram no Renascimento e terminaram em negação pela maioria dos críticos modernos” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2000, p. 634).

Durante a Idade Média não são feitas discussões de expressão ou que alterassem o que até o momento prevalecia. Somente a partir da Reforma Luterana é que os questionamentos são retomados. A maior expressão da Reforma – Lutero – aponta para Apolo. Calvino aponta para Lucas ou Clemente. Atualmente, existem relativamente poucos que mantêm a autoria de Paulo.

A Carta aos Hebreus não tem saudação conhecida, embora deva ter tido, no caso em que se trate de uma carta, pois até isso é questão aberta, Hb 13, 23s poderia ser um dado sobre o autor ou uma maneira de aludir a um autor: conta que Timóteo foi libertado e lhes promete: “se ele voltar a tempo irei com ele ver-vos”. Não diz sequer: “suponho que queira acompanhar-me”, ou seja, que não duvida de sua própria autoridade sobre Timóteo: logicamente, pode-se pensar que é, ou se apresenta como Paulo. As saudações dos “da Itália” do versículo seguinte também podem sugerir que ambos estão em Roma, onde o apóstolo esteve certamente prisioneiro. O apelativo “irmãos” (3, 1.12; 10, 19; 13, 22) poderia ir na mesma direção: de qualquer modo não é próprio de Paulo, visto que a Carta de Tiago o emprega frequentemente. Em qualquer caso, estas indicações levariam a um autor “aludido”, não ao autor real (BOSCH, 2002, p. 425-426).

“Não existem dúvidas de que a carta se apresenta como dirigida a judeus-cristãos. Para a carta, mais do que para nenhum outro escrito do Novo Testamento, só existe um povo de Israel: contém 13 vezes o termo *Laos* (“povo”), exclusivamente no singular, e nenhuma vez o termo *ethnos* (“nação”), que, no plural, designaria os gentios” (BOSCH, 2002, p. 356).

5.2 ESTRUTURA E TEMAS

Nesta epístola podemos identificar quatro partes bem distintas, a primeira apresenta Jesus como único mediador, seguido da proclamação de Jesus como sumo sacerdote. A terceira parte apresenta a primazia da nova aliança mediada por Jesus. Esta carta finaliza com o epílogo e uma tradicional saudação. Vamos lá?

Primeira parte. Jesus como mediador supremo. Jesus se revela ao autor da carta como maior que anjos e santos, maior até que Moisés. Por isso, todos precisam escutá-lo, e acreditar Nele para sermos dignos de receber as bênçãos da salvação, como se vê claramente na história de Israel. Isso tudo para que a promessa feita no AT seja cumprida, e nós precisamos trabalhar incansavelmente para entrar nesse merecimento.

Segunda parte. Jesus como o Sumo Sacerdote. Jesus levado aos céus, porque chamado por Deus para representar a humanidade, tornando-se o autor da salvação eterna para aqueles que lhe obedecem, segundo a ordem do rei Melquisedeque. Nesta parte, temos a exortação para se buscar um conhecimento mais perfeito, a tomar cuidado com a apostasia e a ser diligentes na prática da fé, da paciência e de acreditar sempre nas promessas do Deus.

FIGURA 37 – CLEMENTE DE ROMA



FONTE: Disponível em: <http://jesusmarie.free.fr/clement_de_rome.html>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Terceira parte. Primazia da Nova Aliança, tendo Jesus como mediador. Como Sumo Sacerdote, Jesus é o mediador, não da Velha, mas da Nova Aliança. Todo sacrifício selado com seu próprio sangue traz a redenção eterna, isso porque os sacrifícios da antiga aliança não redimiam os pecadores, e agora, no Jesus mediador da nova aliança, a purificação é oferecida a todos.

Quarta parte. Epílogo. Temos nesta última parte também exortações para que os fiéis se voltem com confiança para Deus e também os adverte contra a apostasia, lembrando-os de suas terríveis consequências e de sua antiga resistência. O que os fiéis ganham com isso? Para aqueles que vivem na fé, que procuram suportar tudo, que se esforçam para servir a Deus, que não desprezam a graça de Deus, serão santificados na mesma graça de Deus.

Passadas algumas décadas da existência das primeiras comunidades cristãs, o que se percebe é que o entusiasmo que caracterizou seus primeiros anos começa a diminuir. Vimos em cartas anteriores que o retorno esperado de Jesus não tinha ocorrido, a oposição ao movimento tinha se desenvolvido de diferentes lugares, e as dúvidas estavam começando a surgir sobre qualquer significado permanente que o cristianismo poderia ter sobre outras seitas e partidos religiosos. Combater estas tendências e fortalecer a fé dos cristãos que estavam associados ao novo movimento são os principais propósitos desta carta.

A teologia como ciência não pode ficar estagnada nos seus estudos. Principalmente quando há margem para mais avanços, mais descobertas. Quando nos deparamos com esta carta, levando em consideração todos os estudos que já foram feitos, por diferentes grupos, os exegetas, por sua vez, nos apontam que Paulo não teria escrito essa carta. E não é de hoje.

As Igrejas do Oriente consideraram-na sempre como uma Carta paulina, apesar de muitos reconhecerem as suas diferenças em relação às outras Cartas de Paulo, sobretudo no que se refere à forma literária, à linguagem e estilo, à maneira de citar o AT e mesmo quanto à doutrina. A Igreja do Ocidente negou-lhe a **autoria** paulina até ao séc. IV e pôs, por vezes, em questão a sua condição de escrito inspirado e canônico. A questão continuou controversa ao longo da história da exegese católica e protestante, mas atualmente é quase unânime a negação da autenticidade paulina. No entanto, admite-se que a carta aos Hebreus tenha tido origem num companheiro ou discípulo de Paulo, pois há vários pontos de convergência entre ela e a doutrina do Apóstolo: a paixão de Cristo como obediência voluntária, a ineficácia da Lei antiga, a dimensão sacrificial e sacerdotal da redenção e alguns aspectos da cristologia. Trata-se, sem dúvida, de um sermão cristão, cuja origem remonta à Igreja Apostólica, e constitui, por isso, parte integrante da Palavra de Deus (DIFUSORA BÍBLICA, s.d.).

Algumas características são bem significativas nesta carta, como seu tratamento peculiar quando faz citações ao AT, enquanto nos escritos que identificam Paulo como autor autêntico, as citações são em parte em hebraico e em parte tomam como base a Septuaginta. Aqui, em Hebreus, temos derivação somente do grego.

Em relação ao vocabulário e linguagem, temos nesta carta o melhor grego literário do NT, encontramos o autor brigando, digladiando, por assim dizer, com uma linguagem limitada para expressar a abundância dos pensamentos sobre ele. Não há construções truncadas, frases interrompidas. Temos alguns parênteses presentes, mas que não interrompem o fluxo do pensamento. Vamos a alguns exemplos:

- Hb 11, 38 – “eles de quem o mundo não era digno; erravam pelos desertos e montanhas, pelas grutas e cavidades da terra”.
- Hb 11, 16 – “não olvideis a beneficência e o mútuo auxílio comunitário, pois são estes sacrifícios que agradam a Deus” (BÍBLIA, Epístola aos Hebreus, 1994).

Quando lemos Hebreus, vemos frases quase poéticas, com um estilo que flui com certa graciosidade sem a aspereza de algumas cartas que já vimos. São características muito particulares desta carta.

O vocabulário da Carta aos Hebreus compõe-se de 1.038 palavras; com exceção dos nomes próprios, contém 166 hápax (palavras que aparecem uma única vez) do Novo Testamento e 424 palavras que não aparecem nas sete cartas consideradas autenticamente paulinas. Com esse vocabulário, o autor compõe uma obra de 4.942 palavras, o que dá uma proporção média de vocabulário de 4,76 (4942 : 1038), inferior à Segunda carta aos Coríntios, que tem 5,62 (4448 : 792) mesmo sendo menos extensa; é, pois, um tanto mais repetitiva do que aquela carta, talvez porque desenvolve mais os temas e renuncia à acumulação de sinônimos (BOSCH, 2002, p. 429).

Para encerrar, podemos verificar então que a carta, na sua conclusão, apresenta uma lista de mandamentos morais bem específicos e também pedidos bem veementes. Vamos a eles?

- Vivência do amor fraterno.
- Praticar a hospitalidade.
- Visitar aqueles que estão na prisão.
- O casamento deve ser considerado honrado.
- Não desejar dinheiro, mas contentar-se com o que têm.
- Os líderes da igreja devem ser lembrados e imitados como exemplos de Cristo.
- Todos devem estar preparados para o sacrifício e para confessar o nome de Jesus.
- Os líderes da igreja devem ser merecedores de obediência.

Não podemos deixar de lembrar o legado teológico. A forma como expõe Jesus como o sumo sacerdote que se ofereceu para a redenção dos pecados daqueles que creem, se tornou emblemático na teologia cristã.

Hebreus também é importante por causa de sua visão do reino celestial com forte influência na igreja do segundo século e em grande parte da história cristã.

LEITURA COMPLEMENTAR

AS MULHERES NAS CARTAS PAULINAS

José Geraldo Magalhães Jr.

Para perceber a questão do papel das mulheres no início do cristianismo, estaremos datando os escritos do Novo Testamento da seguinte forma: cartas autênticas de Paulo: I Ts, Gl, Fp, Fl, I e II Co e Rm, alguns autores concordam que são datadas entre os anos de 50-64 d.C.; as Deuteropaulinas de Cl, II Tm, I Pd, Tg e Mc entre os anos 67 a 90 d.C.. As cartas de II Ts, Ef, I Tm, Jd, Hb, Mt, Lc, At são datadas entre 90 a 100 d.C. e, por último as cartas de Tt, as Epístolas Joaninas e Ap datadas entre 100 a 110 d.C.

Ao analisar a carta de I Coríntios nos capítulos 7.1ss (casamento e virgindade), 11.2ss (cabelo das mulheres) e 14.33ss (mulheres caladas na assembleia) com mais intensidade, pode-se concluir que um número considerável de mulheres pertenceu à comunidade coríntia. No entanto, Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann, em sua obra, afirmam que a grande maioria das mulheres citadas por Paulo, ao que tudo indica, “é não casada”. Mas há de considerar uma preocupação preconceituosa em relação às mulheres casadas no capítulo 14.33b-35, pois no capítulo 11, quando solteiras, elas têm total liberdade no culto. Por outro lado, (cap.14) a mulher casada deve permanecer calada na assembleia.

Crossan, além de considerar o trecho do capítulo 14 uma inserção, o autor também compreende que a liderança feminina foi “cruelmente denegrida com a finalidade de instituir o controle exclusivamente masculino das assembleias cristãs”. Se por um lado, no capítulo 11.2-16 a mulher (solteira) poderia orar e profetizar, no capítulo 14.33b-35 elas, as casadas, deveriam permanecer caladas. Se tivessem dúvidas, deveriam perguntar ao marido em casa, portanto, uma posição muito preconceituosa em relação às mulheres.

Carlos Mesters advoga que é preciso fazer um equilíbrio entre os quatro textos que têm levantado diferentes opiniões: I Co 11.2-16; I Co 14.34-35; Ef 5.21-24 e I Tm 2.9-15 (I Timóteo datado no final do primeiro século) que, para o autor, é “o resumo das palavras de Paulo contrárias à participação da mulher”; com outros textos que enfatizam a participação da mulher na comunidade, por exemplo, Priscila, Maria, Júnia, Trifena e Trifosa, a “querida Pérsida” (Rm 15.12), Júlia e “sua irmã”, Olímpias, entre outras. Mesters considera que “as palavras duras de Paulo, contrárias à participação da mulher, não podem ser interpretadas como um ensinamento geral, válido para todos os tempos e situações”.

Nas cartas paulinas as mulheres são mencionadas várias vezes por Paulo (Rm 16), algumas delas podendo ser identificadas como judias, por exemplo, Priscila, Herodiana e Júnia (Rm 16.3,7,11), ou de um modo mais genérico, mas elas estão ali,

no meio das comunidades do I Séc. Essas mulheres são lembradas por Paulo, entre outros, escravos e escravas ou aos demais membros de uma economia doméstica (Rm 16.11). A mulher apóstolo.

Ser apóstolo, segundo a Epístola aos Romanos, não era difícil, e uma mulher poderia alcançar este *status*. O Novo Testamento indica somente Júnia, que é judia, considerada sob o título de “apóstolo” (Rm 16.7). É verdade que muitos estudiosos interpretam “Júnia” ser “Júnias”, isto é, um homem, pois seu nome é “grafado em grego no acusativo, Junian. Por causa disso, o nome passou a ser identificado como masculino – argumentava-se que Junian era o caso do acusativo do nome masculino Junia(nu)s”. Paulo a considera juntamente com Andrônico seus parentes e companheiros de prisão, como apóstolos exímios que o precederam na fé em Cristo.

Em relação a Júnia, Fiorenza afirma que tanto Andrônico como Júnia realizam todos os critérios para um verdadeiro apostolado e eram apóstolos mesmo antes de Paulo. Duncan Alexander Reily afirma que entre os comentários mais antigos que apontam ser Júnia uma mulher está o de Crisóstomo, que, “na sua homilia nº XXXI fala com entusiasmo de Júnia e Andrônico”.

A- As mulheres cooperadoras na missão

Com o conceito de Synergós, companheiro(a) de trabalho, colaborador(a), Paulo cita as pessoas que corroboravam com ele na propagação do evangelho. Tanto é verdade que Priscila e Áquila, além de serem mencionados nas Cartas Paulinas de Coríntios e Romanos, também são mencionados nas Cartas Deuteropaulinas de II Timóteo e Atos, ou seja, 40 ou 50 anos mais tarde. Priscila, ou Prisca, foi uma mulher que desempenhou um papel missionário importante do lado de Paulo, juntamente com Áquila, seu marido. Prisca precedeu a Paulo no trabalho missionário, colaborou com ele, mas sem ficar subordinada. Nas Epístolas há, ainda, menção escassa de outros casais missionários, como Filólogo e Júlia, e Nereu e sua irmã (Rm 16.7). Mas há mulheres, como Febe, que são aludidas sem nenhum homem, como: Maria, Trifena, Trifosa e Pérside (Rm 16. 6,12).

Essas mulheres são consideradas por Crossan, como “as mulheres que realizaram uma difícil missão”, pois a expressão grega usada por Paulo para designar atividades apostólicas especiais é *kopiaio*, que tem o significado de “trabalhar com empenho exaustivo”. Nesse sentido, Paulo emprega o termo grego duas vezes para si mesmo em Gl 4.11 e I Co 15.10, e quatro vezes em Romanos exclusivamente para as mulheres: Maria, Trifena, Trifosa e Pérside. Tudo indica que essas mulheres colaboraram exaustivamente com a missão.

B- As mulheres na assembleia

A participação das mulheres na assembleia parece acontecer mais na comunidade de Corinto. Elas do mesmo modo oravam e profetizavam nas reuniões da comunidade (ver o item “o papel das mulheres na Ekklesia de Corinto” com mais profundidade), além da participação na glossolalia e sua interpretação e, no orar ou cantar de salmos (I Cor 14.2, 26). Para Stegemann, a participação de mulheres

na função de liderança era também a forma comunitária da Ekklesía, equivalente à economia doméstica antiga. Essa função de liderança, segundo os pesquisadores Stegemann, atingiu seu ápice quando “no século III d.C. as comunidades cristãs pararam de reunir-se em casas e começaram a reunir-se na esfera pública, na polis”.

Em Corinto, Paulo discute normas culturais aceitas referentes ao cabelo (11.13-15) e adorno da cabeça da mulher em público (11.5-6), como afirma Elliott, “não porque quer impor seus próprios padrões culturais (judaicos? gregos? romanos?) às mulheres coríntias, mas para estabelecer um princípio que considera basicamente incontroverso”, pois estes costumes trazem honra ou desonra para a “cabeça” social da pessoa.

FONTE: Disponível em: <<http://josegeraldomagalhaesjunior.blogspot.com.br/2010/11/as-mulheres-nas-cartas-paulinas.html>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você viu que:

- Devido a seu conteúdo apocalíptico, a 2Ts contribuiu para que muitos estudiosos considerassem que essa carta não deve sua redação a Paulo. De todos os modos, até o dia de hoje, não se pode afirmar que a questão esteja solucionada.
- O propósito da 2Ts era encorajar a igreja duramente pressionada com a ideia de que o segundo advento do Senhor não aconteceria conforme o esperado.
- Um dos propósitos principais da carta aos Colossenses é advertir os membros da igreja sobre uma prática perigosa que se baseava no gnosticismo, uma mistura de ideias filosóficas e religiosas. O que essa doutrina pregava? Nada de muito diferente de hoje em dia.
- A doutrina do gnosticismo, da qual encontramos relatos na carta aos Colossenses, afirma que o mundo veio à existência através da ação de uma série de seres intermediários, cuja adoração era um meio necessário para a salvação humana. Paulo escreve que em Jesus habita toda a plenitude da divindade e isso basta;
- Outra peculiaridade da carta aos Colossenses se manifesta quando trata do problema ideológico predominante entre a comunidade.
- A carta aos Efésios nos apresenta exortações para uma conversação e unidade dos destinatários da carta e indica a unidade que Deus deu para receber dons espirituais.
- Efésios apresenta uma exortação para não andar como os gentios, mas segundo o princípio de sua nova vida, evitando os vícios do velho e praticando as virtudes do novo, e também manter um esforço constante para se separar dos males do mundo e andar no caminho certo.
- A carta aos Hebreus apresenta uma lista de mandamentos morais bem específicos e também pedidos bem veementes, como: vivência do amor fraterno; praticar a hospitalidade; visitar aqueles que estão na prisão; casamento deve ser considerado honrado; não desejar dinheiro, mas contentar-se com o que têm; os líderes da igreja devem ser lembrados e imitados como exemplos de Cristo; todos devem estar preparados para o sacrifício e para confessar o nome de Jesus; os líderes da igreja devem ser merecedores de obediência.
- A carta aos Hebreus nos deixa um forte legado teológico, a forma como expõe Jesus como o sumo sacerdote que se ofereceu para a redenção dos pecados daqueles que creem se tornou emblemática na teologia cristã.

- Hebreus também é importante por causa de sua visão do reino celestial, com forte influência na igreja do segundo século e em grande parte da história cristã.

AUTOATIVIDADE



- 1 Qual é a estrutura da maioria das cartas paulinas?
- 2 Apresente os temas desenvolvidos na parte prática da carta aos Efésios.

UNIDADE 3

CARTAS PASTORAIS, DEMAIS ESCRITOS DO NOVO TESTAMENTO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir dos estudos desta unidade, você será capaz de:

- identificar o grupo das cartas pastorais de epístolas pastorais – I e II a Timóteo e Tito, cristãos primitivos que, como pastores, cuidavam de seu "rebanho";
- entender as cartas católicas de Pedro, Tiago e Judas, sabendo de antemão que as cartas de João, já estudadas na Unidade 1 também fazem parte desse grupo;
- compreender a importância do livro do Apocalipse como livro que desvela sinais, interpretações do passado para uma vivência mais edificante no futuro.

PLANO DE ESTUDOS

Caro acadêmico! Esta unidade de estudos encontra-se dividida em três tópicos de conteúdos. Ao longo de cada um deles, você encontrará sugestões e dicas que visam potencializar os temas abordados, e ao final de cada um estão disponíveis resumos e autoatividades que visam fixar os temas estudados.

TÓPICO 1 – CARTAS PASTORAIS

TÓPICO 2 – CARTAS CATÓLICAS (OU UNIVERSAIS) – PEDRO, TIAGO E JUDAS

TÓPICO 3 – APOCALIPSE



1 INTRODUÇÃO

As cartas pastorais são cartas ou são epístolas? Você deve lembrar que já delimitamos algumas diferenças que caracterizam essas duas opções. Assim, podemos identificar esse grupo das cartas pastorais de epístolas pastorais: as duas dirigidas a Timóteo e a Tito são coletivamente chamadas de "Pastorais", não só porque são dirigidas a esses "pastores" – cristãos primitivos (líderes que cuidam de seu "rebanho") –, mas também porque dão instruções sobre as qualificações e responsabilidades das pessoas que devem servir como "pastores" (líderes, incluindo "bispos" e "diáconos") das comunidades locais. Não muito diferente do que se espera de pastores, bispos e diáconos de hoje.

2 MODELOS DE PASTOR

Você, acadêmico, com tantas versões de pastor que encontramos hoje por aí, sabe conceituar o que vem a ser pastor? "Pastor" originalmente designa alguém que literalmente "pastoreia" um rebanho de ovelhas ou outros animais que pastam, guiando-os para pastos verdes e protegendo-os de quaisquer danos ou perigos que atentem contra sua vida. Só lembrando que essa denominação – "Cartas Pastorais" – surgiu no século XVIII por D. N. Berdot e P. Anton, que deram esse nome a essas três cartas justamente por reforçar seu conteúdo direcionado aos pastores da igreja.

Tal designação tem-lhes sido aplicada desde o começo do século XVII como reconhecimento da preocupação central delas: não mais a expansão missionária que dominou os primeiros anos do cristianismo, mas o cuidado com as comunidades evangelizadas, depois que os missionários mudaram-se, quer geograficamente, quer pela morte. Esse é um cuidado que reconhecemos como pastoral. Em outro sentido, o termo é apropriado porque um tema saliente em Tito e 1 Timóteo é a estrutura ou ordem da Igreja, ou seja, a designação de oficiais para administrar a comunidade cristã, aos quais, amiúde, denominamos pastores. Se o simbolismo do NT para o missionário é a(o) pesca(dor), o símbolo para aquele que guia, sustenta e conquista o elo missionário é o pastor (do latim pastor) (BROWN, 2012, p. 835-836).

Várias figuras importantes do Antigo Testamento eram literalmente pastores, que cuidavam de ovelhas. Vamos citar algumas:

Abel – Gn 4, 2: “Abel apascentava as ovelhas, Caim cultivava o solo” (BÍBLIA, Gênesis, 1994).

Abraão – Gn 12, 16: “por causa dela, trataram bem Abraão, que recebeu ovelhas e bois, jumentos, servos e servas, jumentas e camelos”.

José – Gn 37, 2: “José, com idade de dezessete anos, apascentava as ovelhas com seus irmãos”.

David – 1 Sm 16, 11: “Samuel disse a Jessé: os jovens estão todos aí? Jessé respondeu: falta ainda o mais jovem. Ele está cuidando do rebanho” (BÍBLIA, 1 Samuel, 1994).

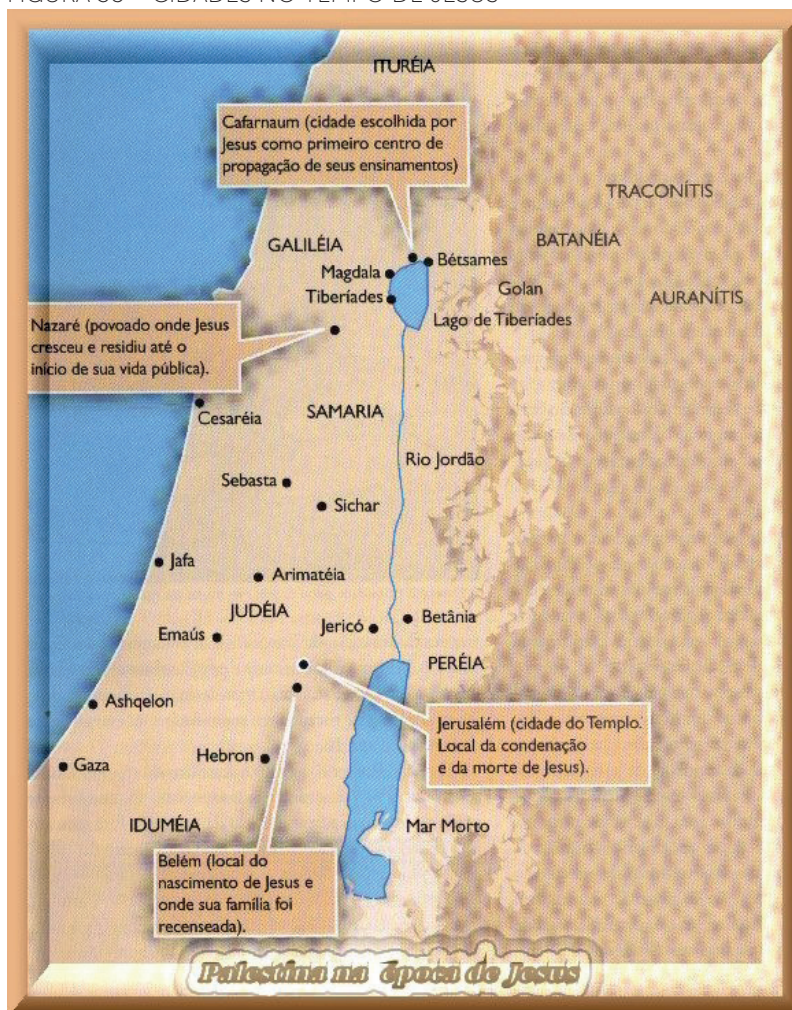
Este irmão mais jovem se tratava de Davi, que mais tarde se torna o rei de Israel.

Temos também a utilização da denominação pastor atribuída aos reis e outros líderes de Israel, acrescidos muitas vezes metaforicamente como bons ou maus “pastores”. Qualquer semelhança com os dias atuais é mera coincidência.

Quando se trata de Jesus, como o Messias esperado, também é referido como um pastor tanto no AT como no NT:

- Mq 5, 2-3: “por isso Deus os abandonará até o tempo em que dará à luz aquela que deve dar à luz. Então o que houver restado de seus irmãos, se reunirá aos filhos de Israel. Ele estará de pé e apascentará seu rebanho pelo poder do Senhor, pela majestade do Nome do Senhor, seu Deus” (BÍBLIA, Miquéias, 1994).
- Mt 2, 6: “e tu Belém, terra de Judá, não és decerto a menos importante das sedes distritais de Judá: pois é de ti que sairá o chefe que apascentará Israel, meu povo” (BÍBLIA, Mateus, 1994).

FIGURA 38 – CIDADES NO TEMPO DE JESUS



FONTE: Disponível em: <<http://www.ceallankardec.org.br/NO%20TEMPO%20DE%20JESUS.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

Jesus, por sua vez, às vezes fala de pastores e ovelhas em suas parábolas, inclusive ele mesmo se declara Bom Pastor. Vejamos algumas dessas passagens que nos mostram essa condição:

- Mt 25, 32 – “Diante dele serão reunidas todas as nações, e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos” (BÍBLIA, Mateus, 1994).
- Jo 10, 14 – “Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas me conhecem como o meu Pai me conhece e eu conheço o meu Pai e eu me despojo da vida pelas ovelhas” (BÍBLIA, João, 1994).

Avançando cronologicamente, encontramos referência a Jesus como pastor de ovelhas, se referindo aos cristãos, isso já no começo das comunidades cristãs instituídas onde os líderes cristãos, a exemplo de Jesus, foram chamados de pastores que cuidam das ovelhas:

- Jo 21, 15-17 – “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes: Ele respondeu: sim Senhor tu sabes que eu te quero bem. E Jesus lhe disse então: Apascenta os meus cordeiros” (BÍBLIA, João, 1994).
- At 20, 28 – “cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho de cuja guarda o Espírito Santo vos constituiu responsáveis e apascentai a Igreja de Deus que ele adquiriu para si com seu próprio sangue” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1994).
- Ef 4, 11 – “e os dons que ele deu foram apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e docentes” (BÍBLIA, Epístola aos Efésios, 1994).

Como vemos, linguagens diversas podem conferir diferentes significados a uma denominação. E quando recorremos à linguagem eclesiástica, podemos então denominar as cartas pastorais como “escritos públicos com que os bispos, como pastores, dirigem-se a seus fiéis. Na exegese do Novo Testamento, este nome aplica-se exclusivamente à Primeira e Segunda Carta a Timóteo e à Carta a Tito, mas não como se fossem cartas de um pastor, e sim enquanto são cartas dirigidas a pastores, e que com toda a certeza tratam de sua missão pastoral” (BOSCH, 2002, p. 392).

FIGURA 39 – REPRESENTAÇÃO DE TIMÓTEO E TITO



FONTE: Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/?p=48348>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

Embora as cartas pastorais dificilmente possam ser atribuídas diretamente a Paulo, elas contêm passagens que têm todos os indícios de autoria paulina. A influência de Paulo pode ser vista em certas passagens, mesmo que tais passagens são agora combinadas com outro material que parecia apropriado para as condições que existiam nas igrejas no momento em que as cartas foram escritas.

Essas cartas diferenciam-se dos outros escritos paulinos, mas possuem uma homogeneidade entre elas. Distinguem-se dos textos paulinos, sobretudo pelo vocabulário e pelas orientações teológicas e espirituais. De outro lado, elas são justamente parecidas por apresentarem certa organicidade entre elas, isto é, tratam de assuntos similares com uma linguagem que se coaduna (FERREIRA, 2009, s.p.).

Não podemos deixar de destacar que essas epístolas são especialmente valiosas do ponto de vista histórico, uma vez que revelam os primórdios do tipo de organização da igreja, que no decorrer da história foi sofrendo modificações, o que tem persistido até hoje.

Um aspecto muito importante que se aproxima da comprovação histórica, ou seja, uma dimensão não menos importante que a doutrina, a teologia dessas cartas, é a autenticidade das cartas pastorais. É preciso reforçar que temos testemunhos muito fortes do início da era cristã que atestam a autenticidade dessas três cartas pastorais. Vamos agrupar aqui alguns testemunhos que porventura já vimos, ou se repetirão, que atestam a autenticidade, já desde os primórdios da era cristã. Vamos então a esses testemunhos.

Começamos por Clemente de Alexandria e Tertuliano, que questionam Marcião por rejeitar as cartas pastorais. No ano de 181, Teófilo de Antioquia cita as pastorais na obra "Palavra Divina". Outro personagem interessante, Potino, martirizado em 177, com 90 anos, faz referência às pastorais. Irineu, que nasceu na Ásia Menor e ouviu Policarpo pregar, faz uso frequente das Epístolas. Justino, também martirizado, em 140, na obra "Segunda Epístola de Clemente", referencia as Pastorais. Policarpo, em 117, mostra familiaridade com as cartas.

Não podemos deixar de lembrar que Policarpo nasceu poucos anos após o martírio de Pedro e Paulo, e como Timóteo e Tito, de acordo com as tradições mais antigas, teve vida muito longa assim como Potino, que viveu 90 anos. Policarpo era bispo de Esmirna, muito próxima de Éfeso, onde morava Timóteo. Inácio, o segundo sucessor de Pedro em Antioquia, conhecia os apóstolos e discípulos deles e mostra o seu conhecimento das epístolas nas cartas que escreveu por volta do ano 110.

O que vimos anteriormente nas cartas de Colossenses, Efésios e Segunda Carta aos Tessalonicenses, aqui nessas três epístolas também há indicativos de que a autoria não possa ser atribuída 100% a Paulo.

Veja a ilustração que segue para entender melhor, em uma visão geral, essa condição de autoria.

FIGURA 40 – AUTORIA DAS CARTAS PAULINAS



FONTE: Disponível em: <<http://quem-escreveu-torto.blogspot.com.br/2013/02/paulo-introducao-sobre-as-cartas.html>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Autoria, autor, escritor. O que precisamos saber sobre isso, principalmente nesses casos de pseudonímia? Brown (2012, p. 769-770) diz o seguinte:

Pode ser mais elucidativo falar aqui de escritor do que autor. Normalmente, para nós, autor significa não simplesmente a pessoa responsável pelas ideias contidas numa obra, mas aquela que de fato a escreveu. Os antigos, muitas vezes, não eram muito precisos, e por autor podem ter indicado apenas a autoridade por trás de uma obra. Tal distinção não nos é totalmente estranha, pois encontramos o fenômeno dos “escritores de aluguel”, particularmente no caso de artistas que desejam escrever uma autobiografia, mas precisam da ajuda de um escritor habilidoso que possa redigir a história deles de modo correto ou interessante. Agora, mais frequentemente, porém, até mesmo um escritor de aluguel tem de ser reconhecido na obra dessa forma: “autobiografia de fulano/fulana, com a cooperação (ou assistência) de sicrano”. Tal fenômeno avizinha-se de um dos costumes antigos dos escribas e pode ser encontrado numa carta genuinamente paulina, se Paulo ditou as palavras e alguém, como Silvano, redigiu-as. Isso não é o que os estudiosos querem dizer com pseudonímia em relação às obras do NT”.

Entendida essa questão de conceito de autor e escritor, temos então a seguinte situação em relação às cartas pseudoepigráficas: são essas três Cartas Pastorais que veremos, que formam um conjunto de três Epístolas deuteropaulinas – Colossenses, Segunda Tessalonicenses e Efésios, que são atribuídas ao apóstolo Paulo, mas quase unanimemente entre os estudiosos, afirmam que não foram escritas pelo próprio Paulo, e por isso são pseudoepigráficas, porque teriam sido escritas em nome de Paulo por um ou mais de seus seguidores após sua morte.

Não queremos afirmar aqui, por enquanto, que essas três Cartas Pastorais foram escritas pelo mesmo autor, aproximadamente na mesma época. Vamos levantar alguns aspectos gerais indistintamente para termos noção da dificuldade de se definir alguma coisa quando se trata das Sagradas Escrituras. Também não podemos pensar que, por esse motivo, não podemos considerar nada mais como verdadeiro, autêntico. Não é isso. Somos estudantes e devemos estar abertos ao que novos estudos vão nos apresentando. Que isso não sirva para alguém perder sua fé. Vamos lá?

Começando pela Segunda a Timóteo (2 Tm), o que alguns estudiosos afirmam é que esta carta teria sido escrita enquanto Paulo estava preso em Roma. Quando verificamos a Primeira a Timóteo (1 Tm) e Tito (Tt), já não há menção de Paulo na prisão.

2 Tm 1, 8 – “não te envergonhes, portanto, de dar testemunho de nosso Senhor e não te envergonhes de mim, preso por causa dele” (BÍBLIA, Segunda Epístola a Timóteo, 1994).

2 Tm 2, 9 – “e pelo qual sofro, a ponto de estar acorrentado como um malfeitor. Mas a palavra de Deus não está acorrentada”.

No aspecto literário, percebemos que Tito e as 2 Cartas a Timóteo têm diferentes gêneros: enquanto 2 Tm se mostra como um testamento, a 1 Tm e Tt são como admoestações da igreja, distantes do gênero que caracteriza fortemente a autoria paulina e, por consequência, reforçando a “terceirização” da autoria dessas cartas.

O gênero literário não é o habitual das Cartas de Paulo: falta-lhes originalidade e criatividade, acumulam-se fórmulas litúrgicas e hinos doxológicos, repetem-se fragmentos de catequese, catálogos de virtudes e de vícios, normas de tipo institucional, que mais parecem uma coletânea. Concretamente, 2 Tm pertence ao gênero dos “discursos de adeus”, muito em voga no judaísmo, e constitui uma espécie de testamento espiritual. Também o estilo não é o de Paulo: mais lento e monótono, sem a força e a riqueza exuberante que lhe são características, de feição paternalista e moralizadora, menos conciso e mais redundante. Do mesmo modo, o vocabulário é diferente: num total de 902 palavras, 305 não se encontram nos outros escritos paulinos. E, se muitas delas podem ser atribuídas à novidade dos temas tratados e outras são termos comuns, ainda restam umas quarenta que resistem a uma triagem baseada nestes critérios (DIFUSORA BÍBLICA, s.d.).

Uma vez que 1 Tm e Tt são muito semelhantes em vários aspectos, foram escritas provavelmente pela mesma pessoa em momentos muito próximos. Mas 2 Tm poderia ter sido escrita anteriormente por um autor diferente, embora ainda por alguém associado a Paulo. Visto por este ângulo, 2 Tm tem uma possibilidade um pouco maior de ser autêntica, no sentido de ter sido escrita pelo próprio Paulo, pouco antes de sua morte.

Levantamos aqui a questão: são epístolas ou cartas? Bom, se atentarmos para o seu formato, no seu início com remetente e destinatário em Tt e 2 Tm, e na sua conclusão com saudação e bênção, são cartas. Bosch (2002, p. 391-392) confirma essa dimensão:

[...] a Primeira Carta a Timóteo, a Segunda Carta a Timóteo e a Carta a Tito são precisamente cartas pastorais no sentido eclesiástico: falam com grande solenidade de temas gerais e parecem ter em vista inclusive o leitor pagão, enquanto colocam em primeiro plano o tema do Deus único. Além do mais, para evitar interpretações politeístas, não falam de Jesus como “Filho” de Deus e, para não ferir suscetibilidades, falam só em chave da prisão e da morte de Cristo. Inclusive, para não dar ocasião a interpretações libertinas, evitam qualquer terminologia paradoxal do “paulinismo progressista”.

Três breves cartas no NT são dirigidas aos pastores cristãos. Tradicionalmente, essas cartas foram atribuídas a Paulo no pressuposto de que possa ter escrito enquanto estava preso em Roma. Duas são dirigidas a Timóteo, um jovem cujos pais se tornaram cristãos antes do tempo, quando Paulo os visitou na cidade de Listra, na Ásia Menor. Timóteo se juntou a Paulo em suas atividades missionárias e continuou a ministrar às igrejas depois que Paulo tornou-se um prisioneiro em Roma. A terceira carta é dirigida a Tito, um jovem nascido de pais gentios que se tornou um cristão, e que era um dos delegados enviados pela igreja de Antioquia para acompanhar Paulo e Barnabé quando iam a Jerusalém para uma reunião do conselho. Nada é dito em uma das cartas a Timóteo sobre a ocasião para escrever, mas a Epístola a Tito menciona que Paulo está na prisão.

FIGURA 41 – PAULO ESCRREVENDO NA PRISÃO



FONTE: Disponível em: <<https://tunala.wordpress.com/author/tunala/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Estudiosos do NT geralmente não concordam que essas cartas, pelo menos na sua forma atual, foram escritas por Paulo. As razões para não acreditar que Paulo é o autor baseiam-se, em parte, pelo estilo e vocabulário, que são bastante diferentes do que encontramos nas cartas mais antigas atribuídas a Paulo. As concepções teológicas que Paulo utiliza tão frequentemente estão ausentes, mas a principal razão para que alguns estudiosos acreditem que Paulo não escreveu essas cartas é que a ordem eclesiástica que essas cartas pressupõem não existia nos dias de Paulo. Talvez as cartas foram escritas por alguém que era um admirador de Paulo e que escreveu o tipo de instrução de que ele acreditava que Paulo iria aprovar. Mas vamos avançar para o próximo item. A Epístola de Tito.

3 TITO

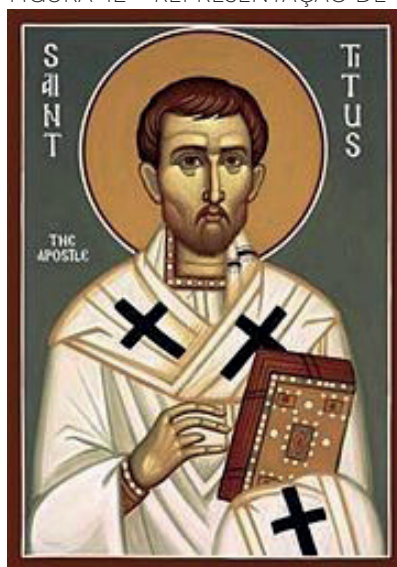
Pouco se fala de Tito no NT, diferentemente de Timóteo, que veremos logo a seguir. O que se pode descrever de Tito é que:

Ele é apresentado como um homem convertido por Paulo e levado para o encontro de Jerusalém no ano 49, a fim de demonstrar quão genuinamente cristão um gentio incircunciso podia ser. Na crise entre Paulo e a igreja de Corinto, onde Paulo foi publicamente afrontado durante a dolorosa visita, Tito levou a carta escrita “entre muitas lágrimas”, de Éfeso a Corinto. Ele obteve êxito em uma reconciliação diplomática, levando boas notícias de Corinto a Paulo que se achava na Macedônia. Mais tarde foi enviado a Corinto para recolher a coleta que Paulo levaria a Jerusalém em 58 (BROWN, 2012, p. 838).

Vamos recorrer a alguns livros do NT para tentar conhecer melhor esse “destinatário” de Paulo:

- 2 Cor 2, 13 – “não tive sossego de espírito, porque não encontrei Tito, meu irmão. Por isso, despedi-me deles e parti para a Macedônia” (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Coríntios, 1994).
- 2 Cor 7, 6-7 – “Meu Deus, que consola os humildes, consolou-nos com a chegada de Tito, não só com sua chegada, mas pelo conforto que recebeu de vós; ele relatou o vosso vivo desejo, as vossas lágrimas, o vosso zelo por mim, a tal ponto que me causou uma alegria ainda mais viva”.
- 2 Cor 8, 6 – “Por isso insistimos junto a Tito para que leve a bom termo entre vós esta obra de generosidade como a tinha começado”.
- 2 Cor 12, 18 – “Eu insisti junto a Tito e enviei com ele o irmão [de quem falei]. Acaso Tito vos explorou? Porventura não andamos no mesmo espírito? E nas mesmas pegadas?”
- Gl 2, 1-3 – “Depois, ao cabo de quatorze anos, subi novamente a Jerusalém com Barnabé; também levava Tito comigo” (BÍBLIA, Epístola aos Gálatas, 1994).
- 2 Tm 4, 10 – “porque Demas abandonou-me por amor ao mundo presente. Partiu para Tessalônica: Crescente, para a Galácia: Tito para a Dalmácia” (BÍBLIA, Segunda Epístola a Timóteo, 1994).
- Tt 1, 4 – “Tito, meu verdadeiro filho na fé que nos é comum: graça e paz da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador” (BÍBLIA, Epístola a Tito, 1994).

FIGURA 42 – REPRESENTAÇÃO DE TITO



FONTE: Disponível em: <<https://elteologillo.files.wordpress.com/2012/07/filemon.png>>. Acesso em: 21 mar. 2017.



Tito, cujo nome é de origem latina, sabemos que era grego de nascença, isto é, pagão (cf. Gl 2, 3). Paulo levou-o consigo a Jerusalém para o chamado Concílio apostólico, no qual foi solenemente aceita a pregação aos pagãos do Evangelho, que libertava dos condicionamentos da lei mosaica. Na Carta a ele dirigida, o Apóstolo elogia-o definindo-o “meu verdadeiro filho na fé comum” (Tt 1, 4). Depois da partida de Timóteo de Corinto, Paulo enviou Tito a essa cidade com a tarefa de reconduzir aquela indócil comunidade à obediência. Tito restabeleceu a paz entre a Igreja de Corinto e o Apóstolo, que lhe escreveu nestes termos: “Deus, porém, que consola os humildes, consolou-nos com a chegada de Tito, e não só com a sua chegada, mas também com a consolação que ele tinha recebido de vós. Contou-nos ele o vosso vivo desejo, a vossa aflição, a vossa solicitude por mim. Foi por isso que ficamos consolados” (2 Cor 7, 6-7.13). Tito foi enviado de novo a Corinto por Paulo, que o qualifica como “meu companheiro e colaborador” (2 Cor 8, 23) para ali organizar a conclusão das coletas em favor dos cristãos de Jerusalém (cf. 2 Cor 8, 6). Ulteriores notícias provenientes das Cartas Pastorais qualificam-no como Bispo de Creta (cf. Tt 1, 5), de onde, a convite de Paulo, alcançou o Apóstolo em Nicópolis no Éfiro (cf. Tt 3, 12). Não possuímos outras informações sobre os deslocamentos seguintes de Tito e sobre a sua morte.

Para concluir, se consideramos Timóteo e Tito unitariamente nas suas duas figuras, apercebemo-nos de alguns dados significativos. O mais importante é que Paulo se serviu de colaboradores para o desempenho das suas missões. Ele permanece certamente o Apóstolo por antonomásia, fundador e pastor de muitas Igrejas. Contudo, é evidente que ele não fazia tudo sozinho, mas apoiava-se em pessoas de confiança que partilhavam as suas fadigas e as suas responsabilidades. Outra observação refere-se à disponibilidade destes colaboradores. As fontes relativas a Timóteo e a Tito põem bem em realce a sua disponibilidade para assumir vários cargos, que muitas vezes consistiam em representar Paulo também em ocasiões não fáceis.

FONTE: Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/timoteo-e-tito/>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

Essa epístola a Tito enfatiza uma série de temas que se tornaram importantes na história cristã, não dá para negar. Embora outras epístolas paulinas foram mais veementes quando tratavam de temas judaizantes, nesta epístola não há meio termo: o tratamento é de verdadeiros hereges, que devem ser evitados pela igreja.

Como vemos, a missão de Tito à frente da comunidade de Creta era bem espinhosa. Além de enfrentar várias adversidades, ele, como o administrador/líder/responsável pela comunidade cristã, tinha também a incumbência de organizar esta igreja através da nomeação de presbíteros e bispos. Sobre essa responsabilidade, vale aqui destacar um texto que pode ser considerado enxerto nessa carta, encontrado em Tt 1, 12: “um deles, seu próprio profeta, disse: “cretenses, perpétuos mentirosos, animais ferozes, panças ociosas” (BÍBLIA, Epístola a Tito, 1994). Esta frase é uma citação do século VI feita pelo poeta da localidade de Cnossos, chamado Epimênides, cidade essa muito próxima de Creta.

FIGURA 43 – CRETA



FONTE: Disponível em: <http://www2.uned.es/geo-1-historia-antiguauniversal/GRECIA/mapa_micenas.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2017.

De acordo com a tradição primitiva, Tito continuou após a morte de Paulo como arcebispo de Creta, e morreu lá quando tinha mais de 90 anos.



Você sabia?

Por causa dessa citação de Tt 1, 12 há o paradoxo de Epimênides. Veja o que trata esse paradoxo e não se esqueça de pesquisar mais sobre isso. Veja o que diz São Jerônimo em seus sermões e tantos pensadores que se debruçaram sobre esse paradoxo. O texto abaixo trata somente no âmbito em que estamos estudando – das cartas paulinas.

O Paradoxo de Epimênides: Uma Discordância Lógica em Tito 1, 12

Paulo era um homem de muita educação. Ele foi treinado por um mestre judeu muito respeitado: Gamaliel (Atos 22, 3; 5, 34). Paulo conhecia não apenas a Escritura e a literatura judaica, mas também a literatura grega clássica. Enquanto discursava para um grupo de filósofos epicureus e estoicos em Atos 17, 22-34, Paulo, no verso 28, cita a Cretica de Epimênides ("porque nele vivemos, e nos movemos e somos) e o Phaenomena de Arato (porque somos sua geração), usando estes dois poetas para estabelecer seu ponto. Em 1 Coríntios 15, 33, Paulo cita a comédia de Menandro, Thais (as más conversações corrompem os bons costumes). Sem dúvidas, alguns críticos têm sugerido que o Apóstolo, quando falou a Tito acerca de sua missão na ilha de Creta, cometeu uma falácia lógica ao citar o poeta cretense Epimênides: "um deles, seu próprio profeta, disse: os cretenses, sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos. Este testemunho é verdadeiro" (Tito 1, 12, 13a).

Esta é uma forma de paradoxo lógico conhecido comumente como o "Paradoxo de Epimênides". "Um cretense disse: 'todos os cretenses são mentirosos'". Se, como Paulo afirma, este enunciado é verdadeiro, então o enunciado é falso, já que um cretense mentiroso o fez. Estas afirmações – que o enunciado é verdadeiro e o enunciado é falso – se contradizem e violam a Lei da Não Contradição, já que um enunciado não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo. O apologista islâmico M. S. M Saifullah declarou, sobre Tito 1, 12: "o escritor Paulo, pelo menos nesta ocasião, não teve a Orientação Divina, já que não percebeu a sutileza" (SAIFULLAH, 1999). Qual é a resposta cristã a este ataque contra a infalibilidade da Palavra inspirada?

O primeiro passo para entender esta suposta contradição é levar em consideração que Epimênides era um poeta. Os poetas, dramaturgos e outros escritores, algumas vezes usam uma técnica literária conhecida como hipérbole, que é uma exageração deliberada usada para argumentar. Dizer que os cretenses são "sempre mentirosos, bestas ruins, glutões ociosos" é dizer que a sociedade cretense, como um todo, era imoral e decadente, não necessariamente que cada indivíduo na sociedade era um mentiroso, uma besta ruim e um preguiçoso. Não existe paradoxo quando se considera a hipérbole encontrada em Tito 1, 12. Epimênides havia feito um enunciado exagerado acerca da conduta do povo de Creta, e Paulo estava citando-o para mostrar a Tito a dificuldade que enfrentavam os presbíteros cretenses. Paulo não estava afirmando uma contradição, mas estava seguindo um costume literário. Mais uma vez, a Bíblia resplandece como um livro inerrante que permitiu que os estilos de escritas dos autores permanecessem intactos, enquanto manteve a integridade da Palavra inspirada de Deus.

FONTE: Disponível em: <<http://profgaspardeSouza.blogspot.com.br/2010/04/paulo-e-o-paradoxo-de-epimenides.html>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

3.1 AUTORIA, COMPOSIÇÃO, DATA E LOCAL

Esta pequena carta é direcionada a Tito, considerado por Paulo um “filho espiritual”. Paulo ordena que Tito fique na ilha de Creta porque ali circulam algumas heresias judaizantes que ensinam aos cristãos que eles devem ser fiéis a certas leis de pureza judaica. Nada diferente do que já vimos anteriormente em algumas cartas de Paulo. Mas não podemos esquecer que o foco principal, não só desta carta a Tito, mas também as duas a Timóteo, é a vivência na doutrina correta e na organização da igreja. Vamos identificar algumas informações básicas para ter uma visão geral dessa carta, segundo Brown (2012, p. 837):

Data: se de autoria de Paulo, cerca de 65. Se pseudônima (80% e 90% da exegese crítica), por volta do fim do século I, ou (menos provavelmente) no começo do século II.

Destinatário: Tito, em Creta (Igrejas recém-fundadas?), da parte de um Paulo que, aparentemente, partira de lá havia pouco tempo e encontrava-se na costa da Ásia Menor (Éfeso?) ou na Grécia ocidental (Macedônia?), a caminho de Nicópolis.

Autenticidade: provavelmente escrita por um discípulo de Paulo ou um comentador simpatizante da herança paulina, várias décadas depois da morte do apóstolo.

Unidade e integridade: não questionada seriamente.

Divisão formal

A. fórmula introdutória: 1,1-4

B. Ação de graças: nenhuma

C. Corpo: 1,5-3,11.

D: Fórmula conclusiva: 3,12-15

Divisão conforme conteúdo

1,1-4: endereço/saudações a Tito

1,5-9: estrutura da Igreja e designação de presbíteros/bispos

1,10-16: falsa doutrina que ameaça a comunidade

2,1-3,11: comportamento e fé da comunidade

2, 1-10: código doméstico

2, 11-3, 11: o que Cristo realizou e suas implicações

3, 12-15: saudações e bênção conclusiva.

A passagem de Tt 1, 4 denuncia o destinatário desta ‘carta’, considerada uma “epístola”: é Tito tratado como um filho na fé comum que se converteu ao cristianismo. Tito foi um dos companheiros muito próximos e mais confiáveis de Paulo que, por exemplo, o acompanhou no concílio de Jerusalém, que é bem provável o local onde Paulo redigiu a Epístola aos Gálatas.

Se buscarmos em Gl 2, 1-3, vamos saber que Tito era de nacionalidade grega. É muito defendido também que Tito tenha sido o portador de I e II Coríntios. Algumas missões foram dadas a Tito, como quando ele vai à ilha de Creta a serviço da igreja que tinha sido fundada lá. A probabilidade de Tito estar com Paulo na sua segunda prisão é alta.

E o autor? Já tivemos indicativos de que tenha sido Paulo, apóstolo. Especificamente nesta epístola, há um desejo de Paulo de que Tito venha a ele em um futuro próximo, como representante da igreja de Creta, que apresenta

sérios problemas. O que se indica em At 2, 11 é que Creta foi evangelizada pouco depois do primeiro Pentecostes, por habitantes da ilha que foram convertidos, em Jerusalém. Durante a última parte de sua vida, Paulo visitou a ilha e providenciou a organização das igrejas dali. Quando ele partiu, confiou esta importante tarefa a seu filho espiritual. A igreja era formada, predominantemente, por judeus e gentios de diferentes idades e de várias classes.

Para a data e autoria dessa carta, temos algumas possibilidades. Uma delas indica que foi escrita durante as primeiras pregações em Corinto, de onde, nesse caso, Paulo deve ter feito uma viagem a Creta. Outra versão aponta que foi composta em Éfeso, depois que Paulo deixou Corinto e visitou Creta. Outros ainda datarão a visita a Creta e a composição em algum lugar entre os anos 54-57, quando o apóstolo residiu em Éfeso, mas esta hipótese é também uma entre tantas outras que existem.

Alguns estudiosos, que acreditam que Paulo escreveu a Tito, apontam que ela foi escrita após a visita de Paulo a Creta. No entanto, a maioria dos estudiosos concorda que esta visita não poderia ser a referida em Atos 27, 7, quando Paulo estava em sua viagem a Roma como um prisioneiro, e onde ele continuou como prisioneiro por dois anos. Assim, a exegese tradicional supõe que Paulo partiu de Roma para a Ásia, passando por Creta pelo caminho, e que lá deixou Tito "para pôr em ordem as coisas que estavam faltando". Daí ele teria ido para Éfeso, onde deixou Timóteo, e de Éfeso para a Macedônia, onde escreveu a Primeira Epístola a Timóteo, e de lá, de acordo com a inscrição desta epístola, a Nicópolis, em Epiro, de onde ele escreveu a Tito, provavelmente entre 66 e 67.

O que mais forte é defendido é que esta epístola deve ter sido composta no intervalo entre a primeira e a segunda prisão de Paulo, provavelmente no início do ano 67, em Éfeso.

3.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

Esta carta tem por objetivo instruir Tito, responsável pela comunidade cristã, sobre o caráter dos líderes que ele deve escolher em vista das dificuldades pastorais peculiares de Creta. O escritor vai sugerir, então, muita atenção para as virtudes individuais e sociais especiais que os vários grupos etários e classes da comunidade cristã devem ser encorajados a adquirir e vivenciar no seu dia a dia.

A cristologia é um ponto forte de motivação para a transformação das vidas das pessoas, especialmente do sacrifício redentor de Cristo e sua justificação.

O autor quer chamar a atenção para a comunidade, que deve servir de fermento na prática de boas obras como evidência de sua fé em Deus. Já aqueles que se envolvem em controvérsia religiosa devem, após uma advertência adequada, ser ignorados.

Paulo tinha objetivos claros ao endereçar essa carta a Tito:

- convocar Tito para vir a ele, assim que outro tiver tomado seu lugar;
- dar instruções sobre a ordenação dos presbíteros nas diferentes cidades;
- adverti-lo contra os hereges;
- dar orientações quanto ao ensino;
- fornecer indicativos de como lidar com aqueles que não aceitariam a sua palavra.

Podemos estruturar a carta da seguinte forma:

Saudação inicial (1, 1-4).

Orientações a Tito sobre os critérios de escolha dos responsáveis das comunidades (1, 5-9).

Aviso contra os falsos mestres (1, 10-16).

Ensinamentos sobre o modo de comportamento de várias categorias de crentes (2, 1-15).

Elenco de deveres sociais (3, 1-11).

Recomendações de caráter pessoal (3, 12-14).

Saudação final (3, 15).

Quanto ao conteúdo, podemos dividir em três partes:

I. Instrução sobre a nomeação de ministros, 1, 1-16.

Depois da saudação de abertura, 1-4:

- o apóstolo lembra a Tito sua instrução passada de nomear presbíteros, 5;
- ele enfatiza a importância de alto caráter moral em um líder, a fim de que tal portador possa manter a sã doutrina e refutar os adversários que enganam os outros e, alegando conhecer a Deus, negá-Lo com suas palavras, 6-16.

II. Instruções para o Ensino de Tito, 2, 1- 3, 11:

- Paulo orienta a todas as diferentes classes que foram encontradas na igreja de Creta, ou seja, os homens e mulheres mais velhos, as mulheres e homens mais jovens e os escravos, para regular sua vida em harmonia com os ensinamentos do evangelho, pois todos eles foram treinados pela graça salvadora de Deus para elevar-se acima do pecado e levar vidas piedosas, 2, 1-14;
- no tocante à sua relação com o mundo exterior, Tito deve ensinar os fiéis a sujeitar-se às autoridades e a ser gentis com todos, lembrando-se de que Deus os livrou dos velhos vícios pagãos, para que eles tivessem uma vida adequada aos ensinamentos de Cristo, 3, 1-8;
- ele próprio deve evitar questionamentos tolos e rejeitar os hereges, que se recusaram a ouvir a sua admoestação, 9-11.

III. Detalhes Pessoais, 3, 12-15. Instruindo Tito para se juntar a ele em Nicópolis, o escritor termina sua carta com uma saudação final.

O que podemos constatar, nesta divisão em três partes que acabamos de estudar, são semelhanças em conteúdo para I Timóteo, pois especifica as qualificações para o cargo de bispo e dá instruções para a nomeação dos anciãos da igreja. Por que o bispo é, por assim dizer, nos termos atuais, o gerente de Deus, e por isso ele deve ser irrepreensível, hospitaleiro e capaz de controlar o seu temperamento, não deve ser arrogante. Ele deve ter uma firme compreensão da palavra de Deus e dar instruções na sã doutrina.

Ao lidar com os homens e as mulheres que são membros da igreja, o bispo ou o presbítero responsável deve ensinar a todos a serem moderados, sensatos e sãos na fé e no amor. As mulheres devem ser orientadas a amar seus maridos e filhos. Os homens mais jovens devem ser ensinados a controlar-se. Escravos devem ser ensinados à obediência a seus senhores. Os cristãos devem evitar ódio e disputa, devem ser encorajados a manifestar mansidão, gentileza e cortesia, que são possibilitados pela misericórdia de Deus em Cristo.

Como as outras Epístolas Pastorais, esta é também de caráter pessoal. Não foi dirigida a nenhuma igreja individual ou a um grupo de igrejas, mas a uma única pessoa, um dos filhos espirituais de Paulo que trabalhou incansavelmente na obra do Senhor. Ao mesmo tempo, não é tão pessoal como II Timóteo, mas mesmo assim apresenta um caráter distintamente reservado. É perfeitamente evidente a partir da própria Epístola, a partir do seu segundo capítulo, que seu ensinamento também foi destinado à igreja em Creta, a qual Tito estava incumbido de dirigir.

Esta carta é, em todos os sentidos, muito parecida com I Timóteo, devido ao fato de que foram escritas levando em consideração que seus destinatários foram chamados por situações muito semelhantes. Não encontramos nela nenhum avanço nos ensinamentos doutrinários das outras cartas de Paulo.

4 | TIMÓTEO

Quem é Timóteo? Paulo é quem o converteu e o fez seu discípulo preferido. Timóteo era de ascendência tanto judaica quanto gentia, já que sua mãe era de origem judaica e não o circuncidou e era casada com um pagão. Sua avó se chamava Loide. Timóteo acompanhou Paulo na segunda e terceira jornadas missionárias, além de ser frequentemente enviado por ele em missões especiais.

Em 1 Tm 1, 3 lemos: “conforme te recomendei ao partir para Macedônia, permanece em Éfeso para prescrever a alguns que não ensinem outra doutrina” (BÍBLIA, Primeira Epístola a Timóteo, 1994). Podemos verificar aí que Timóteo é descrito como o administrador de toda a comunidade de Éfeso.

Vimos anteriormente que Tito é pouco mencionado no NT. Já Timóteo é citado mais vezes e em mais livros. Vamos destacar algumas passagens, utilizando sempre, nesse livro didático, a TEB para transcrever os textos bíblicos.

FIGURA 44 – TIMÓTEO COM SUA AVÓ LOIDE



FONTE: Disponível em: <<https://analisebiblicaebt.wordpress.com/tag/cartas-pastorais/>>. Acesso em: 19 mar. 2017.

At 16, 1 – “e assim chegou a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia que abraçara a fé e de um pai que era grego” (BÍBLIA, Atos dos Apóstolos, 1994).

At 17, 14-15 – “sem mais tardar, os irmãos fizeram então partir Paulo para chegar ao mar, enquanto Silas e Timóteo ficavam lá. Os que escoltavam Paulo foram até Atenas, depois voltaram com a ordem, para Silas e Timóteo, de virem juntar-se-lhe o mais depressa possível”.

At 18, 5 – “mas quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se consagrou inteiramente à palavra, atestando perante os judeus que Jesus é o Messias”.

At 19, 22 – “Enviou a Macedônia Timóteo e Erasto, dois dos seus auxiliares, enquanto ele mesmo prolongava um pouco a sua estada na Ásia”.

At 20, 4 – “Ele tinha como companheiros Sópatros, filho de Pirro, da Bereia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio de Derbe e Timóteo, como também Tíquico e Trófimo, da província da Ásia”.

Rm 16, 21 – “Timóteo, meu colaborador, vos saúda, como também Lúcio, Jasão e Sosípatro meus parentes” (BÍBLIA, Epístola aos Romanos, 1994).

1 Cor 4, 17 – “é por isso mesmo que vos enviei Timóteo meu filho querido e fiel no Senhor” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Coríntios, 1994).

2 Cor 1, 1-19 – “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus e o irmão Timóteo à Igreja de Deus que está em Corinto” (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Coríntios, 1994).

Fl 1, 1 – “Paulo e Timóteo, servos de Jesus Cristo, a todos os santos em Jesus Cristo que estão em Filipos com os seus episcopos e diáconos” (BÍBLIA, Epístola aos Filipenses, 1994).

Fl 2, 19 – “Espero no senhor Jesus enviar-vos em breve Timóteo, para que eu também seja reconfortado pelas notícias que tiver de vós”.

Cl 1, 1 – “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus e Timóteo, o irmão” (BÍBLIA, Epístola aos Colossenses, 1994).

1 Ts 1, 1 – “Paulo, Silvano e Timóteo, à Igreja dos tessalonicenses que está em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. A vós, graça e paz” (BÍBLIA, Primeira Epístola aos Tessalonicenses, 1994).

1 Ts 3, 2 – “e vou enviar Timóteo nosso irmão colaborador de Deus na pregação do Evangelho de Cristo”.

2 Ts 1, 1 – “Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses que está em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo” (BÍBLIA, Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 1994).

Fm 1, 1 – “Paulo, prisioneiro de Jesus Cristo, e o irmão Timóteo, a Filêmon nosso bem-amado colaborador” (BÍBLIA, Epístola a Filêmon, 1994).

Hb 13, 23 – “ficai sabendo que nosso irmão Timóteo foi libertado. Se vier com suficiente rapidez, eu irei ver-vos com ele” (BÍBLIA, Epístola aos Hebreus, 1994).

É claro que temos passagens em 1 Tm e 2 Tm que mencionam Timóteo, e você, acadêmico, poderá conferir: 1 Tm 1, 2-18; 1 Tm 6, 20; 2 Tm 1, 2.

Depois de todos estes textos bíblicos, nos certificando da existência de Timóteo, podemos destacar alguns pontos que respondem às questões mais importantes sobre Timóteo e sobre as duas cartas.

Pelo itinerário de Paulo, temos a indicação de que 1 Tm foi escrita em algum lugar na Macedônia, já que Paulo se dirigiu de Éfeso para a Macedônia e então resolve escrever a Timóteo. Quem é esse Timóteo, “meu próprio filho na fé”, como consta em Tm 1, 2? Em At 16, 1 ficamos sabendo que Timóteo mora em Listra, filho de mãe judia – Eunice, e de um pai grego. Timóteo é encontrado em outros textos da Sagrada Escritura. Veja a seguir o texto que faz um apanhado geral desse personagem.



Timóteo é um nome grego e significa “que honra Deus”. Enquanto Lucas nos Atos o menciona seis vezes, Paulo nas suas cartas faz referência a ele 17 vezes (além disso encontramos-lo uma vez na Carta aos Hebreus). Deduz-se que aos olhos de Paulo ele gozava de grande consideração, mesmo se Lucas não considera que deva narrar tudo o que lhe diz respeito. De fato, o Apóstolo encarregou-o de missões importantes e viu nele quase um alter ego, como resulta do grande elogio que dele traça na Carta aos Filipenses: “É que não tenho ninguém com igual disposição (*isópsychon*), que tão sinceramente se preocupe pela vossa vida” (2, 20).

Timóteo tinha nascido em Listra (cerca de 200 km a nordeste de Tarso), de mãe judia e de pai pagão (cf. Act 16, 1). O fato de que a mãe tivesse contraído um matrimônio misto e não tivesse feito circuncidar o filho deixa pensar que Timóteo tenha crescido numa família não

estritamente observante, mesmo se foi dito que conhecia as Escrituras desde a infância (cf. 2 Tm 3, 15). Foi-nos transmitido o nome da mãe, Eunice, e também o da avó, Loide (cf. 2 Tm 1, 5). Quando Paulo passou por Listra no início da segunda viagem missionária, escolheu Timóteo como companheiro, porque “era muito estimado pelos irmãos de Listra e de Icôneo” (At 16, 2), mas fê-lo circuncidar “por causa dos judeus existentes naquelas regiões” (At 16, 3).

Juntamente com Paulo e Silas, Timóteo atravessou a Ásia Menor até Trôade, de onde passou à Macedônia. Além disso, estamos informados de que em Filipos, onde Paulo e Silas foram envolvidos na acusação de espalhar desordens públicas e foram aprisionados por se terem oposto à exploração por parte de alguns indivíduos sem escrúpulos de uma jovem mulher como maga (cf. At 16, 16-40), Timóteo foi poupado. Depois, quando Paulo foi obrigado a prosseguir até Atenas, Timóteo alcançou-o naquela cidade e ali foi enviado à jovem Igreja de Tessalônica, para ter notícias e para a confirmar na fé (cf. 1 Ts 3, 1-2). Foi ter depois com o Apóstolo em Corinto, levando-lhe boas notícias sobre os Tessalonicenses e colaborando com ele na evangelização daquela cidade (cf. 2 Cor 1, 19).

Reencontramos Timóteo em Éfeso durante a terceira viagem missionária de Paulo. Dali provavelmente o Apóstolo escreveu a Filêmon e aos Filipenses, e nas duas cartas a Timóteo resulta coautor (cf. Fm 1; Fl 1, 1). De Éfeso, Paulo enviou-o à Macedônia juntamente com um certo Erasto (cf. At 19, 22) e depois também a Corinto com o cargo de levar uma carta, na qual recomendava aos Coríntios que o acolhessem calorosamente (cf. 1 Cor 4, 17; 16, 10-11).

Encontramo-lo ainda como coautor da Segunda Carta aos Coríntios, e quando de Corinto Paulo escreve a Carta aos Romanos une nela, juntamente com as dos demais, as saudações de Timóteo (cf. Rm 16, 21). De Corinto o discípulo partiu de novo para alcançar Trôade na margem asiática do Mar Egeu e ali aguardar o Apóstolo que ia para Jerusalém na conclusão da terceira viagem missionária (cf. At 20, 4). A partir daquele momento sobre a biografia de Timóteo, as fontes antigas dão-nos apenas uma referência na Carta aos Hebreus, na qual se lê: “Sabei que o nosso irmão Timóteo foi posto em liberdade. Se vier depressa, irei ver-vos com Ele” (13, 23). Em conclusão, podemos dizer que a figura de Timóteo sobressai como a de um pastor de grande relevo. Segundo a posterior História eclesiástica de Eusébio, Timóteo foi o primeiro Bispo de Éfeso (cf. 3, 4). Algumas das suas relíquias encontram-se desde 1239 na Itália, na Catedral de Termoli, no Molise, provenientes de Constantinopla.

FONTE: Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/timoteo-e-tito/>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

A riqueza desta primeira carta a Timóteo é lembrá-lo do caráter profético de seu ofício, encorajá-lo em seu exercício. Podemos, com toda a segurança, afirmar que a passagem central da carta expressa o motivo principal que deve guiar a conduta de Timóteo – a preservação da pureza da doutrina da igreja contra falsos ensinamentos.

Timóteo já foi denominado “anjo da igreja de Éfeso”. De acordo com o antigo martirológico romano, ele morreu Bispo de Éfeso com mais de 80 anos quando foi espancado e morto pelos pagãos.

4.1 AUTORIA, DESTINATÁRIO, COMPOSIÇÃO E DATA

Por que se questiona a autoria desta carta, assim como a 2 Tm e também a Tito, que acabamos de estudar? O que temos é que a maioria dos estudiosos está convencida de que, observando o vocabulário e o estilo, não são de Paulo,

assim como observamos o conceito de organização da igreja ou as expressões teológicas. Mesmo que essas cartas apontem para alguém que tenha secretariado as orientações de Paulo, sendo assim responsável pela composição dessas três cartas que compõem as pastorais, mesmo assim as semelhanças teológicas delas com as cartas genuinamente pastorais são muito próximas. Bom, não para por aí, pois temos também um grupo de estudiosos que apontam a autoria dessas cartas para um compilador, que teve como fundamento as tradições paulinas através de fragmentos reais de correspondência genuinamente paulina.

Esta carta tem provável escrita entre os anos 65 e 66. A conversão de Timóteo se dá através de Paulo quando este realiza sua primeira viagem missionária. Vamos a algumas características bem específicas na composição desta carta:

Essa carta a Timóteo é a primeira, canonicamente, das três reunidas sob o título de Pastorais. Ela é um texto relativamente curto, mas configura-se como a maior dentre elas. Possui seis capítulos e 110 versículos. Seu objetivo, haja vista que Paulo não escreve uma carta puramente abstrata, é triplo. Primeiro, instruir acerca da organização das Igrejas (Tm 3,1-5. 8-11); dirimir problemas relativos à falsas doutrinas que estão sendo ensinadas nas comunidades (Tm 1,6-7); por fim, alentar o Jovem Timóteo a ser exemplo para comunidade (4, 12; 5, 1.3.19; 6, 1).

Do texto podemos extrair, antes de entrarmos na análise dos capítulos, a *localização dessas comunidades*. Paulo diz, no capítulo primeiro versículo três: *“conforme te recomendei ao partir para Macedônia, permanece em Éfeso para prescrever a alguns que não ensinem outra doutrina e não se apeguem a lendas e genealogia sem fim”*. Desse modo, temos clareza de que Paulo estava na Macedônia, atual Turquia, e Timóteo em Éfeso, atual Selçuk, Turquia. Assim, esse bilhete paulino trata sucintamente de resolver questões pontuais na comunidade. Ele tenta organizá-la e visa estimular o representante principal a ser exemplo de liderança comunitária (FERREIRA, 2009, s.p.).

Neste período da viagem missionária, Timóteo se junta a Paulo e Silas nos trabalhos pertinentes à missão. Algumas citações em Atos, I e II Coríntios e I Tessalonicenses nos ajudam a identificar os feitos de Timóteo e, é claro, em 1 e 2 Tm. Vamos lá.

Em At 17, 14, Timóteo se dirige com os missionários para a região onde hoje é a Europa, e presta ajuda a eles em Filipos, Tessalônica e em Berea. Timóteo acompanha Silas, enquanto Paulo penava em dificuldades em Atenas e Corinto.

Em I Ts 3, 1, nos narra que Timóteo morava com os missionários e seu nome aparece junto com o de Paulo e Silvano nos endereços das duas Epístolas aos Tessalonicenses. Em seguida, encontramos-lo ministrando ao apóstolo durante sua longa estada em Éfeso. Já em At 19, 22, é enviado para a Macedônia e Corinto. Em Rm 16, 21, Timóteo está de volta à Macedônia e dali segue para a Ásia.

Nas denominadas cartas da prisão, há menção de Timóteo em Roma, com Paulo na prisão. Depois disso, não se fala mais de Timóteo até que as Epístolas Pastorais mostrem que ele está no comando da igreja de Éfeso e a partir daí, então, sua vida torna-se mais conhecida, por exemplo, sua escolha para o ministério

por Paulo com a imposição de mãos, de acordo com as proclamações proféticas, quando ele recebe o título de evangelista e apóstolo.

4.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

A primeira Epístola a Timóteo pode ser dividida em quatro partes:

- Introdução, 1, 1-20. O apóstolo começa recordando a Timóteo que ele foi deixado em Éfeso para combater heresias. O autor então orienta Timóteo, considerado um “filho espiritual” para o Evangelho contrariado pelas heresias e pede uma ação fundada no Evangelho 11-20.
- Normas gerais para a vida da igreja 2, 1-4, 5. Nesta parte temos orientações direcionadas para o comportamento de homens e mulheres nas reuniões da igreja, 2, 1-15. Em seguida é feita declaração explícita das qualidades que são necessárias em bispos e diáconos, 3, 1-13. O propósito expresso destas orientações é para promover a boa ordem da igreja, o pilar e o fundamento da verdade, essencialmente revelada em Cristo, ameaçada por falsos irmãos.
- Na terceira parte, o autor apresenta conselhos pessoais a Timóteo, principalmente em relação aos falsos mestres. Paulo fala de como Timóteo deve considerar e cumprir seus deveres ministeriais e também como agir em relação aos membros individuais da igreja, especialmente para com as viúvas, os anciãos e os escravos.
- Na parte conclusiva, Paulo desfere ataque em direção daqueles que promovem heresias, e por isso exorta Timóteo a ser fiel a seu chamado e evitar todos os ensinamentos errôneos, dando-lhe instruções especiais em relação àqueles mais abonados.

Paulo escreve a Timóteo para alertar sobre as heresias que estavam circulando pela região. O pior, para Paulo, é que essas heresias eram disseminadas por importantes membros com cargos na igreja. Uma das heresias propagava um falso ascetismo, proibindo o casamento e exigindo abstenção de certos alimentos. Uma outra heresia defendia que a ressurreição já havia passado e reconhecia apenas uma ressurreição espiritual. Isso era apenas um aperitivo da missão que Timóteo precisava enfrentar.

Vale lembrar que esta carta é uma das epístolas pastorais de Paulo, que são assim chamadas porque foram escritas a pessoas envolvidas no trabalho pastoral e contêm orientações pastorais. Elas foram enviadas, não para igrejas específicas, mas para pessoas com algum cargo, alguma responsabilidade na comunidade, ou seja, orientações práticas, por exemplo, a prática de uma "sã doutrina" e de uma fé fundada em exigências éticas da verdade.

Temos também nessa carta uma preocupação com a organização externa da igreja. O autor instrui os líderes da comunidade – bispos, presbíteros, diáconos.

A 1 Tm foi escrita para dar instruções no culto e na administração da igreja, e para advertir contra os falsos ensinamentos nas igrejas. Certas formas de culto devem ser observadas, e certos tipos de conduta devem ser rigorosamente evitados. Por que ambos os bispos e diáconos foram necessariamente nomeados nas igrejas, era muito importante que esses líderes fossem respeitados. O bispo deve ser irrepreensível, temperado, digno, de uma disposição pacífica, e não amante do dinheiro. Os diáconos também devem ser homens de mente séria, livres da cobiça, e de consciência em todas as suas atividades.

A carta contém um aviso especial contra as falsas crenças e práticas que foram associadas com o gnosticismo. A ascese e excesso de indulgência foram baseados na concepção gnóstica de que a matéria é o mal, apenas aquilo que é o espírito é bom. Os cristãos também são advertidos contra a serem enganados pelos mitos ateus que formaram uma parte do tipo especial de conhecimento que gnósticos consideravam como essencial para a salvação. A carta expressa profunda reprovação para aqueles que tentam fazer lucro fora da religião, e contém instruções sobre a atitude que os cristãos devem manter em suas relações com as viúvas, presbíteros e escravos.

5 II TIMÓTEO

A segunda carta a Timóteo vai reforçar nos destinatários que sejam fortes no espírito e no testemunho de Jesus, fundados naquilo que foi ensinado e que cumpram seus deveres como cristãos.

5.1 AUTORIA, DATA E LOCAL

Paulo, indicado como autor dessa carta, a escreve para Timóteo, ansiando sua presença para aconselhar o seu “auxiliar” predileto, seu filho espiritual.



Caro acadêmico, veja a leitura complementar desse tópico para melhor compreender questões como autoria, composição e data destas três epístolas pastorais.

Para essa provável última conversa, a presença de Marcos era esperada. Paulo tinha noção das dificuldades de locomoção de Timóteo para chegar a Roma, vindo de Éfeso, comunidade que, por suas dificuldades impostas a Timóteo, este necessitava de encorajamento, apoio para ter forças em levar adiante a obra a ele confiada.

FIGURA 45 – REPRESENTAÇÃO DE TIMÓTEO



FONTE: Disponível em: <<http://www.diocesedeb Blumenau.org.br/site/blog/sao-timoteo-e-sao-tito-sucessores-dos-apostolos-bento-xvi-papa-de-2005-2013/>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

Cronologicamente, esta é a última epístola de Paulo, se confirmado como o autor. Isto porque esta carta:

Se aproxima muito mais, sob o ponto de vista literário, de um escrito normal da época, pela unidade do tema e pela parcimônia com que se desenvolve. Não chega, portanto, à densidade de Paulo, embora, de modo mais ou menos colateral, vá fluindo toda a contextura doutrinal da tradição paulina” (BOSCH, 2002, p. 400).

Já vimos, na introdução geral deste tópico, algumas indicações sobre a autoria dessas cartas, incluindo aí a 2 Tm. O que temos são pontos a favor da autoria de Paulo e outros pontos indicativos para outro autor. Tanto um quanto outro são reais, verossímeis, e não se anulam. Vamos apontar alguns detalhes prós e contras à autoria paulina.

Paulo autor:

- informações pessoais: nomes da mãe de Timóteo e avó;
- pedidos pessoais de Paulo a Timóteo para levar para Roma uma vestimenta, pergaminhos;
- autor da escola paulina na existência de fatores que indicam que a carta foi escrita após a morte de Paulo;
- há divergência na descrição da vida de Paulo como o que se descreve no Livro de Atos;
- a organização da igreja não confirma com o que Paulo descreve em suas outras epístolas, mas corresponde à da igreja posterior;

- as heresias descritas aqui – o marcionismo e gnosticismo – não se destacavam no tempo de Paulo, pois surgiram após a sua morte;
- a formalidade das cartas a Timóteo não evidencia o estreito relacionamento pessoal que ele desfrutava com Timóteo;
- as diferenças de estilo e vocabulário ficam evidentes.

Deixamos este item por último, não por ser mais ou menos importante, mas para confirmar essa diferença com alguns exemplos de palavras que não encontramos por aqui. Não pode ser um critério definitivo, pois em alguns casos não afetaria somente 1 e 2 Tm e Tt, mas também outras cartas. Vamos então a alguns exemplos em um exercício muito simples, e você, acadêmico, pode fazer essa busca com outras palavras.

Adikos (injusto) – esta palavra é encontrada nas seguintes cartas – Rm, I Cor.

Simonesia (adoção) – aparecem em Rm e Gl.

Diatheke (aliança) – aparece em Rm, 1 Cor, 2 Cor, Gl.

Apokalyptein (revelar) – Fl.

Eleutheros (livre) – Gl.

Energein (operante) – Rm, Pl, 1 Cor, 1 e 2 Ts.

Katargazesthai (executar) – Rm, 2 Cor, 1 Cor.

Kauchasthai (jactar-se) – Fl, 2 Ts.

Moria (loucura) – 1 Cor.

Para identificar o local onde foi escrita essa carta, podemos encontrar em Tm 1, 17, que evidencia a presença de Paulo em Roma. E está preso. Na verdade, foi preso em Trôade no ano 67. A situação em que se encontra em Roma é bastante diferente da que se reflete nas outras epístolas do cativo. Ele agora é tratado como um criminoso comum, abandonado por alguns amigos, já demonstrando estar aguardando o fim da sua vida e por isso podemos indicar o ano de 67.

5.2 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

Vimos na primeira carta o problema explícito de heresias, e aqui também se repetem: “rixas de palavras”, “falatórios ímpios”, opositores da verdade, “homens de espírito pervertido, de fé inconsistente”, aqueles ligados a fábulas.

Podemos ver que não são situações fáceis para um jovem apóstolo com tamanha responsabilidade. Por isso, o desejo de Paulo de orientar Timóteo a permanecer firme no fundamento que ele já havia recebido dele a respeito de Deus.

Daí o objetivo desta Epístola de não se limitar a simples orientações. O escritor quer avisar Timóteo de sua partida iminente, informá-lo de suas experiências passadas em Roma e de sua solidão. Além disso, no entanto, ele desejava fortalecer seu filho espiritual em vista da profunda escuridão, das provações e perseguições que ameaçavam a igreja e para encorajá-lo contra o perigo ainda presente de heresias e apostasias que estavam minando a comunidade por dentro.

Com uma missão tão difícil, Paulo exorta Timóteo:

- a guardar a fé;
- a evitar toda forma de heresia;
- a instruir aqueles que resistem à Palavra;
- a ser perfeito, qualificado para qualquer obra.

Para entender melhor o conteúdo desta epístola, podemos destacá-la em três partes:

I. Saudação e encorajamento de Timóteo.

II. Exortações e ensinamentos para:

- evitar discussões ociosas e inúteis, e devidamente ensinar a verdade;
- evitar as paixões juvenis, as insensatas investigações e os falsos mestres que, por motivos egoístas, tornam a verdade de Deus em iniquidade;
- permanecer fielmente pelo seu ensino passado;
- ter consciência dos sofrimentos que advêm da missão;
- cumprir todo o seu dever como apóstolo, com sobriedade e coragem.

III. Conclusões pessoais de Paulo e uma saudação final.

Esta epístola demonstra, através das exortações feitas a Timóteo, que a resistência é uma das principais qualidades essenciais para um apóstolo do Evangelho. Evidentemente, há situações que acontecem dentro das igrejas, das comunidades, que foram especialmente difíceis para os apóstolos das primeiras comunidades cristãs. Timóteo deve se manter firme e reavivar o dom de Deus que estava dentro dele. Ele deve estar disposto a suportar dificuldades quando necessário e se comportar como um bom soldado de Deus. Ele precisa de coragem e humildade para executar as tarefas que foram atribuídas a ele. No combate à falsa doutrina, precisou mostrar que pode diferenciar palavras de verdade das falsas doutrinas. Ele pode contar com o exemplo e a inspiração de Paulo, que demonstra estar no final de sua missão.

LEITURA COMPLEMENTAR

EPÍSTOLAS PASTORAIS – AUTENTICIDADE

Ivan Pereira Guedes

A grande questão ao se abordar estas três epístolas está relacionada com a questão da autenticidade delas, ou seja, se de fato elas foram escritas ou ditadas pessoalmente por Paulo. Não é um assunto de pouca importância, pois se não foi o apóstolo que as escreveu, quem foi? Algum companheiro de trabalho missionário? Houve uma escola paulina formada posteriormente à morte dele? E se não foi Paulo, por que foram incluídas na seleção do cânon? É preciso realçar que todos os argumentos que visam questionar a autenticidade paulina em relação a estes três documentos são historicamente recentes, em decorrência do movimento racionalista que eclodiu a partir do século dezenove e que desde então tem levado muitos estudiosos a questionarem, não apenas estas três epístolas, mas praticamente todos os livros bíblicos.

Evidência Externa

Sem qualquer exagero, podemos afirmar que até o século dezenove não se levantou qualquer dúvida se estas epístolas foram escritas por Paulo e elas sempre foram contadas entre os *Homologumena*, livros aceitos, como distintos das sete *Antilegomena* ou livros que eram colocados em disputa do Segundo Testamento. Somente aqueles que se opuseram à Igreja em meados do segundo século rejeitavam a canonicidade destas cartas: Marcião, que liderou um movimento separatista e que estabeleceu seu próprio cânon bíblico, as deixou de fora, provavelmente por causa de seu ensino e não por questionar a autoria paulina delas; Taciano e Basílio, outros dissidentes cristãos, aceitavam a autenticidade de Tito, mas repudiavam as cartas a Timóteo; Orígenes nos informa que alguns questionavam a autoria paulina de 2 Timóteo porque continham os nomes de Janes e Jambres, que não são encontrados no Primeiro Testamento. Mas de forma ampla, a Igreja cristã aceitou estas três epístolas como sendo escritas pelo apóstolo Paulo. Em sua introdução dessas epístolas para a série Cambridge Bible, Humphreys enumera cronologicamente as diversas referências delas nos escritos pós-apostólicos (HUMPHREYS, 1895, pp.): Pais Apostólicos: Epístola de Barnabé (d.C. 75) - 1 Tm 3.16; Clemente de Romana (d.C. 95) - 1 Tm 2.8 e 1 Tm 1.17; Inácio de Antioquia (d.C. 112) - Tito 1.13 e 3.9, 2 Tm 2.4; Policarpo de Esmirna (d.C. 112) - 1 Tm 6.7 e 6.10; Epístola a Diogneto (d.C. 117) - Tito 3.4; Os Apologistas gregos: Justino Mártir (d.C. 146) - Tito 3.4; Teófilo de Antioquia (d.C. 168) - Tito 3.1 e 1 Tm 3.4; Os Dissidentes: Basilides (d.C. 110) - 1 Tm 2.6; Heracleonj TI (d.C. 150) - 2 Tm 3.13; Theodotus (d.C. 150), também da escola dos valentinianos, cita 1 Timóteo de acordo com Epifânio; Taciano (d.C. 160), da seita Encratitas (Tito); As Antigas Versões: A Peshitta-siriaco (d.C. 130) não incluiu nenhum livro apócrifo, mas desde sua primeira versão incluiu as pastorais; Antiga Versão Latina (d.C. 150), um dos testemunhos mais relevantes do cânon bíblico, continha as três pastorais.

Os que questionam a autoria paulina das Pastorais em bases externas, o fazem com base em dois argumentos principais: 1) elas não aparecem no cânon de Marcião; 2) elas estão ausentes do mais antigo manuscrito grego existente das cartas paulinas, o P46.Î101.

Em relação a Marcião, alegam que ele as deixou de fora de seu cânon por desconhecê-las, uma vez que foram escritas posteriormente, todavia, Tertuliano afirma que Marcião optou por descartá-las, por contrariarem suas propostas teológicas, bem como mutilou algumas das outras epístolas paulinas para que se ajustassem aos seus pressupostos. A favor da autoria paulina estão o amplo e abundante testemunho das lideranças cristãs do segundo e terceiro século, entre os quais Justino mártir e Heracles, com diversas alusões, e Irineu, que indica explicitamente que as pastorais são autênticos documentos de Paulo (HALE, 1983, p. 237).

O argumento da ausência no manuscrito P46H21 é frágil, pois há outros livros que também não fazem parte deste códice; também é observado pelos estudiosos menos belicosos que faltam a primeira e as últimas páginas, calculadas em número de sete, que poderiam comportar as Pastorais e Filêmon; esses códices foram produzidos em Alexandria, cujas lideranças eclesiais reconhecem amplamente a autenticidade paulina destes documentos (HALE, 1983, p. 237). Este argumento fica bastante fragilizado pelo fato de que as pastorais já eram conhecidas e aceitas por Clemente (século II), que era justamente da cidade de Alexandria (cf. KELLY, 2008, p. 12).

Evidência Interna

A crítica mais contundente questionando a autoria paulina está centrada nas questões internas das próprias cartas. Abaixo, citarei os principais argumentos, bem como os argumentos favoráveis.

O Cenário Histórico

Aqui, o argumento dos que negam a autoria paulina é que os lugares e os personagens citados nas Pastorais não se harmonizam com os registros encontrados em Atos e nas demais epístolas paulinas, de modo que estes documentos foram escritos em período posterior à morte de Paulo. Eles não reconhecem a tradição de que Paulo saiu da sua prisão domiciliar conforme registrado no final de Atos e retomou seu trabalho missionário. Os que defendem a autoria paulina partem justamente do pressuposto de que o apóstolo conseguiu sua liberdade nos tribunais romanos e retoma seus projetos missionários. As bases para essa postura têm duas vertentes: a) as expectativas do próprio Paulo de que em breve sairia livre de seu aprisionamento, conforme revelam suas correspondências produzidas neste período: Filipenses, Filêmon, Colossenses; b) uma segunda vertente é o testemunho histórico antigo que atesta a liberdade do apóstolo de seu aprisionamento, conforme o final de Atos, e desenvolve as atividades que se refletem nas correspondências pastorais.

Uma proposta de reconstituição deste período, conforme indicada nas pastorais, pode ser: empreende uma longa viagem pela Ásia proconsular, Macedônia e Acaia, tendo por companheiros alternadamente Lucas, Tito, Timóteo, Tíquico, Erasto,

Demás, e provavelmente outros. O roteiro provável pode ser: a) ele alcança a ilha de Creta e deixa Tito para que organize a comunidade e mantenha os falsos mestres afastados (Tt 1, 5), posteriormente pede que ele venha encontrá-lo em Nicópolis, onde deveria passar o inverno (Tt 3, 12), e depois devem se encontrar em Dalmácia (II Tm 4, 10); b) o apóstolo parte para Éfeso, onde encontra Timóteo, ali exerce sua autoridade apostólica sobre dois falsos mestres (I Tm 1, 20), partindo deixa ali Timóteo como seu representante; c) parte para Macedônia (I Tm 1, 3), local provável em que escreve a primeira correspondência a Timóteo, bem como a carta dirigida a Tito, enviando Artemas ou Tíquico a Creta como portador da correspondência a Tito, bem como a recomendação de que viesse a encontrá-lo em Nicópolis, onde passaria o inverno (Tt 3, 12); d) retorna uma vez mais a Éfeso (I Tm 3, 14), sabendo que encontraria ali muitas dificuldades (II Tm 1, 15, 18; 4.14), causadas pelos falsos ensinos judaicos e gnósticos, ficando hospedado na casa de Onesíforo (II Tm 1, 6), mas percebendo algum tipo de risco iminente à sua própria vida, apressa-se em partir para Mileto; e) em Mileto é obrigado a deixar Trófimo, que adoentara (Tm 4, 6); f) parte para Trôade, entretanto, devido a algum tipo de perseguição, apressa-se e deixa com Carpo sua capa e livros (II Tm 4, 13); g) chega a Corinto, onde deixa Erasto (II Tm 4, 20); h) parte para Nicópolis onde vai passar o inverno (Tt 3, 12).

É durante este período que Nero assume o trono do Império Romano (64) e que, entre outras coisas horríveis, acaba por incendiar a cidade de Roma, colocando os cristãos como bodes expiatórios, o que acaba originando uma das mais cruéis perseguições contra todos os cristãos dentro do Império. O epicentro da perseguição é a Capital, mas suas ondas sísmicas rapidamente alcançam toda a extensão do Império, sendo sentido por Paulo em Acaia ou Nicópolis. Quando foi feito prisioneiro, Demás o abandona e parte para Tessalônica, talvez intimidado pela onda de perseguição; Tito havia sido enviado para Dalmácia e Crescente para Galácia; Trófimo, doente, havia permanecido em Mileto; somente Lucas permanece com o apóstolo e ambos são levados a Roma. Ao comparecer diante dos juízes romanos está sozinho desta vez, diferentemente da vez anterior, pois os cristãos estão sob fortíssima pressão governamental e qualquer manifestação aberta é punida com a morte. Após esta preliminar, onde foi ouvido, é levado à prisão para aguardar o julgamento final, e de onde sabe que não sairá com vida. O inverno chega com toda sua força, e privado de sua capa e livros, deixados em Trôade, solicita a Tíquico que ocupe o lugar de Timóteo em Éfeso, de maneira que esse possa vir a Roma, passando por Trôade e lhe traga sua capa e seus pergaminhos preciosos; lembra também de João Marcos e sua importância no desenvolvimento das atividades missionárias. Se Timóteo e Marcos conseguiram chegar a Roma antes do martírio do velho apóstolo Paulo, não temos como saber. (cf. CARROL, 1961, p. 10-12).

Diante deste roteiro provável de um período final e intenso de atividades missionárias, a autenticidade paulina das epístolas pastorais fica confortavelmente assegurada.

O Vocabulário e Estilo

Uma das argumentações mais contundentes dos críticos está em que o vocabulário e o estilo destas três cartas são harmoniosos entre si, mas diferem

fortemente das demais correspondências paulinas, e com estes pressupostos tem sido proposto um ou mais autores pós-paulino.

Comparando os vocabulários das pastorais, chegam a um número de 175 palavras inéditas (*hapax legomena*), com exceção de nomes próprios, que aparecem apenas nelas e que podem ser assim distribuídas: 71 encontram-se em 1 Timóteo, 46 em 2 Timóteo e 28 em Tito. Ainda é possível se encontrar diversas frases e expressões peculiares que não são utilizadas por Paulo nas suas primeiras correspondências, e, no reverso, estão ausentes das pastorais expressões que se destacam na literatura eminentemente paulina. Entre vários exemplos do equívoco dessa primícia, destacada por Spain, as palavras “cruz” e “crucificar” aparecem 27 vezes nas cartas paulinas em geral, mas nem uma vez nas pastorais, entretanto, também não ocorre na carta aos Romanos e se restringem apenas a cinco das outras epístolas paulinas (1980, p. 16).

Esta argumentação gramatical aparentemente parece ser mais consistente do que realmente se pode comprovar. O argumento é ingênuo, pois parte do pressuposto de que o vocabulário e a forma de construção gramatical, estilo de escrever, de uma pessoa, são limitados e imutáveis. Paulo era uma pessoa de vasto conhecimento e mesmo em suas cartas anteriores é possível perceber a multiformidade de seu vocabulário e mudanças significativas em suas construções gramaticais e seu estilo de compor suas correspondências, e corroborando, é preciso lembrar que Paulo envelhecera, de que as circunstâncias de sua vida foram alteradas e de que escreve a companheiros de longa jornada e que agora assumem funções relevantes e enfrentam situações difíceis e não menos relevantes. Ele, em diversas ocasiões, utiliza o serviço de um secretário (cf. Rm 16.22; 1 Cor 16.21; 2 Ts 3.17; Gl 4.12-15; 6.11). Em seu comentário, Spain demonstra a fragilidade dos argumentos críticos literários antipaulinos:

“Um estudo das palavras classificadas como estranhas a Paulo e Lucas e ao restante do Novo Testamento revela que há 112 que mantêm uma relação provável ou possível com a linguagem de Paulo, e que 111 mantêm tal relação com a linguagem de Lucas, e ao todo 149 com ambos. Isto faz com que restem 126 palavras, das quais três são encontradas na Septuaginta. Algumas dessas palavras que restam são termos que deveriam ser familiares a Lucas como médico: gangrena, estômago, beber água, gerar ou conceber filhos, parte, dado ao vinho, doente, e abstenção de vinho. E há várias palavras que Paulo pode não ter tido ocasião de usar em seus outros escritos, tais como “a capa” que ele deixou para trás, e os “pergaminhos” que pediu a Timóteo para levar” (1980, p. 14-15).

Por fim, fica também evidenciado que os críticos antipaulinos sutilmente desvalorizam o valor incontestável de que há muito do vocabulário e expressões amplamente utilizadas pelo apóstolo nestes três documentos.

FONTE: Disponível em: <https://archive.org/stream/NTEpstolasPastoraisAutenticidade/NT%20-%20Ep%C3%ADstolas%20Pastorais%20-%20Autenticidade_djvu.txt>. Acesso em: 12 mar. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você viu que:

- As cartas pastorais de Timóteo e Tito são chamadas de "Pastorais", não só porque são dirigidas a esses "pastores" – cristãos primitivos (líderes que cuidam de seu "rebanho") –, mas também porque elas dão instruções sobre as qualificações e responsabilidades das pessoas que devem servir como "pastores" (líderes incluindo "bispos" e "diáconos") das comunidades locais.
- "Pastor" originalmente significa "pastor", alguém que literalmente "pastoreia" um rebanho de ovelhas ou outros animais que pastam, guiando-os para pastos verdes e protegendo-os de quaisquer danos ou perigos que atentem contra sua vida.
- Essa denominação – “Cartas Pastorais” – surgiu no século XVIII por D. N. Berdot e P. Anton, que deram esse nome a essas três cartas justamente por reforçar seu conteúdo direcionado aos pastores da igreja.
- A carta a Tito tem por objetivo instruí-lo, como responsável pela comunidade cristã, sobre o caráter dos líderes que ele deve escolher em vista das dificuldades pastorais peculiares de Creta.
- O autor da carta a Tito vai sugerir muita atenção para as virtudes individuais e sociais especiais que os vários grupos etários e classes da comunidade cristã devem ser encorajados a adquirir.
- A cristologia na carta de Tito é um ponto forte de motivação para a transformação das vidas das pessoas, especialmente do sacrifício redentor de Cristo e sua justificação.
- O autor da carta a Tito quer chamar a atenção para a comunidade, que deve servir de fermento na prática de boas obras como evidência de sua fé em Deus, já aqueles que se envolvem em controvérsia religiosa devem, após uma advertência adequada, ser ignorados.
- A 1 Tm foi escrita para dar instruções no culto e na administração da igreja, e para advertir contra os falsos ensinamentos nas igrejas.
- Certas formas de culto devem ser observadas, e certos tipos de conduta devem ser rigorosamente evitados.
- O bispo deve ser irrepreensível, temperado, digno, de uma disposição pacífica, e não amante do dinheiro.

- Os diáconos também devem ser homens de mente séria, livre da cobiça, e de consciência em todas as suas atividades.
- A 2 Tm demonstra, através das exortações feitas a Timóteo, que a resistência é uma das principais qualidades essenciais para um apóstolo do Evangelho.

AUTOATIVIDADE



- 1 Quais objetivos Paulo deixa claro ao endereçar a carta a Tito?
- 2 Em quantas e quais partes podemos dividir a 1 Tm?
- 3 Destaque as exortações de Paulo dirigidas a Timóteo



CARTAS CATÓLICAS – PEDRO, TIAGO E JUDAS

1 INTRODUÇÃO

Cartas católicas? Não se assuste. Não vamos falar das edições católicas da Bíblia. E também não estamos fazendo apologia à denominação católica. Para uma questão didática, fizemos essa divisão para melhor agrupar certo número de cartas. Aqui, então, agrupamos cartas que são denominadas cartas católicas. Neste tópico temos as cartas de Pedro, Tiago e Judas, porém as três de João também estariam neste grupo, mas pela afinidade ao autor do Evangelho, já fizemos o estudo delas na Unidade 1.

O termo "carta católica" aparece pela primeira vez, com referência apenas a 1 Jo, nos escritos de Apolônio de Éfeso, um apologista do segundo século, conhecido apenas por uma citação na História Eclesiástica de Eusébio. O próprio Eusébio usou o termo para se referir às cartas. Estas cartas têm esse nome por causa dos temas de abrangência universal.

Cartas católicas", escritos neotestamentários que chegaram até nós com os nomes de: Carta de Tiago, Primeira e Segunda Carta de Pedro, e Carta de Judas. A denominação de cartas católicas foi atribuída pelo antigo historiador Eusébio em sua História Eclesiástica (II 23, 25) às sete cartas que não fazem parte tradicionalmente do *corpus* paulino, quer dizer, aquelas "anteriormente citadas" e mais as três atribuídas a João. No ano de 360 já eram chamadas dessa forma pelo Concílio de Laodiceia em seu cânon 59. A razão desse nome é que não são dirigidas a nenhum destinatário particular, mas a toda a Igreja. Neste sentido, o adjetivo se aplica corretamente a estes escritos, menos as 2ª e 3ª de João, cujos destinatários são expressamente nomeados" (TUÑÍ; ALEGRE, 2007 p. 261).

Não esqueça, acadêmico, o que já falamos. O estudo da Bíblia nunca termina. A este grupo de cartas católicas isso também se aplica. A razão para o termo "católico", que significa "universal", foi a percepção de que essas cartas, ao contrário daquelas de Paulo, dirigidas a uma determinada igreja local, aparentemente eram dirigidas mais genericamente à igreja universal. Esta designação não é inteiramente exata. Entretanto, por um lado, Hebreus não tem destinatários especificamente identificados, e originalmente, isso provavelmente era verdade também para Efésios. Por outro lado, 3 Jo é endereçada a um indivíduo nomeado, 2 Jo a uma comunidade específica, embora sem nome, e 1 Pd a um número de igrejas que são especificadas como sendo localizadas na Ásia Menor.

Com exceção de 1 Pd e 1 Jo, a igreja nos seus primórdios estava reticente em incluir as cartas católicas no cânon do Novo Testamento. A razão para isso era a dúvida difundida se elas tinham sido realmente escritas pelos apóstolos a quem elas são atribuídas. Os primeiros cristãos viram o NT como o depositário da fé apostólica, e por esse motivo quiseram incluir apenas o testemunho dos apóstolos.

Com os títulos atuais, aparecendo na sequência canônica depois do *corpus* paulino (incluindo Hebreus), elas dão a impressão de apresentar o testemunho a respeito de Jesus, da parte daqueles que o viram em sua carreira terrena, a saber, dois membros de sua família (Tiago e Judas) e dois dos mais importantes entre os Doze (Pedro e João). Às vezes, esses escritos confirmam elementos importantes da mensagem de Paulo (1 Pd); de quando em vez, apresentam uma atmosfera bem diferente (1, 2 e 3 Jo; Jd); outras vezes, chegam perto de um confronto com Paulo (Tg, 2 Pd). Quase todos os aspectos dessas epístolas (cartas católicas) são discutidos na exegese: o gênero (verdadeiras cartas), seus destinatários (alguns específicos, outros não), o verdadeiro escritor (BROWN, 2012, p. 919-920).

Na atualidade, conseguimos distinguir mais claramente entre a autoria de uma obra e sua canonicidade: ainda que escritas por outras testemunhas, mais tarde, como já vimos em algumas cartas paulinas, do que aqueles cujos nomes eles carregam. Esses escritos, no entanto, testemunham a fé apostólica e constituem a escritura canônica. No final do século IV ou início do século V, a maioria das objeções havia sido superada nas igrejas grega e latina e todas as cartas denominadas católicas foram, desde então, reconhecidas como canônicas. Como as duas cartas atribuídas a Pedro são muito próximas em vários aspectos, vamos vê-las no mesmo ponto que segue.

2 | e II PEDRO

A primeira carta de Pedro é tradicionalmente considerada a sua autoria para Pedro, o apóstolo, que a escreve enquanto era bispo de Roma. Ele se dirige às várias igrejas na Ásia Menor que estavam sofrendo perseguição religiosa. Com essa carta, Pedro envia-lhes conselhos para se manterem firmes e perseverantes, mesmo sob perseguição, e encoraja paciência e santidade seguindo o exemplo de Cristo.

FIGURA 46 – PEDRO COM AS CHAVES DO CÉU



FONTE: Disponível em: <<http://www.a12.com/santuario-nacional/formacao/detalhes/sao-pedro>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

No início da I Pd, o autor se identifica "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo". Irineu, Tertuliano, Clemente de Alexandria e Orígenes dão crédito à autenticidade de I Pd. Outro que dá testemunho é Policarpo, martirizado no ano 156, que faz referência a esta carta em suas obras. Já o Fragmento Muratoriano, que veremos a seguir, do ano 170, não referencia I Pd e salienta que esta carta não era mencionada nas igrejas ocidentais.

O que vem a ser Fragmento Muratoriano? “É assim chamado porque foi descoberto em 1740 pelo bibliotecário de Milão, Muratori. Ele data aproximadamente no final do século II e é de interesse vital no estudo da história do cânon, uma vez que nos dá uma lista de livros do Novo Testamento e está preocupado com a questão do cânone em si” (BROWN, 2012, p. 325). Sua lista contém os Evangelhos (a primeira linha do fragmento é incompleta, começando com Marcos, mas Mateus está claramente implícita), os Atos, as epístolas paulinas, o Apocalipse, 1 e 2 Jo (talvez por implicação, o terceiro) e Judas. Não menciona 1 e 2 Pd e Tiago. Nesta lista, temos praticamente a posição real do cânone no final do século II. A unanimidade completa não havia sido alcançada em referência a todos os livros que estão agora presentes no NT. As igrejas palestina e síria por muito tempo rejeitaram o Apocalipse, enquanto algumas das epístolas católicas eram duvidosas.

FIGURA 47 – CANON MURATORIANO



FONTE: Disponível em: <<http://macabeus.no.comunidades.net/1-canon-de-muratori>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Ao contrário de 2 Pd, cuja autoria foi debatida na antiguidade, houve pouco debate sobre a autoria de 1 Pd até no século XVIII, quando surgem movimentos de crítica à Bíblia. Conferindo a autoria dessa carta a Pedro, que sofreu martírio no ano 64, podemos indicar entre os anos de 60 a 64 a elaboração dessa primeira carta.

Partindo da possibilidade de que não tenha sido Pedro o autor das cartas que levam seu nome, quem teria condições de ter sido autor? No início das cartas já encontramos um indicativo que aponta para um secretário, Silvano (Silas?), que é mencionado no final da epístola, em 1 Pd 5, 12: “Eu vos escrevi estas poucas palavras por meio de Silvano, a quem considero como um irmão de confiança para vos exortar e vos testemunhar que é à verdadeira graça de Deus que vós estais vinculados” (BÍBLIA, Primeira Epístola de São Pedro, 1994).

Temos essa primeira carta atribuída a Pedro e uma segunda carta que podemos então fazer um paralelo, para melhor entender se o autor é realmente Pedro.

QUADRO 4 – AUTORIA DAS CARTAS DE PEDRO

Pedro	Autor das Cartas
Pedro da igreja.	Servo, apóstolo de Cristo.
Companheiro íntimo de Cristo.	Testemunha ocular da paixão de Cristo.
Falava o aramaico.	Escreve em grego refinado.
Teve contato com Paulo.	Teve conhecimento das Epístolas Paulinas.
Teria escrito nos anos 60.	Teria escrito em 95.
Sofreu martírio em 67.	Sofreu perseguição de Domiciano (95-96).

FONTE: Adaptado de Tavares (2009, p. 38)

Vamos ao grupo que contesta a autoria de Pedro para as duas cartas. Eles dizem que não seria possível que o apóstolo Pedro, o pescador humilde, tenha escrito as cartas, devido ao estilo urbano culto do grego e à falta de detalhes pessoais que sugerissem o contato com o Jesus histórico. A carta contém cerca de 35 referências à Bíblia hebraica, referências essas vindas da tradução Septuaginta, uma fonte de acesso pouco provável para o Pedro que conhecemos.

Mesmo aceitando a autenticidade de 1 Pd, as diferenças de língua, estilo e conteúdo entre 1 Pd e 2 Pd são grandes demais para que 2 Pd possa ser considerada do mesmo autor que 1 Pd. O conteúdo e o motivo da carta apontam uma época de origem que, sem dúvida alguma, ultrapassa o horizonte da vida do Pedro histórico. As primeiras gerações cristãs, os “pais”, pertencem para o escritor e seus leitores ao passado (3, 4) com dúvidas em relação à parúsia, como 2 Pd as pressupõe, não nos são conhecidas pelo resto do NT, mas pela 1ª e 2ª epístolas de Clemente, que datam, respectivamente, do fim do séc. I e da primeira metade do séc. II. O autor refere-se ao colégio dos apóstolos como sendo uma grandeza do passado à qual ele mesmo não parece pertencer (3, 2). As cartas de Paulo já formam parcialmente uma coleção e gozam da mesma autoridade dos outros escritos. Além disso, é objeto de interpretações diversas (3, 15). Isso só é possível muito tempo após a morte de Paulo (THEVISSEN; KAHMANN; DEHANDSCHUTTER, 1999, p. 95-96).

Mesmo que consigamos identificar orientações doutrinárias, o objetivo principal não nos parece ser teórico, mas é prático, não doutrinário, mas ético. O que identificamos do que estudamos até aqui é que, enquanto Paulo representa a fé e o amor, Pedro é o apóstolo da esperança. Esta distinção, que pode facilmente ser mal interpretada, contudo contém um elemento de verdade. A ideia básica nas cartas de Pedro é que os leitores se sintam motivados para uma esperança viva. Esta expectativa gloriosa deve ser um incentivo para que se empenhem na santidade em todas as relações da vida, e para suportar pacientemente o vexame do sacrifício de Cristo, conscientes do fato de que Ele é seu grande protótipo, e que o sofrimento faz parte para se chegar ao prêmio da vida eterna.



Você sabia?

Provavelmente, neste curso de Teologia, você já deve ter se deparado com o conceito de Septuaginta, ou LXX. Vamos descrever abaixo o que vem a ser a Septuaginta.

Qual é a história da Septuaginta (LXX)?

A Septuaginta, em latim, abreviada LXX, é uma tradução em língua grega da Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento, que a tradição diz ter sido feita no Egito por 70 sábios, cerca de dois séculos antes de Cristo, exatamente em Alexandria, onde existia uma significativa comunidade hebraica.

Sobre a origem dessa tradução, existe uma carta escrita por Aristéia a Filocrates, onde é narrado de forma legendária como nasceu essa tradução. Conforme essa carta, o rei egípcio Ptolomeu II (reinou de 285 a 246 antes de Cristo) pediu às autoridades religiosas do templo de Jerusalém que fizessem uma tradução em grego do Pentateuco para a recém-criada Biblioteca de Alexandria. O sumo sacerdote Eleazário nomeou 72 eruditos judeus, seis escribas por tribo de Israel (outra tradição diz que eram 70), que foram até o Egito e na Ilha de Faro e realizaram a tradução em 72 dias, cada um fazendo a própria tradução dos cinco primeiros livros da Bíblia. No final dos trabalhos se reuniram e, comparando o trabalho feito, viram que todas as traduções eram idênticas.

Essa história talvez seja apenas uma lenda. De fato, alguns dizem que os tradutores na verdade eram cinco e ao invés de 70, eram os membros do tribunal (Sinédrio) que aprovou a tradução feita. De qualquer forma, mesmo sendo difícil comprovar a verdade histórica dessa narração, é claro que é uma tradução feita no Egito e era tida como uma boa versão também pelas autoridades de Jerusalém. Provavelmente a obra foi feita para que a comunidade do Egito, que falava grego, pudesse ter um texto próprio para usar durante a sua liturgia.

Sucessivamente, toda a Bíblia Hebraica foi traduzida. Com certeza, o Pentateuco e os Salmos foram traduzidos em Alexandria, mas quanto aos demais livros, não é possível saber com exatidão. Existe a hipótese, por exemplo, de que o Cântico dos Cânticos foi traduzido em Israel. É preciso dizer que não foi feita uma obra completa em grego, como se faz hoje com os nossos livros, mas nasceu aos poucos, e para completar-se provavelmente levou 200 anos. Por isso hoje não temos fisicamente um livro manuscrito elaborado antes de Cristo que seja a Setenta. Os manuscritos relativamente completos que reúnem praticamente toda a Bíblia do Antigo Testamento em grego são do quarto e quinto século depois de Cristo, respectivamente o *Codex Vaticanus* e o *Codex Sinaiticus*. Existem, porém, fragmentos de manuscritos que são de antes de Cristo: do século II temos fragmentos de Levíticos e Deuteronômio (Rahlfs nn. 801, 819 e 957); do século I antes de Cristo chegaram até nós fragmentos de Gênesis, Levítico, Números, Deuteronômio e dos profetas menores (Rahlfs nn. 802, 803, 805, 848, 942 e 943). A importância para o texto do Antigo Testamento desses manuscritos é evidente, sobretudo do *Codex Vaticanus* e do *Codex Sinaiticus*. De fato, o manuscrito completo do Antigo Testamento em hebraico, a língua original, mais antigo que temos é apenas do ano 1008, o *Codex Lenigadensis*.

No início da era cristã os judeus deixaram de usar a tradução grega da Bíblia. Para os cristãos, ao invés, a LXX se tornou a versão principal. Mais tarde, quando Jerônimo traduziu a Bíblia para o latim, a Vulgata, usou sobretudo a LXX. Tinha em mãos também o hebraico, mas servia apenas como um instrumento para confronto.

Graças à versão LXX, surgiram as diferenças entre as bíblias católicas e a protestante. Isto porque no texto grego do qual estamos falando existem livros que não aparecem na bíblia hebraica. Como já dissemos, a Bíblia dos Setenta foi traduzida antes de Cristo; o cânon, ou seja, a lista oficial dos livros, da Bíblia Hebraica, foi definido somente por volta do ano 90 depois de Cristo. Os livros que estão na Bíblia grega dos LXX e que não entraram naquela hebraica são: Judite, Tobias, Primeiro e Segundo Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruc. Além disso, os capítulos 13 e 14 de Daniel. Embora não tenham sido considerados pelos judeus como livros inspirados, a Igreja os reconheceu como tal e foram incluídos por São Jerônimo na sua tradução em latim mencionada acima. A versão dos Setenta, todavia, contém também livros que não entraram nem no cânon da igreja nem naquele dos judeus. São eles: primeiro livro de Esdras, terceiro e quarto livro dos Macabeus, o salmo 151, odes e oração de Manassés e Salmos de Salomão. Lutero, durante o período da reforma, decidiu adotar o cânon hebraico. Desse modo, ele excluiu da sua Bíblia os livros acima citados e hoje as bíblias protestantes não têm tais livros.

FONTE: ROSA, Luiz da. **Qual é a história da Septuaginta (LXX)?** 2007. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=169&id_autor=2&id_utente=8&caso=perguntas>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Quando queremos identificar para quem Pedro está escrevendo suas cartas, na primeira está claro quem é o destinatário. Veja o que diz 1 Pd 1, 1: “aos eleitos que vivem como estrangeiros na dispersão” (BÍBLIA, Primeira Epístola de São Pedro, 1994). Dispersão? O que o autor quer dizer com isso e nomeando alguns locais, como Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, Bitúnia? Que povo é esse? Observemos:

Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitúnia (1, 1) são regiões da Anatólia que caíram no domínio romano em 133/31 a.C. A área tinha uma população de 8.500.000 habitantes. É uma região de diversidade de terras, povos e culturas.

A romanização e a helenização quase só atingiram as cidades. No interior vivia-se de forma tribal. Havia poucas cidades e colônias militares.

Diante de um mundo tribal, a urbanização é sinônimo de domínio romano. A urbanização traz também a língua grega e o latim, porém, as línguas nativas e suas tradições persistiram muito tempo, ainda no século IV há vestígios. As tribos ignoravam a língua e os costumes de seus dominadores, bem como sua dominação.

O processo de romanização deve ter usado de cautela, não impondo pura e simplesmente sua religião (culto ao imperador). Parece que os problemas de 1 Pd não são os mesmos do Apocalipse (culto ao imperador). 1 Pd 5, 9 fala de um conflito social por todo o mundo. Fruto das condições sociais, mas parece não ser confronto com Roma. Este conflito (1 Pd 5, 9) reflete situação rural, já que nas cidades a romanização apagava o conflito.

Pode-se, então, supor que 1 Pd se destina a cristãos da roça que estão num tribalismo decadente. Os paroikoi poderiam ser fazendeiros tribais vivendo em vilas, cujas terras iam se anexando a centros maiores (cidades). Neste caso, eles viravam estranhos residentes em suas próprias terras.

Certamente havia cristãos entre todos os grupos, mas parece que predominavam entre os agricultores (GLAAB, s.d.).

Como podemos identificar na leitura dessas pequenas cartas de Pedro, elas seguem uma linha de coerência com os ensinamentos de Paulo, assim como muita proximidade com os ensinamentos presentes nos Evangelhos que vimos na primeira unidade. Vemos em 1 e 2 Pd uma combinação da exortação moral com a catequese, aproximação da fidelidade aos ensinamentos e testemunho de Jesus Cristo.

Já na 2 Pd, vemos que a ênfase se dá na denúncia aos “falsos mestres”, que distorcem a tradição autêntica dada pelo testemunho dos apóstolos. O autor da epístola também chama os cristãos a esperar pacientemente pela parúsia e a estudar com mais afinco as escrituras para poder colocar em prática seus ensinamentos.

De forma resumida, vamos fazer um paralelo com informações básicas das duas cartas de Pedro, conforme nos apresenta Brown (2012):

- Data de composição: a 1 Pd, se for Pedro o autor, entre 60 a 63. Se for outro autor, como vimos, um secretário, entre 70 e 90. Já a 2 Pd, depois da 1 Pd, aproximadamente no ano 130.

- **Autoria/destinatário:** na 2 Pd, provavelmente para um amplo grupo de cristãos do Mediterrâneo oriental, que conhecia os escritos paulinos e 1 Pd. Talvez tenha sido escrita de Roma, mas Alexandria e Ásia Menor foram sugeridas. A 1 Pd seria para uma região no Norte da Ásia Menor, que teria sido evangelizada por missionários de Jerusalém.
- **Autenticidade:** a 1 Pd, possivelmente escrita por Pedro, com ajuda de um secretário, de um discípulo que dava continuidade à herança de Pedro em Roma. A 2 Pd seria de alguém desejoso de apresentar uma mensagem final com um conselho de Pedro.

3 TIAGO

Vamos encontrar nesta carta dificuldades já vistas em outros livros, principalmente na sua canonicidade e autoria. Vimos anteriormente que, já desde o século II, a 1 Pd e também a 1 Jo já haviam confirmado sua canonicidade e participação nas Escrituras. Esta carta vai adquirir este, digamos *status*, no início do século III. Quanto à autoria, sobram candidatos de nome Tiago.

Vamos apontar algumas razões para reforçar a canonicidade e autoria desta carta. A primeira é a condição da igreja refletida nela, que lembra a igreja em Roma no tempo de Hermas, quando havia aquele entusiasmo inicial do cristianismo. Outra razão é o grego, em que a epístola escrita é muito melhor do que se poderia razoavelmente esperar de Tiago, que sempre residiu na Palestina. Uma terceira razão destaca que o autor não menciona a lei mosaica, nem se refere a nenhum de seus preceitos, mas simplesmente incita os leitores a manter a lei perfeita que requer amor, caridade, paz. Outra razão é que essa carta traz vestígios de dependência de algumas Epístolas de Paulo, especialmente Romanos e Gálatas, e outra razão bem forte é que esta carta contradiz a doutrina paulina da justificação pela fé com obras.

Tradicionalmente seria este o Tiago a quem a carta foi atribuída. Naquele tempo era costume atribuir um escrito a uma personagem conhecida e respeitada. Foi o que aconteceu com os Salmos, atribuídos a Davi, com os Provérbios, atribuídos a Salomão, com o Quarto Evangelho e o Apocalipse, atribuídos ao apóstolo João, com as Cartas Pastorais, atribuídas a Paulo. O autor real deve ter sido um judeu-cristão, profundo conhecedor da língua grega pelo esmero com que escreve. Contudo, a atribuição a Tiago, “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”, pode conter um indício sobre a comunidade que está por trás da carta. (...) se o autor fosse Tiago, o chefe da igreja de Jerusalém, a data desse escrito seria anterior ao ano de 62. Mas a opinião que predomina é que se trata de um escrito do final do século I, pelo tom das exortações e pela realidade que reflete. O local de onde teria sido enviado às comunidades judaico-cristãs da Ásia Menor seria a Síria (CEBI, 2001, p. 52-53).

Os testemunhos para a autoria dessa carta, já os vimos em cartas anteriores. Apontando para Tiago, irmão do Senhor, como autor dessa carta, começamos com Orígenes, o primeiro a citá-lo pelo nome, e é somente na tradução latina de Rufino em suas obras que o autor é descrito como “Tiago, o irmão do Senhor.” Outro que

já é conhecido por nós anteriormente é Eusébio, que menciona Tiago, o irmão de Cristo, como autor. Por fim, Jerônimo, reconhecendo sua autenticidade, afirma que é Tiago, chamado irmão do Senhor, apelidado de Justo, que escreveu esta carta.

Em relação ao local onde foi escrita a carta, não há como desvencilhar do autor, então se foi Tiago, a carta teria sido escrita entre 47 e 52. Vamos às controvérsias. Muitos estudiosos críticos consideram que esta carta foi escrita no final do primeiro ou início do segundo século, após a morte de Tiago, o Justo, e eles apresentam algumas razões para esta afirmação:

- esta carta não era de conhecimento de Orígenes e de Irineu;
- não há menção explícita de uma relação pessoal entre o autor e Jesus Cristo;
- o autor não exprime autoridade como outras cartas que já estudamos;
- o grego utilizado para redigir a carta é de excelente qualidade, característica não muito evidente em Tiago.

A maioria dos estudiosos adota uma das posições seguintes: trata-se do primeiro escrito cristão, dos fins da década de 40, pois tem um aspecto muito primitivo, como se vê ao chamar a comunidade cristã "sinagoga" (aqui traduzido por "assembleia") e parece ignorar a crise judaizante e a conversão dos pagãos. Outros pensam que foi escrita por volta do ano 60, pouco antes da morte de Tiago, irmão do Senhor, que se deu pelo ano 62, pois pensam que Tg 2, 14-26 pressupõe as Cartas de Paulo aos Romanos e Gálatas, que alguns deturpavam para justificarem uma vida fácil.

Não parece ter base suficientemente sólida classificá-la como um escrito tardio: a ausência de elementos do primeiro anúncio (kerigma) não serve para estabelecer a data, mas a natureza do documento; e as semelhanças com Mateus não exigem uma redação posterior (DIFUSORA BÍBLICA, s.d.).

Tiago, nesta carta, tem por objetivo consolar e exortar de forma didática e ética. Desde que os cristãos passaram a ser perseguidos por causa da sua fé, sofrendo tentações de todo tipo, Tiago chega até eles com palavras de consolo. Ele sente que não suportaram as suas provações com paciência, mas se inclinaram a atribuir a Deus as tentações que os puseram em perigo como resultado de sua própria luxúria e mundanidade. Por tudo isso, Tiago os repreende e pede que voltem ao caminho mostrado por Jesus Cristo.

Podemos considerar a Carta de Tiago testemunho de um grupo muito significativo na igreja das origens, afinado com os ensinamentos do próprio Jesus e com a Igreja-Mãe de Jerusalém. Esse testemunho está ambientado numa situação nova em que a comunidade inclui judeus-cristãos ricos – comerciantes e proprietários da diáspora – cujo comportamento egoísta destoa da fé em Jesus Cristo. Há também outros abusos na comunidade, como a tentação de querer ser mestre e abusar da palavra (CEBI, 2001, p. 56).

A peculiaridade desta carta, além de uma simplicidade em seu vocabulário e por isso transparecendo uma teologia real, verdadeira, não deixa de ser, de certa forma, um tanto enigmática.

São três as causas principais que costumam dificultar a compreensão de Tiago: a sua forma literária então quase em desuso, sua teologia que provoca certo escândalo, sobretudo às igrejas protestantes, e o mais importante, a dificuldade maior do que qualquer outro escrito do Novo Testamento, para situá-la no marco histórico no qual foi originada a carta (TUÑÍ; ALEGRE, 2007, p. 264).

Não é fácil identificar partes definidas na carta de Tiago. O que vemos é uma saudação inicial, seguida do significado das tentações na vida das pessoas. Vem então uma exortação para pedir com fé a sabedoria necessária para suportar as tentações que podem afastar de Deus. Depois segue uma advertência para que acolham a Palavra com toda a humildade e para praticar em suas vidas, salientando que não se deve confiar naqueles que têm fé, mas não confirmam essa fé com obras. Outra advertência pede atenção ao respeito das pessoas sem distinção. Outras orientações muito práticas, muito diretas em relação ao cuidado do que se fala, da inveja que leva à maldade, que não deixa espaço para a prática da misericórdia. Nesta perspectiva prática, vemos o autor repreendendo contra o egoísmo e a luxúria que contaminam tudo e a todos, e chama a atenção para que tenham humildade perante a Deus, reconhecendo sua dependência a Ele, deixando todo orgulho, toda opressão, enfim, tudo o que atenta contra os irmãos. Tudo isso será possível quando a oração se torna uma prática, quando passamos a rezar uns pelos outros, e essa oração nos torna bem-aventurados e nos afasta do pecado. Tudo isso muito atual.

Tiago adquiriu na atualidade um grande interesse, pois propõe uma questão muito atual num mundo no qual nós cristãos tomamos maior consciência da distância entre o projeto de Jesus e o que vivemos em nível pessoal e comunitário: a questão da relação entre a fé e vida na sociedade e no mundo (TUÑÍ; ALEGRE, 2007, p. 280).

Esta carta mostra que as nossas ações são muito mais importantes do que conteúdos vazios de nossas crenças intelectuais. Vejam aqui a divergência com Paulo, quando Tg 2, 18 insiste: “mas dirá alguém: tu tens fé, eu também tenho obras. Prova-me tua fé sem as obras que eu tirarei das minhas obras a prova da minha fé” (BÍBLIA, Tiago, 1994). Além disso, o padrão de bondade é a obediência às leis de Deus, à prática dos mandamentos morais e não rituais.

O autor chama atenção para situações práticas: ajudar os pobres e os necessitados e manter uma atitude humilde; cuidado com as fofocas e uso descuidado da língua; sobrou até para os ricos, que são criticados por acumular sua riqueza em vez de usá-la para atender às necessidades dos menos favorecidos.

A carta termina até de forma brusca, mas enfatiza o tipo de conduta ética que sempre deve caracterizar a vida de um verdadeiro cristão.

4 JUDAS

Às vezes o texto bíblico fala muito pouco, não dá indicações, pistas sobre aspectos históricos, aspectos culturais da época. O autor da carta de Judas não tem meias palavras para deixar claro como se vivia no período.

Na época em que Judas escreveu esta carta, desenvolvera-se uma situação ameaçadora. Homens imorais, animalescos, tinham se introduzido sorrateiramente entre os cristãos e ‘transformavam a benignidade imerecida de nosso Deus numa desculpa para conduta desenfreada’. Por este motivo, Judas não escreveu, como originalmente pretendia, a respeito da salvação que todos os cristãos chamados para o Reino celestial de Deus têm em comum. Em vez disso, dirigido pelo Espírito de Deus, ele forneceu exortações para ajudar conrentes a enfrentar com bom êxito as influências corrompedoras dentro da congregação. Judas admoestou-os a ‘travarem uma luta árdua pela fé’, por resistirem a pessoas imorais, por manterem a adoração pura e a conduta excelente, “orando com Espírito Santo” (Ju 3, 4, 19-23). Usando exemplos, tais como os anjos que pecaram, os habitantes de Sodoma e Gomorra, Caim, Balaão e Corá, Judas provou vigorosamente que o julgamento de Deus será executado em pessoas ímpias com a mesma certeza que foi sobre os anjos infiéis e os homens iníquos de tempos anteriores. Ele expôs também a baixeza daqueles que tentavam aviltar os cristãos (Ju 5-16, 19) (BIBLIOTECA ON-LINE, 2000-2017, s.p.).

O autor dessa carta começa fazendo uma descrição de si mesmo. Ele se mostra como irmão do Senhor, citado em Gl 1, 19: “sem ver entretanto nenhum outro apóstolo, a não ser Tiago, irmão do senhor”, que fala de si mesmo como quem foi servo de Jesus Cristo (BÍBLIA, Epístola aos Gálatas, 1994).

Apresenta um tratado para alertar as igrejas contra as falsas doutrinas, difundidas pelos falsos mestres, vulgos falsos profetas, que estavam gradualmente fazendo incursões e contaminando essas igrejas por dentro.

FIGURA 48 – FALSOS PROFETAS/MESTRES



FONTE: Disponível em: <http://meutestemunhovivo.blogspot.com.br/2014_05_01_archive.html>. Acesso em: 6 abr. 2017.

O autor também aponta suas críticas, principalmente contra o gnosticismo e seu ensino sobre um estranho tipo de sabedoria expressa em linguagem misteriosa.

A epístola de Judas foi escrita como advertência contra certos cristãos nominais que ameaçavam solapar e destruir a comunhão dos cristãos, mediante seu caráter e conduta imorais. Os que seguiam seus passos receberiam o justo castigo de Deus. Em realidade, o Antigo Testamento dá testemunho de cinco juízos de Deus contra tais pecados praticados por estas pessoas (vers. 5-11).

Como se quisesse acentuar o fato de que tais pessoas estavam prestes a sofrer a ira de Deus, Judas acrescenta uma descrição de 12 pontos acerca de sua culpa (ver. 12-16).

Em contraste com a atitude mundana e destruidora dos falsos mestres, o crente deve demonstrar amor espiritual e construtivo. Lembrando a misericórdia de Cristo para com eles, devem também demonstrar misericórdia para com os que estão afundados nestes males. Talvez sejam desse modo salvos (ver. 12-23) (ELLIS, s.d.).

O que podemos destacar dessa carta? Brown (2012) nos auxilia na compreensão de aspectos gerais dessa carta. Quando foi escrita essa carta? Para Brown (2012, p. 975), é impossível precisar, pois enquanto alguns dizem que foi escrita entre os anos 50, a maioria aponta entre 90 e 100. Quem escreveu e para quem? “Provavelmente da área palestinese, onde os irmãos de Jesus eram figuras importantes, para cristãos influenciados pela(s) Igreja(s) de Jerusalém/Palestina. Alguns exegetas pensam que Judas foi escrita na Alexandria”.



Você sabia?

Mesmo sendo muito curta, a carta de Judas tem algumas exclusividades que valem a pena destacar.

Somente ela menciona a disputa do arcanjo Miguel com o Diabo acerca do corpo de Moisés, e a profecia feita séculos antes por Enoque. Não se sabe se Judas recebeu estas informações por revelação direta ou por transmissão fidedigna (quer oral, quer escrita). Neste último caso, isto talvez explique a presença de uma referência similar à profecia de Enoque no livro apócrifo de Enoque (que se pensa ter sido escrito provavelmente durante o segundo e o primeiro século AEC). Uma fonte comum pode ter fornecido a base para a declaração feita tanto na carta inspirada como no livro apócrifo.

FONTE: Disponível em: <<http://rmb-soft.com/believe/tts/jude.htm>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

De forma bastante sucinta, além da introdução padrão nas cartas que já vimos anteriormente, o autor se coloca na obrigação de admoestar seus destinatários contra certos intrusos que negam Cristo, levam vidas lascivas e que, por isso, serão certamente punidos. O autor não deixa por menos, descrevendo estes intrusos como profanadores da carne que desconsideram a dignidade dada por Deus. Para não ficar só nas críticas, o autor os exorta para que sejam conscientes

das palavras dos apóstolos, a crescerem na fé e a manterem-se no amor de Deus, lhes dá instruções quanto ao comportamento correto para com os outros e encerra a carta com uma doxologia.

Não podemos esquecer que estas cartas chamadas “católicas” são universais, no sentido de que são valiosas como materiais de referência para a reconstrução da história da igreja primitiva. Elas nos falam sobre os problemas teológicos e práticos que essas igrejas, nos seus primórdios, enfrentavam. Podemos recordar 2 e 3 Jo, 2 Pedro e esta de Judas. Já 1 Pedro apresenta uma concepção da vida cristã que é atraente e enobrecedora. Ela conta como as dificuldades e as provações da vida humana podem se tornar um meio para o desenvolvimento do caráter cristão e coloca diante dos cristãos uma esperança que pode servir de guia e inspiração. A carta de Tiago será sempre lembrada por sua concepção ética da religião. Também serve para corrigir a noção errada de que a fé cristã é meramente uma questão de crença intelectual, e mostra que a verdadeira fé no evangelho cristão será expressa tanto em ações como as intenções que devem brotar do coração. 1 João, que apresenta uma concepção do cristianismo que tem muito em comum com o Evangelho de João, torna o amor o elemento central na vida cristã. E é com ele que encerrarmos este tópico, porque vamos encontrá-lo novamente no próximo. Até lá!

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você viu que:

- O termo "carta católica" aparece pela primeira vez, com referência apenas a 1 Jo, nos escritos de Apolônio de Éfeso, um apologista do segundo século, conhecido apenas por uma citação na História Eclesiástica de Eusébio.
- Eusébio usou o termo carta católica para se referir às cartas de Pedro, João, Tiago e Judas.
- Estas cartas católicas têm esse nome por causa dos temas de abrangência universal.
- A 1 Pd é dirigida às várias igrejas na Ásia Menor que estavam sofrendo perseguição religiosa.
- Com essa 1 Pd, o autor emite conselhos para se manterem firmes e perseverantes, mesmo sob perseguição, e encoraja paciência e santidade seguindo o exemplo de Cristo.
- Na 2 Pd, o autor enfatiza na denúncia aos “falsos mestres” que distorcem a tradição autêntica dada pelo testemunho dos apóstolos.
- O autor de 2 Pd chama os cristãos a esperar pacientemente pela parúsia e a estudar com mais afinco as escrituras, para poder colocar em prática seus ensinamentos.
- Tiago, com sua carta, tem por objetivo consolar e exortar de forma didática e ética, pois desde que os cristãos passaram a ser perseguidos por causa da sua fé, sofrendo tentações de todo tipo, Tiago chega até eles com palavras de conforto e estímulo.
- Tiago, em sua carta, forneceu exortações para ajudar conrentes a enfrentar com bom êxito as influências corrompedoras dentro da congregação.
- Judas admoesta os fiéis a ‘travarem uma luta árdua pela fé’, a resistirem contra pessoas imorais, a manterem a adoração pura e a conduta excelente, “orando com Espírito Santo”.

AUTOATIVIDADE



- 1 Faça um paralelo apresentando características de Pedro e o autor das cartas de Pedro.
- 2 Aponte as razões que dão canonicidade à carta de Tiago.



1 INTRODUÇÃO

Este último livro que vamos estudar também é o último no NT. Já sabemos que não foi o último a ser escrito, posição essa ocupada pela 2ª Pd.

Por que esse nome? “Etimologicamente, o vocábulo apocalipse vem do grego *apokalyptein*, que significa “tirar o véu”; em apocalipse é uma “re-velação”. A apocalíptica, portanto, vincula-se à tradição profética, da qual constitui um desenvolvimento particular. Sua influência na literatura bíblica e parabíblica manifesta-se especialmente a partir do século II a.C. (DF Dn 7-12), mas já se encontram antecipações em Ezequiel, Joel, Zacarias e Isaías 24-27” (BÍBLIA, 1994, p. 2471). Mais adiante, Brown (2012, p. 2426) afirma que a “tradição exata do termo grego *apokálypsis*, que por transposição, deu lugar ao vocábulo Apocalipse. Para o título, pareceu preferível manter a designação Apocalipse, que é o uso tradicional. Conhecido do grego literário e frequente no AT grego, o vocábulo *apokálypsis* tornou-se, na igreja primitiva, o termo técnico para designar a manifestação gloriosa do Cristo no fim dos tempos”.

FIGURA 49 – ILHA DE PATMOS



FONTE: Disponível em: <<https://goo.gl/i2GdVe>>. Acesso em: 7 abr. 2017.

A partir de um olhar mais geral, este livro faz um relato de duas visões recebidas por João na ilha de Patmos. A primeira visão inicia no primeiro capítulo, que narra uma mensagem de "um semelhante ao filho do homem, vestido com uma veste até o pé, e amarrando os papais com um cinto de ouro". E continua: "uma grande voz, como uma trombeta" dirigida aos "anjos" das sete igrejas da Ásia, como você pode observar no mapa acima, significando a Ásia Menor, onde hoje temos a Turquia. A segunda visão, que compõe o resto do livro, do capítulo quatro até o final, começa assim: "uma porta... aberta no céu" e descreve o fim do mundo – envolvendo guerras, fomes, pragas, desastres naturais, criaturas fantásticas, castigos de Deus, e a grande batalha no Armagedom, a derrota final de Satanás, a Segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento do reino de paz de Deus. Tudo isso com detalhes horripilantes.

Outra questão que precisamos levar em conta é o estilo profético e apocalíptico na escrita desse livro. Enquanto os profetas fazem uso de uma forma literária particular na qual expressavam suas mensagens, os escritores apocalípticos utilizam uma forma literária diferente, mais adequada para o propósito particular que eles tinham em mente. Para entender um ou outro grupo, é preciso interpretar seus escritos considerando a respectiva forma literária que eles usaram: "o gênero literário profético, mesmo que ocasionalmente faça referência a visões, caracteriza-se principalmente pelo oráculo, palavra divina transmitida pelo profeta, que, se supõe, ouviu-a anteriormente, ou a escuta agora" (BÍBLIA, 1994, p. 2421).

As características da escrita apocalíptica são bastante conhecidas.

Na apocalíptica, o homem de Deus é sobretudo um visionário: ele viu o "céu aberto"; ou foi beneficiado com uma espécie de "assunção" que o introduziu no mundo superior e lhe deu a oportunidade de contemplar realidades normalmente inacessíveis. Por isso, a mensagem é transmitida na forma de uma descrição e de uma interpretação daquilo que ele viu: a imagem tem mais importância que o discurso; a palavra só intervém no quadro de uma encenação e normalmente para ressaltar ou completar seu significado (BÍBLIA, 1994, p. 2421).

Como representantes da escrita apocalíptica, temos o Livro de Daniel e o Livro do Apocalipse. Há outros? Sim, mas não cabe aqui estudá-los. O que precisamos saber para identificá-los é:

- que foram produzidos em tempos de crise;
- que eles descrevem o conflito entre as forças do bem e do mal;
- que os eventos futuros são conhecidos através de sonhos e visões;
- que o fim do conflito está para vir logo e aos que permanecem fiéis, através da perseguição e julgamento, é prometida uma recompensa no reino messiânico, em breve, a ser estabelecida;
- que as mensagens são para o benefício dos perseguidos e são geralmente transmitidas por meio de símbolos que só os fiéis podem entender.

Bom, como introdução desse livro, por vezes enigmático, por outras, assustador, já é o suficiente.

Vamos seguir o esquema que desenvolvemos anteriormente e procurar estudar a autoria, composição, local e data, e também entender melhor a estrutura e as características desse livro.

2 AUTORIA, DESTINATÁRIOS, LOCAL E DATA

Para identificar o autor desse livro, podemos seguir o próprio texto bíblico, onde o presumido autor dá testemunho de que as visões que está a ponto de narrar foram vistas por ele enquanto está em Patmos. No mapa anterior, pudemos constatar que Patmos faz parte de um grupo de pequenas ilhas perto da costa da Ásia Menor, cerca de aproximadamente uns 15 km de Éfeso.

O que o autor está fazendo em Patmos? Segundo a tradição, conforme Eusébio descreve na obra “História da Igreja Vol III, p. 18”, João foi banido para Patmos, no reinado de Domiciano, por causa do seu testemunho da palavra de Deus.

FIGURA 50 – FOTO ATUAL DA ILHA DE PATMOS



FONTE: Disponível em: <http://www.escola-dominical.com/2012/03/licao-1-apocalipse-revelacao-de-jesus_1448.html>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Irineu também confirma o exílio do autor em Patmos, no final do reinado de Domiciano, por volta do ano 81 a 96. Os temas a que Irineu dá testemunho sempre são levados muito em conta, principalmente quando se trata da tradição joanina, já que Irineu foi discípulo de Policarpo, que esteve, por sua vez, junto dos discípulos de João.

Eusébio e Jerônimo também dão testemunho do exílio de João, situando-o no décimo quarto reinado de Domiciano.

Temos também os “do contra”, em relação ao que apresentamos aqui. Epifânio, por exemplo, situa o exílio no reinado de Cláudio, algo bem improvável.

Então, vamos lá. Vamos começar com as críticas sobre o lugar desse livro na Sagrada Escritura. Não vamos encontrar muitos nomes estranhos além dos que já vimos. Começamos no século IV, João Crisóstomo, que juntamente a outros bispos da época, era contra a inclusão do Apocalipse no cânon do Novo Testamento, argumentando da dificuldade em relação à interpretação do livro. Imagina se hoje ainda há dificuldades de interpretação de texto tão denso, quanto mais naquele tempo. Só por volta do quarto século é que Apocalipse é incluído no cânon vigente.

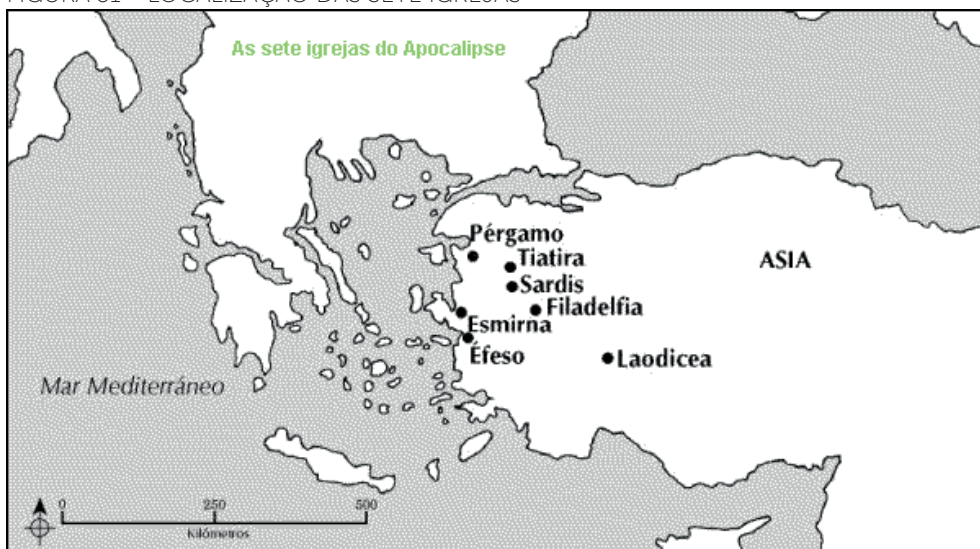
Martinho Lutero também teve problemas em aceitar esse livro, quando, por um tempo, considerou o Apocalipse como “não apostólico nem profético” e declarou que “Cristo não é ensinado nem conhecido nele”. Óbvio que um tempo mais tarde Lutero o aceitou, assim como vários outros livros do Novo Testamento que ele inicialmente rejeitou.

Avançando para a modernidade, os estudiosos apontam o livro como uma derivação da literatura apocalíptica judaica, especialmente o Livro de Daniel.

Brown, como veremos mais adiante, vai contestar a autoria do Apocalipse apontada para João, o evangelista. Nos primórdios da igreja primitiva, não era assim. Seguindo pura e simplesmente o texto bíblico, indicam que autor do Apocalipse chama-se João, servo de Deus:

- Ap 1, 4: “João, às sete Igrejas que estão na Ásia” (BÍBLIA, Apocalipse, 1994);

FIGURA 51 – LOCALIZAÇÃO DAS SETE IGREJAS



FONTE: Disponível em: <<http://ccbsemcensuras.forumeiros.com/t446-cartografia-biblica-basica-antigo-e-novo-testamento>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

- Ap 1, 9: “eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realzeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus”.

À primeira vista parece muito fácil responder à pergunta a respeito do autor do Apocalipse. Mas nos últimos tempos aquilo que parecia tão certo a respeito do autor passou para o campo das indagações e dúvidas. Mas, no final de contas, aquilo que não se pode ter certeza absoluta, passamos acreditar nas argumentações que são mais convincentes (CASONATTO, 2011, s.p.).

Continuando nessa leitura que aponta para João, o evangelista, o João Apóstolo, autor do Evangelho de João e Epístolas de João, o João exilado em Patmos no arquipélago do mar Egeu durante o reinado do imperador Domiciano, teria aí escrito também esse livro. Aqueles que apontam para um único autor para todos esses livros apresentam algumas características comuns a eles, por exemplo:

- a soteriologia, quando se referem a Jesus como um cordeiro;
- a cristologia, quando enfatizam o lado divino de Jesus ao contrário do lado humano sublinhado pelos Evangelhos Sinóticos.

Vamos ver aqueles estudiosos que se aproximam da posição de Brown, que têm versões sobre a autoria do Ap. O que estes estudiosos dizem é que o João Apóstolo, o João autor do Evangelho do mesmo nome e o João exilado na ilha de Patmos se referem a três pessoas distintas. Para confirmar isso, são apresentadas algumas evidências:

- o "João de Patmos" é o autor de Apocalipse, mesmo que autor do Apocalipse tenha se identificado "João" várias vezes, o autor do Evangelho de João e o escritor das epístolas de "João" nunca se identificam por nome;
- tanto o Evangelho de João como o Livro do Apocalipse comparam Jesus a um cordeiro, usando palavras diferentes para o cordeiro quando se referem a ele – o Evangelho usa *amnos*, o Apocalipse usa *arnion*;
- o Evangelho de João é escrito em grego muito bem estruturado;
- o livro do Apocalipse contém erros gramaticais e anormalidades estilísticas que indicam que seu autor não estava tão familiarizado com a língua grega como o autor do Evangelho de João.

Um primeiro grupo de escritores do início do cristianismo argumenta em seus escritos como sendo João o autor do Apocalipse. Esta tradição identifica o nome João que aparece no Apocalipse como o mesmo que redigiu o quarto Evangelho. Outra tradição apresentada por Eusébio, que viveu entre 265-339, afirma que o nome do autor João trata-se de um presbítero, um ancião que era diferente do Apóstolo João. Sabemos que na literatura apocalíptica seus autores procuravam se esconder sob o nome de alguma personagem do passado. Exemplos temos encontrado com Moisés, Elias, Daniel, Enoc. Portanto, podemos dizer que o autor tenha se escondido no nome João cuja memória era viva na Comunidade. Sendo profundo conhecedor dos problemas das comunidades, ele escreve para as sete Igrejas que representavam a todas as comunidades. Tem uma mensagem de Deus e sofre junto com

todos a perseguição. Partindo destes pressupostos, fica difícil chegar a uma conclusão. Apesar desta dificuldade entre os estudiosos, existe uma aceitação de que o mesmo autor do Evangelho, João, o evangelista, também é o autor do Apocalipse. Existem ligações fortes na forma de apresentação do texto e admitem-se semelhanças no texto de um ou de outro. Citamos apenas um exemplo, os números. No evangelho de João encontramos muito o número sete, a começar com os sete sinais de Jesus, e no Apocalipse aparecem sete Igrejas, sete Taças etc. Se admitíssemos outro autor que não fosse João, este autor provavelmente seria um membro da Comunidade Joanina (CASONATTO, 2011, s.p.).

O autor do Ap está endereçando a quem esse livro? Vimos anteriormente que são sete igrejas. Sabemos também que há muito simbolismo nesse número específico, que amplia essas sete igrejas para todas as igrejas em um sentido universal.

Apocalipse 1,4.11 indica que o livro foi dirigido às “sete igrejas que estão na Ásia”: Éfeso (2, 1-7), Esmina (2, 8-11), Pérgamo (2, 12-17), Tetiatira (2, 18-29), Sardes (3, 1-6), Filadélfia (3, 7-13) e Laudiceia (3, 14-22). Isto não nos permite concluir que os receptores desta mensagem estivessem limitados a essas igrejas. O uso do número “sete”, simboliza “perfeição”, indica que o livro era para todas as igrejas da Ásia Menor. A mensagem dirigida a essas igrejas teve um caráter universal. É uma mensagem de vitória e de triunfo do Cordeiro. É uma mensagem de vitória e encorajamento, até que os reinos deste mundo se tornem parte do Reino de nosso Deus e do seu Cristo Salvador (MISSIONÁRIOS XAVERIANOS, s.d.).

Vimos anteriormente, no mapa, a localização das sete igrejas. Abaixo, um gráfico que vai informar as características bem específicas dessas sete igrejas.

FIGURA 52 – AS 7 IGREJAS

Comunidade	Títulos a Jesus	Promessa	Pontos Positivos	Pontos Negativos	Mensagem
Éfeso	Aquele que tem as 7 estrelas na mão direita.	Comer da árvore da vida.	Esforço e perseverança. Não suporta os maus.	Abandonou o 1º amor e caiu. Falta de entusiasmo.	Reparar o que caiu e converter-se.
Esmirna	1º e último. Esteve morto e voltou à vida.	Coroa da vida. Livres da morte.	Persistência, resistência, união, fidelidade.	-	Fidelidade.
Pérgamo	Espada afiada nos dois lados.	Maná escondido, pedrinha branca a cada um, um nome novo.	Fidelidade no testemunho em meio à perseguição. Não renegar a fé.	Idolatria, Prostituição.	Apelo à conversão. Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas.

Tiatira	Filho de Deus.	Autoridade apascentar as nações. Cetro de ferro.	Amor, fé, dedicação, boas obras.	Prostituição	Não se contaminar com a idolatria.
Sardes	Aquele que tem os 7 Espíritos de Deus e as 7 estrelas.	Vestirá roupa branca e o nome dele não será apagado do livro da vida.	Não sujaram a roupa.	Têm fama de vivos, mas estão mortos.	Vigilância. Pratique e se converta.
Filadélfia	Santo, verdadeiro. Que tem a chave.	V. 12. Coluna no templo de Deus.	Guarda a Palavra. Não renegou o nome. Guardou a ordem prescrita por Deus.	-	V.11. Segurar firme.
Laodiceia	Amém, testemunha fiel e verdadeira. Princípio da criação de Deus.	Farei dele uma coluna no templo do meu Deus...	-	Igreja morta e indiferente. Autossuficiente	Renovação total

FONTE: Disponível em: <www.sementesdoreino.com.br/.../11_apocalipse_2014_ir_neuza_maria_delazari.doc>. Acesso em: 14 abr. 2017.

3 ESTRUTURA E CARACTERÍSTICAS

Um leigo nas Sagradas Escrituras, com um livro do Apocalipse em mãos, vai considerá-lo como um livro misterioso por causa das suas referências a seres angelicais, sua elaborada descrição de Jesus Cristo nas cortes celestiais, o uso de números místicos (três, sete, doze, e seus múltiplos), os relatos de bestas estranhas, nomes simbólicos e períodos de tempo definidos.

Por estas razões, muitas pessoas ignoram o livro, enquanto outras adotam uma atitude oposta e descobrem neste livro o que elas acreditam ser previsões de toda uma série de eventos, muitos dos quais já ocorreram e o restante está para acontecer no futuro próximo. Existe um elaborado simbolismo usado no livro que não pode ser ignorado, pois o uso de símbolos tem um lugar importante na literatura religiosa. Claro que também não se pode ignorar que há sempre o perigo de que os símbolos possam ser interpretados de uma maneira errônea ou moldada conforme o interesse que diverge do autor. Somente em relação ao conteúdo em que os símbolos são usados podemos determinar o que o autor queria dizer.

Brown (2012, p. 1007) resume em seis tópicos as informações básicas do livro do Apocalipse:

Data: provavelmente entre 92 e 96, no final do reinado do imperador Domiciano.

Destinatário: igrejas no setor ocidental da Ásia Menor.

Autenticidade: escrito por um profeta judeu-cristão chamado João, que não era nem João, filho de Zebedeu, nem o escritor do evangelho joanino ou das epístolas.

Unidade: apenas alguns estudiosos afirmam que dois apocalipses (da mesma mão ou escola) foram reunidos – uma tentativa de explicar as repetições e as aparentemente diversas perspectivas de tempo.

Integridade: o escritor pode ter incluído visões e passagens que já faziam parte da tradição apocalíptica cristã, mas no geral a obra é de sua lavra.

Divisão conforme conteúdo:

A. prólogo: 1, 1-3.

B. Cartas às sete Igrejas: 1, 4-3, 22.

Fórmula introdutória com louvor, promessa e resposta divina (1, 4-8).

Visão preparatória (1, 9-20).

Sete cartas (2, 1-3, 22).

C. Primeira parte da experiência reveladora: 4, 1-11, 19.

Visões da corte celeste: o Entronizado e o Cordeiro (4, 1-5, 14).

Sete selos (6, 1-8).

Sete trombetas (8, 2-11, 9).

D. Segunda parte da experiência reveladora: 12, 1-22, 5.

Visões do Dragão, das Bestas e do Cordeiro (12, 1-14, 20).

Sete pragas e sete taças (15, 1-16, 21).

Julgamento de Babilônia, a grande Prostituta (17, 1-19, 10).

Vitória de Cristo e o fim da história (19, 11-22, 5).

E. Epílogo com bênção conclusiva: 22, 6-21.

Para facilitar nossa compreensão, podemos também dividir o livro em três partes:

- primeira parte – as sete cartas;
- segunda parte – a sabedoria de Cristo, simbolizada pelo livro com sete selos, onde estão escritos os decretos eternos de Deus e a vitória final do bem sobre o mal. Ninguém, exceto Jesus, o cordeiro morto pelos pecados do mundo, é digno de quebrar os selos e ler o seu conteúdo;
- terceira parte – o poder de Cristo sobre Satanás e seu reino. O cordeiro derrota o dragão e a besta. Esta ideia é desenvolvida em um drama de cinco atos. Em cinco cenas sucessivas vemos diante de nós a luta, a queda de Babilônia, a prostituta, a vitória e a beatitude final.

Outra forma é utilizarmos a literalidade do livro, observando aí as visões que são descritas já no Capítulo 1 depois de uma breve introdução e da bênção apostólica. A primeira visão descreve o Cristo glorificado no meio da Igreja, dirigindo João a escrever cartas de repreensão, de advertência, de exortação e de consolo a sete igrejas representativas da Ásia, as sete igrejas que vimos anteriormente.

Na segunda visão, há uma revelação de Deus como aquele que governa o destino do mundo, e o cordeiro como tendo o livro dos decretos divinos quebrando os sete selos onde cada um representa uma parte do propósito de Deus. Os quatro primeiros selos se reportam à realidade terrestre, e os últimos três à esfera celestial.

A terceira visão descreve os sete anjos, cada um com uma trombeta. Com uma oração em oferta dos santos a Deus, os sete anjos tocam as suas trombetas, e cada trombeta é seguida por uma visão de destruição do mundo.

FIGURA 53 – ANJOS E TROMBETAS



Os sete anjos e as sete trombetas, e o anjo com um incensário.

FONTE: Disponível em: <<https://opiniaosemfronteiras.files.wordpress.com/2013/03/anjos.png>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

A quarta visão nos mostra o conflito do mundo com a Igreja de Deus. A Igreja é representada como uma mulher que gera o menino Jesus, contra quem o dragão, aí representando o Satanás, trava uma guerra. Na quinta visão, vemos novamente sete anjos, agora com sete taças ou tigelas contendo as últimas pragas ou julgamentos de Deus. Primeiro temos uma descrição da Igreja que triunfou sobre a besta, glorificando a Deus. Em seguida, vemos descrito o juízo de Deus sobre o mundo, representado pelas sete taças.

Os anjos das igrejas designam seja os chefes espirituais das comunidades - assim um profeta (Ag 1, 13) ou um sacerdote (Mt 2, 7) são designados pelo título de anjo (isto é, enviado) de Deus -, seja, com mais probabilidade, uma espécie de personificação da realidade espiritual da comunidade. A crença em um duplicado celeste das realidades terrestres era familiar à mentalidade do judaísmo na época. Como quer que seja, a ideia teológica que se sugere aqui é que as igrejas estão nas mãos do Cristo, submetidas à sua jurisdição (BÍBLIA, 1994, p. 2428).

A sexta visão revela Babilônia como a cidade perdida na prostituição e a vitória de Cristo sobre ela e sobre os inimigos que estão ligados a ela, o grande conflito que termina no último julgamento. Na última visão se revela a Igreja ideal, a nova Jerusalém, e retratos em cores brilhantes de sua beleza e da felicidade eterna, transcendente de seus habitantes.

Jerusalém é apresentada aqui em sua ambivalência: a Cidade Santa, protótipo da Igreja, a qual será mais imediatamente figurada pela parte reservada do tempo; mas também Jerusalém terrestre, que fez morrer os profetas e o próprio Cristo. Esta Jerusalém terrestre é a imagem do mundo que rejeita Deus (BÍBLIA, 1994, p. 2438).

O livro conclui com um epílogo no qual o autor descreve seu significado e exorta os leitores a guardarem as coisas que estão escritas neste livro.

Não podemos desconsiderar o contexto histórico em que viviam os cristãos nos tempos que vão inspirar a confecção do Apocalipse, livro que alguns estudiosos afirmam ter sido escrito por várias mãos, que é principalmente um livro de consolo para a Igreja primitiva que enfrenta um mundo hostil às suas doutrinas. É um livro que dirige um olhar de uma igreja lutadora, sofredora e muitas vezes perseguida. Assim, enquanto o livro vai desvelando, revelando a história futura da Igreja como uma luta contínua, vai apresentando majestosas visões para a vinda do Senhor, que emerge na destruição dos ímpios e do mal e na bem-aventurança eterna daqueles que dão testemunho de Jesus Cristo. Os inimigos deste novo Reino de Deus, deste início do cristianismo, são advertidos com palavras de aviso solene e com ameaças de castigo futuro, enquanto encoraja os fiéis a uma fidelidade cada vez maior e abre-lhes visões brilhantes do futuro.

No início do cristianismo, os discípulos foram alvo de perseguição tanto no meio judaico, quanto no meio pagão. Então o contexto histórico do livro do Apocalipse retrata um momento difícil para a Igreja, difícil para os seguidores de Jesus Cristo. E há um detalhe bem particular que é o seguinte: o livro do Apocalipse vem a ser uma resposta a muitos cristãos que aguardavam de forma iminente a segunda volta de Cristo.

Nós precisamos lembrar que os evangelhos terminam e o livro do Ato dos Apóstolos começa com Jesus Cristo que sobe aos céus, mas também existe uma promessa de que ele voltaria para julgar os vivos e os mortos. Essa esperança levou muitos cristãos a aguardarem o retorno de Jesus quase que, diríamos, imediato, mas com o passar do tempo foram percebendo que não. O próprio apóstolo Paulo acreditava que a parúsia, essa segunda vinda de Cristo, ainda o pegaria em vida. Pouco tempo depois, ele compreende que a história estava sendo conduzida em outra direção. Ele continua afirmando a fé na segunda volta de Cristo, mas quanto ao tempo e à hora, não cabe aos homens. Essa revelação não foi feita. O Senhor nos deixou na expectativa e disse que, quando Ele voltasse, voltaria como um ladrão, uma metáfora para explicar que Ele voltaria num momento inesperado, de improviso. Por isso exigiu dos seus discípulos a prontidão, a oração. E o livro do Apocalipse vem ser um alento para os cristãos que viviam numa situação histórica difícil de perseguição, quer da parte dos judeus, quer da parte dos pagãos. O livro do Apocalipse tem esse grande objetivo: não incutir medo nas pessoas (POUGY, s.d.).

Não se pode ignorar que nenhum outro livro da Sagrada Escritura produziu maior esperança ou temor maior do que o Livro de Apocalipse. A promessa ali encontrada de uma próxima segunda vinda de Jesus Cristo e o estabelecimento da Nova Jerusalém levou os fiéis, em quase todas as gerações, a interpretar seus símbolos como se referindo ao seu próprio tempo e a se verem como parte dos 144 mil que resistirão ao poder do anticristo. “144000, ou seja 12000 de cada uma das 12 tribos. O número total simboliza a plenitude do povo de Deus” (BÍBLIA, 1994, p. 2434).

Com suas ricas imagens e simbolismo, as interpretações do significado da revelação são mais diversas do que qualquer outro texto bíblico, desde o seu cumprimento no primeiro século, a ele pertencente ao futuro distante, ao seu cumprimento no presente.

LEITURA COMPLEMENTAR

APOCALIPSE – LITERATURA DE RESISTÊNCIA

Neri de Paula Carneiro

Vamos procurar entender por que o gênero literário Apocalipse é chamado de literatura de resistência. Trata-se de uma das formas que se utiliza, ou que foi usada pelos judeus e cristãos, para ludibriar os dominadores, fortalecer a fé, alimentar a esperança e superar as incertezas. E, no caso específico do livro do Apocalipse de João, trata-se de uma mensagem bem específica que “visava animar os primeiros cristãos perseguidos e martirizados por causa da fé. É uma mensagem de esperança para essas comunidades, baseada na fé em Jesus Cristo ressuscitado” (GORGULHO; ANDERSON, 1981, p. 9).

Enquanto o profeta era um personagem bem situado e contextualizado, o autor do Apocalipse precisava se esconder por trás de um pseudônimo. Isso porque a situação sociopolítica não era favorável. O profeta, corajosamente, enfrentava o opositor, falando-lhe diretamente o que julgava ser a mensagem de Deus. O autor do texto Apocalipse não tinha essa liberdade: os tempos eram outros e o inimigo mais cruel. Além disso, a fé do povo parece mais fragilizada, pois as instituições em que acreditava e que eram símbolos de sua fé haviam ruído diante do invasor. Os opositores ao regime corriam risco de vida. Por isso a necessidade de se ocultarem nos pseudônimos. Todos esses elementos caracterizam a apocalíptica como literatura de resistência. “A literatura apocalíptica funciona como uma literatura de resistência: através da escrita, Israel se manifesta viva e atuante. Os céus estão fechados? A história, porém, é ainda possível: através do livro, manifesta-se o Espírito, que garante a identidade do povo de Israel” (AIRTON, 2008).

Um detalhe importante é o fato de que enquanto a literatura apocalíptica oculta o autor em um pseudônimo, o autor do Apocalipse de João identifica-se com os destinatários de seu texto: trata-se de uma “revelação” da parte de “Jesus Cristo” destinada “aos seus servos” anunciada “por meio de seu anjo ao seu servo João”, afirmando aos “leitores e ouvintes” que o “Tempo está próximo” (Ap. 1, 1-3). Além disso, o autor do texto é “irmão e companheiro na tribulação” (Ap. 1, 9).

Isso leva à afirmação da proximidade. João não está escondido no passado, como os outros textos em que o autor contemporâneo se vale de um personagem do passado para falar aos seus; João está no presente dos seus leitores e ouvintes, por isso se apresenta como “irmão e companheiro na tribulação”.

Resta saber, agora, o porquê de uma literatura de resistência? Por vários motivos: primeiro, porque o povo estava dominado por um invasor estrangeiro; segundo, porque seus símbolos e instituições haviam sido destruídos; terceiro, porque sem pátria e sem instituições nacionais, a fé ameaçava fraquejar, aumentando

ainda mais o afastamento da mensagem divina; quarto, para mostrar aos fiéis que Deus não havia perdido o rumo da história e, pelo contrário, mais do que nunca, controlava todas as coisas.

Outro elemento importante na literatura apocalíptica é a linguagem simbólica, enigmática. As visões, símbolos e mensagens cifradas, além de dar beleza ao texto, asseguram o anonimato e segurança ao autor, pois sua mensagem fica obscurecida para o inimigo, embora seja clara para os destinatários. Podemos acrescentar que a linguagem enigmática, simbólica e cifrada tem, também, a finalidade de trazer consolo e coragem na luta contra o invasor e alento para resistir. Era uma forma de ajudar o destinatário a se sentir não mais abandonado, mas eleito por Deus: “vi o número dos que tinham sido marcados” (Ap. 7, 4). Era, além disso, uma forma de preanunciar a paz em tempos de tribulação, justamente porque Deus não havia perdido os rumos da história. Dessa forma, anunciando a paz, dava ao povo alento para transformar a saudade em esperança e a dor em prenúncio de alegria. Além de assegurar a integridade do autor, a linguagem simbólica permitia ao povo se defender contra o opressor, pois não se fazia alusão direta ao tirano. “Quem tem ouvidos ouça o que diz o espírito” (Ap. 2, 29; 3, 6...). “Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é número de homem: seu número é 666!” (Ap. 13, 18).

A força do Apocalipse não está em sua doutrina, mas em sua subjetividade. Nisso se manifesta sua capacidade de resistir ao dominador, pois não se vale dos argumentos do poder, mas da fragilidade e graça do amor, sugere em vez de impor e aceita a sugestão não os donos do poder, mas os que são livres. “O valor da linguagem dos símbolos está naquilo que é evocado e sugerido. Não é a linguagem doutrinal dos conceitos bem definidos, das fórmulas bem elaboradas, do cálculo ou do conhecimento exato. A linguagem doutrinal procura definir com clareza os contornos da verdade, enquanto a linguagem simbólica conduz à fonte da verdade. A linguagem doutrinal reflete o pensamento da autoridade, enquanto a linguagem simbólica expressa a vivência dos pobres. Sai do silêncio e conduz ao silêncio. É a linguagem dos que não dominam o vocabulário e recorrem à imaginação. É a linguagem da poesia, da atitude sapiencial mais solta, da mística, da contemplação, da celebração, do amor. Convém ler o Apocalipse como se contempla uma pintura, se assiste a um teatro, se conversa com um amigo” (CEBI, 2000, p. 96).

FONTE: Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/religiao/apocalipse-literatura-resistencia.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2017.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você viu que:

- Etimologicamente, o vocábulo apocalipse vem do grego *apokalyptein*, que significa “tirar o véu”; em Apocalipse é uma “re-velação”.
- A apocalíptica vincula-se à tradição profética, da qual constitui um desenvolvimento particular, e sua influência na literatura bíblica e parabíblica manifesta-se especialmente a partir do século II a.C., mas já se encontram antecipações em Ezequiel, Joel, Zacarias e Isaías.
- Conhecido do grego literário e frequente no AT grego, o vocábulo *apkálypsis* tornou-se, na igreja primitiva, o termo técnico para designar a manifestação gloriosa do Cristo no fim dos tempos.
- Os escritores apocalípticos utilizam uma forma literária diferente, que era mais adequada para o propósito particular que eles tinham em mente.
- Martinho Lutero teve problemas em aceitar esse livro, quando, por um tempo, considerou o Apocalipse como “não apostólico nem profético”, e declarou que “Cristo não é ensinado nem conhecido nele”. Óbvio que um tempo mais tarde Lutero o aceitou, assim como vários outros livros do Novo Testamento que ele inicialmente rejeitou.
- Na modernidade, os estudiosos apontam o livro do Apocalipse como uma derivação da literatura apocalíptica judaica, especialmente o Livro de Daniel.
- Não se pode desconsiderar o contexto histórico em que viviam os cristãos nos tempos que vão inspirar a confecção do Apocalipse, livro que alguns estudiosos afirmam ter sido escrito por várias mãos, que é principalmente um livro de consolo para a Igreja primitiva que enfrenta um mundo hostil às suas doutrinas.
- O Apocalipse é um livro que dirige um olhar de uma igreja lutadora, sofredora e, muitas vezes, perseguida.
- Este livro conclui com um epílogo no qual o autor descreve seu significado e exorta os leitores a guardarem as coisas que estão ali escritas.

AUTOATIVIDADE



- 1 Quais características podem identificar livros representantes da escrita apocalíptica?
- 2 O livro do Apocalipse, conforme indicado no próprio livro, foi endereçado a quem?
- 3 Faça uma apresentação breve do livro do Apocalipse dividindo-o em três partes.

REFERÊNCIAS

AUNEAU, J. et al. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2000.

BÍBLIA tradução ecumênica: TEB. São Paulo: Loyola, 1994.

BIBLIOTECA ON-LINE da Torre de Vigia. **A Carta de Judas**. V. 2. Perspicaz, 2000-2017. Disponível em: < <https://wol.jw.org/pt/wol/pc/r5/lp-t/1200004775/1246/0>>. Acesso em: 26 maio 2017.

BINGERMER, Maria Clara. **Um rosto para Deus**. Paulus: São Paulo, 2005.

BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BOSCH, Jordi Sanchez. **Escritos Paulinos**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

BROWN, Raymond E. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Evangelho de João e Epístolas**. São Paulo: Paulinas, 1975.

CARMO, Octávio. **Sínodo**: Papa oferece reprodução do manuscrito mais antigo dos Evangelhos de Lucas e João. 2008. Disponível em: <<http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/vaticano/sinodo-papa-oferece-reproducao-do-manuscrito-mais-antigo-dos-evangelhos-de-lucas-e-joao/>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

CARREZ, M. et al. **As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS Leon. **Introdução ao NT**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CASONATTO, Odalberto Domingos. **Quem escreveu o livro do Apocalipse e quantos capítulos tem?** 2011. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=2428>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

CEBI. **Cartas Pastorais e Cartas Gerais**. São Paulo, Paulus, 2001.

CESARÉIA, Eusébio de. **História da Igreja**. V. 3. São Paulo: Novo Século, 2002.

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento Interpretado**. São Paulo: Hagnos, 2005.

CORSINI, Eugênio. **O Apocalipse de São João**. São Paulo: Paulinas, 1984.

CUNHA, Carlos. **Introdução ao Evangelho de Mateus**: características gerais. 2012. Disponível em: <<https://teologiadefronteira.wordpress.com/2012/09/18/introducao-ao-evangelho-de-mateus-caracteristicas-gerais/>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

DALTER, Frederico. **Eu, Paulo**: vida e doutrina de São Paulo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

DERETTI, Arcângelo. **Epístolas Gerais e Hebreus**. Indaial: Uniasselvi, 2009.

DIFUSORA BÍBLICA. **Carta aos Hebreus**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.paroquias.org/biblia/?m=11>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

_____. **Cartas Pastorais**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.paroquias.org/biblia/?m=10&n=10>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

_____. **Tiago**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.paroquias.org/biblia/?m=12&n=1>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

ELLIS, E. Earle. BíbliaPregai. **Judas**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.teologiafevida.com.br/modules/news/article.php?storyid=28>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

FABRIS, Rinaldo. **As cartas de Paulo**. São Paulo: Vozes, 1980.

FERREIRA, Reuberson Rodrigues. **Considerações sobre as cartas pastorais** (a propósito do Ano Paulino). 2009. Disponível em: <<http://www.abiblia.org/ver.php?id=1266>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

FRANCISCANOS CAPUCHINHOS. **Evangelho de São João**: divisão e conteúdo. 2013. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/biblia/index.php?title=Evangelho_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o>. Acesso em: 7 fev. 2017.

GLAAB, Bruno. **A 1ª Carta de Pedro**: localização geográfica. [s.d.]. Disponível em: <http://www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL_23_08_2005_15_49_53_1Pd.htm>. Acesso em: 22 maio 2017.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

KONNINGS, Johan. **Hebreus**. São Paulo: Loyola, 1995.

LAPPLE, Alfred. **A mensagem dos Evangelhos hoje**. São Paulo: Paulinas, 1971.

MEARS, Henrietta C. **Estudo Panorâmico da Bíblia**. 9. ed. São Paulo: Ed. Vida, 1997.

MESTERS, Carlos; OUROFINO, Francisco. **Apocalipse de João, Esperança, Coragem e Alegria**. 2. ed. São Paulo: CEBI/Paulus, 2002.

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS. **Símbolos e imagens no Apocalipse de João**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.xaverianos.org.br/simbolos-e-imagens-no-apocalipse-de-joao/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

MORACHO, Félix. **Como ler os Evangelhos**. São Paulo: Paulus, 1994.

NEYEREY, Jerome; H. BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (ORG) **Comentário Bíblico**. 1 Timóteo. v. 3. São Paulo: Loyola, 1999.

NÚCLEO DE APOIO CRISTÃO. **Livro de 1 João**: características. 2002. Disponível em: <http://www.nucleodeapoiocristao.com.br/estudos/teologicos/esbocos_livros/novo/1joao.html>. Acesso em: 2 fev. 2017.

O'CONNOR, Jerome Murphy. **Paulo**: história de um Apóstolo. São Paulo: Loyola, 2007.

POUGY, Patricia. **Livro do Apocalipse traz mensagens de esperança para cristãos**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.centroloyola.puc-rio.br/loyola-online/livro-do-apocalipse-traz-mensagem-de-esperanca-para-cristaos/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

SCHLAEPFER, Carlos Frederico. **A estrutura do Evangelho de Mateus**. 2014. Disponível em: <<http://www.itf.org.br/para-conhecer-a-estrutura-do-evangelho-de-mateus.html>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

TAVARES, Fábio Roberto. **Evangelhos**. Indaial: Uniassevi, 2009.

THEVISSEN, G., KAHMANN, J. J. A., DEHANDSCHUTTER, B. **As cartas de Pedro, João e Judas**. São Paulo: Loyola, 1999.

TUÑI, Josép-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Como ler a carta aos Hebreus**. São Paulo: Paulus, 2003.

VITÓRIO, Jaldemir. **O evangelho nosso de cada dia**. Paulinas: São Paulo, 1996.